

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

PAULA OLIVEIRA PINHEIRO

**A MOBILIDADE ACADÊMICA *OUTGOING* NA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO PAMPA: OLHARES DISCENTES**

BAGÉ

2020

PAULA OLIVEIRA PINHEIRO

A MOBILIDADE ACADÊMICA *OUTGOING* NA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO PAMPA: OLHARES DISCENTES

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ensino no Programa de Pós-graduação *Strictu Sensu* em Ensino (MAE) da Universidade Federal do Pampa, na linha de pesquisa Ciências Humanas e Linguagens

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elena Maria Billig Mello

BAGÉ

2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

P654m Pinheiro, Paula Oliveira
A mobilidade acadêmica outgoing na Universidade Federal do
Pampa: olhares discentes / Paula Oliveira Pinheiro.
223 p.

Dissertação (Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa,
MESTRADO EM ENSINO, 2020.

"Orientação: Elena Maria Billig Mello".

1. Mobilidade acadêmica internacional. 2. Inovação
Pedagógica. 3. Internacionalização da Educação Superior. I.
Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
AVALIAÇÃO

PAULA OLIVEIRA PINHEIRO

A MOBILIDADE ACADÊMICA *OUTGOING* NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA: OLHARES
DISCENTES

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ensino no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ensino (MAE) da Universidade Federal do Pampa, na linha de pesquisa Ciências Humanas e Linguagens

Orientadora: Profª. Drª. Elena Maria Billig Mello

Dissertação defendida e aprovada em 15/12/2020.

Banca examinadora:

Profª. Drª. Elena Maria Billig Mello

Orientadora

UNIPAMPA

Prof. Dr. Maria Beatriz Luce

UFRGS

Prof. Dr. Sônia Maria da Silva Junqueira

UNIPAMPA

Prof. Dr. Kátia Vieira Moraes

UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **PAULA OLIVEIRA PINHEIRO**, Chefe da Divisão de Mobilidade, Cooperação Internacional e Relações Institucionais, em 31/12/2020, às 07:07, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **KATIA VIEIRA MORAIS**, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 31/12/2020, às 09:16, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **SONIA MARIA DA SILVA JUNQUEIRA**, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 31/12/2020, às 12:47, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ELENA MARIA BILLIG MELLO**, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 02/01/2021, às 11:58, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Maria Beatriz Moreira Luce**, Usuário Externo, em 04/01/2021, às 09:53, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orcao_acesso_externo=0, informando o código verificador 0438269 e o código CRC 8D50D7B2.

RESUMO

O presente trabalho tem como intuito identificar como a mobilidade acadêmica internacional (MAI) contribui para o desenvolvimento (pessoal, acadêmico e profissional) dos discentes que realizaram período de estudos no exterior pela Universidade Federal do Pampa. A internacionalização do ensino superior é importante fator de inserção das Instituições de Ensino Superior no cenário mundial e a mobilidade acadêmica é uma das principais ações de fomento à internacionalização. O referencial teórico foi baseado principalmente em Altbach (1998, 2016), Knight (2003, 2004, 2008), Stallivieri (2014, 2017) no que tange à internacionalização do ensino superior, Stallivieri (2014, 2017), Morosini (2019), Unesco (2009), Nascimento *et al* (2004) e Freitas (2009), que tratam da mobilidade acadêmica internacional, e sobre inovação pedagógica em Leite; Genro; Braga (2011), Cunha (2006, 2018), Forster *et al* (2006) Leite & Fernandes (2011) e Fernandes; Zanche; Konarzewski (2006). A pesquisa é do tipo estudo de caso (YIN, 2015; MINAYO, 2005). Os instrumentos utilizados para o levantamento de dados são questionário, entrevista e análise documental, tendo como sujeitos estudantes da Unipampa que realizaram mobilidade no exterior. A análise documental foi aplicada em normativas institucionais, buscando compreender de que forma a instituição fomenta a internacionalização e a MAI. A pesquisa teve abordagem quali-quantitativa. A análise foi realizada com a aproximação da Análise Textual Discursiva – ATD, com base em Moraes e Galiazzi (2016) e Lima *et al.* (2019). Quatro categorias de análise da MAI foram organizadas: MAI no contexto pessoal; MAI no contexto acadêmico; MAI como possibilidade de inovação pedagógica e MAI no contexto profissional. As contribuições da MAI no contexto pessoal estão relacionadas com o desenvolvimento de habilidades e competências que contribuem para uma melhor relação com o outro e com o mundo. No contexto acadêmico os relatos mostraram que poder estudar em instituições estrangeiras bem conceituadas e com professores renomados fez muita diferença na vida acadêmica destes estudantes, pois contribui para o desenvolvimento de diferentes concepções em torno dos conhecimentos da área. No que se refere ao contexto profissão constata-se que a realização da MAI faz diferença no currículo e em processos seletivos, sendo que essa experiência

contribui muito para ingresso no mercado de trabalho, principalmente, pela fluência em línguas e pela capacidade de trabalhar em meio à diversidade. Identifica-se que a mobilidade acadêmica internacional constitui inovação pedagógica quando incentiva o protagonismo do estudante, reconfigura os saberes, fomenta a gestão participativa e, principalmente, rompe com as formas tradicionais de ensinar e aprender. Observou-se que a MAI *outgoing* é pouco explicitada nas normativas institucionais analisadas.

Palavras-chave: Mobilidade acadêmica internacional *outgoing*.
Internacionalização do ensino superior. Inovação pedagógica.

RESUMEN

Este trabajo tiene el objetivo de identificar cómo la movilidad académica internacional contribuye al desarrollo (personal, académico y profesional) de los estudiantes que realizaron un período de estudios en el exterior por la *Universidade Federal do Pampa*. La internacionalización de la educación terciaria es importante factor de inserción de las Instituciones de Educación Terciaria en el escenario mundial y la movilidad académica es una de las principales acciones de fomento a la internacionalización. El referencial teórico está basado especialmente en Altbach (2016, 1998), Knight (2008, 2004, 2003), Stallivieri (2017, 2014) en relación a la internacionalización de la educación terciaria, Stallivieri (2017, 2014), Morosini (2019), Unesco (2009), Nascimento *et al* (2004) e Freitas (2009) que tratan de la movilidad académica internacional y sobre la innovación pedagógica Leite, Genro y Braga (2011), Cunha (2018, 2006). La investigación es del tipo estudio de caso (YIN, 2015; MINAYO, 2005). Los instrumentos utilizados para el levantamiento de los datos fueron cuestionario, entrevista y análisis documental, y tuvo como sujetos estudiantes de Unipampa que realizaron movilidad en el exterior. El análisis documental se ha aplicado en reglamentos institucionales, donde se buscó comprender como la institución fomenta la internacionalización y la MAI. La investigación tuvo abordaje cualitativo, con datos cuali-cuanti. El análisis de los datos fue realizado con la aproximación del Análisis Textual Discursivo – ATD, con base en Moraes e Galiazzi (2016) y Lima *et al.* (2019). Cuatro categorías de análisis de MAI se organizaron: MAI en el contexto personal; MAI en el contexto académico; MAI como posibilidad de innovación pedagógica y MAI en el contexto profesional. Las contribuciones de la MAI en el contexto personal están relacionadas con el desarrollo de habilidades y competencias que contribuyen a una mejor relación con el otro y con el mundo. En el contexto académico, los relatos han mostrado que el hecho de poder estudiar en instituciones extranjeras bien conceptuadas y con maestros de renombre hace mucha diferencia en la vida académica de estos estudiantes. No que se refiere al contexto profesional, se ha constatado que la realización de MAI hace diferencia también en el currículo y en los procesos selectivos, siendo que esta experiencia contribuye para la entrada en el mercado

de trabajo, en especial, por la fluencia en lenguas y por la capacidad de trabajar en medio a la diversidad. Se ha identificado que la movilidad académica internacional constituya una innovación pedagógica en el momento que incentiva el protagonismo del estudiante, reconfigura los saberes, fomenta la gestión participativa y, principalmente, rompe con las formas tradicionales de enseñar y aprender. Se observó que la MAI *outgoing* es poco explicitada en las normativas institucionales analizadas.

Palabras-clave: Movilidad académica internacional *outgoing*. Internacionalización de la educación terciaria. Innovación pedagógica.

ABSTRACT

This work aims to identify how international academic mobility contributes to personal, academic and professional development of students at Universidade Federal do Pampa who undertook a period of study abroad. Internationalization of higher education represents an important asset as to insert Higher Education Institutions in a global perspective, and academic mobility being one of the most relevant actions in promoting internationalization. The theoretical framework is based mainly on Altbach (1998, 2016), Knight (2003, 2004, 2008, 2020), Stallivieri (2014, 2017) in regards to internationalization of higher education, Stallivieri (2014, 2017), Morosini (2019) UNESCO (2009), Nascimento *et al* (2004) and Freitas (2009) who approach international academic mobility and Leite; Genro; Braga (2011), Cunha (2006, 2018), Forster *et al.* (2006) Leite & Fernandes (2011) e Fernandes, Zanche e Konarzewski (2006) who discuss pedagogical innovation. The research is a case study (YIN, 2015; MINAYO, 2005). The data collection was made through surveys, interviews and documents analysis. The subjects are Unipampa undergraduate students who participated in international mobility programs, and the institution's regulations were the focus of the documents analysis. This is a qualitative research, of qualitative and quantitative data. The data analysis was done by approximation with Discursive Textual Analysis – ATD, based on Moraes and Galiazzi (2016) and Lima et al. (2019). Four categories for International Academic Mobility (MAI) were organized: MAI in a personal setting; MAI in the academic context; MAI as a possibility for pedagogical innovation and MAI in a professional setting. MAI contributions in a personal setting are related to the improvement of skills and abilities that convey to a better interaction with the other and the world. In the academic setting, reports have shown that the experience of studying in well ranked international institutions impacts positively in their academic life. Concerning the professional setting, it is realized that MAI represents an advantage in the job search, mainly due to languages skills and the ability to work in the most diverse situations. It was identified that international academic mobility represents pedagogical innovation when highlights the student as the protagonist, reconstructs knowledge, encourages shared management and, most of all, erupts the traditional teaching and learning. It was noticed that *outgoing* MAI is rarely present in the institutional regulations approached.

Key words: International Academic Mobility outgoing. Internationalization of Higher Education. Pedagogical Innovation.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias ATD	27
Tabela 2 – Iniciativas e indicadores PDI 2014-2018	66
Tabela 3 – Síntese dos olhares discentes	124

LISTA DE FLUXOGRAMA

Fluxograma 1 – Síntese do caminho metodológico	30
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – CsF - Cursos de origem e destinos dos estudantes	49
Gráfico 2 – Santander Ibero Americanas - Ano x Destino	51
Gráfico 3 – Bracol - Cursos de origem	53
Gráfico 4 – Bramex - Cursos de origem	55
Gráfico 5 – Capes-Brafitec Cursos de origem	57
Gráfico 6 – Panorama geral de mobilidade – curso x destino	59
Gráfico 7 - Mobilidade Acadêmica Internacional Outgoing - Programa x Ano x Destino	60
Gráfico 8 - Cursos de origem dos discentes	72
Gráfico 9 – Ano de realização da mobilidade	73
Gráfico 10 – País de destino	74
Gráfico 11 – Programa de Mobilidade	75
Gráfico 12 – Âmbito de importância	76

LISTA DE SIGLAS

ANUIES – Asociación Nacional de Universidades e Instituciones de Educación Superior

ARInter – Assessoria de Relações Internacionais

ASCUN– Asociación Colombiana de Universidades

Dissertações BRACOL – Programa de Mobilidade Estudantil Brasil-Colômbia

BRAFITEC - Brasil/França Ingénieur Technologie

BRAMEX – Programa de Mobilidade Estudantil Brasil-México

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Consuni – Conselho Universitário da Universidade Federal do Pampa

CRES – Conferência Regional da Educação Superior para América Latina e Caribe

Daeinter – Diretoria de Assuntos Estratégicos, Relações Institucionais e Internacionais da Universidade Federal do Pampa

IDEP - Instituto para la Investigación Educativa y el Desarrollo Pedagógico

IP – Inovação Pedagógica

GCUB – Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras

MAI – Mobilidade Acadêmica Internacional

MEC – Ministério da Educação Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional

PII – Plano Institucional de Internacionalização

Unipampa – Universidade Federal do Pampa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 CAMINHO INVESTIGATIVO DA PESQUISA	22
3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO: INTERNACIONALIZAÇÃO E MOBILIDADE ACADÊMICA NAS IES	33
4 PROGRAMAS DE MAI NA UNIPAMPA	49
4.1 CsF - Ciência sem Fronteiras	49
4.2 Programa de Bolsas Ibero-América Estudantes de Graduação - Santander	52
4.3 Bracol – Programa Brasil-Colômbia	54
4.4 Bramex – Programa Brasil-México	56
4.5 Programa Capes-Brafitec	58
4.6 Mobilidade por Acordo de Cooperação Internacional	60
5 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA MAI NA UNIPAMPA	64
5.1 Normas básicas de graduação	64
5.2 Plano de Desenvolvimento Institucional	65
5.3 Plano Institucional de Internacionalização	69
6 A MAI NO OLHAR DISCENTE	73
6.1 A MAI no contexto pessoal	78
6.2 A MAI no contexto acadêmico	108
6.3 A MAI como possibilidade de inovação pedagógica	118
6.4 A MAI no contexto profissional	124
6.5 Síntese dos olhares discentes	127
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PERSPECTIVAS E DESAFIOS DA MAI	130
REFERÊNCIAS	133
APÊNDICES	142
APÊNDICE A – Questionário	142
APÊNDICE B – Entrevista	147
APÊNDICE C – Matriz de análise questionário	149
APÊNDICE D – Matriz de análise entrevista	222

1 INTRODUÇÃO

Com a criação das primeiras escolas superiores europeias, na Idade Média, que contavam com professores e estudantes de diversas nacionalidades, é possível dizer que a internacionalização já se fazia presente nas universidades. O caráter das instituições (*universitas*), conhecidas como Comunidades Internacionais, era de busca do saber e do conhecimento universais. O compartilhamento desses conhecimentos e saberes era facilitado pela diversidade de pessoas que se reuniam em busca de aprender sobre diferentes pontos de vista.

Consideramos, desde então a universidade como um espaço gerador de conhecimento, com ambiente cultural diversificado e multiplicidade de visões de mundo, que vem contribuindo também para a rápida circulação de informações e a aproximação dos povos, fazendo com que se tenha acesso ao que ocorre nos mais diversos lugares, ocasionando o processo de internacionalização político-cultural e econômico.

A Universidade Federal do Pampa (Unipampa), que está localizada no estado do Rio Grande do Sul (sul do Brasil) na região de fronteira com o Uruguai e a Argentina, considera que o intercâmbio acadêmico, nacional e internacional, se constitui em uma das formas de fomentar o conhecimento, contribuindo também para o aprendizado ou aperfeiçoamento de uma língua adicional. A universidade iniciou suas atividades em 2006, sendo criada oficialmente em janeiro de 2008, e tem o intuito de melhorar as condições socioeconômicas da região que estava sofrendo com o atraso econômico, cultural e educativo.

Fazendo parte da história da Unipampa desde o ano de 2010, após aprovação em concurso público, minha¹ relação com a temática abordada inicia-se em 2011, na então Assessoria de Relações Internacionais (ARInter). A Arinter da Unipampa, foi criada em setembro de 2011 com o intuito principal de promover a internacionalização da universidade. Uma das primeiras e mais relevantes ações foi o credenciamento junto ao Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB), que fomentou a adesão a dois programas dos quais falarei em capítulo específico. Inicialmente minha atividade na universidade resumia-se

¹ Aqui a pesquisadora usará a primeira pessoa singular para registrar seu envolvimento profissional com a temática a ser pesquisada.

em traduzir e verter uns poucos documentos e e-mails. Com a criação da Assessoria vieram alguns protocolos e acordos de cooperação internacionais e, em 2011 tiveram início os processos seletivos do Programa Ciência sem Fronteiras e, no ano de 2012, a Unipampa aderiu ao Programa de Bolsas Ibero-América Estudantes de Graduação (Santander) disponibilizando 5 bolsas de estudos em universidades conveniadas ao Programa. Em 2013, passei a ser responsável pelo programa, onde iniciei meu trabalho com a mobilidade acadêmica internacional, *outgoing*² e *incoming*³. Após, em 2014 a universidade aderiu ao Programa Brasil-Colômbia (Bracol), em 2016 ao Programa Brasil-México (Bramex), aos quais permanece vinculada até hoje. Todos estes programas e suas especificações serão abordados mais adiante na seção Programas Institucionalizados. A partir de 2016, com a troca de gestores, o setor passou a chamar-se Diretoria de Assuntos Estratégicos, Relações Institucionais e Internacionais (DAEINTER) e, desde sua criação, em 2011, já teve três servidores (docentes) coordenando os trabalhos.

Em 2018, a instituição teve um momento muito importante para sua história em relação à internacionalização com a aprovação, pelo Conselho Universitário (CONSUNI⁴), da Resolução nº 197/2018, de 26 de abril de 2018, que institui o Plano Institucional de Internacionalização. De acordo com Oliveira (1995 *apud* STALLIVIERI, 2014, p. 2), “a cooperação internacional deve ser concebida como uma política, isto é, um conjunto de ações e instrumentos que se articulam em consonância com os objetivos de desenvolvimento científico e acadêmico”. Dessa forma, a internacionalização na Unipampa está prevista oficialmente pelo Plano Institucional de Internacionalização, que também será abordado mais adiante, e ocorre em diferentes âmbitos: mobilidade de docentes, discentes e técnicos, acordos de cooperação técnica e científica, estágio internacional, ações de ensino, pesquisa e extensão e participações em eventos. Dessa forma, observamos a tentativa de fortalecimento dos laços com países e instituições estrangeiras, bem como a visibilidade da universidade no exterior.

² Mobilidade acadêmica *outgoing*, refere-se à realização de período de estudos em instituições parceiras no exterior.

³ Mobilidade acadêmica *incoming*, refere-se ao recebimento de estudantes estrangeiros, regularmente matriculados em instituições parceiras, para realização de período de estudos na universidade.

⁴ “O Conselho Universitário é o órgão máximo da Unipampa, com atribuições doutrinárias, normativas, deliberativas e consultivas sobre a política geral da Universidade”. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, 2011, p. 1).

Durante estes anos de contato direto com os estudantes, desde o processo seletivo até seu retorno ao Brasil, surgiu o interesse de pesquisar mais a fundo a temática da internacionalização e da mobilidade acadêmica internacional, em especial a mobilidade *outgoing* e suas contribuições para os discentes. Assim, ao passar no processo seletivo para o Mestrado Acadêmico em Ensino, da Universidade Federal do Pampa, encontrei uma maneira de aprofundar os conhecimentos nesta área, contribuir para a melhora dos fluxos e processos da Universidade no que diz respeito à mobilidade acadêmica internacional e para a preparação destes estudantes para a experiência no exterior. Ainda trabalhando no mesmo setor na universidade, tenho certeza de que o estudo e seus resultados poderão contribuir para a melhora no atendimento e na preparação destes estudantes que desejam estudar no exterior e retornar para a Unipampa.

A partir destas situações surge a problemática da pesquisa: **Como a mobilidade acadêmica *outgoing* contribui para o desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional de discentes da Unipampa que realizaram intercâmbio em instituições estrangeiras?**

Para responder a esta questão, a pesquisa tem como objetivo geral **identificar como a Mobilidade Acadêmica Outgoing, realizada no período de 2012 a 2018, contribuiu para o desenvolvimento dos discentes da Universidade Federal do Pampa.**

Os **objetivos específicos** do estudo são:

1. Identificar o processo histórico de internacionalização da Unipampa;
2. Realizar um levantamento dos programas, cursos de origem e os destinos dos estudantes;
3. Identificar como está prevista a MAI em documentos institucionais (Resoluções 29/2011, 197/2018 e PDI 2014-2018);
4. Verificar se a mobilidade acadêmica constitui uma inovação pedagógica;
5. Verificar quais as motivações para a realização da MAI;
6. Identificar quais as contribuições pessoais, acadêmicas e profissionais da realização da MAI.

O presente trabalho está composto de seis capítulos, que no todo compõem a escrita dissertativa, intitulada: *A Mobilidade Acadêmica Outgoing da/na Universidade Federal do Pampa.*

O capítulo primeiro compõe a presente Introdução, contextualizando o ambiente da pesquisa e minha relação com a mesma.

No capítulo segundo tratamos do caminho metodológico percorrido para atingirmos os objetivos da pesquisa. Para isso, utilizamos a análise documental de registros setoriais e documentos institucionais, e o questionário e a entrevista com os estudantes que realizaram mobilidade acadêmica internacional. A análise crítica dos dados coletados deu-se por meio da Análise Textual Discursiva que nos permitiu interpretar o *corpus* e atribuir sentido aos relatos atendendo aos objetivos propostos.

O capítulo três é composto pelas concepções relevantes acerca de internacionalização da educação superior, globalização, inovação pedagógica e mobilidade acadêmica internacional, que serviram de suporte teórico para o entendimento do problema de pesquisa e dos objetivos gerais aqui explicitados.

O quarto capítulo apresenta os Programas de Mobilidade Acadêmica Internacional que fomentam ou fomentaram a mobilidade *outgoing* na Unipampa. Trataremos do CsF, Programa de Bolsas Ibero Americanas Santander, Bracol, Bramex, Capes-Brafitec e Mobilidade por Acordo de Cooperação. Entre 2012 e 2018, período da pesquisa, viajaram por estes programas 277 estudantes da Unipampa.

Na sequência, o capítulo cinco expõe os documentos institucionais que foram utilizados para análise documental na pesquisa: Resolução 29/2011, que trata das normas de graduação, com os critérios para a realização da MAI; o PDI 2014-2018 em que a internacionalização e a mobilidade acadêmica internacional são contemplados em diversas ações a serem discutidas e a Resolução 197/2018 que traz o Plano Institucional de Internacionalização da Unipampa, que constam ações de internacionalização nos quatro âmbitos: gestão, ensino, pesquisa e extensão.

No sexto capítulo trazemos a discussão dos dados coletados do questionário e das entrevistas com os estudantes da Unipampa que estudaram no exterior entre 2012 e 2018. O capítulo está subdividido em quatro categorias: MAI no contexto pessoal, MAI no contexto acadêmico, MAI como possibilidade de inovação pedagógica e MAI no contexto profissional.

No capítulo sete, e último, verificamos se houve o atendimento aos objetivos propostos e apresentamos nossas considerações finais.

Assim, no próximo capítulo, como já mencionado, trataremos dos percursos metodológicos onde está detalhado o passo a passo da metodologia utilizada para esta pesquisa.

2 CAMINHO INVESTIGATIVO DA PESQUISA

Neste capítulo trataremos de abordar todas as especificações da metodologia desta investigação (tipo, abordagem, sujeitos, instrumentos e análise de dados).

Esta pesquisa é um estudo de caso que, segundo Yin (2015, p. 4), “permite que os investigadores foquem um ‘caso’ e retenham uma perspectiva holística⁵ e do mundo real; além disso, a força exclusiva do estudo de caso é sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências – **documentos**, artefatos, **entrevistas** e observações” (*grifo nosso*). Aqui o estudo de caso é a Universidade Federal do Pampa (Unipampa) no que se refere ao processo de internacionalização por meio do intercâmbio discente.

Segundo André (2008), “o estudo de caso é uma investigação da particularidade e da complexidade de um caso singular, levando a entender sua atividade dentro de importantes circunstâncias”. Enquanto para Minayo (2005), o estudo de caso é uma estratégia de investigação qualitativa para aprofundar o como e por que de alguma situação ou episódio, frente a qual o pesquisador tem pouco controle.

Os instrumentos geralmente usados nesse tipo de técnica são os documentos escritos e o material primário recolhido em campo. Mas os formuladores dessa abordagem aconselham usar múltiplas fontes de informação, construir uma base de dados ao longo da investigação e ir formando uma cadeia de evidências relevantes. (MINAYO, 2005, I. 1401).

Ainda segundo Yin (2015), “a coleta de dados do estudo de caso não é, simplesmente, uma questão de registro de dados de modo mecânico como em alguns outros tipos de pesquisa”. O pesquisador deve ser capaz de interpretar o que é dito no momento e saber imediatamente o porquê está sendo dito (inclusive no caso de contradição entre as fontes). Para ele, uma das fontes mais importantes de informação para o estudo de caso é a entrevista, da qual trataremos mais adiante.

No que diz respeito aos procedimentos, esta pesquisa é do tipo documental, que utiliza uma série variada de documentos, sejam eles contemporâneos ou não,

⁵ Holístico: que procura **compreender os fenômenos na sua totalidade e globalidade**.

e seu uso como fontes de pesquisa é algo que deve ser apreciado e valorizado graças à riqueza de informações que deles podem ser extraídas. “Estas fontes documentais são capazes de proporcionar ao pesquisador dados em quantidade e qualidade suficiente para evitar a perda de tempo[...]” (GIL, 2010, p. 136).

Os documentos para a análise são institucionais, sendo que alguns estão publicizados na página da Unipampa e outros apenas no setor de Relações Internacionais. São eles:

(a) **Resolução nº 29/2011**, que trata das Normas Básicas de Graduação da Unipampa, onde buscaremos informações sobre como a mobilidade internacional está contemplada no documento;

(b) **Resolução nº 197/2018**, Plano Institucional de Internacionalização, onde constam as ações para promover a internacionalização na Universidade no âmbito da gestão, da extensão, da pesquisa e da graduação, que é o alvo de nossa investigação. Para isso identificaremos quantas e quais ações promovem a mobilidade acadêmica *outgoing*;

(c) **Plano de Desenvolvimento Institucional 2014-2018**, que trouxe as metas da Unipampa para 5 anos, em que trataremos de identificar como está presente a mobilidade acadêmica internacional e quais as metas propostas;

(d) **Registros setoriais** que trouxeram informações sobre a mobilidade já realizada (curso de origem, destino, período, programa, etc.).

Com base nos objetivos, a pesquisa se caracteriza por ser exploratória, já que “proporciona maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito” (GIL, 2010, p. 41). Pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso (GIL, 2008), sendo esse último o contexto do trabalho.

Na presente pesquisa, para a coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos investigativos:

(a) **Questionário** (Apêndice A), que, para Gil (2010, p. 122), “[...] trata-se de um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores” [...]. O questionário é composto por questões abertas e fechadas, ou seja, questões que proporcionam ao entrevistado livre expressão com suas próprias palavras e aquelas em que os

respondentes optam por uma das alternativas que o pesquisador apresenta em uma lista. Gil (2010) expressa que também o questionário precisa passar pela etapa do pré-teste e pela validação para evitar “[...] possíveis falhas da redação, questões complexas, constrangimento aos informantes.” (GIL, 2010, p.134). O questionário que, foi enviado até três vezes aos estudantes, estava composto de questões sobre dados, sobre motivações, atitudes, crenças e comportamentos (atitudes em relação ao intercâmbio, aos estudos, aos incentivos, etc.), sobre sentimentos (reações emocionais frente a fatos, fenômenos, pessoas, etc.), sempre formuladas de maneira clara, concreta e precisa, possibilitando uma única interpretação (GIL, 2010).

(b) Entrevista (Apêndice B), que para Rosa e Arnoldi (2014, p. 17), é “[...] considerada como sendo uma forma racional de conduta no pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo esforço de tempo”. De acordo com as autoras: “Essas entrevistas de comunicação natural, sobre a vida cotidiana, fornecem informações relevantes de acordo com os objetivos da pesquisa, o tempo e os recursos disponíveis para sua realização” (ROSA; ARNOLDI, 2014, p. 19). A entrevista não é apenas um simples diálogo, mas uma discussão orientada que tem um objetivo definido, que resultará em dados para serem utilizados na pesquisa, pois, segundo Yin (2015): “as questões são formuladas para o pesquisador e não para o entrevistado”.

As entrevistas, que foram do tipo semiestruturadas, individuais, com questões abertas, foram formuladas de forma a permitir que o sujeito discorresse e verbalizasse seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados (ROSA; ARNOLDI, 2014, p. 30). Assim, a entrevista deu mais liberdade para que a pesquisadora variasse os questionamentos ou os complementasse dependendo do rumo das respostas. No entanto, as entrevistas foram focalizadas, quer dizer, caso houvesse um desvio de assunto por parte do entrevistado, o entrevistador faria um esforço para que se retornasse à temática proposta (GIL, 2010).

O roteiro de perguntas para a realização das entrevistas foi previamente preparado e submetido a um pré-teste, com validação de dois professores doutores da área, buscando melhorias na abordagem dos aspectos.

Considerando a situação de Pandemia por Covid-19 as entrevistas foram através do contato *online*, seja via *Google Meet*.

A coleta de dados das entrevistas foi registrada em áudio/vídeo mediante autorização por escrito do entrevistado. A presença do gravador, como instrumento de pesquisa, em alguns casos, pode causar inibição, constrangimento, aos entrevistados, no entanto garantirá a fidelidade no momento da transcrição da entrevista (BONI, 2005). “O registro somente por anotações durante o processo não garante a retenção total das informações, o que pode acarretar uma distorção nos dados” (GIL, 2010). Os entrevistados foram selecionados mediante manifestação de interesse no questionário que responderam. Os sujeitos da pesquisa foram estudantes que participaram de intercâmbio, no período de 2012 a 2018, por programa de intercâmbio institucionalizado, garantindo a amostra para responder às questões de pesquisa por meio de questionário.

Para atender os objetivos propostos a pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa, com dados quantitativos Mullen e Iverson (1982 *apud* MINAYO, 2005, p. 1043) referem à importância da abordagem quantitativa para apresentar resultados que podem ser contados e expressos em números, taxas e proporções. A abordagem qualitativa preocupa-se com a compreensão interpretativa do fenômeno, com a compreensão e inteligibilidade dos fenômenos sociais e a intencionalidade que lhe atribuem os atores (MINAYO, 2005). Cabe destacar também, que esta abordagem focaliza em estudos de instituições, grupos, movimentos sociais e conjuntos de interações pessoais, trabalhando com atitudes, crenças, comportamentos e ações, procurando-se entender a forma como as pessoas interpretam e conferem sentido a suas experiências e ao mundo em que vivem.

Foi realizada a triangulação de fontes de dados. Para Minayo (2005), quem propõe uma abordagem por triangulação de dados quantitativos e qualitativos, reconhece que na realidade a ser avaliada há processos que podem ser explicados em sua magnitude e compreendidos em sua intensidade. As aproximações quantitativas e qualitativas não devem ser consideradas antagônicas e sim linguagens complementares, embora de natureza diferente (MINAYO; SANCHEZ, 1993). A triangulação, segundo Minayo (2005, l. 1028), “se apoia em métodos científicos testados e consagrados, servindo e adequando-se a

determinadas realidades, com fundamentos interdisciplinares, assim, contribui para aumentar o conhecimento e atender aos objetivos que se deseja alcançar”.

A análise dos dados coletados é com base na metodologia de Análise Textual Discursiva (ATD) que, de acordo com Lima (2019, p. 20), tem como “objetivo conhecer opiniões e comportamentos, identificar atitudes ou compreender motivações, as pesquisas qualitativas trabalham, em geral com dados primários, isto é, dados obtidos pelo pesquisador”. Para Moraes & Galiazzi:

Pesquisas qualitativas têm se utilizado cada vez mais de análises textuais. Seja partindo de textos existentes, seja produzindo o material de análise a partir de entrevistas e observações, a pesquisa qualitativa pretende chegar a interpretar os fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação. (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 33).

A ATD ocorre através de três processos: unitarização, categorização e metatexto. A unitarização é a desestruturação do *corpus*, é onde ocorre a impregnação do pesquisador. Nesta etapa inicial são identificadas e isoladas as ideias importantes e significativas do material, em um movimento constante de leitura e interpretação. Após, ocorre a categorização, momento em que são agrupadas as unidades anteriormente destacadas e quando o pesquisador aprofunda seu conhecimento sobre o objeto de estudo. A terceira e última etapa da ATD é a construção do metatexto, ou seja, a expansão de teorias existentes, avançando para novos entendimentos do fenômeno. É um momento de rigorosa análise das categorias que foram formadas. (LIMA, 2019; MORAES; GALIAZZI, 2016). Para Moraes & Galiazzi (2016, p. 54) “todo processo de Análise Textual Discursiva volta-se à produção do metatexto. A partir da unitarização e categorização constrói-se a estrutura básica do metatexto”.

Na etapa da categorização Moraes & Galiazzi destacam que existem três tipos de categorias: *a priori*, emergentes e categoria alternativa: “as primeiras correspondem a construções que o pesquisador elabora antes de realizar a análise propriamente dita. [...] já as categorias emergentes são construções teóricas que o pesquisador elabora a partir do *corpus*” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 47). No que diz respeito à categoria alternativa, os autores mencionam que se trata de um modelo misto das categorias anteriores, ou seja, a partir das

categorias *a priori* o pesquisador reorganiza ou complementa as mesmas durante a análise.

Ainda sobre o processo de categorização, cabe destacar que diferentes níveis de categorias podem ser construídos (iniciais, intermediárias e finais), que vai de categorias mais específicas e numerosas à outras mais abrangentes e em menor número (MORAES; GALIAZZI, 2016). Importante também nesta fase é a codificação:

Um outro aspecto que necessita ser tratado, num sentido paralelo à discussão da Análise Textual Discursiva, é a codificação. É importante que o pesquisador elabore um sistema de códigos para identificar seus textos originais, suas unidades de significado, assim como outros elementos que fazem parte da análise. (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 71).

A ATD é uma desconstrução e posterior reconstrução de materiais linguísticos, produzindo novos conhecimentos e sentidos a um fenômeno. Identifica, isola e categoriza buscando a produção de textos que ressignifiquem o objeto de estudo. Para Lima (2019, p. 23) a ATD “consiste em construir um novo texto, integrando os vários sentidos emergentes com a função de contribuir para respostas ao questionamento inicial”. Já Moraes & Galiazzi (2016, p. 183) comentam que “seguidamente é importante descer o rio. Outras vezes é importante subi-lo. Em outras ainda interessa explorá-lo em profundidade” e mais, a ATD “é antes um movimento em espiral em que, a cada avanço, se exigem retornos reflexivos e de aperfeiçoamento do já feito [...]” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 93). Sobre os caminhos percorridos na análise de dados, tratarei a seguir.

No total foram recebidas 81 respostas, do questionário de um total de 277 estudantes que realizaram mobilidade entre os anos de 2012 e 2018, ou seja 29,2%. O primeiro envio do questionário ocorreu no dia 17 de março de 2020 e, como não foi alcançado o mínimo necessário de representatividade para validar as respostas, nos dias 09 e 27 de abril foi enviado novamente, atingindo o percentual mencionado. Para organização das respostas recebidas foi utilizado o programa Excel, onde estas foram dispostas de acordo com as categorias *a priori* e, cada uma, identificada por uma cor, de acordo com a escolha livre da pesquisadora, e com uma aba para cada estudante identificado por números de 1 a 81.

Para a análise foram criadas inicialmente 12 categorias:

CAT1 – Motivação

CAT2 – Contribuição acadêmica

CAT3 – Acolhimento

CAT4 – Metodologia

CAT5 – Inovação pedagógica

CAT6 – Relações

CAT7 – Idioma

CAT8 – Pessoal

CAT9 – Acadêmico

CAT10 – Profissional

CAT11 – Possibilidade de realizar novamente mobilidade

CAT12 – Recomendar mobilidade

CAT13 – Validação

Com a análise das respostas percebeu-se a necessidade de criar mais uma categoria que atendesse à questão da validação das atividades realizadas no exterior, fossem elas componentes ou estágio. Assim, a análise teve 13 categorias iniciais. Segundo Moraes & Galiuzzi:

Dois elementos são importantes na construção de um sistema válido de categorias. Um deles é a sua necessária relação com o contexto a que se referem. Categorias precisam demonstrar a validade contextual. O outro é a relação com os objetivos da pesquisa. Um conjunto de categorias é válido quando é coerente com os objetivos propostos para a pesquisa. (MORAES; GALIAZZI, 2016 p. 104).

Logo após a finalização da primeira análise das respostas, foi possível observar que algumas poderiam ser aglutinadas e compor as categorias intermediárias. Este movimento pode ser observado na tabela abaixo:

TABELA 1 – ATD Categorias Iniciais, Categorias Intermediárias e Categorias

Finais

(continua)

CATEGORIAS INICIAIS	CATEGORIAS INTERMEDIÁRIAS	CATEGORIAS FINAIS	CATEGORIAS FINAIS
CAT1 MOTIVAÇÃO	CAT1 MOTIVAÇÃO	CAT1 + CAT3 + CAT6 + CAT7 + CAT8 + CAT11 + CAT12	CAT1 A MAI no contexto pessoal
CAT2 CONTRIBUIÇÃO ACADÊMICA	CAT2 + CAT9 = ÂMBITO ACADÊMICO	CAT2 + CAT 4 + CAT9 + CAT13	CAT2 A MAI no contexto acadêmico

TABELA 1 – ATD Categorias Iniciais, Categorias Intermediárias e Categorias Finais

(conclusão)

CAT3 ACOLHIMENTO	CAT3 + CAT6 = RELAÇÕES		
CAT4 METODOLOGIA	CAT4 METODOLOGIA		
CAT5 INOVAÇÃO	CAT5 INOVAÇÃO	CAT5	CAT3 A MAI como possibilidade de inovação pedagógica
CAT6 RELAÇÕES			
CAT7 IDIOMA	CAT7 IDIOMA		
CAT8 PESSOAL	CAT8 PESSOAL		
CAT9 ACADÊMICO			
CAT10 PROFISSIONAL	CAT10 PROFISSIONAL	CAT10	CAT4 A MAI no contexto profissional
CAT11 REALIZAR NOVAMENTE MOBILIDADE	CAT 11 + CAT12= MOBILIDADE		
CAT12 RECOMENDA MOBILIDADE			
CAT13 VALIDAÇÃO	CAT13 VALIDAÇÃO		

Fonte: Autora (2020)

A partir destes movimentos de aglutinação das categorias iniciais e intermediárias, é possível perceber as 4 categorias finais: CAT1 Âmbito pessoal, CAT2 Âmbito acadêmico, CAT3 Inovação pedagógica e CAT4 Âmbito profissional. Estas categorias foram, posteriormente, renomeadas para que pudessem de fato abranger todas as respostas que as compõem e também atender aos objetivos propostos nesta pesquisa. Desta forma ficaram: CAT1 - A MAI no contexto pessoal, CAT2 - A MAI no contexto acadêmico, CAT3 - A MAI como possibilidade de inovação pedagógica e CAT4 - A MAI no contexto profissional. As categorias ficaram dispostas desta maneira devido à ordem das perguntas no questionário e conforme foram sendo classificados os relatos dos estudantes.

Para a identificação das falas no metatexto, a codificação ocorreu da seguinte forma: primeiramente foi utilizado o código de identificação do estudante (E) seguido do número que identifica o estudante (1, 2 ou 3), de acordo com a ordem das respostas recebidas, somada a identificação do questionário (Q) e a referência à categoria (CAT+número) de acordo com a categoria que foi classificado. Por exemplo: E1QCAT1 é o estudante 1 o qual respondeu ao questionário e teve sua fala classificada na categoria 1. No caso dos excertos das entrevistas a codificação ficou da seguinte forma: (E) de estudante, o número que

identifica o estudante (1, 2 ou 3), de acordo com a ordem das entrevistas, somada a identificação da entrevista (ENT) e a categoria (CAT+número) de acordo com a categoria que foi classificado. Por exemplo: E1ENTCAT2 identifica o entrevistado 1 com fala relativa à categoria 1. De acordo com Moraes e Galiazzi:

No seu conjunto, as categorias constituem os elementos de organização do metatexto que se pretende escrever. É a partir delas que se produzem as descrições e interpretações que compõem o exercício de expressar as novas compreensões possibilitadas pela análise. (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 45).

Após a categorização deu-se a etapa da construção do metatexto. Para Lima esta etapa:

[...] é o momento em que a rigorosa análise das categorias formadas da origem à produção de diferentes textos denominados metatextos. Estes são inicialmente de caráter descritivo em relação ao conteúdo das categorias, passando gradativamente a um texto interpretativo pelo diálogo com teóricos e pela explicitação com novas compreensões do pesquisador. (LIMA, 2019, p. 22).

O metatexto foi construído a partir da organização das categorias e dividido/exposto a partir delas. Desta forma, apresentamos a discussão das quatro categorias finais: CAT1 - Contexto Pessoal, CAT2 - Contexto Acadêmico, CAT3 - Inovação Pedagógica e CAT4 - Contexto Profissional, em diálogo constante com autores como Stallivieri (2017), Guimarães (2013), Fagundes; Luce e Silveira (2019), Leite; Genro e Braga (2011), entre outros.

FLUXOGRAMA 1 – Síntese do caminho investigativo da pesquisa



Fonte: Autora (2020).

No próximo capítulo, abordaremos as oportunidades de mobilidade acadêmica *outgoing* disponibilizadas pela Unipampa no período de 2012 a 2018, ou seja, os programas institucionalizados com vagas para os estudantes da universidade estudar no exterior. Trataremos do já extinto Ciência sem Fronteiras,

Programa Bolsas Ibero-América Estudantes de Graduação (Santander), Bracol, Bramex, Capes-Brafitec e Mobilidade por Acordo de Cooperação Internacional.

3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO: INTERNACIONALIZAÇÃO E MOBILIDADE ACADÊMICA NAS IES

Atualmente é possível perceber que a maioria dos países buscam inserir-se em blocos (políticos e econômicos) à procura do progresso. Com as IES não é diferente, pois buscam estreitar laços e cooperar com instituições estrangeiras visando desenvolvimento conjunto de pesquisas, soluções para problemas comuns, dupla diplomação, além de visibilidade internacional. Segundo Knight (2020, p. 12), “uma característica central da internacionalização do ensino superior é o fato de ela ser um processo de mudança”. Ela vem se adaptando aos problemas mundiais e, quando surgem, a educação superior vem com o intuito de contribuir para a solução dos mesmos. “A internacionalização é um agente e, ao mesmo tempo um reator a estas mudanças” (KNIGHT, 2020, p. 12). No mundo atual, há expansão significativa da internacionalização e das atividades de cooperação internacional dela decorrentes. Segundo a Declaração da III Conferência Regional de Educação Superior (2018), a internacionalização é uma ferramenta-chave na transformação da educação superior a partir do momento que fortalece suas comunidades e promove a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão, favorecendo a formação de cidadãos e profissionais comprometidos com questões globais e adaptado a fatores interculturais. Estes conhecimentos adquiridos e as habilidades interculturais favorecem uma melhor adaptação ao mercado de trabalho, bem como um maior comprometimento com o trabalho em uma comunidade local com visão global. De acordo com Stallivieri (2017, p. 44), essa expansão da internacionalização na educação superior pode ser percebida em “quantidade, qualidade, volume, âmbito, direcionamento e objetivos”, com uma gama de motivações para seu fomento. Segundo Jane Knight:

Internationalization at the national, sector, and institutional levels is defined as the process of integrating an international, intercultural, or global dimension into the purpose, functions or delivery of postsecondary education. (KNIGHT, 2003, p. 2).⁶

Desta forma, a internacionalização constitui-se num processo dinâmico, um esforço contínuo de mudança e/ou evolução e não de atividades separadas e

⁶ Internacionalização nos níveis nacional, setorial e institucional é definida como o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global no propósito, nas funções ou na oferta de educação pós-secundária. (tradução livre da autora)

isoladas. A comunidade acadêmica, como um todo, passou a perceber a importância de cooperar internacionalmente como forma de desenvolvimento de seu corpo docente, discente e técnico, e como forma de inserção no cenário internacional. Knight (2004) expõe, ainda, que a universidade tem como papel a integração de pessoas e culturas, seja com a participação em eventos internacionais, cooperações técnicas ou mobilidade. Além disso, é interessante ressaltar que essas instituições de educação superior têm forte protagonismo nos processos de internacionalização e, como é possível perceber, nas últimas décadas houve uma aceleração destes processos, principalmente no que diz respeito aos níveis científico e tecnológico.

A universidade brasileira vem enfrentando desafios de todas as ordens e debate-se entre o sonho do bem comum social e os chamamentos do mercado, cenário que incita a necessidade de criar e lutar por estratégias onde a tônica não seja a valorização da competitividade ou da eficiência, prioritariamente, mas a da construção de redes de convivência, de saber, e solidariedade. (FORSTER, 2006, p. 46).

Concordo com Stallivieri (2014) que, para haver a internacionalização da educação superior, há necessidade da vontade política das reitorias, imbuídas de seu papel diretivo e coordenador; de objetivos minimamente consensuais no plano das universidades; de uma mentalidade e um conjunto de ações favoráveis à cooperação; da escolha de parceiros e da busca de oportunidades e de recursos que possam dar suporte à cooperação internacional. Sem o apoio da gestão universitária e do governo a internacionalização é inviável para as instituições, vai além da vontade, trata-se de incentivo às ações. Ainda segundo a autora:

Há, por um lado, um elevado investimento em projetar a instituição internacionalmente, e, por outro, a possibilidade de que esse investimento, especialmente com a mobilidade, apresente menor impacto do que o esperado. Independentemente do perfil ou do caráter da instituição, seja ela pública ou privada, a situação está posta e merece especial atenção, principalmente para avaliar e, se necessário, redimensionar os procedimentos linguísticos, culturais, acadêmicos, administrativos e logísticos aplicados aos programas de mobilidade acadêmica internacional. (STALLIVIERI, 2017, p. 20).

As Instituições de Ensino Superior (IES), a exemplo de outras organizações, estão inseridas e operam num ambiente globalizado e altamente dinâmico, em

que a constância nas mudanças exige estratégias de internacionalização como forma de adaptação a esta realidade (JUSTINO, 2009). Ao manterem-se atualizadas em relação às questões globais, em todos os âmbitos, por meio das ações de internacionalização, as IES contribuem para essa disseminação de conhecimentos a nível global. Na Conferência Regional de Educação Superior na América Latina e no Caribe -CRES⁷ (2008), realizada na Colômbia com apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), foi enfatizado que no plano internacional é preciso fortalecer a cooperação da América Latina e do Caribe com as outras regiões do mundo, particularmente a cooperação Sul-Sul. Muitas IES buscam atender esta proposta incentivando seus discentes a estudar em outro país ou ainda que seus gestores, docentes e pesquisadores realizem atividades no exterior, com o objetivo de qualificar seu pessoal e proporcionar aos discentes uma visão global dos conhecimentos. Para Stallivieri (2017, p. 76), “[...] a internacionalização existe, as ações de cooperação ocorrem como resposta aos movimentos internacionais, em especial, a mobilidade de pessoas”. Ainda, segundo Justino (2009), a internacionalização das IES representa o despertar de uma consciência para um novo perfil profissional necessário para atuar no mundo interdependente e em rápida transformação, que lhe exige postura crítica com desenvoltura internacional. Corroborando com esse pensamento, Luce, Fagundes e Mediel dizem que:

Sendo a internacionalização um recurso que impulsiona os sistemas e instituições de educação superior a responder às necessidades educativas do mundo globalizado, para os países em desenvolvimento, como o Brasil, investir na internacionalização da educação superior é, sem lugar a dúvidas, um processo fundamental para a sua inserção no mundo globalizado, em condições de soberania. (LUCE; FAGUNDES; MEDIEL, 2016, p. 320).

Ações de internacionalização fomentam a cooperação internacional entre as IES e proporcionam períodos de pesquisas ou estudos no exterior contribuem para que as universidades fortaleçam sua qualidade e colaborem para o desenvolvimento regional. Conforme Stallivieri (2014), a identificação de ações conjuntas, que elevam as parcerias entre duas instituições, que aproximam as

⁷ A CRES é realizada a cada 10 anos (2008 na Colômbia e 2018 na Argentina) e em 2018 coincidiu com os cem anos da Reforma Universitária de Córdoba – movimento fundamentalmente estudantil que influenciou a reorganização de todo o sistema de Educação Superior da América Latina e do Caribe.

comunidades onde ambas colhem resultados concretos no âmbito da integração, reconhecimento e respeito mútuos, poderá contribuir para que outras instituições reflitam sobre os melhores caminhos para se chegar ao panorama internacional. Para Knight (2020, p. 25) “a internacionalização também implica relacionar-se com a diversidade de culturas que existem dentro de países, comunidades, instituições e salas de aula”. Portanto, as relações entre nações, culturas e/ou países permitem compreender, interpretar, preservar e difundir as culturas nacionais e regionais em um contexto de diversidade cultural, como na cooperação internacional e a MAI.

[...] a internacionalização chega como redefinição de posicionamento das instituições no cenário da educação superior e quase como forma de sobrevivência para toda e qualquer instituição que tenha clareza da relevância de seus objetivos institucionais, que trate da educação e da formação de cidadãos, e que queira competir em níveis de igualdade com as melhores instituições do mundo no novo cenário globalizado. (STALLIVIERI, 2017, p. 28).

Uma das premissas básicas presentes nos discursos de apoio à internacionalização do ensino superior é a sua capacidade de promover o multiculturalismo⁸ através da interação constante de pessoas de origens étnicas e culturais das mais diversas possíveis. Essa troca de experiências desencadearia nas instituições de ensino o desenvolvimento de currículos mais críticos e reflexivos, buscando abarcar as diferentes visões sobre o mundo, próprias da diversidade cultural de seus alunos (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2008).

A internacionalização do Ensino Superior é um elemento estratégico em diversos países, principalmente na busca pelo reconhecimento dentro e fora de suas fronteiras. Assim, representa mais do que uma forma de destaque, mas também uma forma de inovar e sobreviver num mundo de globalização. De acordo com Morosini (2019, p. 12), “a internacionalização é um meio para concepções mais amplas e densas, ligadas ao bem viver, ao desenvolvimento sustentável e a consecução de uma cidadania global”. Nos espaços de interação internacional, as universidades atendem à imprescindível formação global

⁸ Entendemos por **multiculturalismo** tanto os estudos acadêmicos quanto às políticas institucionais que se desenvolvem em torno das questões trazidas pela emergência das sociedades multiculturais e não é possível entendê-lo fora do contexto do fenômeno da globalização. (BETONI, 2019, *grifo* nosso).

(humano e profissional). Para Duarte (2012), a globalização econômica, política e cultural fez aumentar o interesse político e acadêmico pela internacionalização das IES, o que trouxe desafios consideráveis para o ensino, forçando um posicionamento institucional quanto aos caminhos futuros. Segundo Stallivieri (2017, p. 30), “o que a sociedade espera das instituições de Ensino Superior é uma atuação proativa em direção à internacionalização”.

Apesar da preocupação do governo e das instituições com esse processo, pouco ainda se sabe sobre os reais benefícios que a política de internacionalização tem trazido para o país, para as instituições e para a sociedade, pois, segundo Altbach (1998), o estudo e a pesquisa no exterior são importantes elementos de transferência de conhecimentos para os locais de origem. Desta forma, um período de estudos no exterior proporciona aos estudantes adquirir um conhecimento mais amplo em relação a questões globais de sua área e a busca de soluções para problemas comuns às regiões, países e IES.

Santos (2006) nos faz o seguinte questionamento em que, considerando que os sistemas de educação dos países centrais nutrem interesse de acolher pessoas e, simultaneamente, os países periféricos necessitam enviar parte dos acadêmicos para estudar em universidades mundialmente notabilizadas, a educação internacional caminharia na direção de uma outra globalização, em que se ultrapassaria a estreiteza do pensamento único na busca da formação de verdadeira consciência universal?

Essa indagação remete à reflexão sobre os egressos das IES que acabam por migrar para centros mais desenvolvidos com melhor remuneração, mais benefícios e reconhecimento, ainda com a possibilidade de seguir desenvolvendo pesquisas. Com isso, o país de origem acaba por perder grande potencial de inovação científica para outra nação causando grande dano à economia e ao desenvolvimento nacional. De acordo com Gacel-Ávila e Rodríguez-Rodríguez (2018, p. 60): “*la fuga de cerebros en la población con educación superior es un tema sensible para ALC, ya que dicha tasa se encuentra en el segundo lugar a nivel mundial (7,4%) [...] superior al promedio mundial (5,4%)*”.

Os ganhos com a internacionalização passam a ser da própria região onde a instituição está inserida e das demais localidades na sua área de abrangência. Os pesquisadores, por meio de parcerias com

investigadores estrangeiros ou de sua participação em redes de saber universal, conseguem identificar problemas comuns, encontram conjuntamente soluções para esses problemas e estabelecem fortes laços de comunicação constante e fluida. (STALLIVIERI, 2017, p. 50).

De acordo com Knight (2020), é possível perceber que o objetivo inicial de ajudar estudantes de países em desenvolvimento a buscar conhecimentos em instituições no exterior e, ao voltar, contribuir para o desenvolvimento regional e nacional, está desaparecendo. Agora, a maioria das nações está na disputa por estes cérebros do século XXI com maior amplitude de conhecimentos sobre o mundo, capazes de interagir em um ambiente de diversidade cultural e com habilidades para a busca de soluções com visão global do conhecimento.

A universidade é considerada uma instituição que trabalha diretamente com o conhecimento e está guiada pela matéria-prima de seu trabalho, portanto, a formação de egressos com experiência internacional e com conhecimentos mais amplos acerca dos processos que envolvem sua área, favorece uma análise mais aprofundada das demandas de mercado. Esta matéria-prima já não vem só como exigência da sociedade onde está inserida, mas também surgem como demandas globalizadas e internacionalizadas. Para esclarecer:

Globalização e internacionalização não devem ser confundidas. A globalização é o fluxo de tecnologias, de economia, conhecimento, etc., através das fronteiras. Cada país está inserido nela de acordo com seu nível de desenvolvimento, competitividade e evolução de seus sistemas de educação, científico-tecnológico e de inovação. A internacionalização da educação superior é uma das maneiras de responder aos impactos da globalização, com pleno respeito à identidade nacional. (BERNHEM, 2018, p. 20).

A internacionalização pode ser definida como a totalidade das mudanças no contexto e na vida interior do ensino superior em relação às atividades de atravessamento de fronteiras. “Instituição do conhecimento e do saber, a universidade é fortemente associada à concepção de futuro, tanto pela reflexão crítica acerca do passado e do presente, quanto pela geração de conhecimento e de inovação” (CONFERÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, 2018).

Internacionalizar a educação significa integrar uma dimensão internacional, intercultural, multidisciplinar e comparada no currículo (entendendo-o como conteúdos acadêmicos e métodos pedagógicos), o fomento à mobilidade estudantil, o perfil internacional do corpo docente, a utilização de métodos pedagógicos, nos quais os estudantes

estrangeiros são utilizados como um recurso educativo, as práticas profissionais em ambientes de trabalho internacional, a organização de cursos para a população estrangeira e o uso de novas tecnologias de informação e comunicação, entre outros. (GACEL-ÁVILA, 2003, p. 109).

Já a globalização, inicialmente, pôde ser definida como a totalidade das mudanças substanciais no contexto e na vida interior da educação superior as crescentes inter-relações entre diferentes partes do mundo por meio do qual as fronteiras nacionais são minimizadas. Hoje o termo tende a ser usado para qualquer fenômeno supra regional relacionado ao ensino superior (qualquer coisa que pareça tomar espaço em todo o mundo) e/ou qualquer ação em uma escala mundial relacionada à Educação Superior, caracterizada por mercado e a concorrência internacional, bem como a transferência de conhecimento comercial através das fronteiras. Para Woicolesco (2019, p. 31), “em um mundo globalizado, o desafio das IES é o desenvolvimento do conhecimento científico, tecnológico e social a partir das problemáticas locais e regionais, conectando-se com o cenário global”.

Esta tendência de uma maior utilização do termo "globalização" é certamente um indicativo de que o debate público sobre o ensino superior é atualmente absorvido por questões de gestão e aquisição de recursos em âmbito mundial. Os desenvolvimentos ligados ao que foi chamado de internacionalização e globalização foram inter-relacionados com as reformas nacionais destinadas a fortalecer a estratégia de funções das instituições de ensino superior. A internacionalização da educação superior, entendida como qualquer esforço sistemático, situa-se na análise a partir de uma perspectiva internacional e relacionada às exigências da globalização (MOROSINI, 2006 *apud* ABAD, 2019, p. 69). Para Bernhein (2018, p. 19), “a internacionalização da educação superior deve estimular uma globalização com rosto humano” (tradução livre da autora).

Philip Altbach, professor norte americano, que entre autoria e edição tem mais de 50 livros com seu nome, trata em suas pesquisas sobre Educação Superior Internacional e Internacionalização da Educação Superior no século XXI. Altbach (2016), em seu livro *Global Perspectives on Higher Education*⁹, preocupa-se em levantar questões como internacionalização e globalização e define essa última como “as forças econômicas, políticas e sociais que

⁹ Perspectivas Globais no Ensino Superior.

impulsionam a Educação Superior no século XXI para um maior envolvimento internacional” (ALTBACH, 2016, p. 105). De acordo com o autor, o termo "global" é frequentemente empregado para representar tendências e políticas supranacionais relacionadas à mercantilização, concorrência supranacional, bem como o crescimento da educação transnacional e transferência de conhecimento comercial. Para Altbach:

Neste sentido, a globalização afeta todos os aspectos da sociedade e seus defensores consideram estes impactos positivos, pois impulsionam as economias através da ampliação do comércio e investimentos expandindo o desenvolvimento e melhorando a sociedade como um todo. (ALTBACH, 2016, p. 294).

A globalização tende a supor que as fronteiras e os sistemas nacionais como tais ficam desfocados ou até mesmo podem desaparecer. As diferenças estruturais entre os sistemas nacionais são sempre possíveis barreiras à cooperação internacional e à mobilidade, porque existe o risco de que um parceiro de cooperação possa interpretar a diferença como um indicativo que a outra instituição parceira, funcionários ou alunos não são suficientemente semelhantes em empenho para intercâmbios frutuosos, cooperação ou mobilidade. Por outro lado, as diferenças entre os países também podem ser vistas como positivas no instante em que oferecem a oportunidade para quem realiza a mobilidade de aprender com um ambiente que está em contraste com o que se tem “em casa”. Para Gacel-Ávila e Rodríguez-Rodríguez:

Para que el sector de educación terciaria y sus actores se beneficien de las oportunidades que la globalización y la internacionalización ofrecen, se requiere que las estrategias de internacionalización sean sistémicas y transversales a todas las políticas de desarrollo institucional con la finalidad de que impacten a las diferentes áreas académicas, tales como los contenidos y estructuras curriculares, el desarrollo de competencias internacionales e interculturales en el perfil de los estudiantes, la promoción del entendimiento intercultural, así como la producción de conocimiento con una perspectiva global basada en la colaboración internacional, entre ellas. (GACEL-ÁVILA; RODRÍGUEZ-RODRIGUEZ, 2018, p. 57).

A globalização da internacionalização na Educação Superior, principalmente através da mobilidade acadêmica de países em desenvolvimento para países desenvolvidos, busca uma educação e uma formação de maior qualidade para os discentes. As rápidas e constantes mudanças no mundo atual levam à luta por

uma sociedade mais justa, democrática, igualitária e sustentável (CONFERÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, 2018) e a universidade como disseminadora de conhecimentos e responsável também pelo desenvolvimento dos países se encontra no centro destas mudanças. De acordo com Cunha (2006, p. 14), “o fenômeno da globalização tem tido importantes impactos na universidade que, por sua própria história e constituição, procurou ser uma instituição global”. Já Teichler (2004, p. 7 *apud* MOROSINI, 2006, p. 116) nos traz o processo de internacionalização na Educação Superior como uma crescente atividade transfronteiriça com ações como “mobilidade física, cooperação acadêmica e transferência de conhecimento acadêmico”. Segundo Nez (2019, p. 163), “[...] a internacionalização é um processo que integra diferentes atividades para a mobilidade acadêmica, colaboração em pesquisa, projetos internacionais, abordagens curriculares entre inúmeras possibilidades”. Para Santos Filho:

Se hace necesaria una nueva definición que comprenda esos niveles y refleje las realidades actuales. De otra parte, esa definición no debe especificar las razones, beneficios, resultados, actores, actividades o proveedores de la internacionalización, pues esos elementos cambian de nación para nación y de institución para institución. Lo relevante es que la dimensión internacional se refiera a todos los aspectos de la educación y al papel por ella ejercido en la sociedad. (SANTOS FILHO, 2018, p.172).

As universidades têm reconhecido que para formar profissionais preparados para enfrentar as sociedades modernas devem permitir que a globalização e a internacionalização cheguem às suas comunidades acadêmicas. Abrir as portas para a internacionalização representa para as IES permitir que sua comunidade acadêmica se desenvolva e insira a instituição no cenário mundial, sendo capaz de interagir e cooperar com instituições de ponta em qualquer continente.

Ainda, em termos de conceituação, a Internacionalização da Educação Superior pode ser vista a partir de suas ações e suas interferências na estrutura interna e externa do sistema universitário, com impactos curriculares e extracurriculares na gestão universitária e nos processos avaliação e construção de políticas educacionais no ensino superior. (ABAD, 2019, p. 69).

A partir da experiência em outras instituições de ensino no exterior e, também através do recebimento de pesquisadores e estudantes estrangeiros, a IES passa a conhecer mais sobre outros sistemas de ensino, o que pode vir a

melhorar seu sistema com base nestes conhecimentos adquiridos. Este compartilhamento de saberes é importante a partir do momento em que é possível implantar novos métodos e técnicas visando melhorar os processos de ensino-aprendizagem. Além dos aspectos acadêmicos também há o compartilhamento de questões políticas e de gestão que também podem contribuir para o desenvolvimento institucional, adaptadas à realidade de cada país e instituição. De acordo com Santos Filho (2018, p. 172), “[...] *la globalización económica ha impulsado la internacionalización de la educación superior y la internacionalización de la educación superior viene impulsando la globalización*”.

Considerando os aspectos sobre globalização da internacionalização das IES abordados até o presente momento, cabe discutir também se estas ações podem ser caracterizadas como inovação pedagógica. A inovação em educação, para Leite (1999, p. 66), “é uma ruptura clara com os paradigmas vigentes na Universidade ou, uma transição para um novo padrão ou, ainda uma reconfiguração de saberes/poderes/conhecimentos”. Inovar constitui uma mudança nas relações; nas bases e decisões; mudança de caráter epistemológico; rupturas na forma tradicional de ensinar e aprender; reorganização da relação teoria/prática; valorização da produção pessoal, original e criativa dos estudantes (LEITE, 1997; CUNHA, 2006).

Entendo que a inovação pedagógica responde ao compromisso social de formação do humano docente e do humano aluno. Ela se afirma em uma universidade socialmente empreendedora, uma universidade que forma para a cidadania democrática nos contextos contemporâneos, em suas contradições e paradoxos. (LEITE, 2012, p. 30).

Inovar, neste sentido, significa que a universidade está atuando para atender aos padrões globalizados que são, de certa forma, impostos pelas agências internacionais de avaliação ou de fomento à pesquisa. A universidade, como alicerce do desenvolvimento global, é indispensável para atender a estas demandas garantindo um diálogo de saberes que vai além de interesses particulares. Romper com as formas tradicionais de ensinar e aprender desenvolve novas habilidades, “pode ser o novo para enfrentar o novo, demasiado novo das mudanças pelas quais está passando a universidade” (LEITE; FERNANDES, 2011, p. 308). Segundo Leite (2005, p. 2), “se a educação superior ainda não conseguiu atingir o nível de excelência ao qual faz jus a

população brasileira, espera-se que lidere o ciclo virtuoso das reformas pelas quais deve passar todo o sistema educacional.” É na universidade e pela universidade que deve começar o plano de inovação e melhorias na educação, e, com a mobilidade, com experiências adquiridas no exterior e novos conhecimentos nos diversos campos dos saberes, inclusive em relação à gestão universitária, que essas melhorias podem ocorrer. Para Luce, Fagundes e Mediel, é crescente o número de iniciativas governamentais que fomentam a internacionalização por meio da mobilidade, no entanto,

[...] é preciso ter presente que a qualidade da mobilidade depende dos objetivos nacionais que com ela se deseja alcançar, para que se possa então definir, inclusive a nível institucional, seus critérios de qualidade. Por conseguinte, é de fundamental relevância avaliar as políticas e as ações institucionais no que tange à mobilidade acadêmica, com o intuito de qualificar a oferta e assim instigar estudantes do exterior a vir em mobilidade para as universidades brasileiras. (LUCE; FAGUNDES; MEDIEL, 2016, p. 319).

A busca por excelência e qualidade nos serviços oferecidos pelas instituições sinalizam um compromisso social e foi o ponto de partida para a pesquisa realizada por Leite e Fernandes em 2011. O estudo buscou construir indicadores para elencar seis dimensões pedagógicas que caracterizassem a inovação pedagógica na universidade. Os indicadores de qualidade do Ensino Superior, identificados no estudo (LEITE; FERNANDES, 2011) são: Memória educativa (vivências trazidas pelos sujeitos em processos de ensinar-aprender); Protagonismo (autoria e protagonismo para a construção da autonomia intelectual como finalidade ético-existencial); Territorialidade (configuração e reconfiguração de espaços com vistas ao ensinar-aprender); Ruptura (ruptura epistemológica com o paradigma dominante da ciência); Historicidade do conhecimento (valores implicados na produção histórica do conhecimento) e Democracia pedagógica (relação entre professores-alunos-alunos fundada em um contrato de decisões compartilhadas para o desenvolvimento do processo pedagógico). Para as autoras, a inovação pedagógica pode ser vista como um indicador de qualidade (LEITE; FERNANDES, 2011) na Educação Superior. Segundo Cunha (2006, p. 119), “A inovação se associa também com o novo, trazendo, nessa expressão uma questão qualitativa, que envolve a introdução de algo ainda não estreado, não visto antes pelos alunos”. Essa reconfiguração, esse fazer novo, fazer de outra

forma, precisa ser acessível e não pode estar distanciada da essência formativa da universidade.

No livro já mencionado de Altbach (2016), o autor menciona a globalização da Educação Superior como um canal para a inovação e um processo evolutivo que deve ser analisado pelas instituições suscitando questões críticas sobre esse nível de ensino. Essas ações/inovações remetem ao conhecer e reconhecer as diferenças (estruturas, culturas, realidades, etc). Para Cunha:

As inovações se materializam pelo reconhecimento de formas alternativas de saberes e experiências, nas quais imbricam objetividade e subjetividade, senso comum e conhecimento científico, teoria e prática, cultura e natureza, afetividade e cognição, sujeito e objeto e outros tantos binômios, anulando dicotomias e procurando gerar novos conhecimentos mediante novas práticas. (CUNHA, 2018, p.12).

A inovação discutida por Cunha (2018) refere-se ao rompimento das formas clássicas de aprender, ou seja, o reconhecimento de outras formas de produção de conhecimento, sem desvalorizar a contribuição da ciência. Outro ponto importante que a autora trata é o abandono de estratificações dualistas entre os saberes (científico/popular, teoria/prática, objetividade/subjetividade); por exemplo, o que leva a reconhecer as diferentes fontes de conhecimento. Além disso, fomenta o protagonismo do estudante, que ressignifica sua experiência como algo muito particular, e depende de suas estruturas culturais, afetivas e cognitivas.

Por mais que sejamos educados para viver juntos numa aldeia planetária, a cultura da paz nos torna cidadãos do mundo e, segundo Bernhein (2018, p. 20): *“por la educación permanente, el ciudadano del siglo XXI puede asumir con éxito el hecho de ser, a la vez, ciudadano del mundo y de su propio país”*. Certamente um dos benefícios que a internacionalização traz para a comunidade acadêmica é a possibilidade de formar egressos mais resilientes, com conhecimento amplo de questões globais e interculturais. O que, sem dúvidas, desafia os processos de internacionalização das IES é a falta de recursos para que possam levar adiante seus projetos de mobilidade e cooperação acadêmica. Para Knight (2020, p. 85) *“qualquer estudo da educação superior mostra que a mobilidade acadêmica está acontecendo há muito tempo. Pesquisadores e conhecimentos estão em movimento pelo mundo há séculos.”* No entanto, é no final do século XX que o

movimento de programas e instituições acontece com mais visibilidade e recorrência.

Se for retomado o conceito de universidade e de universalidade do conhecimento, e se for resgatada a origem da criação das primeiras universidades, entende-se que era muito comum a realização de intercâmbios entre os estudantes e professores com a finalidade de buscar conhecimentos novos. As universidades formavam-se com características cosmopolitas, e os estudantes eram peregrino que colavam grau em diferentes instituições. (STALLIVIERI, 2017, p. 43).

A mobilidade internacional de estudantes certamente é a modalidade que mais alavanca a internacionalização das instituições de educação superior. Sendo um dos canais de inserção das instituições de educação superior no cenário mundial, possibilita que seus estudantes aperfeiçoem seus conhecimentos na área do curso que frequentam na Universidade de origem e, muitas vezes, abrem as portas para outras ações em conjunto entre as instituições.

A mobilidade “caracteriza-se por uma temporada de estudo no exterior, concretizada por acadêmicos interessados em aprofundar a proficiência em uma língua estrangeira; participar de disciplina(s) que integra(m) o currículo de determinado semestre escolar; realizar curso oferecido por uma instituição de educação; participar de alguma experiência de trabalho orientada para a aprendizagem; ou estagiar em algum laboratório de pesquisa, diferenciando *intercambistas* de turistas. (CICCHELLI, 2008, p. 144 *apud* LIMA; RIEGEL, 2010, p. 15-16).

Este deslocamento entre instituições favorece a formação de cidadãos globais e fortalece os vínculos entre as instituições de origem e destino, inclusive viabilizando o desenvolvimento de pesquisas conjuntas, muitas vezes em busca de soluções para problemas comuns a ambas. Para Souza Junior (2010, p. 10) a mobilidade “é uma das formas mais eficientes de se adquirir conhecimento, ter perspectivas mais complexas, pensar comparativamente, expandir horizontes, refletir melhor sobre temas estudados, e causa avanços de formas inesperadas”. A realização de um período de mobilidade no exterior e a convivência com professores e pesquisadores renomados em instituições mundialmente reconhecidas proporciona aos estudantes uma experiência pessoal e acadêmica incomparável. A partir do momento que o estudante entra em contato com outros pontos de vista em relação à sua área de estudos, passa a desenvolver outras concepções e habilidades importantes para sua formação pessoal e profissional.

Não se pode negar que um mundo com alto nível de competitividade é um dos fatores que levam estes estudantes a buscar um diferencial estudando fora do país. “É por isso que acreditamos fidedignamente que as nossas instituições devem comprometer-se ativamente com a transformação social, cultural, política, artística, econômica e tecnológica que é hoje imperiosa e indispensável.” (CONFERÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, 2018). O mercado atual exige cada vez mais pessoas com conhecimentos globalizados, profissionais com fluência em idiomas, capacidade de interagir com diferentes culturas certamente está alavancando a realização de um período de estudos em universidades no exterior. Estes futuros profissionais estão em busca de conhecimentos diferenciados na sua área de atuação, visões de mundo que os capacite para o trabalho em equipes culturalmente diversificadas e com habilidades que possibilitem a resolução de problemas. De acordo com Oliveira & Freitas (2016, p. 237), “a competitividade no mundo profissional parece estar levando os alunos a buscarem cada vez mais a diversificação de seu capital linguístico, sendo esta uma importante motivação para a mobilidade acadêmica e para a definição de seu destino”. No mundo globalizado em que vivemos, a educação superior que possui entre suas atribuições a disseminação de conhecimentos, é também importante para o desenvolvimento dos países envolvidos na mobilidade acadêmica internacional. As cooperações surgem em vários âmbitos como o econômico, acadêmico, científico e desenvolvimento regional e institucional, proporcionando o avanço em diversos aspectos nas regiões envolvidas na mobilidade, tanto de origem como de destino. De maneira geral, as regiões que recebem estes estudantes de mobilidade ganham financeiramente (com turismo e vendas) e culturalmente; e as regiões de origem ganham ao retorno deste estudante que volta com novos conhecimentos adquiridos no exterior e que pode vir a ajudar no desenvolvimento regional.

A concepção de que o conhecimento é fundamental para o desenvolvimento das sociedades capitalistas na atualidade e a compreensão de que uma forte economia baseada no conhecimento não reside, apenas, no acesso das pessoas à informação, mas também no grau em que elas conseguem processar essa informação, têm levado os países a repensar seus sistemas de ensino superior. (CASTRO; CABRAL NETO, 2012, p. 72).

Como já mencionamos, a mobilidade acadêmica internacional não é um fenômeno novo, no entanto ela se apresenta de forma diferente que em seu princípio. O envio dos estudantes ao exterior também é uma motivação das próprias universidades, estas desejam construir uma reputação internacional, melhorando sua qualidade, formando egressos com competências interculturais e estreitando laços de cooperação com universidades de ponta (KNIGHT, 2008). Assim, reafirmo a importância da universidade na formação dos cidadãos quando essa leva o conhecimento aos estudantes e proporciona experiências no exterior, com ganhos pessoais, acadêmicos e profissionais. Segundo Dalmolin *et al.* (2013, p. 442), “a experiência de viver em outro país proporciona conhecer hábitos diferentes e específicos, abre novas perspectivas, auxilia na superação de dificuldades”. Dessa forma o estudante em mobilidade precisa adaptar-se ao novo ambiente e superar desafios o que proporcionará seu crescimento e amadurecimento emocional.

A mobilidade refere-se também à disposição que alguém tem de mudar geograficamente, interagir com indivíduos de outras nações, com diferenças culturais, desenvolver a resiliência, vivenciar novas experiências que auxiliarão no desenvolvimento de um profissional mais capacitado (FREITAS, 2009). Para Knight (2020):

A educação transfronteiriça, muitas vezes denominada de mobilidade acadêmica internacional, diz respeito ao movimento de pessoas, programas, provedores, políticas, conhecimentos, ideias, projetos e serviços que cruzam fronteiras nacionais. (KNIGHT, 2020, p. 35).

As modalidades de mobilidade acadêmica internacional variam, de presencial a virtual, podendo ser parte de projetos de cooperação ou por iniciativa individual. Nesta pesquisa será abordada apenas a mobilidade presencial realizada pelos estudantes da Unipampa. De acordo com Perlin (2019, p. 777) “a mobilidade acadêmica envolve uma amplitude de fatores, não apenas o movimento de deslocamentos territorial; envolve aspectos sociais, estruturas, meios, culturas e significados”. As opções de mobilidade estão cada vez mais acessíveis, mas cabe aos estudantes optar pelo destino que atende melhor às suas necessidades pessoais, acadêmicas e/ou profissionais. A mobilidade internacional de estudantes e, conseqüentemente, seus deslocamentos, é um

modo destes acadêmicos desenvolverem sua compreensão do mundo e estarem preparados para os desafios do mercado de trabalho.

Este capítulo abordou a internacionalização da educação superior e a dimensão global deste fenômeno, que não é novo, mas foi adquirindo outras características ao longo dos tempos. A importância da inserção das universidades no cenário mundial se dá pela possibilidade de desenvolvimento de pesquisas conjuntas, oportunidades de mobilidade da comunidade acadêmica e parcerias para o desenvolvimento regional e em âmbito nacional. Foi tratado também da relação entre mobilidade acadêmica internacional e inovação pedagógica, onde é possível perceber que a MAI constitui uma inovação pedagógica a partir do instante que possibilita ao estudante reconfigurar suas formas de aprendizagem, desenvolver sua autonomia e protagonismo, estabelecer comparações entre os sistemas de ensino e às abordagens teóricas e aprender além do ambiente da sala de aula. Desta forma, percebemos que a mobilidade, além de ser a principal ação de fomento da internacionalização na educação superior, também é de grande importância pessoal e acadêmica para os discentes que realizam um período de estudos em instituições estrangeiras.

O próximo capítulo trata dos programas de mobilidade acadêmica internacional *outgoing* na Unipampa, que oportunizam vagas de estudos no exterior para acadêmicos da Instituição: Ciência sem Fronteiras, Programa de Bolsas Ibero-América Estudantes de Graduação – Santander, Bracol, Bramex, Capes-Brafitec e Mobilidade por Acordo de Cooperação. Em cada um deles serão apresentados os números em relação à Mobilidade Acadêmica Internacional *Outgoing* entre 2012 e 2018, conforme proposta da pesquisa.

4 PROGRAMAS DE MAI NA UNIPAMPA

Neste capítulo, traremos informações sobre os programas institucionalizados, ou seja, programas aos quais a Universidade Federal do Pampa aderiu, fomenta e promove/promoveram a mobilidade acadêmica na Instituição.

Como mencionado anteriormente, a internacionalização na Universidade Federal do Pampa teve seu início em 2011 com a criação da ARInter. No ano seguinte, houve o *boom* da mobilidade acadêmica do país com a primeira seleção do Programa Ciência sem Fronteiras e a adesão da Unipampa ao Programa Bolsas Ibero-América Estudantes de Graduação (Santander). Já em 2013, a universidade foi credenciada junto ao Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras – GCUB; em 2014, aderiu ao Programa Bracol (Brasil – Colômbia), promovido por esta associação e, em 2015, ocorreu a adesão ao Programa Bramex (Brasil – México). Além destes programas que serão descritos ao longo deste capítulo, a universidade também aderiu ao programa Capes – Brafitec, proporcionando períodos de estudos na França para seus acadêmicos, e fomenta a mobilidade acadêmica internacional por meio de Acordos de Cooperação.

4.1 CsF - Ciência sem Fronteiras¹⁰

O primeiro programa de mobilidade acadêmica internacional ao qual os estudantes de graduação da Unipampa tiveram acesso foi o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF). O Programa foi uma iniciativa conjunta dos Ministérios da Educação (MEC) e da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e foi instituído pelo Decreto Nº 7.642 de 13 de dezembro de 2011:

Com o objetivo de propiciar a formação e capacitação de pessoas com elevada qualificação em universidades, instituições de educação profissional e tecnológica, e centros de pesquisa estrangeiros de excelência, além de atrair para o Brasil jovens talentos e pesquisadores estrangeiros de elevada qualificação, em áreas de conhecimento definidas como prioritárias. (BRASIL, 2011).

Com ênfase nas áreas da ciência, tecnologia e inovação, o programa buscava consolidar, expandir a competitividade brasileira por intermédio da

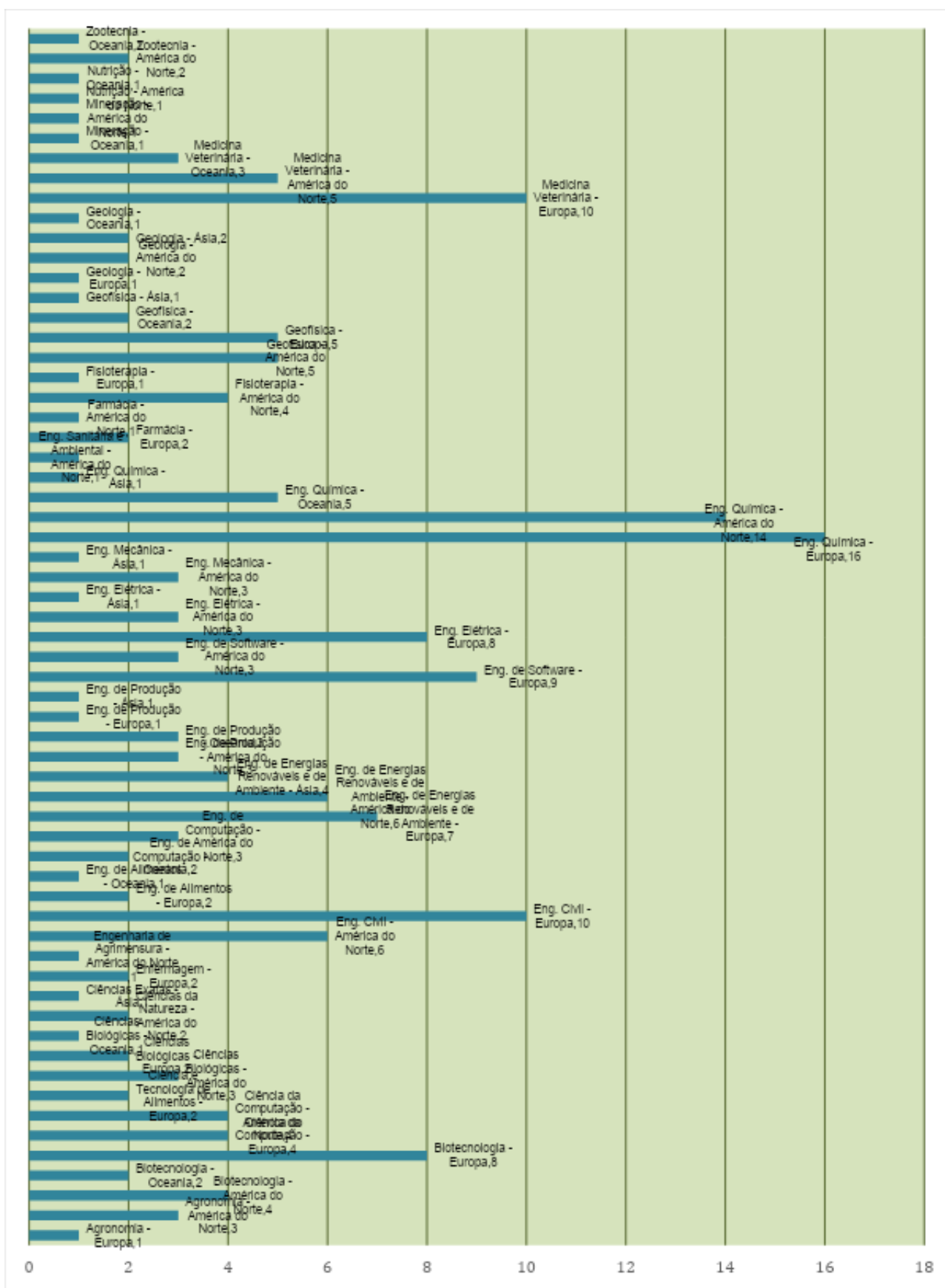
¹⁰ Para conhecer mais sobre o CsF: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csfi/graduacao>

mobilidade acadêmica Internacional. As modalidades de bolsas do programa eram: pós-doutorado, doutorado pleno, doutorado-sanduíche, educação profissional e tecnológica e graduação-sanduíche (foco de nossa pesquisa).

As bolsas de graduação-sanduíche têm como público-alvo estudantes de graduação das áreas de conhecimento prioritárias, matriculados em instituições de ensino superior do País, considerando entre outros critérios de seleção, o melhor desempenho acadêmico. (BRASIL, 2011).

As bolsas eram custeadas pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e os valores giravam em torno de R\$ 2.000,00 mensais por estudante que, além desse valor, ainda recebiam auxílio-instalação, auxílio material didático, passagens aéreas e seguro saúde, o montante a ser recebido variava de acordo com o país de destino. Os estudantes contemplados recebiam a bolsa por doze meses e essa poderia ser prorrogada por mais seis meses caso frequentassem curso de idioma. De 2012 a 2014, período da mobilidade pelo Programa, a Unipampa enviou ao exterior 211 de seus estudantes. Os destinos e os cursos podem ser visualizados no Gráfico 2, que segue:

GRÁFICO 1 – CsF - Cursos de origem e destinos dos estudantes



Fonte: Autora (2019).

Conforme os dados apresentados no Gráfico 1, o curso de Engenharia Química, do Campus Bagé, foi o que mais teve estudantes selecionados para realizar intercâmbio pelo Programa, 35 no total. A Europa foi o continente que mais recebeu estudantes do curso, 15 discentes, seguida pela América do Norte (14), Oceania (5) e Ásia (1).

O continente europeu foi o que recebeu mais estudantes da Unipampa no geral, para onde viajaram 86 estudantes, para a América do Norte foram 81 discentes, Oceania 33 e para o continente asiático 11. Os cursos que enviaram estudantes, mesmo que em pequena quantidade para os quatro destinos que receberam estudantes pelo Programa (América do Norte, Ásia, Europa e Oceania) foram: Engenharia de Produção (8 estudantes) e Engenharia Química (35 discentes), do Campus Bagé, e Geofísica (8 discentes) Geologia (6 estudantes) do Campus Caçapava do Sul.

O Programa Ciência sem Fronteiras, sem dúvidas, foi o que mais ofertou vagas até o momento para a Unipampa o que justifica a diversidade de cursos, de destinos e o número de estudantes contemplados que tiveram a oportunidade de realizar estudos no exterior. Infelizmente, no ano de 2017 o CsF foi encerrado após ofertar cerca de 104 mil bolsas a estudantes brasileiros entre 2011 e 2016, totalizando mais de 13 bilhões de reais em investimentos. Pelo caráter dessa pesquisa, não cabe aqui discutir as razões que levaram ao fim do Programa, mas sim ressaltar a grande oportunidade que tiveram os discentes e a Unipampa, uma universidade jovem e em fase de implantação.

4.2 Programa de Bolsas Ibero-América Estudantes de Graduação - Santander¹¹

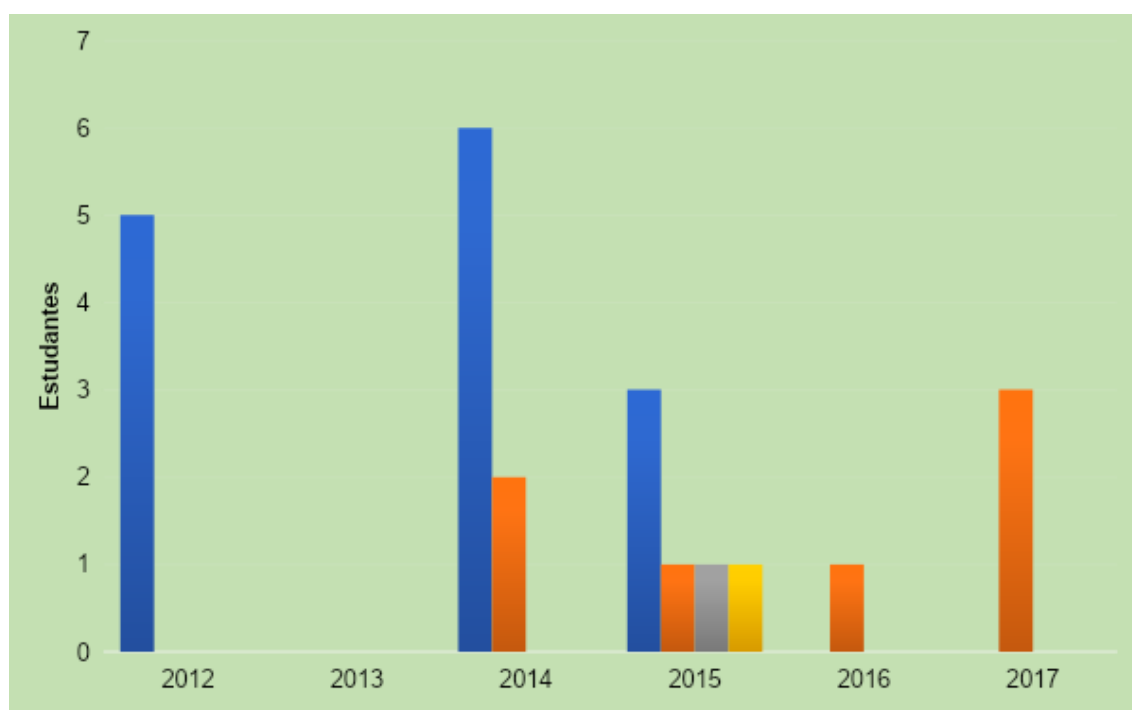
O segundo programa de mobilidade internacional ao qual a Unipampa aderiu foi o Programa Bolsas Ibero-América Estudantes de Graduação (Santander), que tem como principal objetivo propiciar aos estudantes indicados pelas IES conveniadas ao Santander, a realização de períodos de estudos em cursos de renomadas universidades Ibero-Americanas, com oportunidade de acesso a culturas estrangeiras. De 2012 a 2015, a universidade pode ofertar a seus

¹¹ Para mais informações:

https://www.santander.com/csgs/Satellite/CFWCSancomQP01/pt_BR/Corporativo/Sustentabilidade/Santander-Universidades-/Bolsas-Ibero-America-Estudantes-de-Gradua%C3%A7%C3%A3o-.html

estudantes 05 bolsas anuais para os seguintes países Argentina, Brasil, Espanha, Chile, Colômbia, México, Peru, Portugal, Porto Rico e Uruguai. Em 2016, houve uma redução no número de bolsas para 03 e, no ano de 2017, a Unipampa perdeu o vínculo com o Santander, o que possibilitava a oferta das bolsas de mobilidade internacional, por decisão do banco que alegava corte nos gastos. Já em 2018, as relações foram retomadas, no entanto, com apenas 02 bolsas. Ao todo, 23 bolsas no valor de 3000 euros foram ofertadas na universidade e, no gráfico a seguir, é possível observar o destino dos universitários da Unipampa em cada ano do programa.

GRÁFICO 2 – Programa Bolsas Ibero Americanas Estudantes de Graduação (Santander) – Ano x Destino



Fonte: Autora (2019).

Podemos observar no gráfico 2 que o destino que mais recebeu estudantes da Unipampa pelo programa foi o México, em especial na segunda (6 estudantes) e na primeira (5 discentes) edições na universidade. A ausência de quantitativo de estudantes em mobilidade no ano de 2013 dá-se pelo fato de que os estudantes selecionados naquele ano optaram por iniciar seus estudos no exterior no ano seguinte, já que a bolsa ofertada fica disponível por 18 meses.

O segundo destino mais procurado, e mais recorrente (em 4 dos 6 anos do Programa na instituição), foram as universidades portuguesas que enviaram suas cartas de aceite para 7 estudantes da Unipampa e proporcionaram estudos em suas instalações por um semestre letivo. Os outros países para os quais estudantes da Unipampa viajaram foram: Argentina e Uruguai, uma estudante para cada um dos países.

Mesmo que o acordo tenha sido retomado com menos bolsas do que a Unipampa dispunha anteriormente, não se pode deixar de destacar a relevância do Programa para a universidade, já que atualmente, assim com o Capes-Brafitec, oferta bolsas que possibilitam o custeio de alguns dos gastos dos estudantes antes e durante a mobilidade. Considerando que o custeio das despesas por auxílio financeiro (institucional, por acordo de cooperação ou governamental) é um dos fatores que mais contribuem para motivar o estudante a realizar a mobilidade, este é o programa que mais recebe inscrições em seus processos seletivos.

A seguir serão abordados os dois programas aos quais a Unipampa aderiu e que são promovidos pelo Gcub, alavancando a mobilidade no continente americano: Bracol e Bramex.

4.3 Bracol – Programa Brasil-Colômbia¹²

Em 2012, a universidade finalizou o processo de credenciamento junto ao GCUB e, após isso, o Grupo consultou a Unipampa sobre o interesse em participar do Programa Bracol. Este projeto foi lançado em 2014 e que prevê a mobilidade de, ao menos, 02 estudantes por instituição por semestre (mobilidade incoming e outgoing). Os estudantes brasileiros são selecionados em suas universidades de origem para realizar estudos, durante um semestre letivo, em uma das universidades credenciadas na *Asociación Colombiana de Universidades (ASCUN)*, na Colômbia, bem como os colombianos são selecionados para estudar em universidades credenciadas ao GCUB.

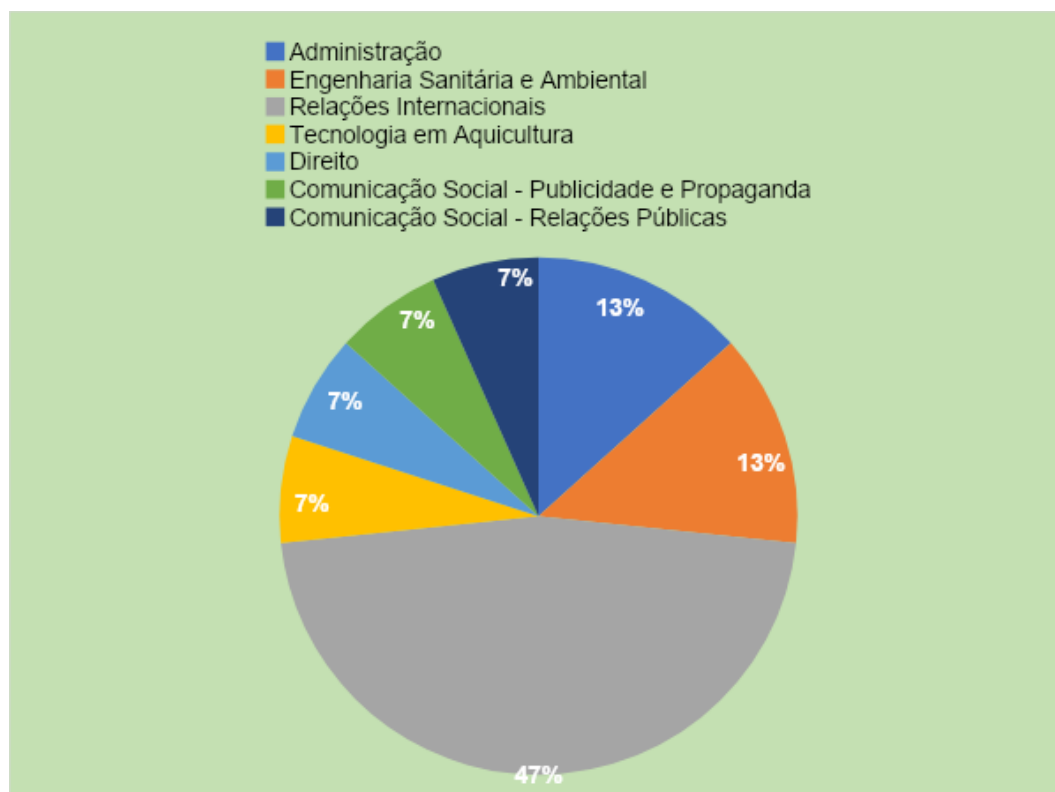
Até a realização da presente pesquisa, 17 estudantes foram beneficiados pelo programa que não possui bolsa, mas a garantia de alojamento e alimentação

¹² Página sobre o Programa:
<http://www.grupocoimbra.org.br/Programas/PaginaProgramas.aspx?programaID=13>

subsidiados pela universidade de destino. No caso da Unipampa, como não há restaurante universitário e casa do estudante em todas as 10 unidades acadêmicas, a alta gestão da Universidade decidiu pagar uma bolsa de R\$ 1.000,00 mensais aos acadêmicos colombianos que permanecem na universidade por um semestre letivo. Além desses benefícios que constam no Acordo de Cooperação, há a isenção de taxas universitárias e outros benefícios que as universidades desejarem.

No Gráfico 3, que segue, apresentamos os cursos de origem (Unipampa) com mais mobilidade pelo Programa.

GRÁFICO 3 – Bracol – Cursos de origem



Fonte: Autora (2019).

Como podemos observar no gráfico anterior, o curso da Unipampa que mais enviou estudantes para realizar período acadêmico na Colômbia foi Relações Internacionais, com quase metade dos intercambistas, ou seja, 7. O curso que está situado na cidade de Santana do Livramento, na maior parte dos processos seletivos para mobilidade acadêmica internacional, é o que mais tem candidatos inscritos. Além disso, como uma parte do processo seletivo é a prova de

suficiência em Língua Espanhola, e estes acadêmicos estudam língua estrangeira no curso e/ou fora dele, geralmente ficam com as melhores notas nesta etapa, somadas ao currículo.

Outro fator para as melhores notas também é o contato direto com falantes de língua espanhola devido à proximidade com a cidade uruguaia de Rivera. Esse mesmo fato pode explicar que 13%, de um total de 15 intercambistas, sejam do curso de Administração, que também está no mesmo *campus* da universidade, número igual ao curso de Engenharia Sanitária e Ambiental (2 discentes), do campus Caçapava do Sul, mais ao centro do estado.

Além dos já citados, foram para as universidades colombianas um estudante de Tecnologia em Aquicultura (Campus Uruguaiana), um de Direito (do Campus Santana do Livramento) e um de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda e um de Comunicação Social – Relações Públicas (Campus São Borja), cada um deles equivalendo a 7% do total.

Apesar de não oferecer auxílio financeiro, como já mencionado anteriormente, o Programa sempre foi bem recebido pelos estudantes que, após o processo seletivo, cientes desta situação esforçam-se para angariar recursos que possibilitem sua mobilidade. No entanto, esta ausência de auxílio também é um dos fatores que justificam o baixo número de inscritos em cada edital lançado (uma média de 3 candidatos por vaga).

O próximo subcapítulo aborda outro programa proporcionado pelo Gcub, para o México - Programa Bramex.

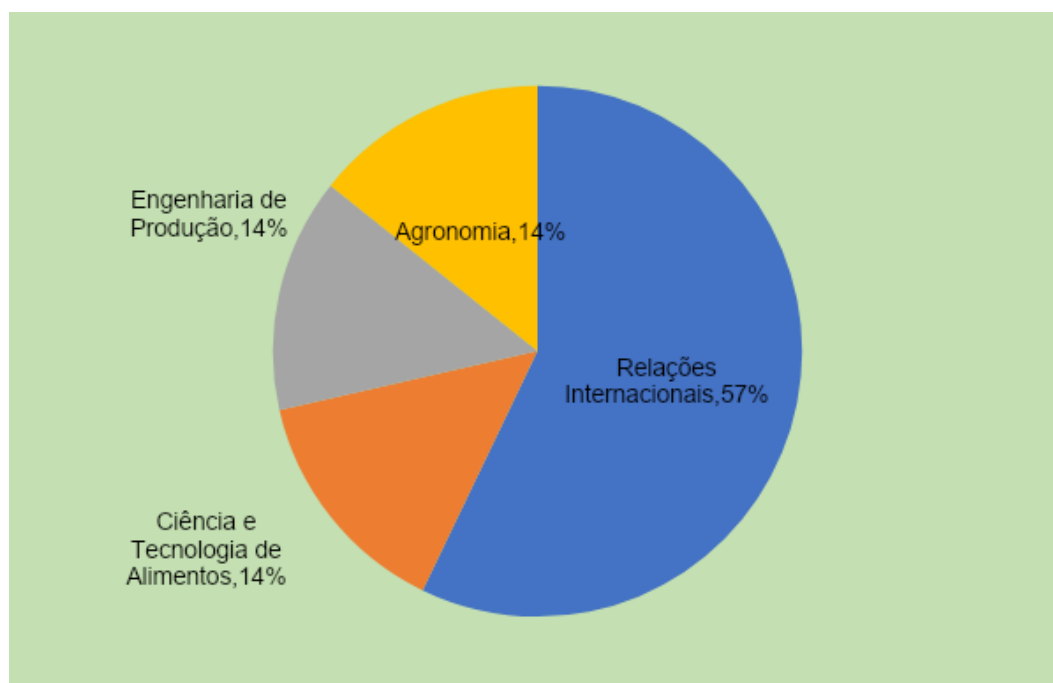
4.4 Bramex – Programa Brasil-México¹³

No ano de 2016, a Universidade Federal do Pampa passou a fazer parte do Programa Bramex, também por intermédio do GCUB, oferecendo 02 vagas para intercâmbio por semestre. Nos mesmos moldes do Programa Bracol, os estudantes selecionados em suas universidades podem cursar um semestre letivo em universidade mexicana credenciada à *Asociación Nacional de Universidades e Instituciones de Educación Superior (Anuies)*.

¹³ Para conhecer mais sobre o Programa: <http://www.grupocoimbra.org.br/Programas/PaginaProgramas.aspx?programaID=18>.

Com destino a estas universidades já saíram do país 09 estudantes da Unipampa pelo Programa mencionado. O Gráfico 4, a seguir, apresenta informações sobre os cursos de origem dos estudantes da Unipampa.

GRÁFICO 4 – Bramex – Cursos de origem



Fonte: Autora (2019).

Considerando o gráfico anterior é possível perceber o mesmo fato observado no Programa Bracol, onde a maioria dos estudantes é do curso de Relações Internacionais. O melhor desempenho desses estudantes, como já comentado anteriormente, deve-se também ao fato do excelente desempenho na prova de Língua Espanhola, exigência do Edital.

Pela natureza do Curso, estes estudantes apresentam amplos conhecimentos em línguas, o que tem contribuído para esse alto índice de aprovação. Dos 7 alunos que cursaram semestre em universidades mexicanas, 4 são de RI. Os demais estudantes são dos cursos de Ciência e Tecnologia de Alimentos e Agronomia, ambos do Campus Itaqui, e Engenharia de Produção, do Campus Bagé, sendo cada curso teve 1 estudante selecionado para realizar estudos em universidades mexicanas.

A seguir, o programa Capes-Brafitec, que proporciona períodos de mobilidade acadêmica na França, e que faz parte dos programas institucionalizados na Unipampa desde 2015.

4.5 Programa Capes-Brafitec

Outro programa que fomenta a mobilidade acadêmica internacional na Unipampa é o Capes-Brafitec, que tem como objetivo desenvolver projetos conjuntos de pesquisa em todas as especialidades de Engenharia. A mobilidade é exclusiva para o nível de graduação, por meio de intercâmbios em ambos os países, promovendo a aproximação de estruturas curriculares e a equivalência e reconhecimento de créditos. A mobilidade é realizada na modalidade graduação sanduíche e os estudantes selecionados contam com os seguintes benefícios: mensalidade (€ 600,00), auxílio deslocamento, auxílio instalação e seguro saúde por um semestre, prorrogável por mais um.

Segundo as diretrizes disponíveis na página da Capes:

O Programa BRAFITEC (*Brasil/França Ingénieur Technologie*) é uma iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, do Ministério da Educação do Brasil, e da *Conférence des Directeurs des Écoles Françaises d'Ingénieurs (CDEFI)*, com o apoio do *Ministère des Affaires Étrangères (MAE)* e do *Ministère de l'Enseignement Supérieur et de la Recherche (MESR)* da França, para fomentar parcerias institucionais nas especialidades de engenharia estimulando o intercâmbio de estudantes de graduação. (BRASIL, 2008, p. 1).

A seleção é realizada inicialmente na universidade de origem e, para participar do processo seletivo, o estudante deve comprovar a conclusão de 50% dos créditos requeridos em seu curso, estar cursando até o 8º semestre na ocasião do início do intercâmbio e apresentar certificado de proficiência no idioma do país de destino (ou inglês, conforme o caso), de acordo com as Diretrizes do Programa. Após essa etapa, as candidaturas são enviadas para a Capes, que, em reunião anual, fará a classificação das candidaturas enviadas.

Cabe destacar que para que as universidades possam receber e enviar estudantes pelo Programa Capes-Brafitec, também é necessário que as mesmas assinem um acordo bilateral de cooperação, o qual deve garantir o reconhecimento dos créditos cursados.

A Unipampa, desde o ano de 2015, proporciona aos seus estudantes a oportunidade de fazer parte do Programa e, ao todo, 12 estudantes realizaram a graduação-sanduíche em instituições francesas, vinculados ao projeto Risco Ambiental na Engenharia: Ênfase ao Treinamento em Empresa, sob coordenação do Prof. Regis Sebben Paranhos (Campus Caçapava do Sul).

A seguir, no Gráfico 5, visualizamos os cursos e respectivos números de acadêmicos selecionados no Programa.

GRÁFICO 5 – Capes-Brafitec – cursos de origem



Fonte: Autora (2019).

No Gráfico 5, podemos observar a prevalência do curso de Engenharia Química no processo seletivo do Programa, foram 8 estudantes, um percentual de quase 67% do total. Já do curso de Engenharia de Produção foram selecionados 4 discentes. Ambos os cursos de Engenharia estão no Campus Bagé.

Por último, a MAI via Acordo de Cooperação Internacional, que, mesmo sem auxílio financeiro, também contribui para os números da mobilidade *outgoing* na Unipampa.

4.6 Mobilidade por Acordo de Cooperação Internacional¹⁴

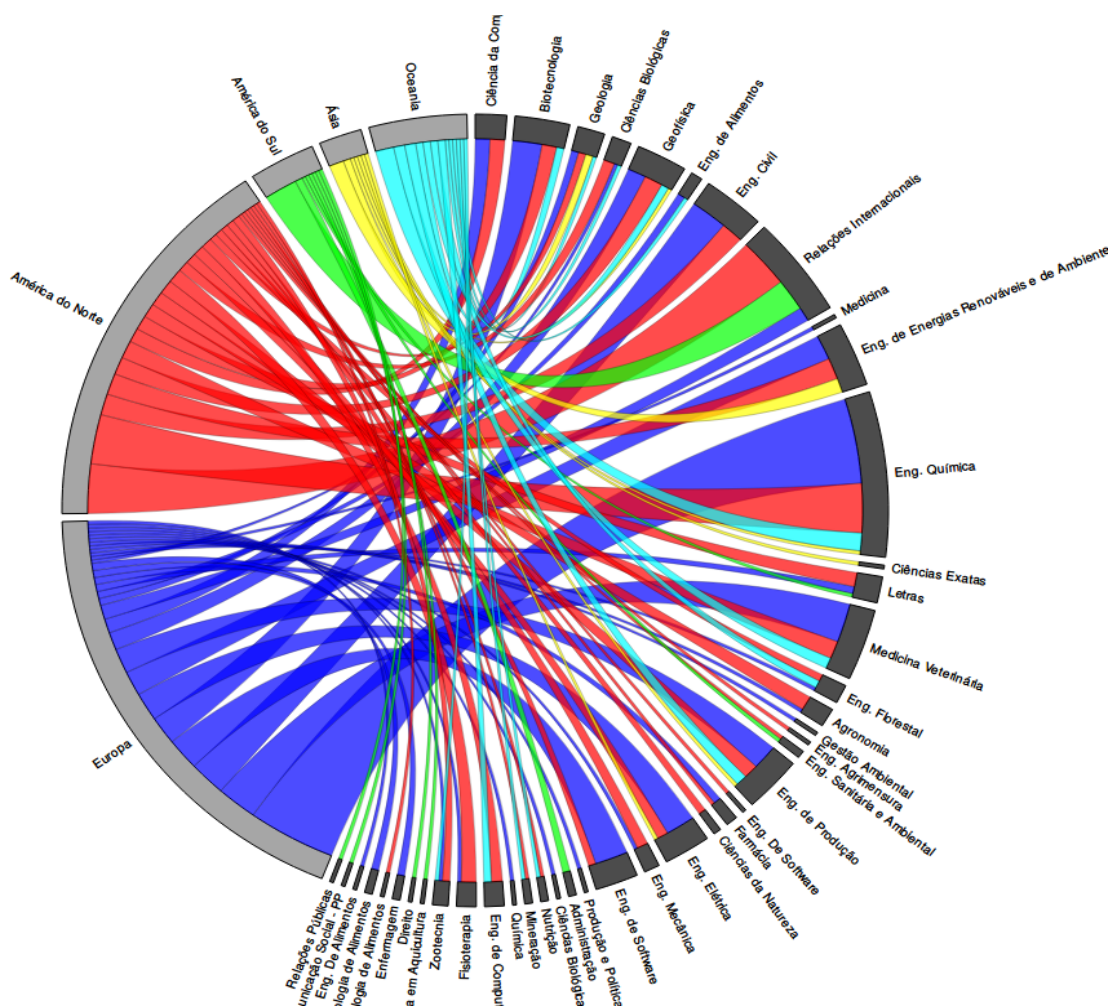
Os programas institucionalizados apresentados aqui são, como é possível perceber, vinculados a outras instituições que fomentam as bolsas ou isentam os estudantes de taxas e concedem outros benefícios. Há ainda na universidade outra modalidade de intercâmbio internacional: a Mobilidade por Acordo de Cooperação Internacional. Nesse caso, o estudante viaja por conta própria, sem participar de nenhum dos programas ou de processo seletivo na universidade de origem, no entanto, para que seus estudos no exterior sejam validados na Unipampa, é necessário que as instituições (origem e destino) firmem Acordo de Cooperação Internacional. Incluídos nessa modalidade estão 05 estudantes que estudaram na Europa, entre 2013 e 2018: um estudante de Dom Pedrito, dois de Santana do Livramento e dois de Uruguaiana.

Em todos os casos citados anteriormente, é exigido, pela Unipampa, como documentação do processo seletivo, que seja elaborado, junto com coordenador de curso, um Plano de Estudos, como garantia do aproveitamento dos créditos cursados no exterior. A candidatura, na maioria dos casos, é realizada pelo setor de relações internacionais da Unipampa diretamente com o setor de mobilidade da universidade no exterior, que também solicita a carta de aceite da instituição de destino.

Algumas universidades, em especial as portuguesas, permitem que o estudante submeta sua candidatura em página específica, mas, em sua maioria, as candidaturas são realizadas pela universidade de origem. Além disso, o estudante tem a obrigação de contratar seguro saúde e visto para que seja autorizada sua mobilidade pelas universidades envolvidas (origem e destino).

No Gráfico que segue, é possível observar um panorama geral da mobilidade acadêmica relacionando os cursos dos estudantes da Unipampa e seus destinos de estudos:

¹⁴ Para saber mais sobre este tipo de mobilidade: <http://porteiros.r.unipampa.edu.br/portais/daeinter/mobilidade/graduacao/estudante-unipampa-no-externo-outgoing/>

GRÁFICO 6 – Curso x Destino¹⁵

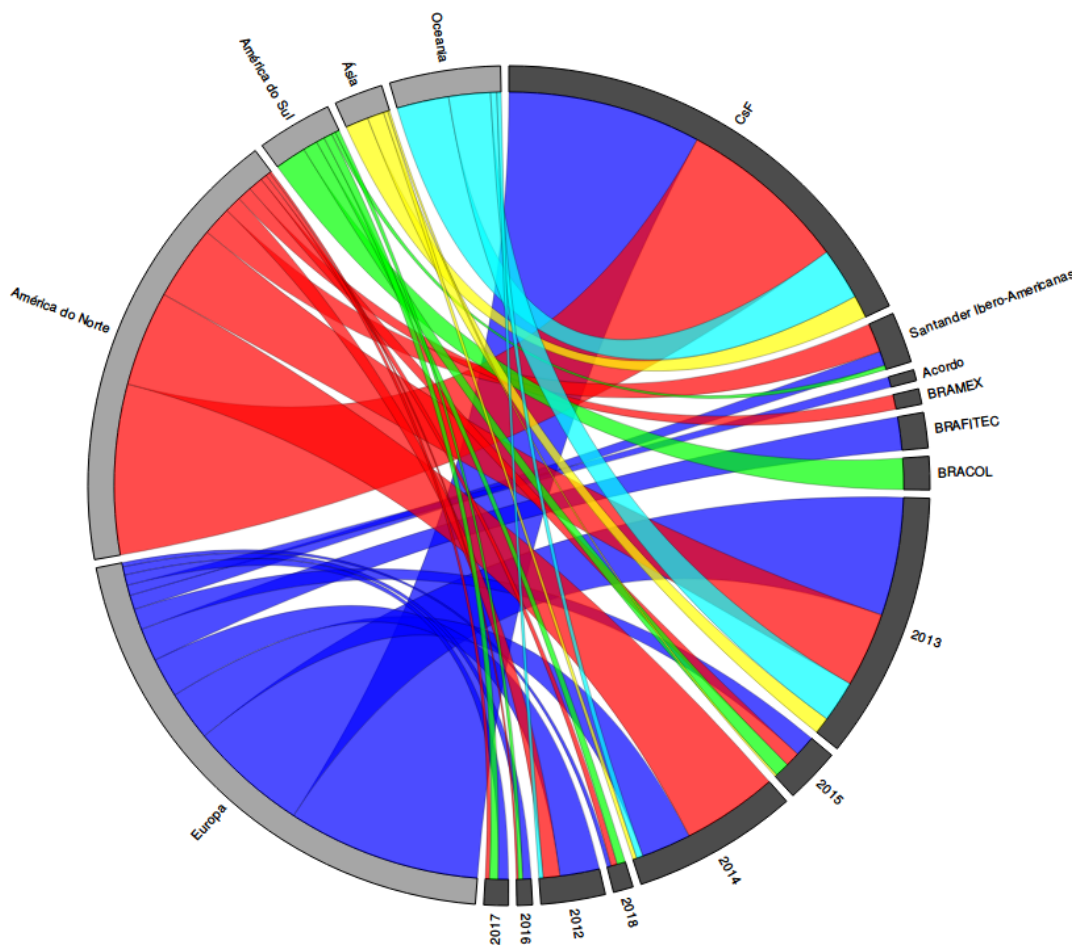
Fonte: Autora (2018).

Visualizando o Gráfico anterior, é possível identificar (em azul) que a maioria dos estudantes da Unipampa cursaram seus estudos na Europa, totalizando 122 intercambistas dos mais diversos cursos de origem e destino. O destaque é para os cursos de Engenharia Química, 24 estudantes, e Medicina Veterinária, 11 estudantes. O segundo destino mais procurado pelos estudantes foi a América do Norte (seguida por Oceania e Ásia) com 103 estudantes, sendo que Engenharia Química e Relações Internacionais enviaram 14 estudantes cada ao exterior.

A seguir, trazemos um infográfico que relaciona o programa de Mobilidade, o ano em que a mobilidade ocorreu e o destino:

¹⁵ Este gráfico é interativo, para explorá-lo acesse <http://sandro.pro.br/tmp/paula/chord.html> O link de acesso ao gráfico possui estas informações porque foi gerado com o auxílio e na conta do Prof. Sandro Camargo. Por isso o nome “Sandro” no link.

GRÁFICO 7 – Mobilidade Acadêmica Internacional *Outgoing* - Programa x Ano x Destino¹⁶



Fonte: Autora (2018).

Conforme os dados do gráfico 7, o ano em que ocorreu maior número de mobilidades na Unipampa foi 2013. De acordo com os registros, foram 121 estudantes vinculados à universidade realizando seus estudos no exterior, o que equivale a aproximadamente 1,39% do total de estudantes matriculados nos cursos presenciais naquele ano. Também foram 121 os estudantes que viajaram para a Europa, continente que mais recebeu estudantes da Unipampa, ou seja, quase 43,7% do total dos estudantes que realizaram mobilidade acadêmica no exterior (entre 2012 e 2018), seguido de perto pela América do Norte com 103 discentes (37,2%).

¹⁶ Este gráfico é interativo, para explorá-lo acesse <http://sandro.pro.br/tmp/paula/chord1.html> O link de acesso ao gráfico possui estas informações porque foi gerado com o auxílio e na conta do Prof. Sandro Camargo. Por isso o nome "Sandro" no link.

Apresentamos neste capítulo os 3 programas que fomentaram/fomentam a mobilidade acadêmica internacional *outgoing* na Universidade Federal do Pampa, entre os anos de 2012 e 2018. O destaque fica com o Programa Ciência sem Fronteiras por ter possibilitado que 211 estudantes da Unipampa cursassem um período de estudos no exterior.

O próximo capítulo refere-se à institucionalização da MAI na Unipampa, em que abordaremos os documentos que preveem a mobilidade acadêmica estudantil na universidade: Resolução nº 29/2011 (Normas de Graduação), PDI 2014-2018 e a Resolução nº 197/2018 (Plano Institucional de Internacionalização).

5 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA MAI NA UNIPAMPA

Neste capítulo abordaremos os documentos institucionais que preveem a mobilidade acadêmica internacional, sempre com foco na modalidade *outgoing* e de que maneira a Unipampa contempla em suas resoluções este tipo de mobilidade.

Para Perlin (2019, p. 777), “[...] a mobilidade estudantil e outras formas de intercâmbio e contato podem ajudar as universidades a desempenhar seu papel na sociedade, sendo a mobilidade de alunos, servidores e funcionários imprescindível na modernização das universidades”. Desta forma, as universidades precisam ter como objetivo fomentar a internacionalização também através da mobilidade acadêmica internacional.

Inicialmente o documento a ser analisado é a Resolução nº 29 de 28 de abril de 2011, que trata das Normas de Graduação; posteriormente, trataremos as ações previstas no Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI 2014-2018; na sequência, abordaremos a Resolução nº 197 de 26 de abril de 2018, que trata do Plano de Internacionalização da Unipampa.

5.1 Normas básicas de graduação

A Resolução nº 29, de 28 de abril de 2011, abrange as normas de graduação incluindo: matrícula, transferência, estágio e mobilidade, entre outros aspectos relacionados à vida acadêmica do estudante na Unipampa. No capítulo VII (DO PROGRAMA DE MOBILIDADE ACADÊMICA INTERINSTITUCIONAL (PROGRAMA DE INTERCÂMBIO)) é abordada a mobilidade acadêmica, no entanto, não menciona a modalidade *outgoing*, apenas a mobilidade nacional e a internacional *incoming*.

Art. 25 O Programa de Mobilidade Acadêmica Interinstitucional permite ao discente de outras IES cursar componentes curriculares na UNIPAMPA, como forma de vinculação temporária pelo prazo estipulado no Convênio assinado entre as Instituições. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, 2011, p.5).

Além deste fator, ainda podemos observar que existem requisitos para a mobilidade *incoming*, que também foram adotados no setor de relações internacionais para a mobilidade *outgoing*. Para realizar as duas modalidades de mobilidade, é necessário que seja firmado um acordo de cooperação internacional entre as instituições; os componentes dos primeiro e segundo semestres devem ter sido integralizados; o estudante não pode ter mais de uma reprovação por semestre; deve ser elaborado um plano de estudos (em conjunto com o coordenador de curso) que precisa ser aprovado pela Comissão de Curso e, claro, possuir autorização de ambas as instituições para a realização da mobilidade. Esta autorização, no que se refere à instituição de destino, pode ser através de carta de aceite ou outra comunicação oficial. Sobre a participação dos estudantes da Unipampa na MAI, a Resolução nº 29/2011 traz o seguinte:

Art. 28 O Programa de Mobilidade Acadêmica Interinstitucional permite ao discente da UNIPAMPA cursar componentes curriculares em outras IES na forma de vinculação temporária, de acordo com as regras do Convênio e da Instituição receptora. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, 2011, p. 5-6).

Cabe ainda destacar que o estudante em mobilidade, seja ela *outgoing* ou *incoming* permanece com vínculo temporário na instituição de destino, devendo observar suas normativas. O estudante em mobilidade tem o direito de acessar todas as estruturas da instituição de destino, da mesma forma que os estudantes regulares, bem como outras determinações que se encontrem no Acordo de Cooperação Internacional entre as instituições de educação superior.

5.2 Plano de Desenvolvimento Institucional

O PDI 2014-2018 tem como objetivo o planejamento institucional na Unipampa para o período de sua vigência. “Organizado em quatro eixos estruturantes - Excelência Acadêmica, Aperfeiçoamento Institucional, Dimensão Humana e Compromisso Social - especificam as ações a serem realizadas” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, 2013, p. 20). Dentro destes eixos estão os objetivos, as iniciativas, os indicadores e as metas. A seguir podemos observar como está prevista a mobilidade acadêmica internacional no PDI 2014-2018:

(a) Objetivos e metas (eixo excelência acadêmica):

Construir a internacionalização como política institucional perpassando todos os níveis de atuação através da cooperação bilateral e multilateral com instituições internacionais, para ampliação do programa de **mobilidade** de toda a comunidade acadêmica. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, 2013, p. 22, *grifo* nosso).

A internacionalização e a mobilidade acadêmica internacional possuem o caráter de fortalecer os vínculos entre as instituições, estabelecer novas conexões entre estudantes, docentes e pessoal técnico-administrativo favorecendo a produção de conhecimento e a inserção das instituições num cenário de competências globais.

(b) Políticas de Ensino:

“Promoção institucional da **mobilidade acadêmica nacional e internacional** na forma de intercâmbios, estágios e programas de dupla titulação;” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, 2013, p. 32, *grifo* nosso). Segundo Knight (2020, p. 99), “o interesse em programas de dupla titulação está aumentando em todo mundo.” No entanto, também cresce a preocupação com os requisitos necessários e a validade da dupla titulação. É relevante comentar que a mobilidade, foco desta pesquisa, não ocorre da mesma forma e com os mesmos objetivos em todos os países e em todas as instituições. Os países em desenvolvimento tendem a enviar seus estudantes para instituições mais desenvolvidas e de destaque mundial buscando maior desenvolvimento de competências globais em seus futuros egressos. Estas universidades buscam o desenvolvimento regional e até mesmo da nação, através destes estudantes que viajam em busca de uma experiência internacional e de conhecimentos adquiridos nas instituições estrangeiras. De acordo com Castro e Cabral Neto (2012), a necessidade de se adaptar a novas demandas do mercado global passa a exigir reformas na educação que busca uma nova estratégia para melhorar a competitividade entre os países através de uma melhor formação de seus egressos.

(c) Oportunidades diferenciadas de integralização dos cursos:

A **mobilidade acadêmica nacional e internacional** que permite aos alunos de graduação cursar disciplinas em outras IES do país e do exterior. Ao aluno em mobilidade é garantido o vínculo com a instituição e curso de origem assim como o aproveitamento da(s) disciplina(s) cursada(s) em seu Histórico Escolar (carga horária, frequência e nota). (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, 2013, p. 47, *grifo* nosso).

O contexto universitário possibilita o desenvolvimento de diversas habilidades e variados conhecimentos que contribuem para a formação dos futuros profissionais. Esta experiência no exterior favorece o crescimento pessoal que contribuirá para que estes futuros profissionais desempenhem com eficiência e eficácia sua missão em busca da cooperação para um mundo melhor.

(d) Programa de Ações Afirmativas:

“**Apoio à mobilidade acadêmica nacional e internacional** por meio de ajuda de custo para exames de proficiência, obtenção de visto e auxílio moradia e/ou alimentação no intercâmbio;” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, 2013, p. 65, *grifo* nosso). Portanto, não é somente através de oportunidades e vagas de mobilidade que a universidade pode e deve apoiar o desenvolvimento de seus estudantes, mas também em forma de auxílios financeiros para despesas que são inerentes às ações de mobilidade.

Já no que diz respeito aos objetivos a serem atingidos temos o Objetivo 11 do PDI 2014-2018 que busca: “Construir a internacionalização como política institucional perpassando todos os níveis de atuação, através da cooperação bilateral e multilateral com instituições internacionais, para ampliação do programa de mobilidade de toda a comunidade acadêmica “(UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, 2013, p. 100), sendo que as iniciativas e os indicadores são:

TABELA 2 – Iniciativas e indicadores PDI 2014-2018

(continua)

Iniciativa	Indicador
Estímulo à mobilidade internacional estudantil, de docentes e de técnicos, por meio da participação em palestras, minicursos e seminários.	Nº de atividades por ano.
Adesão a novos grupos e consórcios de cooperação acadêmico-científica.	Nº de novas adesões.

TABELA 2 – Iniciativas e indicadores PDI 2014-2018

(conclusão)

Promoção da oportunidade de intercâmbios.	Nº de vagas contempladas em editais para mobilidade internacional.
Captação, implementação e acompanhamento de acordos, convênios e programas interuniversitários internacionais.	Nº de convênios assinados.
	Nº de acordos e convênios tramitando.
Ampla divulgação de oportunidades acadêmicas internacionais junto aos discentes e servidores.	Nº de inscritos.
Assegurar a possibilidade de um período de ajuste ao acadêmico estrangeiro na Unipampa, em que ele possa usufruir da moradia estudantil e da alimentação subsidiada, enquanto organiza os trâmites de aluguel e se apropria das realidades da cidade.	% de estudantes internacionais contemplados.

Fonte: Universidade Federal do Pampa (2013).

As ações de internacionalização devem ser frequentes na rotina das IES e devem ser uma cultura institucional sempre buscando atingir a excelência acadêmica, sendo através da cooperação técnico-científica ou da mobilidade acadêmica internacional, que, representa, além de um ganho pessoal, a inserção da instituição no cenário internacional. Para Stallivieri (2017, p. 45), “a internacionalização deixa de ser externa à vida acadêmica e passa a estar no escopo das decisões políticas e estratégias dos conselhos superiores institucionais, passando a ser a “quarta missão da universidade”. Assim, a partir da Tabela 2, anteriormente apresentada, podemos observar que ações para fomento da internacionalização e da mobilidade estão previstas no Plano de Desenvolvimento Institucional para os anos de 2014 a 2018. Há a previsão de celebração de acordos de cooperação internacional, que em geral, fomentam a mobilidade, seja de discentes, docentes e/ou técnicos da Universidade, a divulgação das oportunidades acadêmicas internacionais sejam elas atividades acadêmicas no exterior ou mobilidade. A partir do momento que a instituição

define em suas metas que o processo de internacionalização deve fazer parte de sua estrutura administrativa, esta estará inserida entre aquelas instituições que acreditam que estas ações proporcionarão maior reconhecimento internacional através de alianças internacionais que ampliam as perspectivas de seus egressos quanto ao mercado de trabalho. De acordo com Stallivieri, uma das necessidades atuais para as universidades é:

[...] formar cidadãos com competências globais; atender às necessidades dos mercados, que exige outro perfil de profissional; responder aos fenômenos como a globalização; assegurar a qualidade dos programas mediante parcerias internacionais; garantir a presença de estudantes em seus quadros discentes como atrativos a mobilidade internacional; concorrer com as melhores instituições para a captação de estudantes estrangeiros pela oferta de seus próprios programas de mobilidade. (STALLIVIERI, 2017, p. 104).

5.3 Plano Institucional de Internacionalização

Com vigência de quatro anos, o Plano Institucional de Internacionalização – PII, foi elaborado, na Unipampa, visando atender às exigências para concorrer ao edital Capes/PrInt (Edital nº 41/2017). Neste documento estão previstas ações que fomentam a internacionalização e todas as atividades inerentes a mesma. O Plano está dividido em 4 eixos a saber: graduação, pós-graduação e pesquisa, extensão e gestão. Não será analisado neste subcapítulo o eixo pós-graduação e pesquisa porque o foco deste estudo é a graduação.

(a) Eixo de Graduação:

Neste eixo está prevista a mobilidade acadêmica internacional como ação para desenvolver a internacionalização:

Quanto ao ensino, a **promoção institucional da mobilidade acadêmica nacional e internacional, na forma de intercâmbios, estágios e programas de dupla titulação** e a implementação de uma política linguística no nível da Graduação e Pós-Graduação [...] que favoreçam a inserção internacional, implicam no reforço da transversalidade da internacionalização, não importando serem presenciais ou semipresenciais. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, 2018, p. 11, *grifo* nosso).

Esta previsão presente no PII favorece a inserção da Universidade no cenário mundial e reforça a transversalidade da internacionalização. É importante

também destacar que os ganhos, embora não sejam em mesma intensidade, também ocorrem nos casos de intercâmbio, estágios e dupla-diplomação semipresenciais.

A modalidade de graduação deve estar associada a **possibilidades não somente de períodos de estudo, mas também de estágio internacional** nas áreas em que a UNIPAMPA possui inserção e protagonismo. Ampliar a oferta de destinos e programas tem de sendo uma **prioridade** associada aos meios de **apoio a tal mobilidade**, tais como oferta de línguas adicionais, aplicação de exames de proficiência e **oportunidades de preparação intercultural**, bem como a iniciação à pós-graduação em contextos internacionais. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, 2018, p. 11, *grifo* nosso).

Sobre a preparação intercultural, Guimarães, Tadeucci e Oliveira (2013) comentam que foi a partir dos anos 50 que começou a crescer o interesse pela interculturalidade, já que ela vai permitir aos indivíduos conhecer o que diferencia uma cultura da outra e o que é semelhante nas sociedades. Como pode ser observado no excerto do PII da Unipampa, a previsão de mobilidade se dá nos dois sentidos, *outgoing* e *incoming*, e com a possibilidade de programas de dupla titulação¹⁷. De acordo com a Declaração da III Conferência CRES:

[...] os sistemas de educação superior devem pintar-se de muitas cores, reconhecendo a interculturalidade dos nossos países e comunidades, para que a educação superior seja um meio de igualdade e de ascensão social e não um ambiente de reprodução de privilégios. Não podemos ficar calados perante as carências e as dores do homem e da mulher, como sustentou Mario Benedetti com veemência, “há poucas coisas tão ensurdecedoras como o silêncio. (CONFERÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, 2018).

Além disto, traz, na mesma página 11, que a mobilidade não consiste apenas em períodos de estudo no exterior, pode também ser em forma de estágio, tanto em instituições de ensino quanto empresas. Segundo Santos e Miranda (2014) a MAI proporciona ao estudante a oportunidade de se relacionar com diferentes culturas e profissionais em um ambiente novo, com novas realidades e perspectivas. Assim, neste contexto de globalização da internacionalização, e conseqüentemente da MAI, as instituições de educação

¹⁷ Os programas de dupla titulação internacionais são parcerias institucionais pelas quais, ao final de um período de estudos, os estudantes se formam com dois diplomas reconhecidos em ambos os países. Em geral envolve de um período maior de estância na universidade estrangeira, mais que os seis meses habituais da mobilidade “convencional”.

superior precisam ser internacionais e culturalmente compatíveis com a sociedade contemporânea, buscando uma melhor formação acadêmicas para seus estudantes e melhores condições de ingresso no mercado de trabalho (FRAGUEIRO; MIRANDA, 2016).

(b) Eixo Extensão:

No que diz respeito à Extensão, o Plano de Desenvolvimento Institucional prevê o apoio a programas de extensão interinstitucionais sob forma de consórcios, redes ou parcerias, bem como apoio a atividades voltadas para o **intercâmbio nacional e internacional**. Mas é importante entender que as atividades de extensão e cultura vão além das ações de intercâmbio. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, 2018, p. 11, *grifo* nosso).

A internacionalização da educação superior vai além de dar oportunidades para os estudantes cursarem componentes no exterior ou realizarem estágios internacionais, é importante, mas limitado. Os processos de internacionalização devem objetivar a cooperação como ferramenta para o desenvolvimento das instituições com a definição de metas e ações que permitam a participação ativa de todos os atores institucionais elevando as universidades aos maiores níveis acadêmicos na oferta de cursos e serviços institucionais. Reconhecer estes objetivos como os eixos principais na internacionalização das IES conduzirá ao desenvolvimento de políticas eficazes para o seu desenvolvimento.

(c) Eixo Gestão:

No presente eixo o foco é a busca pelo desenvolvimento de acordos com instituições estrangeiras com o objetivo de firmar parcerias efetivas para o fomento de ações para a internacionalização (em todos seus âmbitos): “Atualmente a Unipampa coopera com aproximadamente 30 instituições, objetivando: **intercâmbio de discentes**, docentes e técnicos e cooperação técnica e científica.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, 2018, p. 16, *grifo* nosso).

A cooperação é reconhecida como uma atividade chave para a melhora da qualidade da educação superior. A cooperação internacional entre instituições fomenta a possibilidade de apoio ao desenvolvimento das IES e de suas

estruturas acadêmicas e o intercâmbio de ideias está na base desta construção/reconstrução das Universidades. Ninguém prospera sozinho.

Já os objetivos gerais da internacionalização da Unipampa estão divididos em 12 itens e o mais relevante para nossa pesquisa é o “4.9 Reincluir aqueles que realizaram mobilidade no exterior e incentivar visitantes a voltarem aos seus contextos;” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, 2018, p. 10). No eixo da graduação, item 5, a mobilidade, os estágios e os programas de dupla diplomação constituem as ações para a promoção da inserção internacional da instituição.

Reconhecer a internacionalização e a mobilidade como missões das IES levará, certamente, ao fomento de ações que as colocarão em destaque no cenário mundial e elevará a qualidade formativa de seus egressos. De acordo com a Declaração Mundial sobre a Educação Superior no Século XXI (2009), a qualidade requer também que a Educação Superior seja caracterizada por sua dimensão internacional e isso ocorre por meio de intercâmbio de conhecimentos, criação de sistemas interativos, mobilidade de professores e estudantes e projetos de pesquisa internacionais, sempre levando em consideração os valores culturais e as situações das nações.

No presente capítulo, verificamos de que forma e em quais documentos institucionais está prevista a mobilidade acadêmica internacional na Universidade Federal do Pampa e observamos que a Universidade ainda carece de um documento normatizador específico para esta ação de internacionalização.

Adiante, no capítulo 6, traremos os olhares discentes sobre a MAI e suas vivências no período de estudos no exterior no que diz respeito aos âmbitos pessoal, acadêmico, profissional e à relação com a inovação pedagógica.

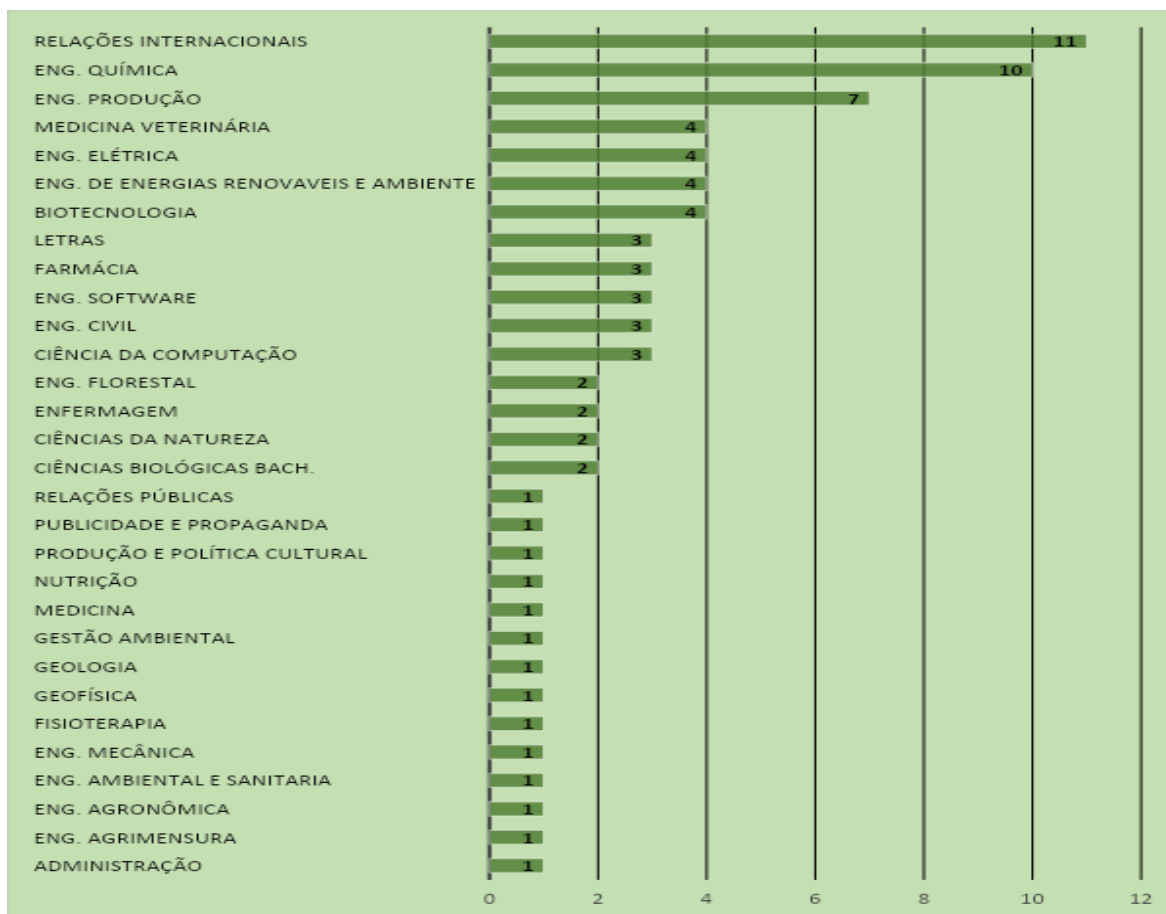
6 A MAI NO OLHAR DISCENTE

Nesta sessão, abordaremos as categorias que emergiram da análise das respostas dos estudantes no questionário *on line* (APÊNDICE C) aplicado no mês de março de 2020. A partir da ATD realizada, foram organizadas categorias conforme pode ser visualizada na TABELA 1 (que consta na página 33). Utilizamos as seguintes categorias finais: CAT1 - A MAI no contexto pessoal, CAT2 - A MAI no contexto acadêmico, CAT3 - A MAI como possibilidade de inovação pedagógica e CAT4 - A MAI no contexto profissional.

Primeiramente, apresentamos o perfil dos respondentes ao questionário, com informações relacionadas ao curso de origem, ao ano de realização da mobilidade, ao país de destino, ao programa e ao curso de destino.

O Gráfico 8 apresenta os dados dos 81 discentes respondentes quanto ao seu curso de origem:

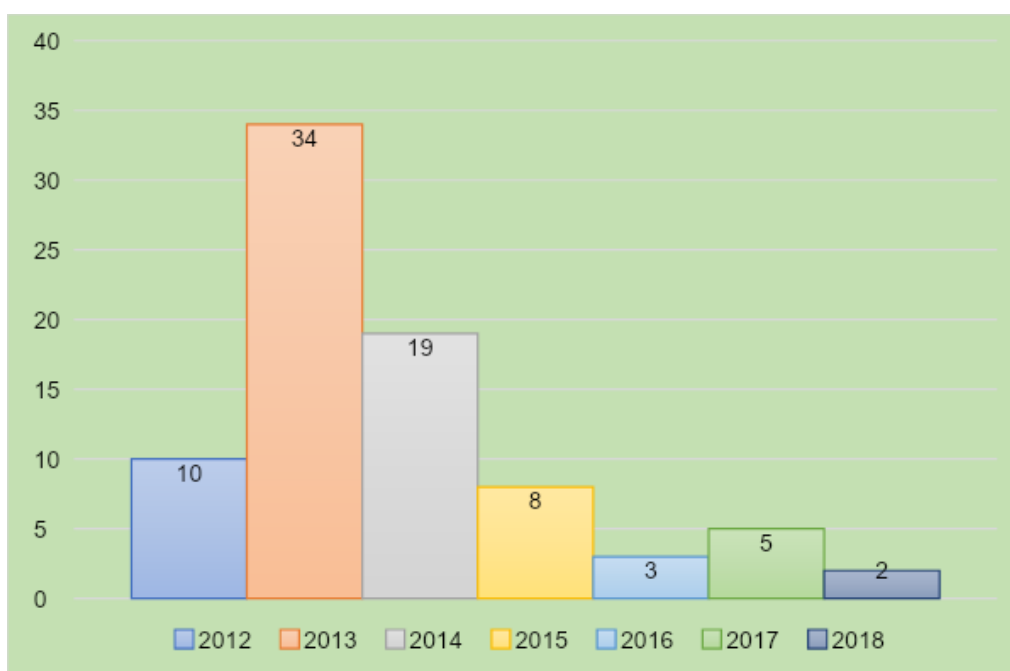
GRÁFICO 8 – Cursos de origem dos discentes



Fonte: Autoria (2020).

De acordo com as informações do Gráfico 8, podemos observar que o curso que teve mais respondentes foi Relações Internacionais (11 estudantes), representando 13%, mas a maioria foi de outros cursos, com um respondente cada (Relações Públicas, Publicidade de Propaganda, Produção e Política Cultural, Nutrição, Medicina, Gestão Ambiental, Geologia, Geofísica, Fisioterapia, Engenharia Mecânica, Engenharia Ambiental e Sanitária, Engenharia Agrônômica, Engenharia em Agrimensura e Administração) o que representa 46% dos estudantes que responderam às perguntas desta pesquisa.

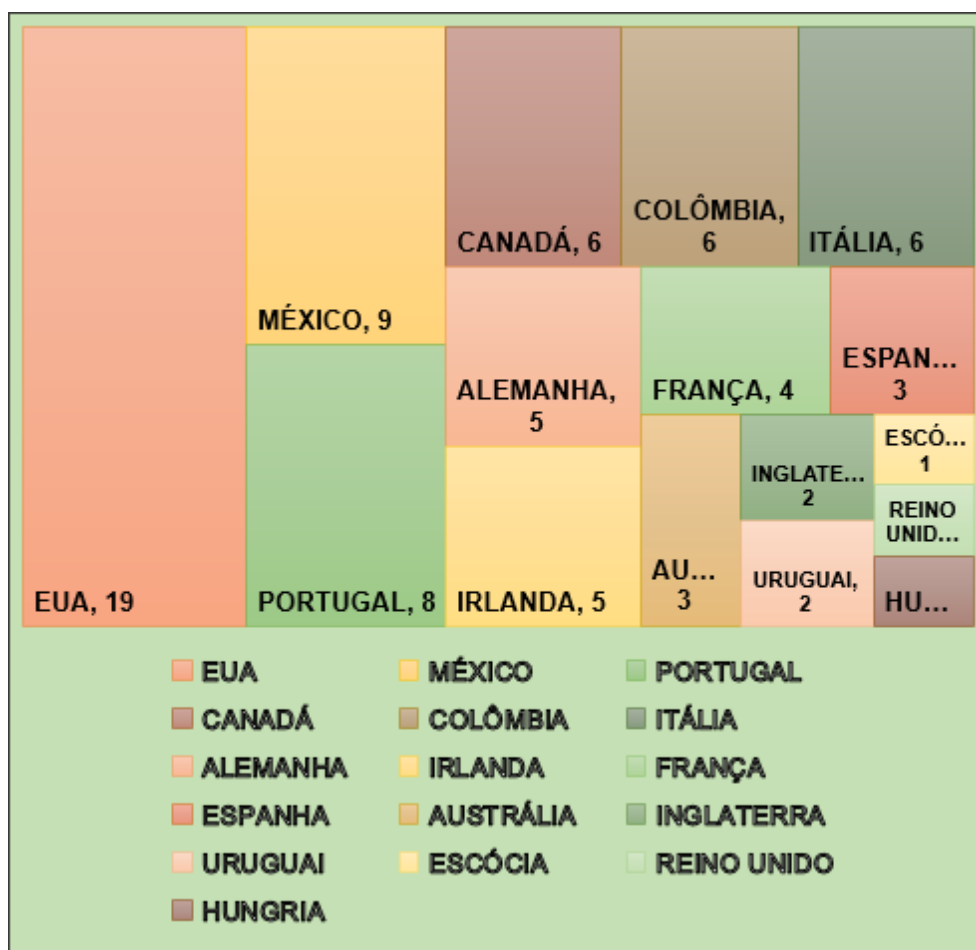
GRÁFICO 9 – Ano de Realização da Mobilidade



Fonte: Autora (2020)

A maioria dos estudantes respondentes viajou no ano de 2013, que foi considerado o ano de maior fluxo de estudantes da Unipampa no exterior. Dos 277 estudantes que realizaram mobilidade entre 2012 e 2018, 123 viajaram em 2013 e destes, 34 responderam ao questionário, ou seja, 27,7%.

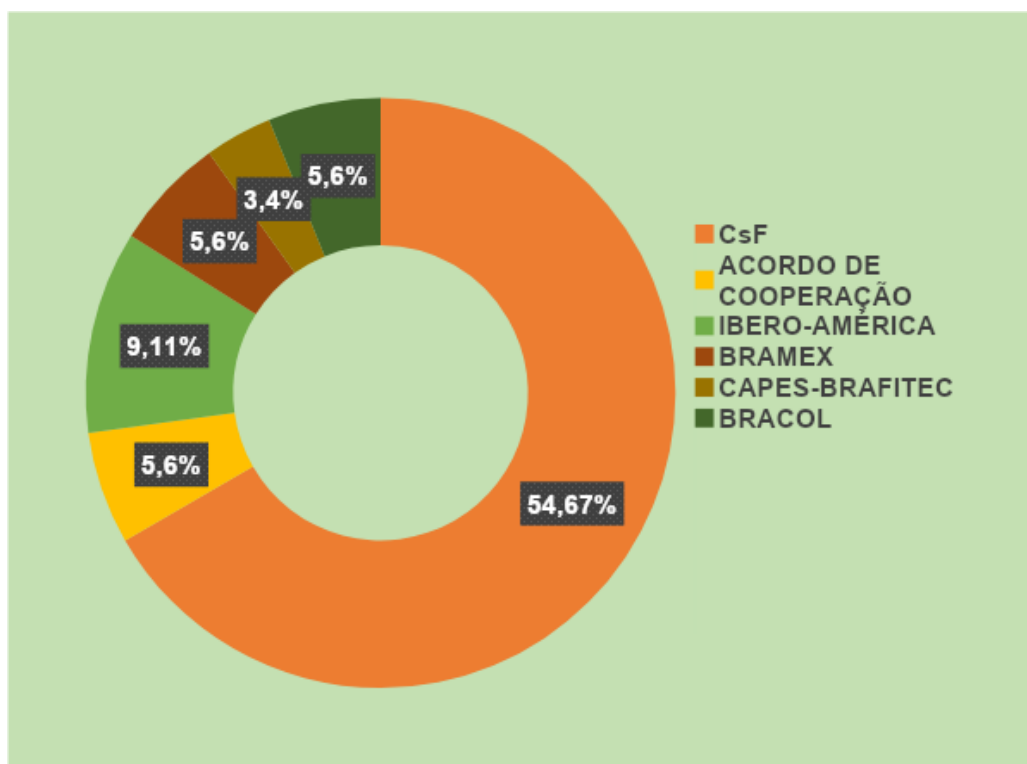
GRÁFICO 10 – País de Destino



Fonte: Autora (2020).

Dos 81 estudantes que responderam ao questionário, 19 viajaram para os Estados Unidos, seguido pelo México (9), e Portugal (8).

GRÁFICO 11 – Programa de Mobilidade

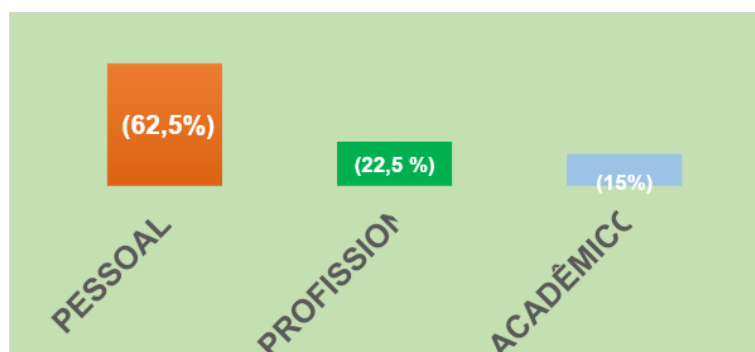


Fonte: Autora (2020).

Como já era esperado, o maior número de estudantes respondentes ao questionário viajou pelo programa CsF, foram 54 estudantes, que equivale a 67%. A totalidade de estudantes que realizou mobilidade acadêmica internacional por este Programa nos anos que foram o foco desta pesquisa é de 211, sendo assim, 25,6% destes estudantes respondeu ao questionário.

De acordo com as respostas enviadas, o âmbito de maior importância da realização da mobilidade internacional foi o pessoal, seguido do profissional e acadêmico, conforme podemos observar no gráfico 12 que segue.

GRÁFICO 12 – Âmbito de importância



Fonte: Autora (2020)

6.1 A MAI no contexto pessoal

Iniciando a análise qualitativa, serão apresentadas agora as motivações mencionadas pelos estudantes para a realização de mobilidade acadêmica *outgoing*. De acordo com o dicionário, motivação é uma série de fatores, de natureza afetiva, intelectual ou fisiológica, que atuam no indivíduo, determinando-lhe o comportamento (MOTIVAÇÃO, 2020). Desta forma, importante compreender o que motivou os estudantes a realizar este período de estudos no exterior para compreender as necessidades pré-mobilidade, bem como buscar prevenir possíveis problemas que possam surgir durante a mobilidade.

Para Nascimento *et al.* (2014) são muitas as razões para a escolha por realizar mobilidade, seja pelo desejo de fluência em determinada língua, aprender sobre aspectos de uma nova cultura ou para conhecer mais sobre técnicas e práticas que não estão disponíveis no país ou na instituição de origem. Já Stallivieri (2017, p. 231) comenta que “[...] o fator que mais influencia a escolha feita pelo estudante são os aspectos culturais, seguidos do desejo de conhecer outros lugares e países, da busca pela experiência, da oportunidade de conhecer outras pessoas, etc”.

Neste sentido o E1QCAT1 destaca que a principal motivação era:

Experiência de vida, aprimorar o inglês e ter contato com outros projetos em outras universidades

Já o estudante E3QCAT1 buscava:

[...] vivenciar uma realidade diferente daquela do meu curso na Unipampa.

A entrevista de E2ENTCAT1 permitiu que refletisse sobre sua motivação, como podemos perceber em sua fala:

Desde sempre, desde pequeno eu sempre tive o sonho de viajar para fora do país. Aí logo que entrei na universidade eu vi que existiam estas possibilidades.

E, após relatar o apoio que recebeu de toda a família e de conhecidos para comprar as passagens e arcar com algumas despesas, completou:

Logo que eu passei na seleção eu entendi o que de fato me motivava a fazer isso, porque foi ver todas as pessoas lá de Livramento [Santana do Livramento], uma cidade pequenininha, no interior do interior, e ver que todo mundo tava feliz com essa conquista, com isso que tava acontecendo comigo, que não era só eu que tava indo pra fora do Brasil, que não era só a Unipampa que tava indo ser representada lá, era toda a minha cidade, todo meu bairro, minha mãe, eram alguns tios meus, era meu pai, sabe, eram essas pessoas que estavam sendo representadas nesse sonho. (E2ENTCAT1)

Ainda corroborando com o que nos traz Nascimento et al (2014), a motivação apresentada por E18QCAT1 foi:

[...] a possibilidade de cursar disciplinas e estágios que a Unipampa não poderia me proporcionar.

E41QCAT1 coloca que foi:

Oportunidade única de conhecer outra cultura e outra universidade e aproveitar para aprender algo que nunca iria aprender na Unipampa.

Para E38QCAT1:

O interesse em conhecer conteúdos e referenciais acadêmicos lecionados a partir de outras perspectivas para além das obtidas no Brasil.

Para E6QCAT1 foi no sentido de adquirir novos conhecimentos sobre uma determinada área:

Eram (DISCIPLINAS) mais específicas para desenvolvimento de jogos, é uma área que sempre quis me aprofundar e foi um primeiro contato bem interessante, profissionalmente reforçou alguns métodos e práticas de programação. Além de melhorar a minha relação interpessoal com colegas de um mesmo projeto.

Assim como E24QCAT1 que relata o desejo pela:

[...] oportunidade de aprender uma nova língua e realizar um estágio no exterior.

Segundo Stallivieri (2017, p. 154), há uma predominância de três motivações principais para a realização da mobilidade internacional: “a busca pelo conhecimento, o desenvolvimento de habilidades em língua estrangeira e a vivência de outra cultura, demonstrando forte interesse em conhecer pessoas e lugares diferentes”.

Para Knight (2020) esta é a nossa realidade e será cada vez mais assim, e as universidades possuem a responsabilidade e o desafio de integrar estas perspectivas internacionais e interculturais no desenvolvimento dos estudantes. Ainda segundo a autora, este tipo de deslocamento pode representar para os jovens uma maior oportunidade de crescimento e amadurecimento considerando o afastamento da família e a necessidade de encontrar soluções para as situações cotidianas o que está em consonância com o relato de E13QCAT1, que menciona como motivações:

Crescimento acadêmico e pessoal e estar em uma universidade de ponta e ampliar minha visão de mundo.

De acordo com Stallivieri (2017, p. 163): “o conhecimento de uma outra cultura e a possibilidade de falar uma língua estrangeira ainda são as duas razões que mais motivam os estudantes a participar dos programas de mobilidade acadêmica internacional. Mesmo entendimento de Oliveira & Freitas (2016, p. 238) que ainda destacam: “a língua apresenta-se tanto como fator motivador para a mobilidade, como influenciando a escolha pelo país de destino do aluno”, o que é ressaltado pela resposta de E28QCAT1 que diz:

O que me motivou foi a oportunidade de conhecer novas culturas, comidas, idiomas e viver uma rotina de estudos fora do país, totalmente fora da minha zona de conforto.

Já E40QCAT1 e E53QCAT1 reúnem todas as principais motivações mencionadas anteriormente pelos autores:

Aprendizado de uma nova cultura, metodologia de ensino e aperfeiçoamento do idioma inglês. Aprendizado de novas disciplinas possibilitaram um conhecimento mais amplo sobre o curso, além do desafio de sair da zona de conforto a partir de estar numa área de conhecimento que não estava relacionada ao curso. (E40QCAT1)

Desde que ingressei na universidade, tive o sonho de participar de um intercâmbio, tanto pelo crescimento acadêmico e profissional, quanto pelo pessoal. Viver uma cultura diferente, aprender uma nova língua, conhecer pessoas e lugares, estudar em outra universidade, adaptar-se à uma nova realidade no geral, é uma experiência única e indescritível, esses foram meus motivos. (E53QCAT)

Ainda no âmbito cultural como motivação temos os seguintes relatos. Como E21QCAT1:

Vontade de conhecer novas culturas e métodos de estudo.

E E25QCAT1:

Vivenciar uma nova cultura.

Assim como, para E45QCAT1:

Aprender sobre outras culturas, estudar em uma universidade de ponta e aprender novos idiomas.

E E52QCAT1:

A experiência de conhecer um país com uma cultura muito diferente da minha enquanto eu estudava.

Complementado por E55QCAT1:

Oportunidade de desbravar conhecimentos e uma nova cultura.

E E70QCAT1:

Conhecer novas culturas, projetos e diferentes maneiras de ensino.

Em relação ao aspecto cultural do MAI, Rodrigues (2008) expõe que “conviver com outras culturas e povos pode despertar uma nova forma de pensar e compreender a sociedade e o papel que desempenhamos nela”.

O conceito de cultura, conforme Guimarães, Tadeucci e Oliveira:

[...] na antropologia refere-se aos costumes e rituais que a sociedade desenvolve no decorrer de sua trajetória. Alguns pesquisadores e instituições utilizam para se referir ao clima e às práticas que as organizações desenvolvem ao lidar com pessoas. (GUIMARÃES; TADEUCCI; OLIVEIRA (2013, p. 57).

O fato de poder constar no currículo uma experiência internacional foi o motivo relatado por alguns dos estudantes entrevistados, como para E35QCAT1:

A possibilidade de estudar a agenda europeia de RI e de Política Externa;

E E36QCAT1:

Adquirir conhecimento na minha área em um país desenvolvido;

Assim como para E42QCAT1:

Ter experiência internacional, aprimorar inglês, aprender sob novos 'olhos';

E E43QCAT1:

Conhecer a realidade acadêmica de uma universidade internacional;

E E46QCAT1:

Adquirir experiência internacional; aprimorar o conhecimento de língua estrangeira.

E E56QCAT1:

Experiência internacional nos estudos e profissional.

Para Stallivieri:

[...] são esses jovens que estão dispostos a protagonizar mudanças no entendimento da necessidade de flexibilidade e das novas formas de mobilidade acadêmica, além de estarem atentos às exigências profissionais no que diz respeito ao domínio de línguas estrangeiras e de vivências com povos culturalmente diferentes. (STALLIVIERI, 2017, p. 104).

Essa concepção de educação contínua e permanente sempre deve ser considerada e repensada. Além das sempre necessárias adaptações à vida profissional, a educação precisa ser vista como uma construção contínua do indivíduo e de suas capacidades de adaptação às diferentes circunstâncias. A busca por essa reconstrução constante contribui para a formação de um

profissional e cidadão apto a desempenhar seus papéis na sociedade global em que vivemos.

Quanto ao acolhimento no país e na instituição estrangeira os alunos, em sua grande maioria, assinalaram que foi bom. De acordo com Stallivieri (2017), é importante que as instituições estejam preparadas tanto para receber quanto para enviar os estudantes de intercâmbio.

Existe uma necessidade imediata de organização das estruturas institucionais que deem conta da mobilidade *in* e *out*, ou seja, há que se dar atenção à institucionalização de processos acadêmicos, linguísticos, administrativos, logísticos e interculturais, entre outros, que possibilitem a real inserção do Brasil no mercado da educação mundial. (STALLIVIERI, 2017, p. 135).

Para E42.1QCAT1 no setor administrativo foram:

[...] super atenciosos. Durante todo o ano letivo eles fizeram uma turma que se encontrava 1x ao mês pra discutir sobre nosso desenvolvimento e expectativas;

Assim como para E73QCAT1, o setor administrativo foi:

Acolhedor. Com atividades culturais e linguísticas, bem como apoio durante as atividades administrativas e de validação dos planos de estudos.

E os professores considerados:

Cordiais e pacientes, buscando explicar de formas diferentes para dirimir as dúvidas.

E45QCAT5 destaca:

Eu conheci algumas pessoas que tiveram muita dificuldade de se adaptar lá fora e acredito que é muito importante que tenha apoio maior da Universidade de origem.

Corroborando com Stallivieri (2017), E44QCAT1 comenta que no setor administrativo

[...] fomos muito bem recebidos, e por se tratar de uma universidade com muitos estrangeiros (árabes, japoneses, chineses e europeus em geral), já havia um fino trato e suporte nas dificuldades.

Assim como pelos professores, que:

[...] fomos muito bem recebidos e com interesse especial no andamento do nosso aprendizado e compreensão durante toda duração da disciplina.

Neste sentido de compreender o outro, Morin (2005) traz uma reflexão “o que significa compreender? [...] a compreensão humana comporta uma parte de empatia e identificação”. O individualismo, muitas vezes, dificulta essa compreensão, e, infelizmente, vivemos numa sociedade individualista. Compreender ao outro e a si mesmo desenvolve a capacidade de comunicação entre os indivíduos que convivem em sociedade. E a universidade também contribui para este desenvolvimento.

Considerando que, de acordo com diversos autores, entre eles Stallivieri (2017), Oliveira & Freitas (2016) e Siufi (2007), a mobilidade acadêmica é uma das principais modalidades fortalecimento da internacionalização. Ressaltamos a importância de uma adequada preparação e treinamento das equipes de relações internacionais das instituições, discentes e docentes para o recebimento e envio destes estudantes, visando uma experiência produtiva e satisfatória durante a mobilidade. Para Goes (2016):

A estrutura administrativa das instituições de educação superior é fundamental para das apoio às pessoas que farão, estão ou retornarão de mobilidade acadêmica. Os recursos organizacionais e o pessoal técnico administrativo têm papéis decisivos no envio e recebimento de pessoal em mobilidade. (GOES, 2016, p.30).

Considerando o que foi dito por Goes (2016), outro relato se mostra de grande importância para esta pesquisa:

Gostaria de dizer que há a necessidade de um preparo psicológico prévio. [...] é bom ter em mente o tamanho do desafio e se sentir seguro de si, antes de buscar um intercâmbio. (E78QCAT5)

No que diz respeito à experiência com o acolhimento no país de destino, seguem mais alguns destaques do que foi relatado pelos estudantes.

E1.1QCAT1 coloca que foi:

Tranquilo, eles [os professores] estavam acostumados a alunos intercambistas.

No que diz respeito ao acolhimento do pessoal administrativo, E5QCAT1 comenta:

No início eu estranhei a impaciência e até mesmo grosseria nestes atendimentos, mas mais tarde fui descobrir que os portugueses no geral são assim. Então, considerando isso, os atendimentos sempre foram bons e prestativos, sempre resolvendo o que eu precisava de forma eficiente.

Já em relação aos colegas o mesmo estudante comenta que teve dificuldades por ter entrado em uma turma onde os estudantes já se conheciam e com grupos formados e acabou ficando junto com os outros brasileiros que entraram na mesma época. Além disso, os estudantes nativos não demonstraram interesse em conhecer os estudantes novos, de acordo com E5QCAT1.

Para E7QCAT1:

O acolhimento “se deu de diferentes maneiras, alguns [professores] chegaram a mudar a forma de avaliação para facilitar o acesso à disciplina, outros chegaram a dizer que deveríamos dançar já que não sabíamos estudar.

Segundo E13.1QCAT1, foi:

[...] *complicado principalmente devido a diferença cultural e por estar iniciando em uma turma fechada, no ano final do curso.*

Já E14QCAT1 relatou que pelo pessoal administrativo:

[...] *fomos muito bem acolhidos. Era um grupo grande de brasileiros e eles estavam preparados para nos receber.*

Quanto aos professores, E14QCAT1 expõem que:

[...] *muitos deles muito atenciosos, principalmente pela questão do idioma. Todos nos trataram muito bem.*

E sobre os colegas menciona que:

[...] *foram muito acolhedores. Mas alguns tinham uma barreira com nossas dificuldades no idioma e não aceitavam, por exemplo, que fizéssemos parte de seus grupos de trabalho;*

E8QCAT1 relata experiências positivas sobre as relações estabelecidas no exterior:

A relação professor/aluno era excelente, com muito respeito de ambas as partes, mas também com muita cumplicidade. Era muito comum procurar o professor fora de sala de aula para debater ou aprofundar o que fora visto em aula, e os professores pareciam sentir prazer ao ser questionados.

Percebemos, neste comentário, uma decisão do professor de que a sala de aula não seja o limite de suas ações, e vai além, conforme Fernandes, Zanche e Konarzewski (2006, p. 106), “expande fronteiras para além do limite físico, criando e recriando outras territorialidades”.

Segundo E18.1QCAT1, o setor administrativo foi:

[...] *muito acolhedor e fizeram de tudo para que eu me adaptasse e desse tudo certo.*

E em relação aos professores:

[...] *a maioria foi bem tranquilo, eram compreensivos com a questão de idioma e tudo. Houve apenas um caso de xenofobia com uma professora de lá, mas que no final foi resolvido.*

Em relação ao acolhimento dos professores, E37.1QCAT1 diz que:

[...] *muitos professores também eram estrangeiros. Então eles entendiam nossa situação e nos ajudavam.*

A Declaração Mundial sobre a Educação Superior no Século XXI menciona:

El principio de solidaridad y de una auténtica asociación entre los establecimientos de enseñanza superior de todo el mundo es fundamental para que la educación y la formación en todos los ámbitos ayuden a entender mejor los problemas mundiales, el papel de la gobernación democrática y de los recursos humanos calificados en su resolución, y la necesidad de vivir juntos con culturas y valores diferentes. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2009, p. 16).

As novas demandas relacionadas à MAI vão desde a formação de cidadãos com competências globais até a reestruturação das universidades, que assegura a qualidade dos programas e da cooperação internacional entre as instituições. Para garantir a qualidade dos programas de MAI é importante uma seleção cuidadosa do pessoal que trabalhará diretamente com os estudantes em mobilidade, de modo que estes possuam conhecimento técnico e prático de todo processo que envolve o período de estudos no exterior.

Segundo E24QCAT1, o setor responsável por recepcionar os estudantes ajudou muito na chegada, principalmente, no que diz respeito à validação do visto e à estadia, e relata ainda que entre os integrantes da equipe havia uma senhora que falava português, o que ajudou muito na comunicação inicial. No entanto,

comenta que os estudantes foram pouco acolhedores, embora alguns tentassem interagir.

E28.1QCAT1 falando sobre o setor administrativo relata que:

Acredito que questões culturais complicaram um pouco o acolhimento por parte da pessoa responsável por me receber lá. Outro ponto é que a Universidade nem se quer sabia o dia que eu me apresentaria para eles, quando cheguei, demonstraram surpresa, o que me deu a impressão de que faltou organização da parte deles.

E29QCAT1 relata uma experiência bem interessante sobre o acolhimento pelos professores:

Foi incrível, sempre traziam o Brasil como exemplo e pediam para eu compartilhar meu conhecimento em aula.

E sobre os colegas:

[...] assim como os professores, sempre estavam dispostos a ajudar e saber sobre meu país e cultura.

E57.2QCAT1 relata que sua experiência com professores no exterior que eram mais exigentes que os da Unipampa fez com que seu rendimento após o retorno fosse melhor:

Sempre uma boa relação. Não tive professores muito distantes dos alunos. Mas tive professores muito mais exigentes que os da UNIPAMPA, isso reflete muito no meu histórico da UNIPAMPA. Antes de viajar minhas notas eram menores do que depois que retornei. Claramente meu aproveitamento melhorou muito depois do intercâmbio¹⁸. Acho que amadureci com essa demanda maior. Entre os colegas,

¹⁸ O desempenho acadêmico relaciona-se com o rendimento de um determinado indivíduo ou grupo, tendo em base a execução de uma atividade acadêmica e a avaliação das competências e resultados apresentados, que refletem ou indicam seu nível de habilidade. (MUNHOZ, 2004 *apud* FRAGUEIRO; MIRANDA, 2016, p. 7).

como eu disse acima, criei laços muito legais com canadenses mas no geral os alunos de universidade no Canadá são mais fechados e mais focados. Não via professor tendo que chamar atenção de aluno toda hora porque não param de falar.

E30QCAT1 comenta que o acolhimento foi:

Sem maiores problemas. Alguns professores pareciam "subestimar" alunos brasileiros e outros valorizavam o fato de o aluno trazer vivências diferentes para a sala. Grande parte dos colegas parecia "subestimar" alunos brasileiros e outros valorizavam o fato de o colega trazer vivências diferentes para a sala e mostravam-se bastante interessados.

De acordo com Nascimento *et al* (2014), é justamente esta vivência em uma nova realidade que gera o processo de transformação na forma de ver o mundo e o outro. Inicialmente há um choque com a nova realidade e os costumes do país de destino, no entanto, com a permanência o estudante passa a desenvolver a capacidade de compreensão e comparação entre a realidade de seu país e de onde está vivendo, tornando a experiência enriquecedora.

Destacando a relação entre colegas, Santos & Miranda (2014, p. 156) menciona que "durante o processo de adaptação em um novo país, a criação de laços de amizade é um importante fator".

Considerando o que nos traz os autores E45.1QCAT1 fala sobre os colegas:

Os americanos não foram muito receptivos pela cultura de competitividade, mas as demais nacionalidades foram extremamente receptivas e amistosas.

E41.1QCAT1 comenta que o os colegas eram fechados:

[...] mas prestativos quando precisei.

E53QCAT1 sobre o acolhimento dos colegas diz que foi ótimo e que passou sozinha apenas o primeiro dia:

[...] desde então fui bem recebida, fiz muitos amigos e companheiros para a vida. Sempre tive acolhimento para realizar trabalhos de aula, ajudar nos estudos para avaliações, saídas de lazer, entres outros. Também, me ajudaram muito com o idioma, e gostariam de aprender português haha. Era uma troca de culturas, histórias e ensinamentos.

Ainda no que trata sobre as relações com os colegas e amizades, Santos & Miranda (2014) expõem que as amizades entre aqueles que compartilham opiniões representam uma auto revelação; no entanto, mesmo que compartilhem das mesmas opiniões, isso não ocorre durante todo tempo, não são iguais em todos os aspectos, mas o suficiente para haver uma identificação. Indo ao encontro ao que comenta sobre os colegas, E57.2QCAT1:

Converso com meus amigos da universidade até hoje. O povo canadense em si foi muito receptivo comigo e eu criei laços de amizade pra vida. Principalmente os meus colegas de trabalho em grupo e de bancada.

No entanto para E55.2QCAT1 a experiência com os colegas também foi diferente:

Mais ou menos, vinha de uma instituição federal e fui parar em uma particular na Colômbia. Não tive muita sorte com os meus colegas propriamente dizendo, entretanto, pude ter muito mais sorte com outros amigos que conheci lá e fizeram com que todo o intercâmbio tivesse um brilho diferente.

Assim como para E37.2QCAT1 que relatou que havia:

Maior distanciamento entre professores e estudantes, enquanto os colegas, por uma questão cultural, são mais fechados em seus círculos de amizades pré-existentes.

Para Nascimento *et al.* (2014), o contato com o diferente proporciona o desenvolvimento da compreensão do outro e de habilidades em lidar com o diferente. Neste sentido, a mobilidade acadêmica internacional colabora para o

desenvolvimento de competências que serão úteis em qualquer ambiente organizacional seja ainda na vida acadêmica como na futura vida profissional. Ilustrando as palavras do autor E71.1QCAT1 comenta que:

De modo geral, há uma dificuldade sempre quando a pessoa chega num local novo, tudo é novo e leva algum tempo para o laço de confiança ser construído. Mas o que mais chamava atenção era realmente que muitos professores se mostravam ativos e superiores.

A língua é também é abordada dentro desta mesma categoria, onde os estudantes puderam relatar suas experiências linguísticas nos países de destino. E3QCAT1 e E5.2QCAT1 comentam que tiveram dificuldades com a variação linguística do português de Portugal:

Por ser o mesmo idioma, algumas dificuldades em relação a variação linguística; (E3QCAT1)

Nas duas primeiras semanas era muito difícil entender o sotaque português, mas com o tempo foi ficando natural, ao ponto de eu até mesmo adotar algumas expressões e formas de falar deles. (E5.2QCAT1)

Assim como E27.1QCAT1 que relata:

Problemas não, mas não foi tão simples a adaptação porque o português europeu é bastante diferente do nosso. Foi um período de muito aprendizado sobre a nossa língua.

No mesmo sentido E30.1QCAT1 destaca que

Mesmo sendo português, tive um pouco, no início, devido ao sotaque bastante carregado e expressões próprias. Com algumas semanas, isso não existiu mais.

Para Bianchi, Godoy e de Figueiredo:

O fato de ambos os países (origem e destino) compartilharem a mesma língua oficial, em termos práticos leva a uma mobilidade acadêmica reduzida pois a busca pelo aprendizado de novas línguas está incorporada na vivência internacional almejada pelos estudantes. (BIANCHI; GODOY; DE FIGUEIREDO, 2017, p. 10).

Já E6.1QCAT1 diz:

Não tive dificuldades, já dominava o idioma, teve algumas vezes que me corrigiram a pronúncia de certas palavras, mas de uma forma bem tranquila.

Na entrevista houve um relato bem interessante de E1ENTCAT1:

É muito engraçado, porque se tu vai fazer uma brincadeira, uma piada, mas se tu não fala o idioma não tem o mesmo sentido. Aí eu falava alguma coisa e eles ficavam me olhando e eu ficava rindo sozinha, aí as vezes eles riam de mim.

No entanto comenta que na faculdade foi mais fácil a questão linguística, pois os professores tinham bastante paciência e quando não compreendia algo eles repetiam ou usavam sinônimos, além do uso do material de apoio que facilitava bastante a compreensão nas aulas. Experiência bem distinta da relatada por E7.1QCAT1:

[...] bastante dificuldades, não dominava a língua do país, algumas aulas eram em inglês e as discussões em alemão, isso dificultava um pouco mais.

Já E8.1CAT1 comenta um comportamento bem interessante de seu professor em sala de aula:

Mais de uma vez, quando comecei uma apresentação desculpando-me pelo péssimo inglês, fui interrompido pelo professor para dizer que eu não deveria me desculpar mas que, ao contrário, deveria servir de exemplo, pois eu estava dominando um idioma diferente do meu idioma materno, enquanto ele, que tinha doutorado, falava apenas um idioma. Tais fatos foram construindo minha confiança e, ao término de minha estada lá, já conseguia me comunicar satisfatoriamente.

Os estudantes universitários que estão atentos às demandas do mercado de trabalho mundial sabem da importância do domínio de mais de uma língua, o que envolve também o reconhecimento de culturas e comportamentos diferentes do seu país de origem. O estudante E17.2QCAT1 destaca a importância das aulas de idiomas antes do início do período de estudos no exterior:

Não tive dificuldades. Fiz um semestre de inglês acadêmico lá antes de iniciar o semestre de aulas.

Assim como E18.3QCAT1:

No início atrapalhou um pouco, mas como tu vive 24h o inglês, uma hora sem perceber ele vira natural. Eu fiz 6 meses de inglês e foi muito importante para que eu me adaptasse a universidade, a língua, a cultura e lá eles ensinavam como seria as aulas.

E10.1QCAT1 relata sua dificuldade com a língua:

Sim, tive dificuldades. Apesar de dominar o inglês, o sotaque do país era bem forte. Eu escutava e falava em inglês, mas a escuta acontecia com dificuldade.

A dificuldade de assistir o curso de espanhol que deveria ser ofertado pela instituição de destino é comentada pelo estudante E12.1QCAT1, no entanto contou com o suporte das colegas de quarto.

Curso de idioma também foi ofertado na instituição de destino para E21.2QCAT1 que comenta:

Foi oferecido curso de inglês voltado para a graduação, preparando os alunos do exterior para os métodos de estudo e avaliação oferecidos pela universidade.

A dificuldade encontrada por E22QCAT1 é bem peculiar, já que seu intercâmbio foi na Catalunha, território espanhol que não fala a língua espanhola¹⁹, assim, teve

Problemas com a linguagem (estava na Catalunha e não falavam em espanhol). Tenho o espanhol fluente, mas onde eu estava língua é catalão. Eles ofereceram curso básico logo que chegamos.

Para E2ENTCAT1 também houve um pouco de dificuldade, comenta que por ser natural da fronteira com o Uruguai sempre deixou o estudo da língua espanhola de lado e quando chegou no México percebeu que o espanhol que sabia

[...] era bem fraco quando realmente não conseguia entender no dia-a-dia coisas que eles falavam.

E32.1QCAT1 é mais um exemplo da importância de a instituição de destino investir em curso de língua:

Os primeiros 6 meses foram só de francês, consegui nesse tempo chegar em um nível bastante avançado. Me expressava e compreendia com muita facilidade.

E34.1QCAT1 expressa:

Muita dificuldade, zero domínio da língua, não compreendia nada. A universidade possuía um setor exclusivo para nos auxiliar com tudo o que era possível e tivemos aulas de língua intensivas até estarmos aptos para cursar as disciplinas da graduação. Meu intercâmbio envolveu quase um ano de dedicação exclusiva à aprendizagem do idioma mais um semestre de disciplinas da graduação.

¹⁹ O espanhol é falado por 99% da população espanhola, sendo a língua materna da maioria do povo espanhol, no entanto, o catalão é a língua oficial da Catalunha. Para conhecer a história da Catalunha e do idioma catalão acesse:

<https://www.catalonia.com.br/Hist%C3%B3ria/> e
<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/entenda-a-origem-e-a-tradicao-da-lingua-a-catala-falada-por-mais-de-10-milhoes-de-pessoas-no-mundo.phtml>

E40.1QCAT1 chama a atenção mais uma vez para a importância do conhecimento prévio em língua estrangeira, pois já havia cursado o idioma por 5 anos no Brasil, o que sem dúvidas facilitou a comunicação tanto no meio acadêmico quanto no convívio em sociedade.

Segundo Stallivieri (2017, p. 173) “para compreender uma língua é preciso estar nela, viver nela, considerar o mundo a partir de sua perspectiva.” Para a autora, conseguir usar uma língua fluentemente é viver a partir de outra cultura, é pensar em outra língua e transmitir a partir de outras concepções de mundo e de viver em sociedade. Ainda segundo a autora, “o domínio proficiente de línguas estrangeiras está entre os maiores benefícios obtidos com a mobilidade” (STALLIVIERI, 2017, p. 145) e traz ainda que “o sucesso de uma atividade realizada por um estudante de intercâmbio internacional está diretamente relacionado com o desenvolvimento de seu nível de competência intercultural e de suas habilidades em comunicação global” (STALLIVIERI, 2017, p. 242).

Esse entendimento vem ao encontro do comentário de E43.2QCAT1 que destaca um posicionamento com o qual esta pesquisadora está totalmente de acordo:

Nenhuma dificuldade. Já dominava o idioma. Parece absurdo cursar uma universidade sem saber a língua.

A experiência de E49.3QCAT1 foi a seguinte:

Eu não dominava a língua e recebi curso de língua estrangeira no país de destino antes de começar a cursar as componentes da graduação. Ainda assim, tive dificuldades pois eu não era fluente na língua. Durante as dinâmicas de discussões, por exemplo, eu tinha dificuldade em me manifestar de maneira oral. Durante as avaliações escritas, também, um maior período de tempo para leitura e interpretação das questões se fazia necessário, muito embora eu não dispusesse desse tempo extra.

E62.2QCAT1 relata que não teve dificuldades com o idioma:

[...] *já dominava o suficiente para compreender e me comunicar nas diversas situações que vivenciei. Não usei a língua portuguesa lá, exceto quando alguém pedia para ouvir algo específico.*

Mesma situação de E65.1QCAT1 que diz:

Tive poucas dificuldades em relação a língua, mas por meu curso de origem ser Letras Línguas Adicionais (Inglês e Espanhol). Já dominava o idioma, consegui compreender e me expressar tranquilamente em espanhol.

E73.1QCAT1 destaca que realizou um curso de francês totalmente custeado pelo governo brasileiro. O fato de estar imerso na cultura e língua estrangeiras favorece o acionamento de competências pragmáticas que proporciona ao estudante um nível interessante de proficiência linguística que muitas vezes se aproxima do falante nativo, chegando a utilizar as mesmas estruturas comunicativas (STALLIVIERI, 2017). É fato que diversos indivíduos que realizaram mobilidade internacional ao regressar para seu país de origem acabam trabalhando como professores de língua estrangeira, principalmente em escolas de idiomas ou mesmo de forma autônoma, muitas vezes com mais domínio da língua do que os licenciados na mesma. O que já não se pode afirmar em questões de didática do ensino de línguas, questão que cabe uma outra discussão, em outro momento.

Ainda nesta mesma categoria temos algumas informações sobre as experiências pessoais mais marcantes para os estudantes que realizaram mobilidade no exterior. Para isso, eles precisaram responder às seguintes questões: No âmbito pessoal, como foram os primeiros dias no que diz respeito ao contato com os moradores locais? Foram receptivos? Houve alguma dificuldade de comunicação? E os aspectos culturais, a adaptação foi difícil? Por quê? Relate outros aspectos que julgue importantes.

E5.3QCAT1 comenta que teve dificuldades com a comunicação sempre, no entanto os nativos souberam compreender.

Morei inicialmente com 3 americanos que foram extremamente amigáveis e a amizade permanece até hoje. Não houve qualquer dificuldade em adaptação e até surgiu por parte deles interesse em aspectos culturais do Brasil.

No entanto, E5.4QCAT1 descreve situações delicadas vivenciadas em Portugal:

Eu morei em uma casa com mais seis brasileiros. O meu contato com portugueses se veio através de uma portuguesa que conheci no Tinder. Ficamos juntas do quinto dia até o último dia do meu intercâmbio. Ela foi muito importante para me apresentar a cidade e a cultura portuguesa apropriadamente. Conheci os amigos e a família dela. Creio que a minha experiência teria sido muito menos enriquecedora e difícil se eu não a tivesse conhecido. Ao final do intercâmbio eu não estava me sentindo bem acolhida pelos portugueses, no geral. A forma ríspida de tratamento deles começou a me incomodar. Os brasileiros também não são muito bem vistos por lá. Então pude sentir várias vezes que alguns funcionários, de padaria, por exemplo, me tratavam de forma diferente de quando atendiam um português. Uma amiga da portuguesa que conheci lá, me considerava "burra" e não gostava de mim, apenas pelo fato de eu ser brasileira. No último mês de intercâmbio eu não via a hora de voltar para "o meu país de verdade", pois eu sentia que não pertencia àquele local e que não era bem-vinda.

A experiência de E30.2QCAT1 também não foi positiva, relata que:

Alguns moradores locais são preconceituosos, mas não tive grandes problemas. Houve dificuldade de comunicação nas semanas iniciais devido ao sotaque e expressões do local. A adaptação foi difícil principalmente na questão acadêmica devido à "rejeição/não contato" com colegas do país. As pessoas com as quais mais tinha contato eram outros brasileiros que também foram para mobilidade acadêmica.

Os casos que foram relatados anteriormente, embora lamentáveis, servem como exemplo para o que nos traz Stallivieri (2017) quando menciona que o choque cultural que o estudante em mobilidade sofre pode desencadear uma

série de outras reações. Muitos não conseguem adaptar-se à família que o acolheu, não se habitua à nova cultura e aos novos ambientes, pode haver dificuldade de adaptação aos métodos utilizados pelos professores etc. Muitas vezes estas dificuldades acabam por antecipar o retorno dos estudantes em mobilidade para seu país de origem, abandonando o programa e seus estudos. Por isso a grande importância de uma preparação intercultural antes do início da MAI. Para a referida pesquisadora (2017, p. 193): “o desenvolvimento e o fortalecimento das habilidades de comunicação, o entendimento das diferentes formas de compreender o mundo e a eliminação de preconceitos fazem parte de programas de orientação intercultural pré-embarque”. Também possui igual importância o acompanhamento deste estudante durante a mobilidade e prepará-lo para o retorno ao seu país e à universidade.

Dois estudantes (E8.2QCAT1 e E10.2QCAT1) comentam que tiveram dificuldades com a língua e com a culinária. Para o primeiro, foi muito complicado adaptar-se à culinária por ser muito diferente da brasileira, no entanto abriu-se à nova cultura. Já o outro relata que os nativos não possuem o hábito de almoçar como os brasileiros e comem muito *fastfood*, o que dificultou sua adaptação aos costumes do país de destino. Percebemos nestes relatos a importância de adotar atitudes positivas e manter-se aberto à cultura sem julgamentos, o que sem dúvidas faz parte da experiência e facilitará a adaptação no exterior.

Sobre as etapas do choque cultural pelo qual passam os estudantes em mobilidade, Stallivieri (2017) menciona que são cinco:

- *The honey stage* – a fase da lua de mel: geralmente o estudante tem curiosidade de conhecer o outro país, de experimentar todas as possíveis situações culturais e experimentar tudo o que há de novo.
- *The distress stage* - a fase de angústia: com o passar do tempo as diferenças começam a gerar um forte impacto nos estudantes, causando desconforto e gerando pequenas crises e desentendimentos diários.
- *The reintegration stage* – a fase de reintegração: conquista de um entendimento em relação à outra cultura.
- *The autonomy stage* – a fase da autonomia: diferenças e semelhanças passam a ser aceitas e observadas com mais tranquilidade.
- *The reentry shock* - o choque do retorno: é o momento de retornar ao seu próprio país e redescobrir sua própria cultura.

Exemplificando algumas destas etapas, fazemos uso da declaração do E46.4QCAT1:

No começo foi estranho, recebemos bastante suporte, mas você ainda encontra pessoas um pouco mais ignorantes. A adaptação levou um tempo, era tudo bastante novo, cultura, comida. Aliás, alimentação no começo é interessante, mas depois você acaba sentindo falta da comida de casa. O importante é compreender as novidades e se necessário alterar alguns hábitos durante o período. E eu acho que essa necessidade de se adaptar e se possibilitar viver algo novo que eu achei superinteressante. Você muda sua rotina, muda seu jeito de pensar e aceitar coisas novas! Achei tudo isso fantástico!!

Contribuindo com a teoria de Stallivieri (2017), o estudante E53.2QCAT1 nos mostra uma perspectiva bem interessante da mobilidade acadêmica internacional quando destaca que alguns desafios sempre acabam aparecendo, mas este é o motivo de realizar este período de estudos no exterior. Comenta que durante os estudos em instituições estrangeiras os estudantes passam por quatro fases:

(1) exaltação, achar tudo demais e se sentir eufórica por ter chegado no destino; (2) adaptação, onde se dá conta da nova realidade e que deve se adaptar a ela; (3) tristeza, quando percebe que está longe da sua cultura, família e amigos; (4) saudade do intercâmbio, do país, da cultura, das pessoas que vai deixar no país por ter que voltar para o Brasil, sem saber quando/ou se voltará a viver/ver aquilo novamente. Eu vivi todos esses momentos, foi sensacional.

Mais uma vez a culinária e a língua (aspectos relacionados à interculturalidade²⁰) estão entre os relatos de experiências pessoais relacionadas ao intercâmbio acadêmico internacional:

²⁰ [...] ação integradora capaz de suscitar comportamentos e atitudes comprometidas com princípios orientados para o respeito ao outro, às diferenças, à diversidade cultural que caracteriza todo o processo de ensino/aprendizagem de línguas, seja ele de línguas ou de qualquer outro conteúdo escolar. É o esforço para a promoção da interação, da integração e cooperação entre indivíduos de diferentes mundos culturais. É o esforço para se partilhar as experiências, antigas e novas, de modo a construir novos significados. (SANTOS, 2004, p. 154).

Tive dificuldade quanto a língua, mas após 2 semanas já conseguia me virar. O mais difícil foi quanto a comida, pois nos alimentávamos apenas na cafeteria e não estava acostumada com comida muito apimentada. Mesmo o cardápio sendo diferenciado, ainda havia muita pimenta para nós.

Assim, em relação à língua, Stallivieri nos diz que quanto maior a interação com os nativos melhores serão seus resultados em relação à proficiência linguística. Quanto maior a imersão, maior o resultado, maior o conhecimento linguístico e cultural. Por isso que a mobilidade não envolve apenas deslocamento, ela é social e envolve estruturas, significados, sentidos... (CASTRO; CABRAL NETO, 2012). Neste sentido, Fragueiro & Miranda afirmam que:

A mobilidade estudantil gera oportunidades de transformações no comportamento humano, nos relacionamentos interpessoais e nos modelos existentes em relação à educação superior, além disso, o mercado e a sociedade exigem cada dia mais profissionais e discentes capacitados, qualificados, com conhecimentos linguísticos diversos e preparados para atuar em um ambiente culturalmente diverso, através da mobilidade acadêmica é possível que essas necessidades sejam satisfeitas. (FRAGUEIRO; MIRANDA, 2016, p. 4).

Ilustrando o que é mencionado pelos autores, trazemos a declaração de E81.3QCAT1 que diz que sempre, desde o início, todos foram muito receptivos e houve uma fácil adaptação a tudo, o que, segundo declara, aconteceu também por ser uma pessoa muito comunicativa. Assim como E3QCAT5 que ainda valoriza a experiência com a Unipampa:

Saliento a importância da mobilidade na formação acadêmica, mas complemento para dizer que mesmo estando em uma universidade conceituada, com estrutura impecável e professores do mais alto gabarito, a UNIPAMPA desenvolve suas atividades de modo exemplar, possibilitando colocar-me no mesmo nível dos estudantes da instituição em Portugal.

Estes fatores reforçam o já comentado anteriormente em relação a estar aberto às novas experiências e vivências no exterior; afinal, ninguém sai para um

período de mobilidade no exterior buscando viver as mesmas experiências do país de origem.

O relato de E31.1QCAT1 possui uma perspectiva bem otimista:

Sempre no início você tem uma dificuldade de adaptação e depois com o tempo entende como as coisas funcionam e como é a cultura do país.

Para Dalmolin *et al.* (2013, p. 446), a mobilidade é “um momento de construção da personalidade, de aquisição de valores sociais e culturais, de contato com pessoas diferentes com laços afetivos comuns e de desenvolvimento de habilidades didáticas, pedagógicas e interpessoais”. Ainda neste âmbito, E27.2QCAT1 destaca apenas pontos positivos em sua experiência:

Pessoalmente, a mobilidade foi uma experiência enriquecedora. Não tive dificuldades no contato com as pessoas de lá. O país é fantástico, a universidade é maravilhosa e foi a melhor experiência que pude viver. Aprendi e cresci muito.

Outro estudante com experiências positivas foi E28.4QCAT1 que comenta que os nativos:

Foram receptivos! Morei com uma família incrível, então aprendi rápido sobre os costumes e gírias usadas no idioma, que antes dificultavam muito meu entendimento.

A categoria 1 é composta, ainda, de respostas relativas à possibilidade de realizar intercâmbio novamente e os motivos. Entre as principais justificativas para um novo período de estudos no exterior estão nos aspectos levantados na análise. Quase todos os estudantes responderam que realizariam novo período de mobilidade no exterior, mesmo que em outro nível. No entanto, um deles relatou que não possui este desejo. Para E15.2QCAT1:

A experiência foi muito boa, mas não acho que agregaria muito mais na minha vida realizar novamente um intercâmbio.

Para Spears (2014, p.158), “estudar no exterior é uma das experiências mais poderosas que um jovem adulto pode ter durante seus anos de formação profissional”.

E3QCAT1 menciona que:

Não realizaria ainda na graduação, mas em um período posterior, durante uma especialização ou pós-graduação, para ter vivência diferente daquela que tive durante a mobilidade na graduação.

De acordo com E27.2QCAT1, a experiência foi maravilhosa e realizaria novo período de estudos no exterior por ter a oportunidade de cursar disciplinas que não existem na Unipampa.

Para E10.3QCAT1:

[...] com certeza! Assim eu aprenderia mais e traria para o Brasil mais do que é feito lá fora.

E segundo E19QCAT1:

É uma experiência única, te muda como pessoa, passa a enxergar o mundo de forma diferente.

Esses relatos estão em concordância com Cunha & Reschke (2016), quando comentam que essa possibilidade de vivenciar uma experiência de estudo no exterior acaba impactando na vida e na formação dos estudantes, trata-se de crescimento pessoal e profissional. É fundamental que se compreenda que este período de experiências no exterior representa, antes de tudo, um enorme ganho pessoal por se tratar de um local permanente de experimentos, com vivências linguísticas, acadêmicas, culturais e interculturais permanentes.

Para E44.2QCAT1:

[...] o conhecimento repassado e vivido no exterior, além do aprendizado de novas técnicas permitem que o conhecimento seja passado para nossas instituições, elevando o nível da instituição e valorizando os estudantes.

E E49.5QCAT1 destaca que

É uma oportunidade de crescimento profissional e pessoal. O domínio de uma língua estrangeira traz muitos benefícios e poder contar com a ajuda financeira de algum órgão público é um fator relevante.

E61.2QCAT1 comenta que:

A experiência vivida no intercâmbio me abriu o horizonte para muitas possibilidades, para novas buscas e novos sonhos. Ela me proporcionou novos conhecimentos para a carreira e também sobre como funciona o mundo fora do local onde eu vivia, e eu gostei disso. A experiência de poder aprender, seja na questão cultural, humana ou profissional, é extremamente significativa para o ser humano, e eu a desejaria tê-la quantas vezes me for possível.

Para Santos (1994), a cultura e as identidades culturais não são rígidas, são sempre resultados transitórios dos processos de identificação.

O contexto global do regresso das identidades, do multiculturalismo, da transnacionalização e da localização parece oferecer oportunidades únicas a uma forma cultural de fronteira precisamente porque esta se alimenta dos fluxos constantes que a atravessam. (SANTOS, 1994, p. 50).

Delors *et al.* (1996), em Educação um tesouro a descobrir, expressa que conhecer outras culturas nos torna mais conscientes da nossa cultura e compreender o outro faz com que cada um conheça melhor a si mesmo. A educação tem esse papel de transmitir conhecimentos sobre a diversidade cultural da espécie humana “ela deve, de fato, fazer com que cada um tome o seu destino nas mãos e contribua para o progresso da sociedade em que vive” (DELORS *et al.*, 1996, p. 82). Segundo Santos (1997):

[...] todas as culturas são incompletas e problemáticas nas suas concepções de dignidade humana. A incompletude provém da própria existência de uma pluralidade de culturas, pois se cada cultura fosse tão completa como se julga, existiria apenas uma só cultura. (SANTOS, 1997, p. 116).

Para algumas pessoas, de acordo com Knight (2020), o movimento de pessoas, pensamentos, e culturas através das fronteiras nacionais fomenta a fusão e a hibridização da cultura, já outras, creem que este movimento aumentará as tensões culturais em IES e países anfitriões, e um terceiro grupo acredita na homogeneização de identidades culturais.

A recomendação ou não da realização de um período de mobilidade no exterior, com justificativa da escolha, compôs também esta primeira categoria da análise da pesquisa. Nesse sentido, E3.1QCAT1 recomenda pela oportunidade única que teve de conhecer diferentes locais, pessoas e a educação em contexto diferente que no Brasil.

Para E14.1QCAT1:

O conhecimento agregado vai muito além do que vemos em sala de aula. É uma cultura diferente, pessoas diferentes, lugares e oportunidades diferentes. As relações pessoais que fazemos, conhecemos pessoas do mundo inteiro.

E20.3QCAT1 recomenda a realização de período de estudos no exterior, no entanto destaca a importância de auxílio financeiro, pois contou com o apoio financeiro de toda a família e relata que sabe que nem todos têm essa possibilidade. Para Oliveira & Freitas (2016, p. 223), é “[...] inquestionável a necessidade de proposição de políticas públicas capazes de definir prioridades nacionais acerca da internacionalização da educação superior, com objetivos de médio e longo prazos”. Validando a questão, Stallivieri (2017, p. 100) ressalta que “fomentar e ampliar a oportunidade de oferta de experiências internacionais para os jovens deve ser tópico constante nas agendas de discussão e nos fóruns internacionais de decisão”. E vai além:

[...] fica evidente a necessidade e a relevância de um país poder contar com a oferta de bons programas de mobilidade acadêmica internacional para seu próprio desenvolvimento, para o desenvolvimento das instituições de Ensino Superior, para o fortalecimento dos cursos de graduação e, em especial, para o crescimento pessoal e profissional dos estudantes. (STALLIVIERI, 2017, p. 219).

As instituições precisam estar cientes que o fomento da cooperação internacional e, conseqüentemente, da mobilidade implicam a colaboração da gestão no âmbito de políticas de mobilidade de estudantes, professores e pessoal administrativo, cooperação para desenvolvimento de pesquisas em conjunto com instituições estrangeiras garantindo a transferência de conhecimento para o desenvolvimento da região onde se inserem. Para isso, sem dúvidas, é necessário também o investimento de recursos nestas ações a serem desenvolvidas.

A seguir, a declaração de E33.2QCAT1:

Acredito que toda experiência que nos tira da zona de conforto merece ser vivenciada, pois nos apresenta muitas outras visões e possibilidades. O intercâmbio foi, sem dúvidas, um momento marcante para meu desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional.

E a de E28.5QCAT1:

Recomendo para o crescimento pessoal e profissional de quem for! Aprender em um lugar longe de sua zona de conforto pode fazer as pessoas crescerem muito!

Assim como para E36.4QCAT1:

[...] é uma experiência muito válida em todos os aspectos da vida de uma pessoa. Através do intercâmbio pude aprender sobre os problemas sociais de um país desenvolvido. Além disso, tive contato direto com as estratégias utilizadas para amenizar tais problemas o que me inspirou muito.

Para Guimarães (2013), cursar componentes curriculares em outro país proporciona aos estudantes uma inserção em outra ótica de ensino, aprender por outras abordagens, com outra bibliografia envolvido em outro ambiente, outra cultura:

Em busca desta vivência e deste conhecimento está o jovem que procura esta mobilidade, pois é somente através desta que poderá adentrar as demais universidades, ter contato diário com culturas e

problemáticas de outros países, tanto no campo socioeconômico como na questão da própria educação em si. (GUIMARÃES, 2013, p. 150).

E57.4QCAT1 relata a dificuldade em retornar, pois teve a oportunidade de ficar no exterior, mas devido ao contrato com o governo brasileiro precisou retornar e ainda complementa “um governo que nunca me garantiu emprego aqui no Brasil.” Sabemos que todos os anos países como o Brasil perdem milhares de especialistas de diversas áreas por estarem frustrados com salários e condições de emprego limitadas (DELORS *et al.*, 1996). Desta forma, migram para países ricos e desenvolvidos buscando mais reconhecimento e melhores salários. A Declaração Mundial sobre a Educação Superior no Século XXI também aborda esta questão e diz: “*sería preciso poner freno a la “fuga de cerebros” ya que sigue privando a los países em desarrollo y a los países em transición, de profesionales de alto nivel necesarios para acelerar su progreso socioeconómico*” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2009, p. 17).

Segundo E75.2QCAT1:

Nos ensina a valorizar o que temos no nosso país e enxergar a realidade dos outros países.

E79QCAT1 comenta que o período no exterior contribuiu:

[...] me tornando um melhor profissional e, uma pessoa mais capacitada para lidar com as dificuldades da vida,

Ou seja, além de aprender sobre um ofício, uma profissão, há também o desenvolvimento de habilidades e aquisição de competências mais amplas, que preparem os estudantes para o enfrentamento de situações imprevisíveis no mercado de trabalho. O fato de pôr-se a prova numa experiência internacional proporciona ao estudante conhecer-se a si mesmo em comparação com o outro, com a outra cultura, fomentando o entendimento do outro como um todo. Já E81.1QCAT1 comenta que todos deveriam passar por isso, pois estar em outra cultura e idioma da outra perspectiva de vida e outra visão sobre suas atitudes,

abre a mente e faz com que você se sinta capaz de fazer tudo o que quiser. Na entrevista houve também o relato sobre o pós-intercâmbio, onde E2ENTCAT1 comentou que esperava que sua experiência no exterior seria mais explorada pela instituição:

[...] eu não sabia quando eu cheguei de volta, eu não sabia se eu iria contar para alguém esta experiência ou não, e eu acho que a Universidade poderia estar pronta para ter um espaço um pouquinho maior pra essa mostra da experiência.

No subcapítulo apresentado, destacamos as motivações relatadas pelos estudantes para realizarem a mobilidade acadêmica internacional *outgoing*. Ficou claro que, muito além de motivações acadêmicas, o que move estes estudantes a realizar um período de estudos no exterior é a vivência e a experiência a ser adquirida, o conhecimento em língua estrangeira também é outro fator que impulsiona a realizar a MAI. Além disso, o quanto é importante um preparo destes estudantes antes da viagem (treinamento intercultural) e antes do retorno ao país de origem, com a finalidade de evitar o choque cultural.

No subcapítulo 6.2 abordaremos a mobilidade acadêmica internacional no contexto acadêmico.

6.2 A MAI no contexto acadêmico

As contribuições acadêmicas mencionadas pelos estudantes que realizaram período de estudos em instituições no exterior fazem parte da categoria 2 e serão discutidas adiante. Neste subcapítulo, abordaremos as metodologias e instrumentos utilizados pelos professores no exterior.

Os estudantes E1QCAT2 e E24QCAT2 comentam suas experiências acadêmicas nas instituições estrangeiras (EUA e França, respectivamente) inicialmente com o relato de que conseguiu ver a área da computação de maneira descentralizada, com potencial de auxiliar a sociedade com uma abordagem diferente do que se vê no Brasil. E, no segundo caso, comentando da obtenção da dupla diplomação em uma instituição francesa:

Ao chegar na França me foi proposto a realização da formação com duplo diploma, desta forma a contribuição principal foi a obtenção do grau de mestre na França e junto com isso uma formação sólida em Química aliada a 1 ano de experiência profissional no setor de pesquisa e desenvolvimento dentro da indústria. (E24QCAT2)

Neste sentido, Nascimento *et al.* (2014) ressaltam que a MAI possibilita aos estudantes em intercâmbio o aprendizado de “novos conhecimentos e novas tecnologias, fazendo com que o estudante aprenda novas técnicas que o país acolhedor utiliza e que seu país de origem não pode utilizar ainda”. Quando retorna, este estudante traz consigo estes novos conhecimentos para aplicar em sua universidade. Assim, a Educação Superior, por meio da mobilidade acadêmica internacional, conta com um estudante e futuro profissional capacitado para resolver problemas globais que se apresentem e com habilidades para discernir as melhores soluções entre as opções apresentadas no cotidiano. Segundo o relato de E33QCAT2, as

[...] disciplinas permitiram que eu tivesse uma compreensão maior sobre a sociedade e a cultura mexicana, além de conhecer novas abordagens teóricas, que pude aplicar futuramente em meus estudos.

Para Morin (2005), “o conhecimento é sempre uma tradução, seguida de uma reconstrução”, ou seja, todo conhecimento adquirido em comparação de teorias e contextos gera uma reorganização de saberes que podem ser aplicados na mesma ou em outras realidades. Um dos maiores impactos para os estudantes que realizam estudos no exterior, certamente está no desenvolvimento das suas competências globais, tornando-os pessoas com a habilidade de adaptar-se em qualquer ambiente e em convívio com indivíduos de todo mundo.

Evidências no relato do entrevistado E3ENTCAT2 no que diz respeito ao projeto no qual participou:

Eu dei aula de português e cultura brasileira, lá tinha um instituto de línguas, e eu falei, bom eu tô aqui, vou compartilhar o máximo de experiência que eu puder [...] aí eu dei aula por uns seis meses de português e cultura brasileira. Porque a

gente fez uma parceria do setor de relações internacionais com o Instituto de Lenguas de la Universidad Sur Colombiana, então duas vezes na semana eu dava uma aula de gramática e uma aula de cultura brasileira. Foi incrível! [...] foi nesse projeto que eu melhorei muito o meu espanhol, porque era muita interação, muita troca de informação.

No que tange ao fato de cursar componentes que estavam disponíveis na Unipampa, E34QCAT2 expressa que:

Por falta de oferta na universidade estrangeira, precisei escolher algumas disciplinas que já havia cursado na Unipampa. Entretanto, foi muito bom, pois consegui refazer as mesmas disciplinas com um viés muito mais prático e voltado ao mercado de trabalho. O conhecimento obtido nas demais disciplinas se mostrou muito útil na minha pós-graduação.

Para Stallivieri (2017), a maioria dos participantes dos programas de mobilidade é formada por jovens que sabem da importância de um período de estudos no exterior e o quanto esta experiência agrega no currículo. Assim, mesmo que aparentemente sejam os mesmos conteúdos, como já dito anteriormente, estes são expostos sobre outra ótica e, muitas vezes, embasados em outra literatura, em outra língua, o que só tem a acrescentar para o estudante.

E64QCAT2, sucintamente, comenta que:

Contribuiu para ampliação da visão de mundo.

Em complementação a com esse relato, Stallivieri (2017) expressa que:

O que se espera com o novo modelo de educação internacional é a formação e o desenvolvimento de profissionais que possam exercer suas atividades em qualquer parte do mundo; que possam se comunicar com estrangeiros de qualquer nacionalidade utilizando pelo menos uma língua de comunicação internacional; que tenha. (STALLIVIERI, 2017, p. 32).

Estes profissionais devem estar cientes de que não existe uma cultura melhor que a outra, que não existe uma língua melhor que a outra. Desta forma,

precisam ser tolerantes e respeitosos com o outro e com o que ele carrega na sua história. É necessário ser protagonista de uma paz entre as nações que acarretará num desenvolvimento pessoal, local e mundial. O conceito de um cidadão crítico, reflexivo e preparado para o mercado de trabalho, segundo Guimarães (2013, p. 147), “dá lugar a um cidadão planetário, ou seja, aquele que terá contato com várias culturas e metodologias de ensino diferentes da sistemática brasileira”. Um estudante que amplia seus horizontes e conceitos sobre o mundo, que amadurece seus conhecimentos e consegue promover mudanças no seu comportamento, buscando uma adaptação à realidade que vivencia.

Sobre as metodologias utilizadas pelos professores das universidades no exterior abaixo podemos observar alguns relatos, que foram destacados na sequência.

E1.1QCAT2 relata uma situação interessante que vivenciou quando a turma na qual estava acabou indo muito mal em uma prova:

O professor sentiu-se culpado chegando a comentado com a turma que, se a maioria foi mal, foi porque ele não explicou direito. Achei uma atitude nobre. Por fim, ele transformou a maior nota tirada na prova como símbolo de 10, o que fez com que as notas dos outros alunos fossem aumentadas em alguns pontos.

Para E3QCAT2 a metodologia utilizada era ativa²¹:

[...] semelhante a desenvolvida no curso de Medicina da Unipampa. Constavam de seminários, tutorias, trabalhos em grupo e individuais, prezando sempre pela autonomia de estudos dos acadêmicos.

É muito importante que o estudante saiba ser protagonista de seu processo de ensino-aprendizagem, pois isso dá a oportunidade de avançar e conhecer novos caminhos. Há a necessidade de entender como se chega à compreensão final do que se está buscando, e com a orientação dos professores o estudante

²¹ A Metodologia Ativa (MA) tem uma concepção de educação crítico-reflexiva com base em estímulo no processo ensino-aprendizagem, resultando em envolvimento por parte do educando na busca pelo conhecimento. (MACEDO *et al.*, 2018, p. 2).

pode percorrer este caminho que também leva ao autoconhecimento. Neste mesmo entendimento, E5QCAT2 comenta que havia muita atividade prática e que os portugueses prezam muito pela **autonomia** dos estudantes. Bem como E7QCAT2 que relata:

*[...] tínhamos aproximadamente 8 semanas de aula presencial, o restante do tempo deveríamos **estudar por conta própria**, tínhamos monitores para tirar dúvidas [...]*” (grifo nosso)

Segundo E8QCAT2:

[...] cada professor era um real especialista na área em que dava aula, mas apoiavam e incentivavam que se trouxesse visões de outros autores para ser debatidas.

De acordo com E11QCAT2, as avaliações eram por meio de:

Provas, porém os exercícios feitos em casa valiam uma parte da nota [...]

E comenta que os americanos:

[...] eram mais justos. A faculdade federal tem a cultura de punir o aluno que não aprende. Os americanos tinham a cultura de ensinar.

Para Forster (2006), da intensa relação entre professor-aluno surgem algumas demandas que favorecem a inovação em sala de aula, rompendo alguns paradigmas de soberania do professor e favorecendo o protagonismo dos estudantes na construção de seu conhecimento.

Segundo descrito por E14QCAT2, no que diz respeito ainda à metodologia, o foco era no mercado de trabalho, diferente da Unipampa, na qual os professores focam somente no acadêmico. O estudante destaca ainda que vários professores além de darem aulas na universidade, trabalham também na indústria e, por isso, possuem esta outra perspectiva, voltada para o mercado de trabalho. A importância desse relato é devido à grande demanda que surge do mercado de

trabalho por profissionais mais bem capacitados e com conhecimentos técnicos em sua área de atuação. A maioria dos egressos possui excelente conhecimento teórico, mas, na prática, ainda possuem alguma dificuldade.

E16QCAT2 relata a dificuldade que teve com as avaliações:

A avaliação era oral, o que para um estudante que teve apenas 6 meses de aula do idioma, dificultava muito, pois os assuntos eram muito técnicos e a linguagem neste caso muito avançada.

E complementa que o fato de ser nessa modalidade as provas:

[...] acabavam se tornando uma tortura psicológica para nós, os estrangeiros.

Já E26QCAT2 resume:

Bem diferente da Unipampa. Muitas avaliações e aulas práticas, muito melhor pra aprender.

Segundo E30QCAT2, havia:

Muitas atividades práticas no hospital (pequenos estágios dentro de cada disciplina), provas orais, provas teóricas mais rigorosas e algumas aulas em inglês (mesmo o idioma oficial sendo Português).

E34.1QCAT2 relata o uso da metodologia Problem Based Learning (PBL)²² em que:

²² A PBL vem sendo empregada para a formação de um profissional capaz de desenvolver a habilidade de “aprender a aprender”, termo que abrange o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a conviver e o aprender a ser. [...] A elaboração de um bom problema, ou situação problema, é fundamental para o êxito da PBL. Os problemas devem ser construídos com objetivos previamente determinados e, sempre que possível, tomando exemplos da vida real. Além disto, devem suscitar os conhecimentos prévios dos estudantes e estar relacionados com as suas futuras práticas profissionais. (LOPES, 2011, p. 1275-1276).

Todas as aulas eram baseadas em resolver problemas reais. Somente trabalhos, sem provas, centrado no aluno, com atividades práticas e avaliações com contextos de problemas reais do dia-a-dia.

Para Delors *et al.* (1996), a aprendizagem é enriquecida pela alternância entre a vida escolar e a vida profissional, sempre visando estabelecer relações entre ela e corrigir possíveis erros de execução. A internacionalização contribui para isso quando permite que o estudante conheça e pratique em outros ambientes com a orientação de profissionais com pontos de vista diferentes do que se está habituado no país de origem.

E49QCAT2 traz várias questões no que diz respeito à metodologia que presenciou durante o período de mobilidade: as aulas eram expositivas e com discussão em grupos. E ainda complementa:

O ensino era muito mais centrado no aluno, pois a exigência em comum era que os alunos estudassem muito antes mesmo do professor abordar o tema de estudo. Muitos exercícios eram passados para serem feitos pela plataforma da universidade. A posse de livros era exigida pelos professores que, semanalmente, enviavam os tópicos para serem estudados em casa e posteriormente vistos em sala de aula.

Para E57.1QCAT2, o que mais chamou a atenção foi a divisão dos períodos das aulas, pois o estudante não fica quatro horas dentro da sala de aula, como na Unipampa, mesmo que o componente tivesse a previsão dessas horas semanais. Ainda, julga o ensino brasileiro como antiquado frente a outros, com a necessidade de ser reformulado. Já o destaque de E60QCAT2 vai para as atividades de campo:

Uma das disciplinas que cursei, de uma escola diferente, foi muito interessante, porque os professores fizeram aulas de campo diversas vezes, mostrando o conteúdo abordado em sala de aula na prática, conhecemos lugares diferentes, um por exemplo era até fora do país.

E65.1QCAT2 relata que os estudantes podiam participar, mas, em geral, quem falava eram os professores, e complementa dizendo que acredita que isso se deva ao tamanho das turmas que eram muito grandes, o que prejudicava maiores interações entre professores e estudantes. E71QCAT2 pontua o comportamento dos professores em relação às aulas:

Os professores não eram “obrigados” a cumprir carga em sala de aula... o aluno não era dependente do professor, para aprofundar-se, precisava correr atrás.

Segundo E73QCAT2, as aulas ocorriam por meio de:

[...] metodologias ativas, onde os próprios discentes são incentivados a aplicar os conhecimentos em projetos práticos, com supervisão direta do professor.

De acordo com Nascimento *et al.* (2014), “o processo de MAI permite a assimilação e comparação de práticas entre o país de origem e o hospedeiro, levando a uma análise refletida constantemente, onde aspectos globais passam a moldar a formação dos estudantes”. Para o autor, estes processos podem ocorrer tanto em sala de aula quanto fora dela, no contato com o outro ou com o ambiente.

E79.1QCAT2 relata o:

Amplio uso de novas tecnologias e softwares no conteúdo das aulas, formando profissionais com capacidade para atuar no mercado conhecendo as melhores tecnologias disponíveis.

Para Fragueiro e Miranda (2016), uma melhor formação acadêmica e a busca por melhores condições no mercado pedem que as IES sejam internacionais e em conformidade com a sociedade contemporânea. O uso de tecnologias de ponta no ensino em sala de aula permite que os egressos estejam em condições de encarar o mercado de trabalho em sua área com conhecimento de técnicas, métodos e instrumentos.

Sobre a metodologia utilizada pelos professores, E5.1QCAT2 comenta:

Tive um pouco de dificuldade em me acostumar com o "faça você mesmo". Como as aulas são poucas, você tem muita liberdade para gerenciar seu tempo e suas tarefas acadêmicas. Soma-se isso ao fato de você estar num país novo e cheio de novidade, é muito difícil não deixar os estudos de lado. O nível de cobrança deles é maior também.

Neste sentido, para Leite, Genro e Braga (2011) dizem que as inovações são sustentadas sobre instabilidades e continuidades; ou seja, a partir de situações de desconforto surge a ação inovadora que contam com o protagonismo dos atores envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem. Um exemplo é o tempo exaustivo que os estudantes e professores permanecem dentro da sala de aula, o que nem sempre é garantia de aprendizagem. Um tempo mais bem aproveitado, envolvido em pesquisas ou práticas pode desenvolver habilidades que contribuirão para o desenvolvimento do futuro profissional.

E51QCAT2 comenta sobre a carga horária:

A diferença foi na quantidade de conteúdo, em que lá era humanamente possível de levar de forma saudável,

Assim como E40QCAT2, que relata o seguinte:

A carga horária era menor, o que tornava o estudo menos cansativo. Muitas atividades eram aprendidas pela própria busca de conhecimento por parte dos alunos. A carga horária de ensino no Brasil é muito exaustiva, o que faz com que o aluno em certo ponto já não absorva bem todas as informações. Essa foi a maior diferença notada.

Para Goes (2016, p. 20), “o desenvolvimento individual e acadêmico do estudante é enfatizado a partir do confronto com outras culturas e sistemas nacionais de educação”. A mobilidade acadêmica internacional na graduação proporciona oportunidades de mudanças e crescimento na vida pessoal e acadêmica, levando a um melhor preparo dos egressos.

Este tipo de prática na mobilidade favorece os países menos desenvolvidos que conseguem enviar seus estudantes para instituições renomadas no mundo, pois formam “em outros países, jovens capacitados para trabalharem em seu país de origem, com conteúdos mais elaborados, podendo com isso, favorecer o ensino aos que não conseguiram tal oportunidade”. (GUIMARÃES, 2013, p. 156).

Para E63QCAT2:

Com relação a capacitação ao mercado de trabalho é melhor, pois a proximidade academia/empresas é enorme.

A educação ao longo da vida do indivíduo torna-se uma construção contínua, de saberes, aptidões e capacidades de discernir situações, sabendo agir, reagir e transformar. Leva o ser humano a ter consciência de si mesmo e de seu entorno, com seu papel social no mundo e no trabalho (DELORS *et al.*, 1996).

Também registramos nesta categoria as dificuldades de validação dos componentes cursados no exterior, geralmente por resistência da coordenação de curso que sofreu troca durante o período do intercâmbio.

De acordo com E26.1QCAT2 houve:

Muita resistência. Praticamente 1 ano desperdiçado. Cursei 12 disciplinas e apenas 3 foram validadas e 1 aceita como DCG;

E32.1QCAT2 passou por situação similar:

Não convalidaram como matérias obrigatórias apenas convalidaram como DCG ou ACG;

Assim como para E36.2QCAT2, que relata que:

Os componentes contaram apenas como disciplinas extracurriculares.

Além destes, E40.1QCAT2 também teve problemas com o aproveitamento dos componentes cursados no exterior:

[...] *algumas disciplinas que poderiam ser substituídas em teoria só puderam ser utilizadas como atividades extracurriculares e/ou como atividades de ensino.*

Segundo Guimarães:

[...] a segurança do retorno e a convalidação do semestre letivo, no qual o aluno esteve ausente, uma vez que sua permanência no exterior conta para o tempo total do curso, permitem que a mobilidade se torne interessante para o aluno, não somente no sentido do aprendizado e da troca de experiência, mas também no tocante à continuidade de seus estudos, já que tal situação não aferirá prejuízos acadêmicos. (GUIMARÃES, 2013, p. 155).

Entretanto, o relato do estudante E49.1QCAT2 nos mostra uma experiência diferente:

Foi um processo rápido e claro. Na época, havia um documento, que falava sobre o aproveitamento de disciplinas cursadas fora da UNIPAMPA, do qual eu e a coordenação tínhamos conhecimento. Com base no documento foi fácil validar as componentes. Uma delas foi negada, mas após entrar em contato com o professor responsável pela negativa, entramos em um consenso de que, com base no documento supracitado, não teria por que não validar a disciplina.

De acordo com Guimarães (2013), com este processo de validação do que foi estudado no exterior, o curso e a instituição de origem colaboram com a formação de cidadãos globais, que serão capazes de refletir sobre problemas mundiais e que estarão preparados para o mercado de trabalho com o diferencial de ter vivenciado uma experiência no exterior e valorizando dentro da instituição o que foi realizado na instituição estrangeira.

No âmbito acadêmico da MAI muitos estudantes acabaram estabelecendo comparações com os métodos que são utilizados na Unipampa. A partir disso, observamos que alguns deles acabaram por reconhecer e valorizar mais os métodos, as ações e a estrutura da Universidade de origem, sem deixar de lado as críticas, que, bem fundamentadas, sempre são válidas. Também é importante destacar o pós-mobilidade e o reconhecimento dos estudos que foram realizados no exterior que garante o aproveitamento e a inclusão no histórico do estudante, uma maneira da Universidade valorizar e reconhecer o esforço dos acadêmicos.

No subcapítulo que segue, a partir dos relatos dos estudantes, analisamos a possibilidade de a MAI ser uma inovação pedagógica, a partir dos indicadores de Inovação Pedagógica, fundamentados em Leite e Fernandes (2011).

6.3 A MAI como possibilidade de inovação pedagógica

As questões de inovação pedagógica e/ou características do ambiente institucional que foram observadas pelos acadêmicos no exterior foram analisadas com base em concepções de autores como Cunha *et al.* (2006), Leite, Genro e Braga (2011), Forster *et al.* (2006) entre outros.

Conforme E61.1QCAT2:

A metodologia inovadora que observei foi haver um semestre todo com práticas hospitalares de segunda à quinta, havendo uma divisão em semanas para cada local de especialidade (cirurgia homens, medicina mulheres, ortopedia..) e isso foi o que mais me chamou a atenção, pois é algo que te coloca na rotina hospitalar da unidade de saúde local.

A mobilização de diferentes recursos, internos e externos, para transformar a forma de pensar e agir, possibilita construir um mundo com base na solidariedade e na construção dos saberes.

Leite, Genro e Braga (2011, p. 25) referendam que: “A inovação pedagógica vem para alterar uma certeza, produzir dúvida, gerar inquietação, para ajudar a pensar diferente do modo considerado normal [...]”. A inovação desestabiliza este pensamento reprodutivo e vem para instalar a inquietação, a vontade de saber mais e de diferentes formas, com novas experiências, conhecendo novos pontos de vista e, por isso, entendemos a MAI como uma inovação quando tira o sujeito de sua zona de conforto.

O estudante E1QCAT3 comenta sobre o que vivenciou no ambiente da instituição:

O campus onde eu fiquei tinha vários cursos de graduação, então era muito motivador participar de exposições de arte, locais de debate, exercícios ao ar livre.

E7QCAT3 menciona que a inovação tecnológica percebida na instituição pode ser percebida quando:

[...] *o acesso a pesquisa, equipamentos e metodologias modernas, alto investimento em inovação tecnológica.*

É possível e bem comum que a palavra inovação seja remetida a novas tecnologias. A inovação pedagógica utiliza também ferramentas tecnológicas e estas possibilitam “ao aluno juntar a dimensão do espaço real e ser capaz de lidar com o paradigma da representação” (FERNANDES; ZANCHE; KONARZEWSKI, 2001, p. 103). Assim, a inovação pedagógica permite ampliar a relação teoria e prática também a partir das tecnologias, estimulando e desafiando os estudantes na busca por uma resolução de problemas reais.

Para E8QCAT3, inovador foi a realização de feiras para que os clubes de ideias (políticas, religiosas e filosóficas), esportes e étnicos se apresentassem, em que o estudante poderia optar em qual gostaria de participar. Segundo Leite, Genro e Braga:

Encontramos a existência, em determinados tempos e lugares, de espaços coletivos de produção de novos currículos, de avaliação participativa, que não isolaram sujeitos, antes respeitaram identidades, aproximando-as e, ao mesmo tempo, distanciando-as através e com as diferenças. (LEITE; GENRO; BRAGA, 2011, p. 37).

Desta forma, cabe aqui a reflexão de que a educação possui este propósito de informar sobre a diversidade da espécie humana, sobre as diferentes culturas e levar as pessoas a terem consciência das semelhanças e diferenças entre os povos. A educação contribui para o desenvolvimento total do ser humano, no seu crescimento e pensamento autônomo, livre de preconceitos e aberto ao novo.

E12QCAT3 destaca a estrutura do campus universitário onde

[...] *havia lugar para atividades externas e local de lazer para os alunos.*

Já o fato de existirem impressoras espalhadas por todo o campus era inovação para E14QCAT3. Segundo o relato,

[...] *bastava recarregar um cartão para imprimir seus documentos.*

E24QCAT3 relata que:

Sem dúvidas foi a utilização de tablets, que eram emprestados pela Universidade no primeiro ano de formação e que poderiam ser comprados ou não ao fim da formação. Isso facilitava a consulta do material disponibilizado pelos professores e facilitava as aulas. Não era necessário a utilização do material impresso.

Assim, inovar também é fugir do convencional, melhorando a qualidade do que já existe. Para alguns a inovação está atrelada às tecnologias, como já mencionamos anteriormente, no entanto, a inovação também remete a uma “implementação de uma revisão cultural, uma mudança epistemológica e filosófica” (FORSTER *et al.*, 2006, p. 52).

Segundo E19QCAT3, inovadores eram as...

Aulas interativas, discussão de casos clínicos e tecnologias de ponta usadas no ensino.

Para Pires (2011), inovar não significa avaliar apenas o resultado, mas todo o processo, assim o indivíduo muda e muda também sua forma de aprender. Tudo deve estar integrado para permitir uma ruptura, uma mudança de pensamento, uma forma de ver a realidade. A partir do instante em que os estudantes buscam novos caminhos para relacionar-se com situações reais do cotidiano, o saber é reconfigurado, ressignificado dando um novo sentido ao que se está aprendendo.

Segundo E25QCAT3:

O ambiente era acolhedor, havia amplos espaços para estudo e o funcionamento da biblioteca era estendido em época de provas finais.

E26QCAT3 diz que havia:

Muitos encontros para interação dos estudantes estrangeiros.

A educação deve buscar esta integração de indivíduos e culturas para tornar as pessoas mais conscientes de suas raízes, permitindo que se situe no mundo em relação ao outro e respeitando todas as diversidades que nele se apresentem. A universidade também contribui para isso, quando permite a mobilidade de discentes, professores e técnicos que também permite o compartilhamento de estudos e conhecimentos, difundindo o que há de melhor nas instituições.

E29QCAT3 traz o relato do que lhe pareceu inovador na universidade:

Havia uma ágora no meio do pátio da universidade, sempre havia debates, cinemas, clube de livros, toda semana tinham atividades.

Um dos indicadores da inovação pedagógica nos remete à MAI como inovação, a partir do instante que rompe com a forma tradicional de ensinar e aprender, que constrói outras pontes para o desenvolvimento do indivíduo que não só na sala de aula. A ruptura com estes paradigmas faz com que o estudante seja protagonista (outro indicador de inovação pedagógica) de seu processo de aprendizagem, adotando novas formas de produzir conhecimento, seja em sala de aula ou fora dela.

O envolvimento dos estudantes em projetos de outros cursos pareceu interessante para E47QCAT3, como comenta:

[...] os alunos eram envolvidos em programas de outros cursos, similar aos currículos dos EUA.

Para Broilo (2011, p. 196), existe uma necessidade de pensar diferente, usar “novos modelos de atuação universitária em meio a esta crise que vem se intensificando, mais ativa, autônoma, transformando seus processos de investigação, de ensino e de extensão, realizando mudanças constantes”. A reconfiguração dos saberes, outro indicador de inovação pedagógica, requer uma anulação das dualidades científico/popular, ciência/cultura, entre outros. Necessita uma abertura ao novo, com gestão participativa dos processos da construção dos conhecimentos, uma mudança na forma de entender o conhecimento.

E73QCAT3 relata fatos bem relevantes no que diz respeito à inovação pedagógica:

Possibilidade de contactar os egressos por meio da rede de contatos no sistema da própria escola/universidade. A escola/universidade está sempre em contato com os egressos, convidando-os para apresentação de palestras sobre o mercado de trabalho, projetos profissionais e temas de pesquisas desenvolvidos. Aproximação da escola/universidade com empresas para realização dos estágios e ingresso no mercado de trabalho.

Desta forma, podemos observar mais uma vez que a inovação pedagógica não ocorre somente no ambiente de sala de aula, mas no contato entre as pessoas, com seres humanos em relação. Nas relações entre os sujeitos há uma partilha de conhecimentos e verifica-se o protagonismo dos mesmos, sejam aprendentes ou ensinantes. O compartilhamento de experiências de quem já está no mercado de trabalho rompe com as tradicionais formas de ensinar, pois “percebe-se um movimento para além do mero fazer diferente, introduzindo um pensamento sobre outras formas de trabalhar, procurando especialmente, fazer avançar para além da mesmice e do fazer sem sentido” (FORSTER *et al.*, 2006, p. 50).

No que diz respeito aos indicadores de qualidade do Ensino Superior, identificados no estudo anteriormente mencionado (LEITE; FERNANDES, 2011) aqui relacionamos com a mobilidade acadêmica internacional:

a) Memória educativa (vivências trazidas pelos sujeitos em processos de ensinar-aprender): toda a experiência relacionada com o período de estudos no exterior atende a este indicativo, a partir do instante em que o estudante consegue estabelecer uma comparação entre os sistemas educacionais e identificar de que forma aprende melhor diante das novas vivências;

b) Protagonismo (autoria e protagonismo para a construção da autonomia intelectual como finalidade ético-existencial): o fator adaptação ao novo ambiente e diante de novos desafios acadêmico e pessoais durante o período de mobilidade desenvolve a autonomia dos estudantes e sua resiliência diante do que está sendo vivenciado;

c) Territorialidade (configuração e reconfiguração de espaços com vistas ao ensinar-aprender): a adaptação também às novas configurações de ensino-aprendizagem na universidade estrangeira, à nova cultura e formas de viver propiciam uma experiência que ficará para sempre com este indivíduo;

d) Ruptura (ruptura epistemológica com o paradigma dominante da ciência);

e) Historicidade do conhecimento (valores implicados na produção histórica do conhecimento): conhecer novas formas de saber e ser no exterior no contato com diferentes culturas e novos pontos de vistas sobre a vida acadêmica, o curso e a futura profissão tornando este estudante um cidadão com conhecimentos amplos para trabalhar com problemas globais;

f) Democracia pedagógica (relação entre professores-alunos-alunos fundada em um contrato de decisões compartilhadas para o desenvolvimento do processo pedagógico): conhecer e desenvolver novas relações entre indivíduos com um mesmo interesse em comum e a construção de novas parcerias para o desenvolvimento de projetos e ações que contribuam para o crescimento pessoal, acadêmico e profissional.

Discutimos aqui a possibilidade de que a MAI seja uma inovação pedagógica e, com base nos indicadores de inovação presentes no estudo de Leite e Fernandes (2011), podemos identificar diversos fatores que indicam esta possibilidade, como os elencados nos parágrafos anteriores.

Aspectos sobre a MAI no contexto profissional são abordados no subcapítulo que segue, com relatos da importância da experiência internacional em processos seletivos para vagas de emprego e, inclusive, no empreendedorismo.

6.4 A MAI no contexto profissional

Nas respostas referentes à MAI no contexto profissional encontramos a questão da importância de constar no currículo a experiência com a mobilidade e se essa foi relevante para o mercado de trabalho. A reorganização do mercado de trabalho, atualmente, exige um novo trabalhador, “mais bem equipado em termos de competências desenvolvidas ao longo do ciclo de vida ativa” (POCHMAN, 2005 *apud* LIMA; RIEGEL, 2020, p. 1), e o ensino superior tem papel estratégico

na inserção dos indivíduos neste ambiente. Preparar os estudantes de nível superior para a prática internacional da profissão tornou-se uma exigência.

O relato de E1QCAT4 nos diz que:

[...] isso me diferencia das demais pessoas que infelizmente não tiveram a mesma oportunidade, de aprender outra língua de uma forma nativa, de ver congressos que não veria no Brasil, de ter conhecimento sobre normas/leis de outro país.

E10QCAT4 destaca que:

Ter um intercâmbio é um grande diferencial, pois apresenta vivência exterior e contato com diferentes culturas. Ele me possibilitou vários diferenciais, como o idioma, cultura, conteúdos diversificados da área.

Para E16QCAT4:

É um fator muito relevante em entrevistas de emprego, principalmente por características como: persistência, coragem, capacidade de se moldar e encarar novos desafios etc.

E30QCAT4 destaca que:

Para a parte profissional, realizar mobilidade é um item valorizado porque demonstra interesse, esforço e resiliência do aluno.

A Declaração Mundial sobre a Educação Superior no século XXI (2009), documento já mencionado anteriormente, consta que neste século é observada uma demanda de educação superior sem precedentes com a consciência de sua importância fundamental para o desenvolvimento sociocultural e econômico e para a construção do futuro, de maneira que as novas gerações precisam estar preparadas e com competências e novos conhecimentos.

No depoimento de E17QCAT4 destaca que:

Certamente o que mais contribuiu foi a oportunidade de desenvolver o domínio da língua inglesa. Esta abriu muitas oportunidades

Assim como E29QCAT4 relata que:

[...] a fluência no idioma, bem como a experiência de viver fora me abriram diversas portas no âmbito profissional, todos os cargos que ocupei foram graças a fluência no espanhol.

Após observar os relatos no que diz respeito ao conhecimento em língua estrangeira é possível fazer a seguinte reflexão: na contemporaneidade a questão linguística não deveria mais ser considerada como um obstáculo para a comunicação entre os povos, ela deve sim ser uma fonte de conhecimento, conhecimento que agrega, conhecimento que desenvolve.

E32QCAT4 afirma que:

Sim me tornei uma pessoa muitos mais aberta e centrada em questões mais importantes, tenho uma grande facilidade em trabalhar com grupos multidisciplinares.

Para E37QCAT4:

Por conta do intercâmbio fui contratado por uma multinacional estrangeira para atuar em projeto com pessoas de diversos países.

Na opinião de E55QCAT4:

Com certeza ajudou, pessoal e profissional. Todas entrevistas de trabalho que tive, me perguntavam sobre minha fluência no espanhol. perguntavam sobre a vivência de um intercâmbio. Acredito que as pessoas que vivem outras culturas e aprendem “a se virar” conseguem resolver problemas de uma forma diferente na vida, e o mercado de trabalho busca exatamente pessoas que consigam resolver qualquer tipo de problema, independentemente da situação.

A formação de um cidadão planetário assume grande importância já que os problemas ocorrem em dimensão global e cada cultura busca sua resolução dentro de seus paradigmas. A partir do momento que se tem uma formação global, o estudante/profissional realizará análises de acordo com as habilidades desenvolvidas, refletirá e poderá manifestar-se de maneira firme e segura (GUIMARÃES, 2013).

Para E35QCAT4:

[...] pude realizar contatos importantes para o futuro profissional.

E45QCAT4 também expõe que:

Sim, o mercado tem cobrado experiências internacionais como pré-requisito e não mais como diferencial.

E46QCAT4 complementa que:

Para trainee fez muita diferença, algumas vagas exigem experiência internacional.

A educação superior é um dos motores do desenvolvimento econômico quando, além das pesquisas que desenvolve, forma profissionais com habilidades de interagir com a diversidade e trabalhar em conjunto.

A experiência internacional é muito valorizada no currículo porque além de proporcionar ao estudante e futuro profissional a fluência em um idioma estrangeiro, como já comentado, também desenvolve a tão falada resiliência, que é a capacidade de adaptar-se às mudanças.

6.5 Síntese dos olhares discentes

Como síntese da análise de dados, apresentamos a seguir a Tabela 3 com as principais informações sobre os olhares discentes extraídos do questionário e da entrevista com estudantes que realizaram a MAI entre 2012 e 2018.

TABELA 3 – Síntese dos olhares discentes – Categoria x Olhares Discentes

(continua)

CATEGORIA	OLHARES DISCENTES
CAT 1 – ÂMBITO PESSOAL	a) Motivações: experiência de vida; conhecer outras culturas; aperfeiçoamento em língua estrangeira; cursar componentes não disponíveis na Unipampa; estudar conteúdos sob outras perspectivas; sair da zona de conforto, etc. b) Dificuldades de adaptação à culinária; c) Necessidade de uma preparação intercultural; d) Professores e pessoal técnico acolhedor; e) Alguns estudantes nativos mais fechados e distantes, melhor relacionamento com outros estrangeiros; f) Dificuldades com variações linguísticas; g) Realizariam novamente a MAI; h) Crescimento pessoal e profissional; i) Importância de auxílio financeiro; j) Conhecimento além da sala de aula; k) Valorização do país de origem.
CAT 2 – ÂMBITO ACADÊMICO	a) Possibilidade de dupla diplomação; b) Outros pontos de vista sobre os conteúdos estudados; c) Diferentes relações professor-aluno; d) Aulas e avaliações práticas; e) Ensino centrado no aluno; f) Metodologias ativas; g) Carga horária menos exaustiva; h) Preparação para o mercado de trabalho.
CAT 3 – INOVAÇÃO PEDAGÓGICA	a) Práticas semanais temáticas; b) Protagonismo do estudante nos estudos; c) Contato com egressos; d) Atividades culturais nos campi universitários; e) Feiras temáticas; f) Espaços de lazer nos campi; g) Metodologia PBL.

TABELA 3 – Síntese dos olhares discentes – Categoria x Olhares Discentes

(conclusão)

CAT 4 – ÂMBITO PROFISSIONAL	<p>a) A MAI é fator importante para a carreira profissional dos estudantes;</p> <p>b) A fluência em um idioma estrangeiro é requisito para muitas vagas no mercado de trabalho e a MAI proporciona este conhecimento;</p> <p>c) Alguns estudantes passaram a trabalhar como professores de idiomas após o período de mobilidade no exterior;</p> <p>d) Alguns estudantes que realizaram MAI hoje trabalham preparando outros estudantes para estudar no exterior;</p> <p>e) Empresas demonstram mais interesse por profissionais que possuem experiência no exterior;</p> <p>f) A MAI desenvolve habilidades importantes para o mercado de trabalho, como trabalhar em meio à diversidade cultural.</p>
-----------------------------	---

Fonte: Autora (2020).

Nesse capítulo foram elencadas os principais aspectos levantados pelos discentes em relação às motivações para a realização Mobilidade Acadêmica Internacional *Outgoing*, descritas as experiências positivas e negativas na estadia no exterior. Os estudantes ressaltaram que, apesar dos aspectos negativos como dificuldades de adaptação à culinária e problemas com o idioma, a realização da mobilidade foi extremamente válida e enriquecedora. Os aspectos acadêmicos também foram destaque, em que os estudantes salientaram a importância de poder estudar em universidades de ponta e aprender com profissionais renomados em suas áreas. Alguns estudantes comentaram que puderam perceber o quanto a Unipampa está avançada em relação à metodologia e que possui excelente corpo docente, com algumas exceções. Sobre a possibilidade da MAI apresentar indicadores de inovação pedagógica, a partir dos relatos dos estudantes de que passaram a ser protagonistas de seus processos de ensino-aprendizagem, conseguiram estabelecer comparações entre sistemas de ensino, identificaram de que forma aprendem melhor, comprovaram que a aprendizagem vai além do ambiente da sala de aula (atividades em campo, aprendizagem e/ou aperfeiçoamento de língua estrangeira e cultura, por exemplo), além de outros indicadores apresentados no subcapítulo 6.3, podemos confirmar que sim.

A questão profissional também teve destaque nas falas discentes. Segundo os estudantes é relevante constar no currículo a experiência vivenciada no

exterior, tanto pela aprendizagem diferenciada e outros pontos de vista, quanto pelo aperfeiçoamento em língua estrangeira e pelo desenvolvimento de habilidades e competências que permitirão trabalhar em meio à diversidade cultural.

Enfim, a MAI se constitui num espaço-tempo relevante para os estudantes que tiveram a oportunidade de estudar no exterior, nos âmbitos pessoal, acadêmico e profissional.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PERSPECTIVAS E DESAFIOS DA MAI

A presente pesquisa objetivou identificar as contribuições da mobilidade acadêmica internacional *outgoing* para o desenvolvimento dos estudantes da Unipampa que realizaram estudos no exterior entre os anos de 2012 e 2018.

Com esta pesquisa sobre internacionalização e MAI entendemos que essas estão inseridas nas instituições para que os estudantes deixem de pensar e agir de forma convencional, rompendo com a forma tradicional de ensinar e aprender.

Atendendo ao objetivo geral da pesquisa, podemos concluir que a MAI contribui para o desenvolvimento global dos estudantes, pois: adquirem ou aperfeiçoam a proficiência em língua estrangeira; desenvolvem habilidades que os tornam mais bem preparado para lidar com o diferente; proporciona o conhecimento de diversas culturas em contato com outros intercambistas; entram em contato com outras metodologias e diferentes processos de ensino aprendizagem; prepara para o mercado de trabalho com conhecimentos globais e pontos de vista diferenciados.

Em relação às motivações dos estudantes para a realização da MAI, observamos que vai muito além de um simples desejo de estudar no exterior, pois envolve a busca por capital cultural destes estudantes que sofre influência de diversas partes, entre elas a história familiar, as competências linguísticas, a flexibilidade e a abertura ao diferente. Eles estão à procura de vivências interculturais, amadurecimento, autonomia pessoal, ampliação de capital linguístico e desenvolvimento de competências que são muito valorizadas pelos futuros empregadores. Além disso, os fatores que influenciam a escolha do destino envolvem questões culturais, financeiras, psicológicas e acadêmicas.

Outro objetivo específico que faz parte deste trabalho foi identificar quais as contribuições pessoais, acadêmicas e profissionais da realização da MAI. Quanto ao âmbito pessoal, os estudantes relatam que cresceram ao saírem de sua zona de conforto e desenvolveram habilidades como resiliência, proficiência em uma língua estrangeira e a capacidade de lidar com adversidades. Quanto ao âmbito acadêmico, os relatos mostram que as contribuições foram no sentido de aprender sobre novas perspectivas, estudar em universidades de ponta e com professores renomados, ao vivenciarem metodologias diferentes das utilizadas na Unipampa. Além disso, identificamos também as contribuições para os egressos

enquanto profissionais que relatam a importância de constar em seu currículo a realização de MAI. Para os estudantes o fato de apresentar proficiência em uma língua estrangeira pesa muito em seus currículos, assim como a habilidade de trabalhar em ambientes com diversidade cultural, facilidade de se adaptar às mudanças além, claro, da própria experiência de ter vivido no exterior. O conjunto destas conquistas dos estudantes durante a MAI fortalecem o capital cultural dos estudantes.

Ao verificar se a mobilidade acadêmica constitui uma inovação pedagógica, os vários depoimentos confirmam isso, sendo que o principal deles é a ruptura com os paradigmas tradicionais de ensino-aprendizagem e o protagonismo dos estudantes que ao identificar de que forma aprendem melhor, vão além do mero fazer e desenvolvem diferentes formas de pensar seus processos de ensino-aprendizagem, estimulando processos intelectuais mais complexos.

Outro fator importante que percebemos na relação MAI e Inovação Pedagógica é a perspectiva orgânica no processo de concepção, em que o estudante desenvolve conhecimentos, habilidades e competências nas relações teórico-práticas vivenciadas e tem condições de avaliar sua experiência no exterior. Neste período de estudos no exterior são vivenciadas inúmeras experiências, especialmente no que diz respeito à aprendizagem ou ao aperfeiçoamento do conhecimento em língua estrangeira e à cultura diferenciada do País de origem. A Inovação Pedagógica está presente na criação de melhorias e transformações de processos de aprendizagem, em processos dinâmicos e transdisciplinares com protagonismo estudantil, em que metodologias são recriadas continuamente. Todo esse contexto é capaz de gerar valor para os estudantes, para os professores, para as instituições e para a sociedade.

Em relação à normatização institucional da MAI, por meio da análise dos documentos institucionais (Resoluções nº 29/2011, nº 197/2018 e PDI 2014-2018), observamos que é pouco explicitada nos documentos institucionais como a universidade fomenta a MAI. Nesse sentido, é relevante para a gestão das Universidades incentivar a mobilidade de seus estudantes e abrir as portas de suas instalações para os estudantes e pesquisadores estrangeiros também, o que proporcionará uma maior inserção da instituição no cenário mundial. Com a realização da MAI não é apenas o estudante que ganha e desenvolve, o fato de ser exigido nos processos seletivos realizados na Unipampa que o estudante

tenha componentes a cursar no retorno da mobilidade é para que possam compartilhar suas vivências e aprendizados ao voltar ao Brasil e à Universidade. Por isso, acreditamos na importância da elaboração de uma resolução institucional que aborde somente a mobilidade acadêmica internacional, tanto *outgoing* como *incoming*, para que se fortaleça a ideia de relevância desta ação para a internacionalização das IES e para o desenvolvimento de seus discentes e pesquisadores.

Cabe destacar também que está sendo desenvolvido na Universidade o projeto piloto COIL (*Collaborative Online International Learning*) que teve ações desenvolvidas em conjunto com a *Universidad Uniminuto de Dios*, da Colômbia, como alternativa aos editais cancelados no ano de 2020, devido à Pandemia de Covid-19. Este tipo de ação favorece o intercâmbio de informações entre as instituições e seus estudantes sem que eles necessitem de deslocamento, embora haja a previsão de uma visita técnica por parte da equipe à universidade parceira.

Relevante torna-se também o estudo posterior do PDI 2019-2023 da Unipampa e como as ações de fomento à internacionalização e MAI se apresentam, que por estar fora do período delimitado por esta pesquisa, não foi analisado.

REFERÊNCIAS

ABAD, Lucas Gonçalves. **Internacionalização integral na gestão universitária**. In: MOROSINI, Marília. Guia para a internacionalização universitária. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. 265 p.

ALTBACH, Philip. **Global perspectives on higher education**. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 2016. *E-book*

ALTBACH, Philip. **Comparative Higher Education: knowledge, university, and development**. Connecticut: Ablex Publishing, 1998. *E-book*

ÁLVAREZ, Nancy Martínez. Presentación. In: ESPITIA, Geidy Ortiz *et al.* (coord.), **Innovar en la escuela: una apuesta transformadora de la enseñanza y el aprendizaje**. Série innovación IDEP. Bogotá, D.C. Colombia, 2012, 130 p. *E-book*
Disponível em:
<https://repositorio.idep.edu.co/bitstream/handle/001/765/001idep765.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 jun. 2019.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Editora Liber Livros: Brasília, 2008. 68 p. (Série Pesquisa: Vol. 13)
Disponível em:
http://www.nelsonreyes.com.br/LIVRO_ANDRE,M.E.D.A._EstudoDeCasoEmPesquisaE_AvaliacaoEducacional.rtf. Acesso em: 14 jun. 2019.

BERNHEIM, Carlos Tunnerman. La internacionalización de la educación superior. Significado, relevancia y evolución histórica. In: GACEL-ÁVILA, Jocelyne (coord.) Educación superior, internacionalização e integração em América Latina y el Caribe. **Balance Regional Prospectiva**. Caracas: Unesco – IESALC y Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, 2018, 280 p. Disponível em:
<https://www.iesalc.unesco.org/2019/07/17/coleccion-cres-2018-educacion-superior-internacionalizacion-e-integracion-en-america-latina-y-el-caribe-balance-regional-y-prospectiva/>. Acesso em: 09 jan. 2020.

BIANCHI, Caio Giusti; GODOY, Rosana Pêgas; FIGUEIREDO, Júlio César Bastos de. Determinantes da mobilidade acadêmica no ensino superior internacional. **Revista de Administração Educacional**, [S.l.], v. 1, n. 1, jul. 2017. ISSN 23591382. Disponível em:
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/ADED/article/view/23112>. Acesso em: 26 ago. 2020.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina**. v. 2, n. 1, jan./jul. 2005, p. 68-80. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>. Acesso em: 14 jun. 2019.

BRASIL. Decreto Nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011. Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. **Diário Oficial da União**, 14 dez. 2011. Disponível em: planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7642.htm. Acesso em: 15 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal. **Diretrizes do BRAFITEC 2008**. Brasília: Ministério da Educação, 2008. Disponível em: [www.gov.br › centrais-de-conteudo › edital-brafitec-doc](http://www.gov.br/centrais-de-conteudo/edital-brafitec-doc). Acesso em: 22 jan. 2019.

BROILO, Cecília Luiza. (Con) formando o trabalho docente: a ação pedagógica na universitária. *In*: LEITE, Denise; GENRO, Maria Elly Herz; BRAGA, Ana Maria e Souza. **Inovação pedagogia universitária**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. 256 p.

CASTRO, Alda Araújo; CABRAL NETO, Antônio. O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v. 21, p. 69-96, 2012. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502012000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 ago. 2020.

CONFERÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR NA AMÉRICA LATINA. **Declaração da III Conferência Regional de Educação Superior na América Latina e no Caribe**. Córdoba, Argentina, 2018. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/declaracao-da-iii-conferencia-regional-de-educacao-superior-para-america-latina-e-o-caribe-em-portugues/>. Acesso em: 21 dez. 2020.

CONFERÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR NA AMÉRICA LATINA. **Declaração da II Conferência Regional de Educação Superior na América Latina e no Caribe**. Cartagena de Índias, Colômbia, 2008. Disponível em: cres2018.unc.edu.ar/historia/cres-2008. Acesso em: 07 out. 2018.

CUNHA, Maria Isabel. Prática pedagógica e inovação: experiências em foco. *In*: Mello, Elena Maria Billig *et al.* (coord.). SEMINÁRIO INOVAÇÃO PEDAGÓGICA [recurso eletrônico]: “Repensando estratégias de formação acadêmico-profissional em diálogo entre Educação Básica e Educação Superior”. 2018, Uruguaiana. **Anais eletrônicos** [...]. Uruguaiana, RS: Unipampa, 2018. 137 p. Disponível em: <http://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/3052/1/E-Book%20Semin%C3%A1rio%20Inova%C3%A7%C3%A3o%20pedag%C3%B3gica%20UNIPAMPA.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2019.

CUNHA, Maria Isabel da (org.). **Pedagogia universitária: energias emancipatórias em tempos neoliberais**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2006. 143 p.

CUNHA, Maria Isabel da; RESCHKE, Maria Janine Dalpiaz. Internacionalização da educação e mobilidade estudantil em questão. REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO SUL, 11., 2016, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: UFPR, 2016. Disponível em:
http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo8_MARIA-ISABEL-DA-CUNHA-MARIA-JANINE-DALPIAZ-RESCHKE.pdf. Acesso em: 01 ago. 2020.

DALMOLIN, Indiara Sartori; PEREIRA, Eliane Ramos; SILVA, Rose Mary Costa Rosa Andrade; GOUBEIA, Maria José Baltazar; SARDINHEIRO, José Júlio. Intercâmbio acadêmico cultural internacional: uma experiência de crescimento pessoal e científico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, 2013, maio /jun., v. 66, n. 3, p. 442-447. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/reben/v66n3/a21v66n3.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

DELORS, Jacques; AL-MUFTI, In'am; AMAGI, Isao; CARNEIRO, Roberto; CHUNG, Fay; GEREMEK, Bronislaw; GORHAM, William; KORNHAUSER, Aleksandra; MANLEY, Michael; QUERO, Marisela Padrón; SAVANÉ, Marie-Angélique; SINGH, Karan; STAVENHAGEN, Rodolfo; SUHR, Myong Won; NANZHAO, Zhou. **Educação, um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 2. ed.. Porto: ASA/UNESCO, 1996. Disponível em:
http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf. Acesso em: 22 set. 2020.

DUARTE, Roberto Gonzalez; CASTRO José Márcio de; CRUZ, Ana Luiza Albuquerque; MIURA, Irene. O papel dos relacionamentos interpessoais na internacionalização de instituições de ensino superior. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 343-370, mar. 2012. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982012000100015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 nov. 2018.

DUARTE, Roberto Gonzalez; CASTRO José Márcio de; CRUZ, Ana Luiza Albuquerque; MIURA, Irene. O papel dos relacionamentos interpessoais na internacionalização de instituições de ensino superior. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 343-370, mar. 2012. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982012000100015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 nov. 2018.

FORSTER, Maria Margarete dos Santos; MALMANN, Marly Terezinha; DAUDT, Sônia Isabel Dondonis; FAGUNDES, Mauricio César; RODRIGUES, Heloiza. **Pedagogia universitária**: energias emancipatórias em tempos neoliberais. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2006. 143 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FAGUNDES, Caterine; LUCE, Maria Beatriz; SILVEIRA, Paloma Dias. A qualidade da mobilidade de estudantes de graduação no “Ciências sem Fronteiras”. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação**. Rio de Janeiro, v. 27, n. 105, p. 904-927, dez. 2019. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362019000400904&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 set. 2020.

FERNANDES, Cleoni Maria Barbosa; ZANCHE, Beatriz Maria; KONARZEWSKI, Sheila Eskeff. Pedagogia universitária: refletindo sobre os impasses e desafios para a experiência inovadora. *In*: CUNHA, Maria Isabel da (org.). **Pedagogia universitária: energias emancipatórias em tempos neoliberais**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2006. 143 p.

FRAGUEIRO, Nathalia Santos; MIRANDA, Rodrigo. Experiências acadêmicas vividas pelos discentes de administração em mobilidade acadêmica internacional. CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 4., 2016, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Franqueiro, 2016. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/14>. Acesso em: 30 ago. 2020.

FREITAS, Maria Ester de. A mobilidade como novo capital simbólico nas organizações ou sejamos nômades?. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 16, n. 49, p. 247-264, jun. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302009000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 jun. 2020.

GACEL-ÁVILA, Jocelyne. **La internacionalización de la educación superior: paradigma para una Educación Global**. México: CUSCH – Universidad de Guadalajara, 2003, 390 p. *E-book*

GACEL-ÁVILA, Jocelyne; RODRÍGUES-RODRÍGUES, Scilíia. La internacionalización de la educación terciaria en América Latina y Caribe: avances, tendencias y prospectiva. *In*: GACEL-ÁVILA, Jocelyne (coord.). **Educación superior, internacionalización e integración en América Latina y el Caribe**. Balance regional y prospectiva. Caracas: Unesco – IESALC y Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2018, 280 p. Disponível em: <https://www.iesalc.unesco.org/2019/07/17/coleccion-cres-2018-educacion-superior-internacionalizacion-e-integracion-en-america-latina-y-el-caribe-balance-regional-y-prospectiva/>. Acesso em: 09 jan. 2020.

GOES, Marcos Linhares. **Avaliação dos impactos de um programa de mobilidade acadêmica internacional: o caso Brasil-França**, ao nível de graduação em ciências agrárias. 2016. 90 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5728>. Acesso em: 01 set. 2020.

GUIMARÃES, Orlineya Maciel. A globalização do conhecimento: uma análise da mobilidade estudantil internacional dos estudantes da Unesp – Campus de Franca. **Camine: Caminhos da Educação**, Franca, v. 5, n. 2, p. 147-158, dez. 2013. ISSN 2175-4217. Disponível em: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/1016>. Acesso em: 19 set. 2020.

GUIMARÃES, Sandra Ritiele Espíndola Fernandes; TADEUCCI, Marilsa de Sá; OLIVEIRA, Adriana Leonidas de. Estudo Bibliométrico em gestão intercultural, internacionalização e mobilidade acadêmica: foco no ensino superior. **Revista Janus**, Lorena, n. 17, p. 55-65, 2013. Disponível em: <http://unifatea.com.br/seer3/index.php/Janus/article/download/307/279/>. Acesso em: 25 ago. 2020.

JUSTINO, Elisa Kaspereit. Internacionalização das instituições de ensino superior: Estratégia ou Modismo. **E-Tech: Tecnologias para Competitividade Industrial**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 38-60, 2º. Sem., 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.18624/e-tech.v2i2>. Acesso em: 03 set. 2018.

KNIGHT, Jane. **Internacionalização da educação superior**: conceitos, tendências e desafios. São Leopoldo: Oikos, 2020. 216 p.

KNIGHT, Jane. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies in International Education**, Londres: Sage Publications, v. 8, n. 1, p. 5-31, 2004. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1028315303260832>. Acesso em: 06 set. 2018.

KNIGHT, Jane. **Updated Internationalization Definition**. International Higher Education. 33. 10.6017/ihe.2003.33.7391. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/248809738_Updated_Internationalization_Definition#:~:text=Internationalisation%20is%20defined%20as%20a,delivery%20\(Knight%2C%202015\)%20](https://www.researchgate.net/publication/248809738_Updated_Internationalization_Definition#:~:text=Internationalisation%20is%20defined%20as%20a,delivery%20(Knight%2C%202015)%20). Acesso em: 20 out. 2018.

LEITE, Denise Balarine Cavalheiro. **Reformas Universitárias**. Avaliação Institucional Participativa. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005. 141 p. ISBN 85.326.3120-7. Disponível em: http://www.ufrgs.br/inov/docs/refrmasuniv_avalaiainstpartic. Acesso em: 15 jun. 2019.

LEITE, Denise Balarine Cavalheiro. MOROSINI, Marília. **Universidade futurante**: produção do ensino e inovação. Campinas: Papirus, 1997. 200 p.

LEITE, Denise Balarine Cavalheiro; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. **Indicadores de inovação pedagógica na universidade**. In: MOROSINI, Marília Costa (org.). Qualidade na educação superior: reflexões e práticas investigativas. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2011. p. 293-312. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/qualidadedaeducacaosuperior3.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2019.

LEITE, Denise; GENRO, Maria Elly Herz; BRAGA, Ana Maria de Souza. Inovações pedagógicas e demandas ao docente na universidade. *In*: LEITE, Denise; GENRO, Maria Elly Herz; BRAGA, Ana Maria de Souza (orgs.). **Inovação e pedagogia universitária**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. 256 p.

LIMA, Manolita Correia.; RIEGEL, Viviane. A influência da mobilidade acadêmica sobre a formação dos jovens. **Negócios e Talentos**, Porto Alegre, v. 2, n. 11, p. 70-80, 2010. Disponível em: <https://seer.uniritter.edu.br/index.php?journal=negocios&page=article&op=view&path%5B%5D=480>. Acesso em: 30 ago. 2020.

LIMA, Valderez Marina do Rosário. **Universalidades e singularidades presentes no método de análise textual discursiva**. *In*: LIMA, Valderez Marina do Rosário; RAMOS, Maurivan Güntzel; PAULA, Marlúbia Corrêa de (orgs.). Métodos de análise em pesquisa quantitativa: releituras atuais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. 293 p. [recurso online] Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=GkmeDwAAQBAJ&hl=pt&pg=GBS.PT9.w.1.0.169>. Acesso em: 07 maio 2020.

LOPES, Renato Matos; SILVA FILHO, Moacelio Veranio; MARSDEN, Melissa; ALVES, Neila Guimarães. Aprendizagem baseada em problemas: uma experiência no ensino de química toxicológica. **Química Nova**, São Paulo, v. 34, n. 7, p. 1275-1280, 2011. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-40422011000700029&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 out. 2020.

LUCE, Maria Beatriz; FAGUNDES, Caterine Vila; MEDIEL, Olga González. **Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica**. Avaliação, Campinas) [online], 2016, v. 21, n.2, p. 317-340. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772016000200317&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 21 maio 2019.

MACEDO, Kelly Dandara da Silva; ACOSTA, Beatriz Suffer Acosta; SILVA, Ethel Bastos da; SOUZA, Neila Saintini; BECK, Carmem Lúcia Colomé; SILVA, Karla Kristiane Dames da. **Metodologias ativas de aprendizagem: caminhos possíveis para inovação no ensino em saúde**. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, e20170435, 2018. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452018000300704&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 nov. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de. **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais** [online]. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. E-book ISBN: 978-85-7542-574-4

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHEZ. Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, , v. 9, n. 3, p. 239-262, jul., / set., 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/csp/v9n3/02.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2019

MORAES, Roque. GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 3. ed. revisada e ampliada. Coleção educação em ciências. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016. 264 p.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 10 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF, UNESCO, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EdgarMorin.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2020.

MOROSINI, Marília. Como internacionalizar a universidade: concepções e estratégias. *In*: MOROSINI, Marília (org). **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. 265 p.

MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: conceitos e práticas. **Educação em Revista** [online], 2006, n.28, p.107-124. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-40602006000200008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 22 set. 2018.

MOTIVAÇÃO. *In*: MICHAELIS moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/motiva%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 01 set. 2020.

NASCIMENTO, Leandro da Silva; WANDERLEY, Lilian Soares Outtes; PENHA, Zâmbi Mentuhotep Husani da Silva; DE SOUZA, Alba Maria Nogueira; Mobilidade acadêmica internacional e educação para sustentabilidade: relatos brasileiros. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO EMPRESARIAL E MEIO AMBIENTE, 16., 2014, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ENGEMA, 2014. Disponível em: <https://www.engema.org.br/XVIENGEMA/436.pdf>. Acesso em: 17 set. 2020.

NEZ, Egeslaine. Fluxos de cooperação acadêmica para a internacionalização. *In*: MOROSINI, Marília (org.) **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. 265 p.

OLIVEIRA, Adriana Leonidas de; FREITAS, Maria Ester de. Motivações para mobilidade acadêmica internacional: a visão de alunos e professores universitários. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 32, n. 3, p. 217-246, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982016000300217&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 ago. 2020.

PERLIN, Ana Paula; ROSSATO, Gabriela; MOTKE, Francies Diego; GOMES, Clandia Maffini; KNEIPP. Fatores motivacionais e contribuições das mobilidades internacionais de estudantes de uma instituição federal do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação - Periódico científico editado pela ANPAE**, [S.l.], v. 34, n. 3, p. 775 - 794, jan., 2019. ISSN 2447-4193. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/86844>. Acesso em: 30 ago. 2020

PIRES, Regina Celi Machado. Inovação e avaliação no marco da crise do Estado e da universidade pública. *In*: LEITE, Denise; GENRO, Maria Elly Herz; BRAGA, Ana Maria e Souza. **Inovação pedagogia universitária**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. 256 p.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzales Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismo para validação dos resultados. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SANTOS, Boaventura de Souza. Uma concepção multicultural de direitos humanos. **Lua Nova**, São Paulo, n. 39, p. 105-124, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451997000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 6 nov. 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. Tempo Social; Revista de Sociologia USP, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 31-52, 1993. [editado em nov. 1994]. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v5n1-2/0103-2070-ts-05-02-0031.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. Internacionalización de la educación superior: redefiniciones, justificativas y estrategias. **Espaço Pedagógico**, v. 25, n.1, Passo Fundo, p. 168-189, jan./abr., 2018. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:bhrLBLcJe-sJ:seer.upf.br/index.php/rep/article/download/8038/4735/+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 05 jan. 2020.

SANTOS, Paulo Junior dos; MIRANDA, Raquel Ferreira. A percepção de estudantes universitários em relação à experiência de intercâmbio na argentina. **Perspectivas em Psicologia**, v. 18, n. 2, 30 dez. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/29850>. Acesso em: 10 set. 2020.

SIUFI, Gabriela. **Cooperación internacional e internacionalización de la Educación Superior**. [S.].: IESALC; UNESCO, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/3403231/Cooperaci%C3%B3n_internacional_e_internacionalizaci%C3%B3n_de_la_educaci%C3%B3n_superior. Acesso em: 25 ago. 2020.

SOUZA JUNIOR, José Maria. A internacionalização e a mobilidade na Educação Superior: o debate na América Latina. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 10, n. 2, p. 1 – 17, 2010. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/ric/article/view/345>. Acesso em: 01 fev. 2020.

STALLIVIERI, Luciane. **Internacionalização e intercâmbio**: dimensões e perspectivas. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2017.

STALLIVIERI, Luciane. **O Processo de Internacionalização nas Instituições de Ensino Superior**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2014.

Disponível em: <http://iglu.paginas.ufsc.br/files/2014/08/SLIDES-LUCIANE.pdf>. Acesso em: 18 set. 2018.

UNESCO. **Declaración Mundial sobre la Educación Superior en el siglo XXI: visión y acción**. 2009. Disponível em:

<http://www.iesalc.unesco.org/ess/index.php/ess3/article/view/171>. Acesso em: 30 ago. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - UNESCO. **Educação de qualidade para todos**: um assunto de direitos humanos. 2. ed. – Brasília :UNESCO, OREALC, 2008. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000150585>. Acesso em: 15 nov. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. Conselho Universitário. **Resolução 197, de 26 de abril de 2018**. Dispõe sobre o Plano Institucional de Internacionalização da Unipampa. Bagé: Conselho Universitário, 2018. Disponível em:

https://sites.unipampa.edu.br/consuni/files/2018/04/res-197_2018-plano-de-internacionalizacao.pdf. Acesso em: 20 out. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2014-2018**. Dispõe sobre o planejamento estratégico da universidade. Bagé: Unipampa, 2013. Disponível em:

<https://sites.unipampa.edu.br/pdi/files/2018/04/pdi2018.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. Conselho Universitário. **Resolução 29, de 28 de abril de 2011**. Dispõe sobre as Normas Básicas de Graduação, Controle e Registros das Atividades Acadêmicas. Bagé: Conselho Universitário, 2011.

Disponível em:

https://sites.unipampa.edu.br/consuni/files/2018/11/res-29_2011-normas-basicasd-e-graduacao-alterada-pela-res-225-1.pdf. Acesso em: 20 out. 2018.

WOICOLESCO, Vanessa Gabrielle. Estratégias para um modelo integral de internacionalização. *In*: MOROSINI, Marília. **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. 265 p.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução: Christian Matheus Herrera. 5ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a),

Esta pesquisa é sobre **A MOBILIDADE ACADÊMICA *OUTGOING* NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA – OLHARES DISCENTES** e está sendo desenvolvida por **PAULA OLIVEIRA PINHEIRO**, do Curso de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino da Universidade Federal do Pampa, sob a orientação da Prof^a. Dr^a Elena Maria Billig Mello.

Os objetivos do estudo são: analisar as contribuições da Mobilidade Acadêmica *Outgoing* da Universidade Federal do Pampa para o desenvolvimento de discentes, nos âmbitos acadêmico, pessoal e profissional, no período de 2012 a 2018, além de:

- Identificar o processo histórico de internacionalização da Unipampa;
- Realizar um levantamento dos programas, cursos de origem e os destinos dos estudantes;
- Identificar como está prevista a MAI em documentos institucionais (Resoluções 29/2011, 197/2018 e PDI 2014-2018);
- Verificar se a mobilidade acadêmica constitui uma inovação pedagógica;
- Verificar quais as motivações para a realização da MAI;
- Identificar quais as contribuições pessoais, acadêmicas e profissionais da realização da MAI.

A finalidade deste trabalho é contribuir com os processos de mobilidade e tornar públicas as percepções dos estudantes que realizaram períodos de estudos no exterior o estudo de caso nos permite um conhecimento aprofundado da temática. Esse tipo de pesquisa proporcionará uma reflexão sobre as contribuições da mobilidade *outgoing* tanto para o estudante como para a instituição que contará com dados que podem favorecer o aperfeiçoamento das ações da Universidade Federal do Pampa neste âmbito.

Solicito a sua colaboração para uma responder a um questionário e sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de

educação e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, sua identificação será mantida em sigilo absoluto.

Esclareço que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. A pesquisadora está a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora ou enviar *e-mail*:

Paula Oliveira Pinheiro

53 99713 0435

paulamestradounipampa@gmail.com

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação e dos procedimentos deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

QUESTIONÁRIO

Este questionário faz parte de uma investigação de uma Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa e seus resultados serão utilizados para fins acadêmicos. O questionário é anônimo e sua identificação pessoal não deve ser feita em nenhuma das questões. Não há resposta certa ou errada, por isso solicito que responda de maneira espontânea às questões que seguem. O questionário é composto por questões fechadas (onde basta assinalar a opção correspondente) e abertas (para que possa expressar espontaneamente sua experiência e suas concepções).

1. Curso na Unipampa:
2. Período que realizou a mobilidade *outgoing* (de MM/AA até MM/AA):

3. País no qual realizou os estudos durante a mobilidade *outgoing*?

4. A mobilidade realizada foi por qual dos programas que seguem:

- Ciência sem Fronteiras
- Bolsas Ibero-América Estudantes de Graduação
- BRACOL
- BRAMEX
- CAPES-BRAFITEC
- Por Acordo de Cooperação

5. O curso na instituição estrangeira no qual realizou matrícula era o mesmo que estava cursando na Unipampa?

- Sim
- Não
- Semelhante

Se a resposta anterior for não:

5.a) Por que a opção por um curso diferente?

Se a resposta for sim:

5.b) O que te motivou a realizar a mobilidade?

6. Os componentes cursados estavam disponíveis na Unipampa?

6.a) Se “sim”, por que cursar o componente que estava disponível na Unipampa?

6.b) Se “não”, por que cursar disciplinas que não constam do currículo do curso? Que contribuição trazem/trouxeram para sua formação acadêmica, pessoal ou profissional?

7. Houve dificuldade em validar os componentes cursados no exterior?

- Sim (pergunta 10)
- Não (pergunta 11)

8. Quanto à coordenação do curso na Unipampa: Apresentou resistência em validar os componentes. Como foi resolvida a situação? Auxiliou no processo de validação dos componentes?

9. Na universidade de destino, como foi o acolhimento pelo setor administrativo?

10. Na universidade de destino, como foi o acolhimento pelos professores?

11. Na universidade de destino, como foi o acolhimento pelos colegas?
12. Qual a titulação dos docentes titulares dos componentes que você cursou?
- () Graduação
 - () Mestrado
 - () Doutorado
 - () Pós-doutorado
13. Quais as principais características metodológicas que você observou nas práticas destes docentes? Somente o professor falava? Atividades em grupo? Aulas com discussões? Atividades extraclasse?
14. Você pode destacar algumas características no ambiente da instituição que lhe pareceram inovadoras? Era um ambiente acolhedor? O que mais chamou a sua atenção?
15. Como era a forma de avaliação? O ensino era centrado no aluno ou no professor? Quais práticas caracterizam isso?
16. Como era a relação entre professor e aluno? E entre colegas?
17. Em algum momento você teve dificuldades com diferenças comportamentais em aula, tratamento para com o professor etc.?
18. Você teve alguma dificuldade em relação à língua? Você já dominava o idioma? Foi auxiliado por alguém no país de destino? Compreendia, mas conseguia expressar-se somente em português?
19. Como foi o apoio do setor de Relações Internacionais da Unipampa no que diz respeito à preparação para a viagem? E durante a estadia no exterior?
20. Como foi o apoio do setor de Relações Internacionais da universidade de destino durante a estadia no exterior?
21. Como você avalia o processo seletivo para Mobilidade Acadêmica *Outgoing* na Unipampa?
22. O período de intercâmbio no exterior foi mais importante para você em que âmbito:
- () Pessoal
 - () Acadêmico
 - () Profissional

23. No âmbito pessoal, como foram os primeiros dias no que diz respeito ao contato com os moradores locais? Foram receptivos? Houve alguma dificuldade de comunicação? E os aspectos culturais, a adaptação foi difícil? Por quê? Relate outros aspectos que julgue importantes.

24. No âmbito acadêmico: A metodologia era muito distinta do que é utilizado na Unipampa? Foi possível observar alguma metodologia inovadora? Qual prática mais chamou a atenção? foi válido realizar estudos do exterior? Houve alguma dificuldade durante as aulas? O idioma, de alguma forma, atrapalhou a compreensão dos conteúdos? Comente outros aspectos relevantes:

25. No que diz respeito ao âmbito profissional, fez diferença ter realizado a mobilidade? Você percebe que foi/é um fator decisivo para sua carreira? Foi/é relevante constar no currículo a experiência no exterior? Por quê?

26. Por causa da mobilidade acadêmica houve atraso na data de sua formatura?

() Sim

() Não

26.a) Se a resposta anterior foi “sim”, ainda sim valeu a pena realizar a mobilidade?

() Sim

() Não

27. Você já havia realizado período de estudos no exterior anteriormente?

() Sim

() Não

27.a) Se sim: Onde? Por quanto tempo? Na mesma área? Por que realizar estudos no exterior novamente?

28. Com base em toda sua experiência durante a mobilidade, realizaria intercâmbio no exterior novamente?

28.a) Justifique a resposta anterior:

29. Você recomenda a realização de Mobilidade Acadêmica no exterior:

29.a) Justifique a resposta anterior:

30. Gostaria de comentar algo que não foi abordado nas questões? Fique à vontade, este espaço é seu:

APÊNDICE B – Entrevista

Prezado (a),

Esta pesquisa é sobre **A MOBILIDADE ACADÊMICA *OUTGOING* NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA – OLHARES DISCENTES** e está sendo desenvolvida por **PAULA OLIVEIRA PINHEIRO**, do Curso de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino da Universidade Federal do Pampa, sob a orientação da Prof^a. Dr^a Elena Maria Billig Mello.

Os objetivos do estudo são: analisar as contribuições da Mobilidade Acadêmica *Outgoing* da Universidade Federal do Pampa para o desenvolvimento de discentes, nos âmbitos acadêmico, pessoal e profissional, no período de 2012 a 2018, além de:

- Identificar o processo histórico de internacionalização da Unipampa;
- Realizar um levantamento dos programas, cursos de origem e os destinos dos estudantes;
- Identificar como está prevista a MAI em documentos institucionais (Resoluções 29/2011, 197/2018 e PDI 2014-2018);
- Verificar se a mobilidade acadêmica constitui uma inovação pedagógica;
- Verificar quais as motivações para a realização da MAI;
- Identificar quais as contribuições pessoais, acadêmicas e profissionais da realização da MAI.

A finalidade deste trabalho é contribuir com os processos de mobilidade e tornar públicas as percepções dos estudantes que realizaram períodos de estudos no exterior o estudo de caso nos permite um conhecimento aprofundado da temática. Esse tipo de pesquisa proporcionará uma reflexão sobre as contribuições da mobilidade *outgoing* tanto para o estudante como para a instituição que contará com dados que podem favorecer o aperfeiçoamento das ações da Universidade Federal do Pampa neste âmbito.

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação e dos procedimentos deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo

que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações).

Perguntas norteadoras:

- 1) Quais as tuas motivações para a realização da mobilidade académica internacional *outgoing*?
- 2) Quais as principais dificuldades encontradas em todo o processo, desde a seleção até o retorno?
- 3) Em relação à língua, tens algo a relatar?

APÊNDICE C – Matriz de análise questionário

Estudante	Instrumento de coleta de dados	Categoria	Olhar discente
E1	Q	CAT1	Experiência de vida, aprimorar o inglês e ter contato com outros projetos em outras universidades. Cada universidade nos EUA possui linhas mais fortes de pesquisa e desenvolvimento, o que faz com que existam currículos bem diferenciados, diferentemente das Universidades Brasileiras que têm um currículo mais amplo e menos especializado.
E2	Q	CAT1	Vontade própria.
E3	Q	CAT1	Vivenciar uma realidade diferente daquela do meu curso na Unipampa.
E5	Q	CAT1	As disciplinas pareciam interessantes e de um ponto de vista diferente. Eu já havia cursado a disciplina de "Impacto Ambiental" na Unipampa, mas como tinha achado que ela não fora suficientemente boa por falta de conhecimento da professora que a ministrou, resolvi realizá-la de novo em Portugal, pois além de gostar do assunto, queria ver o ponto de vista Europeu sobre impactos ambientais. As outras disciplinas que fiz não tinham no currículo do curso da Unipampa. Recuperação de Ecossistemas, por exemplo, foi muito diferente, já que a abordagem se constituía principalmente de recuperação de ecossistemas marinhos, assunto quase ausente no currículo da Unipampa. Para uma gestora ambiental é muito importante ter conhecimento amplo sobre os mais diversos ecossistemas. Além disso, esta última disciplina mencionada era de Mestrado, e mesmo eu sendo aluna da graduação, pude fazer. E foi ótimo, pois pude aproveitar os créditos dela posteriormente no meu Mestrado na UFSM.
E6	Q	CAT1	Eram (DISCIPLINAS) mais específicas para desenvolvimento de jogos, é uma área que sempre quis me aprofundar e foi um primeiro contato bem interessante, profissionalmente reforçou alguns métodos e práticas de programação. Além de melhorar a minha relação interpessoal com colegas de um mesmo projeto
E8	Q	CAT1	(Os componentes) se aproximavam mais da área que pretendia fazer o mestrado.
E11	Q	CAT1	Experiência de vida
E12	Q	CAT1	Havia matérias parecidas ou que complementavam o currículo
E13	Q	CAT1	Crescimento acadêmico e pessoal. Estar em uma universidade de ponta e ampliar minha visão de mundo.
E14	Q	CAT1	Tínhamos que cumprir o ano correspondente na universidade do exterior. Mesmo que já tivéssemos cursado a disciplina. Mas na minha opinião agregou muito, devido a abordagem diferente e outros pontos de vista
E16	Q	CAT1	Porque já pretendia trocar de curso antes mesmo do intercâmbio.

E17	Q	CAT1	Oportunidade de expandir as experiências. 6.B Me deram a oportunidade de agregar novos conhecimentos a minha formação com disciplinas que não teria a oportunidade de fazer aqui.
E18	Q	CAT1	A possibilidade de cursar disciplinas e estágios que a Unipampa não poderia me proporcionar.
E19	Q	CAT1	Estudar em um curso e em uma universidade renomada, aprimorar outro idioma e enriquecer minha bagagem cultural. 6.B Porque metodologias de ensino diferentes e tecnologias de ponta nas aulas práticas contribuíram na minha formação, enriquecendo também meu currículo.
E20	Q	CAT1	Experiência acadêmica internacional.
E21	Q	CAT1	Vontade de conhecer novas culturas e métodos de estudo
E22	Q	CAT1	Novas perspectivas. Ampliar conhecimentos. Conhecimento e experiência nunca é demais.
E23	Q	CAT1	Conhecer uma nova interpretação das matérias das Relações Internacionais
E24	Q	CAT1	A oportunidade de aprender uma nova língua e realizar um estágio no exterior.
E25	Q	CAT1	Vivenciar uma nova cultura.
E26	Q	CAT1	Maior experiência em outras áreas.
E27	Q	CAT1	Oportunidade de aprendizado no país berço da nossa língua.
E28	Q	CAT1	O que me motivou foi a oportunidade de conhecer novas culturas, comidas, idiomas e viver uma rotina de estudos fora do país, totalmente fora da minha zona de conforto.
E30	Q	CAT1	Possibilidade de diferentes experiências.
E31	Q	CAT1	Experiência pessoal e profissional. Experiência em uma universidade do exterior.
E32	Q	CAT1	Aprender diferentes metodologias e formas de exercer a profissão.
E33	Q	CAT1	Sim qualquer fonte de novos conhecimentos e experiências engrandecem as pessoas tanto do ponto de vista acadêmico/profissional como do ponto de vista vivência.
E35	Q	CAT1	A possibilidade de estudar a agenda europeia de RI e de Política Externa.
E36	Q	CAT1	Adquirir conhecimento na minha área em um país desenvolvido. Devido aos diferentes métodos de ensino e bibliografia utilizada.
E38	Q	CAT1	O interesse em conhecer conteúdos e referenciais acadêmicos lecionados a partir de outras perspectivas para além das obtidas no Brasil.
E39	Q	CAT1	Ampliar os horizontes.
E40	Q	CAT1	Aprendizado de uma nova cultura, metodologia de ensino e aperfeiçoamento do idioma inglês. Aprendizado de novas disciplinas possibilitaram um conhecimento mais amplo sobre o curso, além do desafio de sair da zona de conforto a partir de estar numa área de conhecimento que não estava relacionada ao curso.
E41	Q	CAT1	Oportunidade única de conhecer outra cultura e outra universidade. Aproveitar para aprender algo que nunca iria aprender na Unipampa.
E42	Q	CAT1	Ter experiência internacional, aprimorar inglês, aprender sob novos 'olhos'.

E43	Q	CAT1	Conhecer a realidade acadêmica de uma universidade internacional.
E44	Q	CAT1	Ampliar conhecimento na área, vivenciar a realidade de outra universidade. Para adicionar conhecimento pessoal na área.
E45	Q	CAT1	Aprender sobre outras culturas, estudar em uma universidade de ponta e aprender novos idiomas.
E46	Q	CAT1	Adquirir experiência internacional; Aprimorar o conhecimento de língua estrangeira; 6.A. Para obter equivalência e não precisar gastar tempo cursando disciplinas obrigatórias quando retornasse. Embora eu tenha cursado outras disciplinas que eu sabia que não seriam aproveitadas.
E51	Q	CAT1	Realizei para solicitar reaproveitamento e, ao mesmo tempo, ter experiência de outro método de ensino.
E52	Q	CAT1	A experiência se conhecer um país com uma cultura muito diferente da minha enquanto eu estudava.
E53	Q	CAT1	Desde que ingressei na universidade, tive o sonho de participar de um intercâmbio, tanto pelo crescimento acadêmico e profissional, quanto pelo pessoal. Viver uma cultura diferente, aprender uma nova língua, conhecer pessoas e lugares, estudar em outra universidade, adaptar-se à uma nova realidade no geral, é uma experiência única e indescritível, esses foram meus motivos. 6.b. Busquei cursar disciplinas que não estavam no currículo da UNIPAMPA, para aproveitar ainda mais a oportunidade. Com enfoque nas áreas que mais gosto, pude me aprofundar nesses estudos e os ver na perspectiva de outro país/cultura/ensino.
E54	Q	CAT1	Para aproveitar e aprofundar a disciplina.
E55	Q	CAT1	oportunidade de desbravar conhecimentos e uma nova cultura.
E56	Q	CAT1	Experiência internacional nos estudos e profissional.
E57	Q	CAT1	Estudei na Universidade de Toronto, a universidade do Canadá mais bem conceituada do país. Sabia que as oportunidades de pesquisa lá eram boas e que o país tinha uma fama de respeitar Biólogos. Quis vivenciar uma experiência acadêmica diferente também, como a Unipampa é multicampi e o Campus São Gabriel não tinha muita estrutura física, não me sentia envolvido em um ambiente universitário, estudava em um canteiro de obras. Achei que seria importante pra mim também vivenciar uma universidade mais completa na graduação, com pessoas de diferentes cursos.
E58	Q	CAT1	a experiência em cursar meu curso fora do país
E59	Q	CAT1	Curso de destino era de Negócios Internacionais e me motivou o fato de aprender a referida temática pela perspectiva de um povo diferente e aperfeiçoar-me nesta área correlata das Relações Internacionais.
E60	Q	CAT1	fui motivada a realizar a mobilidade porque mesmo sendo o mesmo curso, em outro país nos conseguimos ter uma visão diferente do conteúdo abordado, adquirir novos conhecimentos sob uma nova perspectiva da que vivenciamos no Brasil, com novos métodos de educação.

E61	Q	CAT1	Busca por novas experiências.
E62	Q	CAT1	Primeiro, para ser um diferencial em meu histórico de estudos. Segundo, para agregar conhecimentos distintos dos quais eu já tinha acesso no meu curso de origem. A disciplina que mais contribuiu para minha formação, durante a mobilidade, foi "Gramática del español", pois me deu maior conhecimento sobre o sistema da língua, que eu futuramente iria ensinar, sendo assim uma sólida base linguística para minhas aulas.
E63	Q	CAT1	Experiências e enriquecimento curricular.
E66	Q	CAT1	Aprendizado da língua.
E68	Q	CAT1	Experiência internacional e a oportunidade de fluência na língua inglesa.
E69	Q	CAT1	Obter novas experiências e novos conhecimentos. Para ter a experiência em outro país.
E70	Q	CAT1	Conhecer novas culturas, projetos e diferentes maneiras de ensino.
E71	Q	CAT1	Conhecer a sistema de saúde europeu, buscar origens, aprimorar a língua.
E72	Q	CAT1	Expandir o conhecimento na área, acelerar o processo de amadurecimento profissional, conhecer outras realidades, melhorar o domínio em línguas estrangeiras e autodesenvolvimento.
E75	Q	CAT1	Novas experiências; buscar novas visões sobre os assuntos e aproveitar as disciplinas na volta ao país
E77	Q	CAT1	Adquirir conhecimento não só dentro do ambiente curricular, mas saber como era estudar em outro país e ambiente.
E78	Q	CAT1	A possibilidade de cursar as disciplinas optativas, não disponíveis na Unipampa.
E79	Q	CAT1	Para ter uma formação profissional multidisciplinar. Contribuíram, me tornando um melhor profissional e uma pessoa mais capacitada para lidas com as dificuldades da vida.
E81	Q	CAT1	A oportunidade de poder aprender e praticar outro idioma. Para aprender espanhol como um nativo.
E12	Q	CAT2	Porque acredito que acrescentaram no meu currículo e para mim pareciam relevantes.
E20	Q	CAT2	Ouvir profissionais de outro país acrescenta um novo ponto de vista.
E21	Q	CAT2	Matérias que eu tinha vontade de cursar de outros cursos. Foi muito relevante para o meu currículo. Achei a metodologia deles muito melhor, a carga horária é muito maior.
E23	Q	CAT2	Minha experiência no México fez com que eu seguisse minha trajetória na área acadêmica tendo a política externa mexicana como objeto de estudo.
E24	Q	CAT2	Antes de iniciar o intercâmbio meu objetivo era desenvolver uma formação na área de biotecnologia que não é proposta na grade curricular de Engenharia Química. Ao chegar na França me foi proposto a realização da formação com duplo diploma, desta forma a contribuição principal foi a obtenção do grau de mestre na França e junto com isso uma formação sólida em Química aliada a 1 ano de experiência profissional no setor de pesquisa e desenvolvimento dentro da indústria. Questão 25 Sem dúvidas foi o aspecto mais importante, tive uma

			formação em gestão de empresas e também um preparatório com indicações de como se comportar em entrevistas e reuniões, como coordenar uma equipe. Para finalizar pude realizar dois estágios na indústria, no setor de engenharia.
E28	Q	CAT2	Os componentes que cursei coincidiram com algumas disciplinas que eu tinha em atraso e/ou trancadas por alguns pré-requisitos. O aproveitamento das mesmas me ajudou a ajustar minha grade e não atrasar a graduação.
E32	Q	CAT2	Por mais que os componentes estejam presentes no curso, as aulas são adaptadas a realidade do Brasil, o que de certa forma era muito distintos ao que vi na França.
E33	Q	CAT2	Para complementar minha formação e conhecer novos temas. Essas disciplinas permitiram que eu tivesse uma compreensão maior sobre a sociedade e a cultura mexicana, além de conhecer novas abordagens teóricas, que pude aplicar futuramente em meus estudos.
E34	Q	CAT2	Por falta de oferta na universidade estrangeira, precisei escolher algumas disciplinas que já havia cursado na Unipampa. Entretanto, foi muito bom, pois consegui refazer as mesmas disciplinas com um viés muito mais prático e voltado ao mercado de trabalho. O conhecimento obtido nas demais disciplinas se mostrou muito útil na minha pós-graduação.
E35	Q	CAT2	Trouxeram benefícios para meu campo de pesquisa, que é a Segurança Comum Europeia
E36	Q	CAT2	Sim, acredito que sem essa experiência não teria conseguido uma vaga de pós graduação no exterior. Apesar de não estar trabalhando ainda, tenho certeza que essa experiência abriu e abrirá muitas portas para minha carteira profissional.
E37	Q	CAT2	O curso era diferente. Me proporcionou conhecimentos importantes de programação que não estavam disponíveis no meu curso.
E38	Q	CAT2	Tive a oportunidade de estudar, pesquisar conteúdos de meu interesse e que me auxiliaram na realização de meu Trabalho de Conclusão de Curso, bem como, me permitiram expandir os horizontes da aprendizagem em torno de disciplinas as quais eu não cursaria se não fosse por meio da mobilidade.
E39	Q	CAT2	Busquei cursar disciplinas diferentes das que tinham na unipampa para ampliar meu conhecimento técnico e conhecer diferentes formas de ensino. A contribuição para minha formação foi enorme, não sendo possível descrever em poucas linhas e difícil de abordar a forma como o intercâmbio impactou minha vida. Entretanto, foi possível ter uma ideia da visão dos professores na instituição americana, também mudou minha forma de estudar, deixando de lado apenas os slides, passando a utilizar com muito mais frequência os livros, contribuindo assim para uma visão mais sistêmica
E43	Q	CAT2	Estudar um outro ambiente geológico, não disponível no Brasil, abrangendo o conhecimento na área.

E45	Q	CAT2	Cursei disciplinas que me trouxeram oportunidades de entrar em projetos de sustentabilidade, empresa junior e estágios.
E47	Q	CAT2	Disciplinas práticas e aplicadas que não eram contidas no currículo teórico de R.I
E50	Q	CAT2	Agregaram como formação complementar.
E55	Q	CAT2	Como minha grade curricular toda era de comunicação social e na instituição onde fiz a mobilidade não tinha este curso, optei por disciplinas extras curriculares, as que se aproximavam da comunicação e que eu achava interessante. Usei todo o intercambio como HORAS COMPLEMENTARES, o que me facilitou quando voltei ao Brasil, sem precisar correr atrás das horas necessárias pra me formar.
E56	Q	CAT2	Com o intuito de inovar os conhecimentos. Contribuíram para os conhecimentos e experiência pessoal, como um todo, porém não profissionalmente.
E57	Q	CAT2	Porque se fosse pra cursar componentes que constavam no currículo da UNIPAMPA, em que agregaria estudar fora? Ver o mesmo conteúdo em outra língua não agrega muita coisa. Eu queria mais. Queria aprender coisas diferentes, experiências diferentes. Disciplinas que não eram disponibilizadas na UNIPAMPA. Foi muito válido pois pude aprender mais sobre o Bioma Taiga e Tundra. Tive que brigar com a CAPES pra me permitirem fazer estágio e acho que de tudo, mais que as disciplinas foi o que mais me trouxe crescimento. Vivenciar a profissão, a pesquisa com recursos, com estrutura física foi muito bom. Na Unipampa só ouvia reclamação dos professores, me desmotivava um pouco.
E58	Q	CAT2	Aumentaram meus conhecimentos
E59	Q	CAT2	Haviam ainda componentes não disponíveis na Unipampa que cursei por serem de meu interesse e complementares à área.
E60	Q	CAT2	Aqui em Portugal, cursei e estou cursando cadeiras que eu poderia fazer no Brasil mas estou fazendo aqui para assim eliminá-las quando voltar ao país. Pois ao meu ponto de vista é importante essa visão internacional que estamos tendo, e o mais interessante ainda é quando conseguimos adquirir novos conhecimentos dentro da área que estamos, na área do nosso curso, para poder também agregar conhecimento no retorno a universidade de origem.
E61	Q	CAT2	Algumas disciplinas cursadas só existem no currículo português, mas se assemelham aos componentes brasileiros, no fim das contas. A decisão foi por buscar uma visão diferente da brasileira, entender como funciona a saúde aqui, desde o ensino até a prática clínica, com os estágios hospitalares.
E63	Q	CAT2	Aproveitar o modo de analisar uma área de atuação em outra instituição de ensino e país.
E64	Q	CAT2	Escolhi as que estavam mais relacionadas ao curso. Contribuiu para ampliação da visão de mundo.
E65	Q	CAT2	Principalmente pelo meu interesse pessoal e profissional em literatura e história, especialmente a

			latino americana. As contribuições foram muitas. Entre elas poder conhecer um pouco mais da história de diversos países através da literatura (já que uma das disciplinas era literatura latinoamericana), os contextos sociais por detrás das particularidades de como cada escola literária se deu em cada país, etc. Mas principalmente o contato com a diversidade cultural/ linguística desses países, que certamente poderão ser utilizados em minhas aulas no futuro.
E66	Q	CAT2	Maior conhecimento, não é porque não estavam no currículo do curso que seriam dispensáveis.
E72	Q	CAT2	Todos os componentes cursados no exterior foram de extrema importância na minha formação pessoal, acadêmica e profissional. Dentre eles, destaco a oportunidade singular de participar do processo seletivo para estágio, no qual fui um dos poucos selecionados, em uma das maiores multinacionais do mundo, na área de consultoria e tecnologia.
E73	Q	CAT2	Cursei componentes que também estavam disponíveis na unipampa para fazer a validação, conforme plano de atividades aprovado pela coordenação do curso antes do período de intercâmbio.
E76	Q	CAT2	Cursei algumas que não estavam disponíveis. Mas elas não trouxeram muitas contribuições no curso. Foi mais como aperfeiçoamento de conhecimento
E77	Q	CAT2	Eu gostaria de fazer comparações com o ensino em disciplinas semelhantes e também reaproveitar os créditos.
E78	Q	CAT2	Porque assim seria possível diversificar meu aprendizado, de uma forma mais livre do que seguindo o cronograma da Unipampa.
E80	Q	CAT2	Por não estarem disponíveis na Unipampa a mesma configuração oportunidade única. A contribuição foi crescer meu interesse por área correlata a farmácia (genética/biologia molecular)
E1	Q	CAT3	Foi pacífico e rápido (ADM). Tranquilo, eles estavam acostumados a alunos intercambistas. (PROFESSORES)
E3	Q	CAT3	Tranquilo. Por estarem acostumados a receber alunos de outros países, foram flexíveis em todo o processo. (PROF) Fácil, foram flexíveis e compreensivos com o ajuste dos componentes para o período que estaríamos cursando. (ADM) Em situações de turma inteira foi um pouco difícil, mas em pequenos grupos de trabalhos e práticas foram mais acolhedores. (COLEGAS)
E5	Q	CAT3	No início eu estranhei a impaciência e até mesmo grosseria nestes atendimentos, mas mais tarde fui descobrir que os portugueses no geral são assim. Então, considerando isso, os atendimentos sempre foram bons e prestativos, sempre resolvendo o que eu precisava de forma eficiente. (ADM) Aqui também repito a impressão que tive de rispidez dos portugueses, assim, os professores não foram diferentes. Mas todos se esforçavam para incluir os alunos vindos de outros países, de forma simpática (a forma portuguesa de simpatia), atenciosa e preocupada. Eles sempre estavam atentos às

			explicações que davam, traduzindo expressões e perguntando se éramos familiarizados com o que estava sendo ensinado. (PROF) Essa parte foi um pouco mais difícil. Eu entrei numa turma que já se conhecia, então os "grupinhos" entre os alunos já eram formados. Como entrei ao mesmo tempo que outros brasileiros, nós ficávamos juntos durante as aulas e trabalhos em grupo. Os alunos não demonstravam muito interesse em nos conhecer, penso que seja porque eles já estão acostumados a sempre terem estrangeiros, "que logo irão embora", em suas turmas. Fiz apenas um trabalho em grupo com portuguesas, mas não entrei no grupo porque elas me escolheram. Entretanto, todas me trataram muito bem e tentaram ao máximo me incluir e fazer eu me sentir à vontade.(EST)
E7	Q	CAT3	se deu de diferentes maneiras, alguns chegaram a mudar a forma de avaliação para facilitar o acesso a disciplina, outros chegaram a dizer que deveríamos dançar já que não sabíamos estudar (PROF)
E13	Q	CAT3	Complicado principalmente devido a diferença cultural e por estar iniciando em uma turma fechada, no ano final do curso.
E14	Q	CAT3	Fomos muito bem acolhidos. Era um grupo grande de brasileiros e eles estavam preparados para nos receber. (ADM) Muitos deles muito atenciosos, principalmente pela questão do idioma. Todos nos trataram muito bem (PROF) Muitos colegas foram muito acolhedores. Mas alguns tinham uma barreira com nossas dificuldades no idioma e não aceitavam, por exemplo, que fizéssemos parte de seus grupos de trabalho (EST)
E18	Q	CAT3	ADM Muito acolhedor e fizeram de tudo para que eu me adaptasse e desse tudo certo. PROF A maioria foi bem tranquilo, eram compreensivos com a questão de idioma e tudo. Houve apenas um caso de xenofobia com uma professora de lá, mas que no final foi resolvido. EST No curso de inglês tinha bem mais interação, conheci pessoas de vários países. Foi bem legal. Já no curso da biotec não tinha tanto contato, mas todos eram bem gentis.
E20	Q	CAT3	A recepção pela equipa da universidade foi ótima, mas acrescento que deveriam haver mais apoio em relação a opções de moradia. Os alunos foram muito receptivos, houveram feiras para apresentação de nossa cultura e vice-versa.
E21	Q	CAT3	Extremamente acolhedor, inovador e moderno.
E24	Q	CAT3	Eles eram bastante abertos e ajudaram muito na chegada, dando orientações em relação à validação do visto e estadia. Além de me apoiarem bastante na assinatura do contrato de dupla diplomação. Bastante acolhedor, dentre os responsáveis pelos intercambistas havia uma senhora que falava português. Além disso, a universidade foi responsável por encontrar moradia e também encaminhou nosso processo de validação do visto de estudante. ADM Bastante acolhedor por parte de alguns e bastante intimidador por parte de outros. PROF Pouco acolhedor, alguns se mostravam

			bastante interessados em interagir, mas em sua grande maioria bastante fechados. EST
E25	Q	CAT3	Todos se mostraram muito solícitos e foram de grande ajuda. ADM Bom, acredito que não houve diferenciação entre os outros colegas visto que a universidade que frequentei tinha um público estrangeiro representativo. PROF
E27	Q	CAT3	Ótima! Foram muito acolhedores e tenho contato com alguns ainda hoje.
E28	Q	CAT3	Acredito que questões culturais complicaram um pouco o acolhimento por parte da pessoa responsável por me receber lá. Outro ponto é que a Universidade nem se quer sabia o dia que eu me apresentaria para eles, quando cheguei, demonstraram surpresa, o que me deu a impressão de que faltou organização da parte deles. ADM Ótimo! Todos meus professores eram muito atenciosos comigo, dentro e fora de sala de aula!PROF Ótimo! Todos os colegas demonstraram interesse em me ajudar, conversar, trocar ideias e aprender um pouquinho de português, é claro! EST
E29	Q	CAT3	Foi muito profissional, me auxiliaram em tudo e me disponibilizaram professores e tutores ao meu dispor. ADM Foi incrível, sempre traziam o brasil como exemplo e pediam para eu compartilhar meu conhecimento em aula. PROF Assim como os professores, sempre estavam dispostos a ajudar e saber sobre meu país e cultura. EST
E30	Q	CAT3	Sem maiores problemas. Alguns professores pareciam "subestimar" alunos brasileiros e outros valorizavam o fato de o aluno trazer vivências diferentes para a sala. Grande parte dos colegas parecia "subestimar" alunos brasileiros e outros valorizavam o fato de o colega trazer vivências diferentes para a sala e mostravam-se bastante interessados.
E32	Q	CAT3	Muito receptivos éramos um grupo bastante grande. ADM Muito receptivos éramos um grupo bastante grande. EST
E33	Q	CAT3	Recebi um bom atendimento quando busquei por ajuda. Os professores foram bem receptivos e flexíveis, dando suporte sempre que necessário. Em algumas classes houve maior interatividade, pois uma grande parte dos alunos que era de fora do país. Em outras, a interatividade foi menor, mas sempre foram acolhedores.
E34	Q	CAT3	Normal. Estudantes estrangeiros são comuns por lá, então seria como um aluno novo em uma turma da Unipampa.
E37	Q	CAT3	Muito bom. A universidade estava acostumada a receber estudantes estrangeiros. Então já possuíam um departamento específico no campus para acompanhar intercâmbistas, incluindo profissionais específicos para tirar dúvidas culturais e de inglês. ADM Muitos professores também eram estrangeiros. Então eles entendiam nossa situação e nós ajudavam. PROF Muitos professores também eram estrangeiros. Então eles entendiam nossa situação e nós ajudavam. EST

E38	Q	CAT3	Fui muito bem acolhida, recebi as devidas instruções e tive auxílio quanto a questões de moradia e quanto as aulas. ADM Fui bem acolhida, por ter estudado em um país de língua portuguesa, tornou-se mais fácil a adaptação as aulas e aos materiais. PROF À princípio bem, porém tive mais contato com alunos brasileiros que estavam a realizar mobilidade, oriundos de diversas partes do Brasil. EST
E39	Q	CAT3	Foi bacana, houveram muitas integrações e contato com estudantes internacionais. ADM Os professores foram sempre muito prestativos e compreensivos, sempre muito bacana. PROF de uma maneira geral me senti bem acolhido, entendo que a cultura norte americana é diferente da nossa, também fiz muitas disciplinas em diferentes turmas, sendo assim os contatos eram "normais", alguns churrascos, mas nada que tenha me chamado a atenção. EST
E41	Q	CAT3	Colegas fechados, mas prestativos quando precisei.
E42	Q	CAT3	Super atenciosos. Durante todo o ano letivo eles fizeram uma turma que se encontrava 1x ao mês pra discutir sobre nosso desenvolvimento e expectativas. ADM O relacionamento professor aluno é bem mais distante do que no brasil, mas todas as vezes que precisei de suporte, tive. PROF Não tive nenhum problema (a não ser com a língua no começo). Participar das chamadas 'societies' da união estudantil também me ajudou muito a conhecer gente nova e interessante. EST
E44	Q	CAT3	Fomos muito bem recebidos, e por se tratar de uma universidade com muitos estrangeiros (árabes, japoneses, chineses e europeus em geral), já havia um fino trato e suporte nas dificuldades. ADM Fomos muito bem recebidos e com interesse especial no andamento do nosso aprendizado e compreensão durante toda duração da disciplina. PROF Por haver muito estrangeiro, de diversas nacionalidades, todos eram respeitosos e acolhedores. EST
E45	Q	CAT3	Eles não estavam extremamente preparados para receber a quantidade de brasileiros que foram enviados. ADM Foram muito receptivos e atenciosos, sempre a disposição a tirar duvidas fora do horário de aula. PROF Os americanos não foram muito receptivos pela cultura de competitividade mas as demais nacionalidades foram extremamente receptivos e amistosos. EST
E46	Q	CAT3	No início foi bastante abalado, pois estavam em transição do coordenador responsável pelo nosso grupo de estudantes. Houveram muitas intrigas e reclamações de ambos os lados, mas aos poucos, embora com um pouco de resistência a universidade de destino foi se adaptando. ADM Os professores foram bastante apreensivos, embora algumas burocracias ainda causassem atritos. Por exemplo, no período de adaptação com aulas exclusivamente de Inglês (não voltadas para a engenharia), diferentes alunos com diferentes níveis de inglês foram colocados nas mesmas turmas, o que por hora atrapalhava o desenvolvimento dos alunos!!! PROF A maioria foi bem receptivo, embora

			alguns possuam uma cultura mais fechada. Mas como existem muitos alunos internacionais nas universidades, com estes, a compreensão era maior e era mais fácil o acolhimento. EST
E47	Q	CAT3	Médio. Não houve muito acompanhamento. Colegas e professores foram mais eficientes. ADM
E49	Q	CAT3	Foi ótimo, tanto do setor administrativo do programa de linguagem da universidade quanto da administração acadêmica e daquela responsável pelo acolhimento aos alunos estrangeiros. ADM Eram turmas muito grande e, portanto, quase não houve interação com os professores. Creio que a maioria deles sequer sabia da presença de alunos de intercâmbio. Quando houve a necessidade, entrei em contato com uma professora e expus a situação de que a língua oficial da disciplina poderia estar sendo um empecilho para minha aprendizagem em sua disciplina e, neste caso, ela foi flexível quanto ao uso de recursos extras durante suas aulas. PROF Foi indiferente. Eram turmas muito grandes com trabalhos e estudos bem individualizados. A universidade, porém, disponibilizou vários momentos de integração entre alunos estrangeiros fora do ambiente da sala de aula, momentos abertos à toda comunidade acadêmica, que foram ricos e importantes. EST
E50	Q	CAT3	Normal. Bastante impessoal e sem problemas.
E51	Q	CAT3	Super acolhida.
E52	Q	CAT3	Excelente, sempre receptivos.
E53	Q	CAT3	Ótimo, fui muito bem recebida e auxiliada durante o processo. ADM Ótimo, sempre tentaram me auxiliar, tirar dúvidas e ajudar de todas as formas. Desde quando cheguei e decidi as matérias que iria cursar, nas provas e avaliações, nos erros por conta da nova língua e inclusive, nas vezes que faltei por decorrência de alguma viagem ou atividade extra curricular. PROF Ótimo, acredito que tenha passado sozinha APENAS o primeiro dia, desde então fui bem recebida, fiz muitos amigos e companheiros para a vida. Sempre tive acolhimento para realizar trabalhos de aula, ajudar nos estudos para avaliações, saídas de lazer, entres outros. Também, me ajudaram muito com o idioma, e gostariam de aprender português haha. Era uma troca de culturas, histórias e ensinamentos. EST
E55	Q	CAT3	No começo foi bem difícil, por mais que eles prestassem serviço, chegamos totalmente perdidos. A questão da moradia ficou em função deles e isso acabou gerando alguns transtornos. Também cheguei com a data máxima para iniciar as aulas, o que me causou um pequeno 'atraso' na matrícula, então tinham poucas vagas nas disciplinas. De resto, muito prestativos e solícitos a ajudar. ADM Foi tranquilo, tiveram paciência comigo e sempre se mostraram disponíveis para ajudar. PROF Mais ou menos, vinha de uma instituição federal e fui parar em uma particular na Colômbia. Não tive muita sorte com os meus colegas propriamente dizendo, entretanto, pude ter muito mais sorte com

			outros amigos que conheci lá e fizeram com que todo o intercambio tivesse um brilho diferente. EST
E56	Q	CAT3	Excelente.
E57	Q	CAT3	Fui muito bem acolhido, houveram várias reuniões pra esclarecer nossas dúvidas e sempre haviam pessoas pra nos auxiliar. ADM Muito bom. Todos me acolheram muito bem, respeitavam no início a limitação na língua embora não afrouxassem muito nas correções dos assignments. Sempre se dispuseram a tirar dúvidas em horário agendado, foram muito solícitos e adoravam como nós brasileiros éramos participativos. PROF Converso com meus amigos da universidade até hoje. O povo Canadense em si foi muito receptivo comigo e eu criei laços de amizade pra vida. Principalmente os meus colegas de trabalho em grupo e de bancada. EST
E58	Q	CAT3	Bom.
E59	Q	CAT3	O acolhimento foi ótimo, todos receptivos e prestativos para resolver todas as questões administrativas envolvidas em um processo de mobilidade acadêmica. ADM Ótimo. Integravam nossa percepção por meio de nossa participação na aula enriquecendo o conteúdo da disciplina. PROF Ótimo. Todos acolheram muito bem e buscavam saber mais sobre mim e diversos aspectos de nosso país. EST
E60	Q	CAT3	Na cidade em que estou realizando o intercâmbio existe um grande número de estudantes brasileiros como também um grande número de estudantes estrangeiros em mobilidade, chamados de Erasmus, e nossa universidade de destino sempre auxiliou em todos os momentos necessário, fomos bem recepcionados com eventos de boas vindas e interação com a comunidade. ADM Alguns professores são mais resistentes, mas em geral, todos são bons acolhedores aos alunos estrangeiros. Sempre disponibilizando atenção. PROF Grande parte dos alunos são de países estrangeiros, sempre estavam interessados em fazer novas amizades, conhecer novas culturas e assim conseguimos ter uma ótima interação. EST
E61	Q	CAT3	Foi ótimo, buscaram auxiliar naquilo que lhes era possível. ADM Bom. Os professores fizeram questão de saber quem eu era, de onde eu vim e o porquê de estar em Portugal. PROF Razoável. EST
E62	Q	CAT3	Muito bom, foram extremamente receptivos e demonstraram larga experiência em a olhar alunos estrangeiros ADM Parcialmente boa, pois, por exemplo, uma professora foi super gentil e já tinha estado na nossa universidade. Por outro lado, houve um professor com o qual não tive relação, já que a turma tinha mais de cem alunos. PROF Relativamente bom, mas fiz mais amizades com outros alunos estrangeiros de outros cursos, advindos de países como Espanha e Porto Rico e não tanto com os do meu curso. EST
E63	Q	CAT3	Sem problemas. Ótima.
E64	Q	CAT3	Bom ADM PROF Pouco acolhimento. EST

E65	Q	CAT3	Foram cordiais nas poucas vezes em que precisei. Não tive muito contato com eles e sim com o setor de relações internacionais. ADM O acolhimento por parte deles também muito amável, no entanto, como as turmas eram muito grandes (mais de 80 alunos) a nossa interação com eles era limitada. Ainda assim, em momentos em que tive dúvidas e durante a entrega das avaliações conversaram comigo, fizeram recomendações, etc. PROF O relacionamento com os colegas era sempre cordial mas um pouco distante. EST
E66	Q	CAT3	Foi bem bom, estavam bem preparados. ADM Foram bem compreensivos, principalmente por ainda possuir uma certa dificuldade com a língua. PROF Norte Americanos não são pessoas calorosas, então foi algo mediano. EST
E67	Q	CAT3	Muito bom.
E68	Q	CAT3	Foi muito bom. ADM Excelente. PROF Bom EST
E69	Q	CAT3	Foi um ótimo acolhimento. ADM Também foi muito bom o acolhimento PROF
E71	Q	CAT3	Muito bem, a parte administrativa sempre interessada em auxiliar. ADM Pela área escolhida muito ruim. Mas conforme fui conhecendo outras pessoas e fazendo contatos, conheci professores maravilhosos, porém, não da área pretendida primeiramente. PROF Em sua maioria muito bom. EST
E72	Q	CAT3	Ótimo acolhimento, fui recebido no primeiro dia pela coordenação do curso, e apresentado para alguns professores. ADM Ótimo acolhimento. PROF Ótimo acolhimento. EST
E73	Q	CAT3	Acolhedor. Com atividades culturais e linguísticas, bem como apoio durante as atividades administrativas e de validação dos planos de estudos. ADM Cordiais e pacientes, buscando explicar de formas diferentes para dirimir as dúvidas. PROF Cordiais na maioria das vezes. EST
E74	Q	CAT3	Muito receptivo. ADM Muito satisfatório PROF Distante. EST
E75	Q	CAT3	Bom. ADM Normal PROF Receptivos EST
E77	Q	CAT3	A universidade possuía uma equipe disponível apenas para assuntos de estudantes internacionais, apesar de muitos, eles trabalhavam muito bem e nos acolheram muito bem. ADM No geral muito bem acolhedores. Muitos eram estrangeiros, então eles sabiam como era importante um bom acolhimento. PROF Os estudantes no geral acolhiam bem, estavam acostumado a um número grande de estudantes de outros países. EST
E78	Q	CAT3	Excepcional ADM Muito bom, inclusive obtive auxílio quando encontrei dificuldades. PROF Muito bom, pude me adaptar facilmente e fiz boas amizades. EST
E79	Q	CAT3	Razoável ADM Bom PROF Bom EST
E80	Q	CAT3	Muito bom ADM Bom PROF Médio EST
E81	Q	CAT3	Muito bom. Eles eram fantásticos. PROF Fiz amizades para a vida toda, tenho muita saudade dos meus colegas de curso. EST

E1	Q	CAT4	Normalmente fazia-se uma prova e 1 grande trabalho, que era quebrado em 3 ou 4 partes e desenvolvido durante a disciplina. Havia muitas aulas com discussões e alguns exercícios, mas o docente ministrava a aula de maneira ativa, falando a maior parte do tempo.
E3	Q	CAT4	Metodologia Ativa, semelhante a desenvolvida no curso de Medicina da Unipampa. Constavam de seminários, tutorias, trabalhos em grupo e individuais, prezando sempre pela autonomia de estudos dos acadêmicos.
E4	Q	CAT4	Diferentes maneiras, muitos projetos, apresentação de projetos ou relatórios, feitos em grupos ou individualmente. Também existiam provas escritas, mas poucas. O essencial e a maioria eram provas orais, frente ao professor, com todos os outros alunos atrás. Na aula o centro era o professor, falava, falava, e de vez enquanto respondias algumas perguntas. Mas fora da sala eles eram muito atenciosos, principalmente de mostrasse interesse. Como disse, não gostavam de perguntas idiotas, então o negócio era não fazer eles perderem tempo. Se tivesse duvidas interessantes, coisas que tentou e não conseguiu fazer eles estavam dispostos. Tanto nas praticas quanto nas teóricas não tinha reexplicação, se fala e se faz.
E5	Q	CAT4	Muita atividade prática, individual e em grupo. No geral, as primeiras quatro aulas foram com exposição de conteúdo. Depois, os encontros eram utilizados praticamente para tirar dúvidas e realizar discussões acerca do trabalho final que teria que ser entregue/apresentado. Os portugueses mudaram há pouco tempo a forma de ensino deles, e agora eles prezam muito o "faça você mesmo".
E6	Q	CAT4	As atividades extraclasse, utilizando inclusive horário da aula para realização de trabalhos. As aulas em si eram bem semelhantes as na Unipampa com participação dos alunos e apresentações dos conteúdos. A forma de avaliação é similar ao praticado aqui no Brasil, acredito que o ensino era centrado no aluno, já que era incentivado a pesquisa a o desenvolvimento fora do horário de aula.
E7	Q	CAT4	muito variável, na maioria as aulas eram apresentadas como seminários, onde deveríamos ter um conhecimento prévio, material era disponibilizado na semana anterior. haviam algumas tarefas em grupo, seminários antes do exame final. 15 tínhamos aproximadamente 8 semanas de aula presencial, o restante do tempo deveríamos estudar por conta própria, tínhamos monitores para tirar dúvidas, horários pré-estabelecidos para sanar duvidas com os professores. 24 a metodologia é totalmente diferente, como já relatei anteriormente, o aluno precisa estudar por conta própria, utilizar a biblioteca, os laboratórios de informática. obviamente foi válido estudar em outra instituição, academicamente falando não foi tão proveitoso como poderia ter sido, se o curso de destino fosse o mesmo de origem.

E8	Q	CAT4	13 Era muito valorizada a leitura (livros, artigos...), os debates e o homework. Cada cadeira tinha um pequeno 'TCC' ao final de cada semestre. Cada professor era um real especialista na área em que dava aula, mas apoiavam e incentivavam que se trouxesse visões de outros autores para ser debatidas ¹⁵ A forma de avaliação dava bastante destaque ao homework, chegando este, em alguns casos, a 50% da nota, sendo que este homework, em geral, era composto de pequenos artigos sobre o tema tratado em aula. Em algumas cadeiras (tal como paleontologia) havia uma prova prática semanal e um artigo diferente era entregue para cada aluno que deveria apresentar ao grupo um resumo do mesmo, em cinco minutos, resumindo o assunto do artigo e se concordava ou não com o mesmo, apresentando os porquês, o que gerava um debate de 10 minutos sobre os prós e contras da defesa ou ataque ao artigo; nestas ocasiões não importava tanto se você estava certo ou errado, mas sim como fundamentava seus argumentos e o quanto de seus argumentos tinham do que fora visto até então.
E9	Q	CAT4	Aulas mais dinâmicas com animais mesmo nas teóricas.
E10	Q	CAT4	Observei menos aulas em sala de aula e mais aulas de tutorias e estudos. Nas aulas, o professor dominava a fala. Existiam muitas atividades extraclasses e bastantes horários para estudar por conta própria. ¹⁵ O ensino era mais centrado no aluno. Nas avaliações, cada unidade curricular tinha duas perguntas em que o aluno podia escolher uma delas.
E11	Q	CAT4	Provas, porém os exercícios feitos em casa valiam uma parte da nota. Centrados no aluno. ²⁴ Eles eram mais justos. A faculdade federal tem a Cultura de punir o aluno q não aprende. Os americanos tinham a cultura de ensinar.
E12	Q	CAT4	A maioria dos professores utilizavam power point. Muitos faltavam a classe e eram pouco exigentes com os alunos ¹⁵ A pontuação era de 0 a 100 para cada parcial. Havia de 8 a 10 parciais e as atividades e avaliações eram determinadas pelo professor, podendo ser participação, presença, prova, trabalho...
E14	Q	CAT4	A metodologia era semelhante. O que achei muito bom foi o foco no mercado de trabalho, um pouco diferente da metodologia dos professores da Unipampa que focam no âmbito acadêmico. Muitos dos meus professores eram pessoas que trabalhavam na indústria e davam aulas, com uma perspectiva de mercado de trabalho e pouco voltado para o acadêmico. Tinham muitas atividades em grupos e muitas apresentações. Todas disciplinas que cursei a avaliação final era uma apresentação de um projeto.
E16	Q	CAT4	Aulas com slides, onde o professor falava e os alunos perguntavam, muito parecida com as nossas no Brasil. A grande diferença eram os laboratórios e materiais disponíveis na Universidade,

			proporcionando muito mais prática e trazendo as disciplinas à realidade. A avaliação era oral, o que para um estudante que teve apenas 6 meses de aula do idioma, dificultava muito, pois os assuntos eram muito técnicos e a linguagem neste caso muito avançada. Metodologia muito parecida, a não ser pelas provas serem orais. A dificuldade maior foi em relação às provas, como eram orais, acabavam se tornando uma tortura psicológica para nós, os estrangeiros.
E17	Q	CAT4	Atividades em aulas práticas, aulas expositivas, relatórios individuais e questionários no Moodle. 15 Parte da nota era distribuída em relatórios e questionários ao longo do semestre, mas a maior parte em uma única prova no final do semestre, onde todo o conteúdo era cobrado.
E18	Q	CAT4	Havia muitas disciplinas práticas da área de fisiologia animal e molecular, que em São Gabriel era voltado para a área de agricultura. 13 Era bem diversificado, alguns professores davam aula/lecture normal, só ele falava, mas tinha vários outros que faziam atividades diferentes para os trabalhos finais como solução de problemas ou análise financeira de uma empresa de biotec. 15 Existia uma semana final com 5 dias das provas escritas e na semana anterior chamava "stress less week" onde tinha várias atividades para desestressar os alunos das provas finais. Tinha até um stand com vários filhinhos, pintinhos e cabras pra gente interagir. Também tinha disciplinas que eram apresentações com slides e outras era entrega de projeto e apresentação.
E19	Q	CAT4	De forma diversa, alguns professores com aulas expositivas clássicas e outros com aulas mais interativas, onde os alunos realizavam discussões e apresentações de trabalho.
E20	Q	CAT4	Exigência forte por artigos, avaliações semanais e provas orais. As avaliações eram escritas, porém havia um "quiz" oral que acontecia semanalmente e cada matéria exigia um artigo no fim do semestre.
E21	Q	CAT4	Haviam palestras, aulas só de exercícios avaliativos, aulas só de laboratório tanto químico quanto computacional, semana só de provas.
E22	Q	CAT4	Aulas com discussões.
E23	Q	CAT4	Aulas expositivas e apresentação de trabalhos em grupo.
E24	Q	CAT4	A formação era bastante completa, com aulas teóricas, seguidas de aula de resolução de exercícios e também aulas práticas realizadas em duplas ou trios com redação de relatórios, nas disciplinas que contemplavam a formação acadêmica. Em relação a formação profissional, tínhamos aulas de discussão e simulação de entrevista de emprego e reunião. Além da formação em línguas, que eram ministradas em inglês e promoviam a discussão de assuntos atuais. A avaliação era realizada por exames realizados ao fim da disciplina e pela nota dos relatórios e práticas desenvolvidas em aula. O ensino era centrado no aluno, pois primeiro tínhamos a parte teórica e em seguida o professor disponibilizava os exercícios

			que eram pra serem resolvidos em casa e corrigidos na aula de dúvidas, que era ministrada não necessariamente pelo professor titular
E25	Q	CAT4	Aulas expositivas e muitas atividades extraclasse. Era esperado do aluno passar boa parte do tempo fora da aula buscando conteúdo. 15 A avaliação em aulas teóricas era feita com provas e, em alguns casos, notas de listas de exercícios. Para aulas práticas os professores pediam relatórios. O ensino era focado no professor devido às aulas expositivas e pouca prática de discussão.
E26	Q	CAT4	Atividades em grupo para interação. Bem diferente da Unipampa. Muitas avaliações e aulas práticas, muito melhor pra aprender
E27	Q	CAT4	Aulas interativas na sua maioria. Havia muita troca de experiências nas aulas, uma vez que haviam diversos estudantes de mobilidade acadêmica. A avaliação da maioria das disciplinas foi através de prova, apenas uma foi com produção de trabalhos. Os professores tomaram cuidado para adaptar as provas de maneira que não gerassem problemas de compreensão para os estudantes brasileiros. Acho que o ensino era dividido entre aluno e professor
E28	Q	CAT4	Uma das disciplinas era totalmente ministrada via moodle com atividades e entregas quinzenais. As outras eram expositivas, as unidades da disciplina de todo semestre eram divididas entre os grupos que realizavam apresentações em cada aula. Nessas aulas expositivas também tínhamos provas quinzenais .
E29	Q	CAT4	Havia muita interação e bastante atividades extraclasse. Muitos professores traziam música, vídeos e aulas interativas.
E30	Q	CAT4	Muitas atividades práticas no hospital (pequenos estágios dentro de cada disciplina), provas orais, provas teóricas mais rigorosas e algumas aulas em inglês (mesmo o idioma oficial sendo Português). 15 Provas teóricas (um erro anulava um acerto) e provas orais.
E31	Q	CAT4	Mais o professor falava e existiam provas orais.
E32	Q	CAT4	Muita aulas com discussões, atividades extraclasse.
E33	Q	CAT4	Aulas com discussões. Interatividade entre os alunos. Atividades fora da sala de aula. O ensino era baseado em seminários, tendo participação interativa dos alunos e dos professores. As avaliações eram baseadas em trabalhos, participação nas aulas e nas atividades e artigos.
E34	Q	CAT4	Todas as aulas eram baseadas em resolver problemas reais. Somente trabalhos, sem provas, centrado no aluno, com atividades práticas e avaliações com contextos de problemas reais do dia-a-dia.
E35	Q	CAT4	A aula era dividida em dois períodos, teórico e prático, nem sempre com o mesmo docente. Na teórica só o professor falava, já na prática, havia uma mescla de atividades entre alunos e professores. As aulas praticas tinham poucos alunos, o que facilitava os debates.

E36	Q	CAT4	Pesquisa de campo, extensões, simulações de atendimento com vídeo, stands em congressos.
E37	Q	CAT4	A metodologia de ensino de professores canadenses e americanos em sala de aula era bastante similar a dos professores brasileiros. Porém eles incentivavam bastante a realização de projetos extraclasse, especialmente os que gerassem patentes. Já os professores paquistaneses e indianos eram bastante rígidos e metódicos em sala de aula, apenas o professor podia falar. Porém fora da sala, eles eram bem abertos para ajudar em projetos externos, até mais que os professores nativos.
E38	Q	CAT4	As aulas eram bastante diversificadas, em geral havia espaço para todos falarem. Os professores costumavam provocar discussões em praticamente todas as aulas. Estive a apresentar seminários em aula conforme os temas propostos ao longo do semestre e realizei trabalhos em grupo através de pesquisa de campo. A avaliação era por meio de presença nas aulas, trabalho práticos como seminários e pesquisa de campo e exames finais.
E39	Q	CAT4	As aulas eram curtas, com muitas práticas (em torno de 50% da carga horária). A disciplina mais longa que realizei tinha duração de 1h20min e o restante do conteúdo era leitura. Isso tornou as aulas menos cansativas e acredito que tenha aproveitado melhor o conteúdo. Os alunos participavam bastante, as aulas eram muito interativas.
E40	Q	CAT4	Avaliação em forma de provas e trabalhos, assim como no Brasil.
E41	Q	CAT4	Muitas atividades prévias fora de aula .
E42	Q	CAT4	Tudo! Muita leitura, muito artigo. Menos trabalho em classe. A maior diferença é que no Brasil os professores digerem as informações pros alunos, lá eles dão o 'framework' e a gente tem que se preparar pra discussão sozinho. Eu escrevia um artigo a cada 15/20 dias.
E43	Q	CAT4	Atividades em grupo e exercícios práticos após todas as aulas teóricas, o que era ausente na Unipampa. Centrado no aluno. As aulas de atividades práticas eram focadas no aluno. A avaliação não era focada no exame teórico.
E44	Q	CAT4	As metodologias utilizadas eram diversas, por ser apenas 15h de classe e 30h de estudo individual e atividades extras. Apesar disso, todas as disciplinas permitiam interações e discussões por parte dos alunos, tinham atividades em grupo, provas e atividades extraclasse. 15 Através de provas e atividades em grupo. Era no aluno pois permitia uma troca de idéias e interações.
E45	Q	CAT4	As disciplinas em geral tem sempre as Lecture classes nas quais o professor passa a materia e na em outro dia tem as aulas não obrigatórias (Recitation class) com os monitores que resolvem diversos exercícios e tiram dúvidas. O sistema de notas é bem dividido entre as provas, trabalhos de casa e trabalhos em grupo. As avaliações eram compostas sempre de três fatores: Provas, Lições de casa, Trabalho em grupo. Quando a maior parte

			da turma vai mal em um exame o professor retoma o conteúdo, abre mais aulas de recitation e realiza trabalhos complementares para auxiliar nas notas e no aprendizado.
E46	Q	CAT4	Era de suma importância ler e realizar as atividades pré-classe. As aulas em si eram bastante expositivas, como se fosse uma discussão do conteúdo, os alunos se mostravam muito mais participativos do que nas disciplinas cursadas na Unipampa. 15 Era centrado na discussão eu acho. O professor vinha pra sala de aula explicar o conteúdo, esperando que os alunos tivessem lido sobre o assunto antes da aula iniciar. Era como se você tirasse dúvidas e reafirmasse um entendimento prévio.
E47	Q	CAT4	Similar a metodologia do Brasil.
E48	Q	CAT4	Muitas atividades extraclasse, produção de artigos/papers, leituras pra discussão, quizzes em aula usando iclicker, só o professor falava maior parte dos dias.
E49	Q	CAT4	Várias atividades extraclasse via portal eletrônico. As aulas eram expositivas, com dinâmicas de discussão em grupo e pequenos testes semanais além das provas semestrais. As aulas práticas ocorriam no laboratório, obviamente. As avaliações eram feitas, geralmente, por aplicações de quizzes semanais sobre os assuntos estudados, aplicação de provas mais longas em um maior intervalo de tempo e, dependendo da componente curricular, resolução de folhas de exercícios, práticas laboratoriais e participação nos grupos de discussão em sala de aula. Alguns dos quizzes eram realizados durante a aula com o auxílio de um dispositivo eletrônico chamado iClicker, com o qual cada aluno assinalava a alternativa correta a respeito da pergunta que o professor exibiu na lousa eletrônica. O ensino era muito mais centrado no aluno, pois a exigência em comum era que os alunos estudassem muito antes mesmo do professor abordar o tema de estudo. Muitos exercícios eram passados para serem feitos pela plataforma da universidade. A posse de livros era exigida pelos professores que, semanalmente, enviavam os tópicos para serem estudados em casa e posteriormente vistos em sala de aula. Os professores dispunham de horários de monitoria para cada uma de suas disciplinas para que os alunos os procurassem mediante necessidade.
E50	Q	CAT4	Muita atividade extraclasse e estudos independentes. Trabalhos individuais, provas práticas e provas finais.
E51	Q	CAT4	Mais atividades dentro da sala e não tanto extraclasse. Ensino não era tão desgastante fisicamente e nem psicologicamente. Era possível ter vida social além do curso. As formas de avaliação eram as mesmas: provas, exercícios e atividades em sala de aula.
E52	Q	CAT4	Professor expunha o conteúdo, os alunos eram super participativos (nunca havia presenciado uma participação tão ativa dos alunos) e haviam aulas de

			seminários preparados pelos alunos. 14 O que mais me chamou a atenção foi a participação dos alunos. Havia uma interação muito grande entre os alunos e os professores durante as aulas, em relação aos conteúdos das aulas e até mesmo sobre dúvidas de escrita que em sala, na UNIPAMPA, o aluno seria algo de piadas.
E53	Q	CAT4	As matérias que cursei englobaram diversas metodologias, com atenção especial à oportunidade para o aluno discutir sobre assuntos, apresentar trabalhos em frente a classe e fazer visitas externas. 15 Avaliação na maioria das vezes era realizada por provas escritas e trabalhos apresentados para a classe.
E54	Q	CAT4	Aula dinâmica, com participação de toda a turma. Atividades em grupo com discussões e atividades extraclasse para apresentação. Dependendo o professor era uma forma de avaliação, desde participação em sala de aula, como provas, trabalhos de pesquisa e de apresentação.
E55	Q	CAT4	Na maioria das disciplinas tinha uma troca legal com o professor e os alunos, discussões e bastante trabalhos em grupos.
E56	Q	1CAT4	Atividades em grupos e projetos interdisciplinares. 15 As avaliações ocorriam por provas ou projetos.
E57	Q	CAT4	Muitos trabalhos em grupo e discussões e debates, poucas horas de sala de aula com aula com professor falando apenas e mais horas de prática e atividades extraclasse. NÃO EXISTE aluno ficar 4 horas seguidas dentro de uma sala de aula com o mesmo professor lá fora, e pra mim essa era a melhor parte, acho o sistema de ensino do Brasil antiquado, precisa ser reformulado. Mesmo que a carga horária de uma disciplina exija 4 horas semanais, ela não precisa ser dada em um único turno. O aluno não absorve nada depois de um tempo, tem que engolir livro em casa pra fazer prova porque não conseguia mais prestar atenção na aula e acaba decorando, não aprende, só repete e apaga da memória. Não é vantajoso a metodologia que se usa aqui no Brasil. Lá na Universidade de Toronto era melhor distribuído. Além do que, quando vc tem mais discussões e atividades extraclasse o aluno aprende a se organizar pra estudo e a ter compromisso. 15 Haviam dois testes: Um no meio do semestre (mid terms- valendo entre 20-30%) e um no final (Final test - geralmente valendo 40% da nota) O resto dos pontos era dividido em Trabalhos e relatórios de aulaprática quando haviam. O Ensino era centrado no aluno, acredito que pendendo mais pra Vygotsky na questão do socioconstrutivismo. O Professor expunha o assunto, mas havia sempre trabalhos em grupo, discussões, debates onde nós estudávamos e chegávamos a conclusões. Os professores todos falavam muito em pensamento crítico. Todas as propostas vinham com o termo think critically. E isso foi um grande desafio já que eu estava habituado a absorver conhecimento e replicar na prova. Não tinha ainda passado por testes onde pensar leva a resposta, e não decorar conteúdo.

E58	Q	CAT4	poucas atividades em grupo, apenas de laboratório.
E59	Q	CAT4	Similares ao Brasil: atividades em grupo, aulas com discussões e atividades extraclasse fizeram parte da metodologia.
E60	Q	CAT4	Uma das disciplinas que cursei, de uma escola diferente, foi muito interessante, porque os professores fizeram aulas de campo diversas vezes, mostrando o conteúdo abordado em sala de aula na prática, conhecemos lugares diferentes, um por exemplo era até fora do país. 15 A forma de avaliação era feita com testes e trabalhos. A instituição tinha um período especial para os testes, sendo este período sem nenhuma aula de qualquer disciplina, um tempo especial para se dedicar aos estudos das provas.
E61	Q	CAT4	Somente o professor falava. Entretanto, houve matérias que além da fala o professor realizava trabalhos, sendo estes em que grupos apresentavam conteúdos e também atividade extraclasse, com aulas em laboratório. 15 A avaliação de todos os componentes foi realizada por provas. O ensino era centrado no professor, caracterizado pelo fato de ser uma aula expositiva (slide, quadro) e o professor expondo os conteúdos, mas sempre com a possibilidade de sanar dúvidas que surgissem pelos alunos.
E62	Q	CAT4	Havia professores tradicionais, os quais só eles falavam, assim como também havia professores responsáveis pela parte prática das mesmas disciplinas. Estes, por sua vez, realizam aulas mais interacionistas. Ou seja, cada professor com sua metodologia. 15 Avaliação somatória. Provas, provas objetivas online, trabalhos científicos, etc. Havia diferenças entre uma disciplina em outra, ora centradas no aluno, ora centradas no professor.
E63	Q	CAT4	Havia uma relação de confiança entre o conteúdo dado e o entendimento do aluno. Exemplo: aulas práticas sem a necessidade de relatório para verificar a compreensão. O professor confiava que não "havia dúvida" na explicação feita. 15 O aluno tinha total liberdade para formar o modo de avaliação com o professor.
E64	Q	CAT4	Aula onde o professor fala, exercícios semanais valendo nota pelo Moodle. 15 Trabalhos semanais valendo nota e duas provas, sendo uma no meio e outra no final do semestre. Aulas bem preparadas que facilitavam o entendimento do aluno.
E65	Q	CAT4	Havia espaço para que os alunos participassem mas de modo geral somente os professores falavam. Me parece que momentos para discussão eram um tanto prejudicados pelo tamanho das turmas e nas aulas os professores preferiam utilizar o tempo para revisar o que havíamos lido em casa. Raras foram as vezes em que utilizaram qualquer material além do quadro. No entanto, os professores postavam os materiais de leitura em uma plataforma chamada EVA (como Moodle), era por meio dela que tínhamos acesso a esses materiais e que poderíamos enviar alguma pergunta. Não realizamos nenhuma atividade extraclasse. 15 Em todas as disciplinas

			que cursei a avaliação se dava por meio de "parciais" (provas) que poderiam ser com questões dissertativas ou artigos que deveríamos escrever sobre temas propostos pelos professores. No segundo caso, deveríamos escrever um artigo expandido em casa e entregar impresso para os professores uma semana pós a data da entrega dos temas propostos. O ensino era centrado no professor, o momento dos parciais era o único em que eles podiam, de fato, ter algum contato com o havíamos construído ao longo do semestre.
E66	Q	CAT4	Muito variado, turmas muito grandes apenas o professor falava com espaço para perguntas. Turmas menores tinham discussões, atividades em grupo eram pouco frequentes. muitas atividades extraclasse, pois o tempo de sala de aula era bem reduzido. As avaliações eram pelas provas.
E67	Q	CAT4	Foi bastante dinâmico e misto, tive experiência com todas opções. Era um campus gigante e arborizado com muita opções e facilidades
E68	Q	CAT4	Muitas atividades extraclasse e aulas expositivas.
E69	Q	CAT4	15 No aluno, a forma de avaliação era por três etapas, cada etapa continha uma prova, atividades e participação em aula e um seminário.
E70	Q	CAT4	Aulas com mix entre teoria e prática, turmas grandes na aula teórica e menores na prática.
E71	Q	CAT4	Centralizado no professor. Além do estudo ser muito mais por conta do aluno. Os professores não eram. 'obrigados' a cumprir carga em sala de aula... o aluno não era dependente do professor, para aprofundar-se, precisava correr atrás. As provas eram orais. Eu não cheguei a fazer, pois a avaliação era apenas prática.
E73	Q	CAT4	Atividades/projetos em grupos. Além de trabalharem temas e problemas complexos/interdisciplinares. 15 No discente. Através de metodologias ativas, onde os próprios discentes são incentivados a aplicar os conhecimentos em projetos práticos, com supervisão direta do professor.
E74	Q	CAT4	Muitas atividades extraclasse. Não tinha um dia que não havia atividade extraclasse. Era concentrado no aluno. O ambiente era extremamente competitivo. Havia horários para discussão professor aluno, reforço.
E75	Q	CAT4	Isso variava de acordo com as disciplinas 15 A maioria das provas eram orais, podendo-se escolher o dia de realização dos exames e estes eram realizados de forma aberta para quem quisesse ver
E77	Q	CAT4	A diferença entre o curso no Brasil, para os componentes que cursei, eram as aulas expositivas e as aulas de laboratório. Algumas aulas eram só 'faladas' e outras o professor deixava um monitor auxiliando atividades. A avaliação no geral parecia ser do tipo que estamos mais acostumados. Mas no geral, eram alguns trabalhos e uma prova no final do trimestre.
E78	Q	CAT4	A maioria das avaliações eram objetivas, com folha de resposta, e por vezes em grupos. Pela facilidade e automatização da correção, o ensino era focado no professor, na maioria dos casos.

E79	Q	CAT4	Amplio uso de novas tecnologias e softwares no conteúdo das aulas, formando profissionais com capacidade para atuar no mercado conhecendo as melhores tecnologias disponíveis.
E80	Q	CAT4	Muitas atividades extraclasse, porém aulas em modelo expositivo bem similar ao modelo brasileiro. Várias aulas somente baseadas em apresentações dos alunos e relatórios. Muitos trabalhos e menos provas.
E81	Q	CAT4	Todas as aulas eram com discussões e sempre com atividades extraclasse. Centrado no aluno, com flexibilidade e conversas sobre as avaliações.
E1	Q	CAT5	O campus onde eu fiquei tinha vários cursos de graduação, então era muito motivador participar de exposições de arte, locais de debate, exercícios ao ar livre. Embora tivesse diversos cursos, havia oportunidade de diálogo e crescimento entre os alunos, sem competição.
E3	Q	CAT5	Moodle específico para a o curso de medicina (intranet), disponibilização de um dossiê completo com a bibliografia indicada para as atividades de cada componente; prédio da faculdade novo, com salas identificadas, mapas, projetor em todas as salas, biblioteca com ambiente de estudos calmo, acolhedor e confortável.
E5	Q	CAT5	Achei interessante e me chamou a atenção o sistema de coleta de digital nas portas das salas de aula para monitorar as presenças dos alunos. As avaliações eram centradas no aluno. Eram trabalhos individuais/grupo para entregar, trabalhos em grupo para apresentar, projetos finais para entregar. Houve também atividade prática em campo
E6	Q	CAT5	A infraestrutura dos laboratórios era muito boa. Tinha um pub no campus que era frequentado por toda a comunidade acadêmica.
E7	Q	CAT5	o acesso a pesquisa, equipamentos e metodologias modernas, alto investimento em inovação tecnológica
E8	Q	CAT5	O ambiente era muito acolhedor, sendo esta uma das políticas da universidade. Atitudes tais como bullying eram punidas severamente. Chamava atenção a quantidade de recursos. Trabalhei com microscopia eletrônica enquanto estava lá, e qualquer problema com os microscópios (no valor aproximado de meio milhão de dólares cada) era resolvido em pouquíssimas horas. Todos os laboratórios que conheci eram muito bem equipados, além da universidade disponibilizar transporte para qualquer saída de campo previamente agendada. Todo o campus, que compreendia uma área de 70 ha, tinha excelente sinal de wi-fi. A biblioteca era imensa (três andares e milhares de títulos) e no terço final de cada semestre funcionava 24 horas. Também era muito levado em conta o bem-estar dos alunos: a faculdade disponibilizava psicólogo, centro de saúde, academia de musculação, piscina, ginásio de esportes, cafeterias, apresentações artísticas... No começo dos semestres eram feitas feiras nas quais os clubes se apresentavam, então você podia se inscrever e participar de grupos por ideias

			(políticas, religiosas, filosóficas...) por esportes (atletismo, futebol, xadrez...) ou étnicas (afroamericanos, nativo-americanos, hispânicos...)
E10	Q	CAT5	A biblioteca possui muitos espaços diferenciados que possibilitavam estudos em diferentes intensidades sonoras: desde ambientes completamente silenciosos até ambientes que possibilitavam conversações em volume elevado. A biblioteca também apresentava diferentes configurações espaciais: bainhas para estudos individuais, estudos em grupos, salas com telas, etc. As aulas eram muito menores em sala de aula, normalmente 1 a 2 horas por semana por disciplina. Entretanto, a carga horária da disciplina era muito elevada, sendo que a maior parte dela era com atividades extraclases, monitorias, estudos individuais, etc.
E12	Q	CAT5	Os prédios estavam muito bem conservados, limpos e a aparelhagem era toda nova. O campus havia lugar para atividades externas e local de lazer para os alunos. Além da cafeteria que era muito boa.
E13	Q	CAT5	Ambiente inovador, com laboratórios de ponta e bastante suporte a projetos.
E14	Q	CAT5	Não, era um ambiente muito tecnológico, até porque foi em 2013. Tinha diversas salas de computação onde todos os alunos tinham acesso, impressoras espalhadas por todo o campus, onde bastava recarregar um cartão para imprimir seus documentos (isso foi o que mais me chamou atenção na época)
E16	Q	CAT5	Laboratórios modernos e altamente equipados. Liberdade para os alunos utilizarem e usufruírem destes laboratórios.
E17	Q	CAT5	Quantidade abundante de recursos financeiros para as aulas práticas
E18	Q	CAT5	Todas as salas de aula eram em auditórios, o professor falava no microfone e as aulas eram gravadas para assistir depois se quisesse em um portal tipo o guri/moodle, chamado "blackboard". Existia uma semana final com 5 dias das provas escritas e na semana anterior chamava "stress less week" onde tinha várias atividades para desestressar os alunos das provas finais. Tinha até um stand com vários filhotinhos, pintinhos e cabras pra gente interagir. Também tinha disciplinas que eram apresentações com slides e outras era entrega de projeto e apresentação.
E19	Q	CAT5	Aulas interativas, discussão de casos clínicos e tecnologias de ponta usadas no ensino.
E20	Q	CAT5	O incentivo de cuidado com a saúde foi um detalhe que me chamou a atenção. Havia uma academia disponível para os alunos, times de futebol e vôlei, por exemplo.
E21	Q	CAT5	Extremamente acolhedor, inovador e moderno
E22	Q	CAT5	Aulas mais curtas e em horários diferenciados.
E24	Q	CAT5	Sem dúvidas foi a utilização de tablets, que eram emprestados pela Universidade no primeiro ano de

			formação e que poderiam ser comprados ou não ao fim da formação. Isso facilitava a consulta do material disponibilizado pelos professores e facilitava as aulas. Não era necessário a utilização do material impresso.
E25	Q	CAT5	O ambiente era acolhedor, havia amplos espaços para estudo e o funcionamento da biblioteca era estendido em época de provas finais.
E26	Q	CAT5	Muitos encontros para interação dos estudantes estrangeiros
E27	Q	CAT5	Os professores não aceitavam a utilização de computador ou celular em aula, enviavam os materiais antes das aulas para que pudéssemos imprimir e levar para acompanhar em aula. Gostei muito desse método! Era ótimo poder ir para a aula já com o material e preparada para as discussões. A universidade também conta com um sistema de xerox ótimo, em que cada aluno coloca crédito em seu cartão da universidade e pode imprimir em qualquer máquina de xerox que há nos campus, sem mediação de funcionários nem dificuldade. O ambiente era sim muito acolhedor, com diferentes espaços que oportunizavam várias experiências.
E28	Q	CAT5	Era um ambiente acolhedor, haviam quadras de futebol, baseball e volei e isso era algo muito interessante
E30	Q	CAT5	Havia uma ágora no meio do pátio da universidade, sempre havia debates, cinemas, clube de livros, toda semana tinham atividades
E33	Q	CAT5	A instituição era bastante acolhedora, com professores bem preparados. As aulas tinham muita interação entre alunos e professores e o sistema avaliativo não continha provas, mas se baseava em trabalhos, projetos e participação.
E34	Q	CAT5	Eram ambientes acolhedores com muito espaço pra descontração e interação com os colegas.
E36	Q	CAT5	Estrutura impecável em relação a biblioteca com acesso a tecnologia de ponta, academia, acesso ao material de ensino his Blackboard, excelentes refeitórios com alimentos saudáveis disponíveis das 6 da manhã até as 11 da noite, e posto de saúde no campus com médicos especializados em diferentes áreas. Todos os funcionários, professores e colegas foram muito acolhedores. O que mais me chamou a atenção foi o centro de estudos multidisciplinar onde alunos de diferentes cursos se engajavam em diferentes linhas de pesquisa, ensino e aprendizagem.
E37	Q	CAT5	Entre diversas características, as que mais se destacavam eram os diversos laboratórios montados em parceria com empresas privadas como Chrysler e Ford ou órgãos governamentais como o departamento de defesa. As empresas privadas lá procuram montar e operar seus laboratórios dentro das universidades.
E39	Q	CAT5	O campus era muito, muito bonito. A cidade era repleta de "hippies", inclusive os alunos. Muitos alunos iam de pijamas para as aulas na sexta-feira, Isso me chamou bastante atenção.

E40	Q	CAT5	É sempre inovador estar em contato com outras culturas. Haviam pessoas tanto receptivas quanto menos acolhedoras, assim como no Brasil. Havia certo preconceito em relação aos estudantes estrangeiros.
E41	Q	CAT5	Atividades que faziam com que o aluno viesse preparado para a aula antes da mesma acontecer.
E42	Q	CAT5	Essas 'societies' são bem interessantes. São grupos de alunos que tem interesse em comum (política, dança, etc)
E43	Q	CAT5	As atividades práticas após cada aula teórica. A gravação de todas as aulas para aqueles que não podem comparecer. O maior peso da avaliação nas atividades práticas invés de exames teóricos. Tudo isso ausente na Unipampa.
E44	Q	CAT5	Todos os alunos estrangeiros que não tinham inglês como língua nativa, necessitavam passar por um semestre de inglês para só então ingressar no curso de graduação. Haviam várias atividades de recepção e interação durante o ano, com entrega de brindes e alimentação.
E46	Q	CAT5	A elaboração de um calendário com semanas específicas de provas, a realização de quizzes e a necessidade de realizar aulas práticas individuais era um grande diferencial. Enquanto cursei as disciplinas na Unipampa eu não via tanta a necessidade de manter o conteúdo em dia, entretanto, com os quizzes era diferente, e eu morava que essa 'obrigação' me beneficiava a longo prazo. Nas aulas práticas ter equipamentos suficientes (para meia turma) para cada aluno realizar seus experimentos individualmente faz muita diferença. Não tem mais aquele levar nas costas em grupo, e a experiência que isso trás no aprendizado é muito boa.
E47	Q	CAT5	Similar ao Brasil. Entretanto, os alunos eram envolvidos em programas de outros cursos, similar aos currículos dos EUA.
E48	Q	CAT5	Salas tipo auditório com classes, uso de computadores ao invés de cadernos, organização.
E49	Q	CAT5	O que mais me chamou a atenção foi a vasta disponibilidade de ambientes e situações para estudos e para lazer dos estudantes. A biblioteca e a sala de informática ficavam abertos 24h por dia, com lanchonete disponível para os alunos. Havia muitos espaços para estudos, como salas abertas, salas fechadas, mesas, salas com quadros à disposição, ambientes de silêncio obrigatório e outros não. Para lazer a universidade contava com sala de jogos, academia, quadras de esportes, piscina coberta, sauna, cinema e muitos eventos sociais como noite do karaokê, apresentação de show de talentos, eventos culinários, celebração de datas comemorativas, entre outros. Todos esses eventos, creio eu, ajudavam a manter o equilíbrio entre estudo e bem estar emocional e psicológico dos estudantes da universidade, uma vez que deles é exigido que morem na universidade (por pelo menos um ano) e que façam muitos estudos por conta própria.

E50	Q	CAT5	A multidisciplinaridade que o aluno de graduação é exposto.
E51	Q	CAT5	Era um ambiente que propiciava ficar lá o dia todo, com opções de comida, descanso, academia e outras atividades. Além disso, prezavam pelo bem estar físico e mental.
E54	Q	CAT5	Instituição com setor administrativo precário, mas onde os estudantes ajudavam bastante para melhorar o cenário. Alto nível de participação dos estudantes em todos os setores possíveis.
E55	Q	CAT5	A instituição que estudei era muito completa, mas como comentei anteriormente é uma instituição particular. Tinham muitas disciplinas complementares, desde violão, línguas, danças até desenho e maquiagem artística. O esporte é muito valorizado. Achei incrível essa disponibilidade e iniciativa de tantos incentivos em tantas áreas.
E56	Q	CAT5	Proatividade e interesse dos alunos presentes nas aulas.
E58	Q	CAT5	Eu achava legal que haviam muitas áreas de convivência espalhados no campus (em São Gabriel nem se fala como faz falta isso, na minha época tinha aluno sentado no corredor pra pegar tomada e estudar nos intervalos). Tinha muitas mesas pra estudo e o que eu acho que até hoje a UNIPAMPA pecou foi em não ter dado prioridade pra construção de uma Biblioteca decente. A biblioteca na Universidade de Toronto tinha 4 andares sendo que o último era dividido em área pra trabalho em grupo e área de silêncio com mesas individuais. Isso fazia muita falta na UNIPAMPA, não tínhamos lugares pra estudar na Universidade e eu por exemplo tenho dificuldades de estudar em casa.
E58	Q	CAT5	Os laboratórios eram bem equipados, mas diferente do Brasil lá eles não tem tantas aulas em lab. como temos aqui. Eles têm mais contato em um mestrado
E59	Q	CAT5	O uso de softwares avançados na disciplina de estatística me pareceu inovador.
E60	Q	CAT5	O ambiente da instituição era fascinante porque tinham alunos de todos os lados do mundo, em um dia na instituição você conseguia identificar diversos idiomas diferentes. A união que a instituição fazia, essa troca de conhecimentos de diversas culturas foi incrível.
E61	Q	CAT5	Era um ambiente acolhedor, e o mais chamativo era a quantidade de nacionalidades diferentes em um só ambiente.
E62	Q	CAT5	Infelizmente não havia muita inovação. Ao contrário, prédio antigo, dinâmicas antigas, professores antigos... A parte mais "acolhedora" era a cantina, onde havia maior interação entre os alunos, durante o intervalo do almoço. O que mais me chamou atenção, foi o contraste entre os edifícios da universidade. Por exemplo, o prédio de "Humanidades" - no qual estudei, estava "caindo aos pedaços", enquanto que o de Psicologia, economia, direito estavam bem inteiros e com a presença de inovações tecnológicas - sobre tudo no da área de economia.

E63	Q	CAT5	Empresas privadas diretamente atuando na universidade.
E64	Q	CAT5	Ambiente confortável e acolhedor. Realização de festa das nações para promoção das diversas culturas
E65	Q	CAT5	O prédio e as acomodações eram antigas, mas para mim esse era um atrativo por gosto pessoal. O ambiente era acolhedor, especialmente para mulheres, haviam diversos grupos feministas e estudantis que chamavam para atividades culturais e manifestações. O que mais me chamou a atenção era a intervenção dos alunos nos espaços, com cartazes, panfletagem, etc.
E66	Q	CAT5	O formato das aulas era muito bom, pouco tempo em sala de aula e mais estudo em casa. A estrutura da universidade era perfeita (olhando a realidade do Brasil) muitos lugares para estudo, salas de convivência, laboratórios com computadores e impressoras disponíveis e bibliotecas em grande.
E67	Q	CAT5	Era um campus gigante e arborizado com muita opções e facilidades.
E69	Q	CAT5	A universidade tem academia, santuário, quadra de esportes e cantina.
E70	Q	CAT5	Tudo muito tecnológico, diversas bibliotecas, ambientes confortáveis para estudo, campi muito organizado, limpo, arborizado. Gostava de passar tempo na biblioteca e no campi, me sentia em casa.
E71	Q	CAT5	Essa independência pra mim era inovador! O aluno ser mais responsável pelo seu conhecimento do que atrelar isso ao docente. Senti falta da atenção da minha classe em específico, os enfermeiros, esperava mais do curso.
E72	Q	CAT5	Sim, o ambiente era acolhedor. Um ponto de destaque foi como o prédio da biblioteca do campus foi projetado, ele era o prédio mais bonito e imponente, o que gerava um incentivo inconsciente nos alunos a adentrarem naquele espaço. E ele era ainda mais impressionante por dentro, o nível de silêncio era incomparável, e você sempre encontrava uma mesa bem iluminada disponível.
E73	Q	CAT5	1) Elaboração de projetos interdisciplinares com supervisão do professor e apresentação no final do curso. 2) Possibilidade de contactar os egressos por meio da rede de contatos no sistema da própria escola/universidade. A escola/universidade está sempre em contato com os egressos, convidando-os para apresentação de palestras sobre o mercado de trabalho, projetos profissionais e temas de pesquisas desenvolvidos. Aproximação da escola/universidade com empresas para realização dos estágios e ingresso no mercado de trabalho.
E74	Q	CAT5	O que mais me chamou atenção foi a quantidade de atividades extraclasses com prazos curtos de entrega, o que forçava os estudantes a estarem em constante estudo.
E77	Q	CAT5	A estrutura da universidade era um pouco diferente. Havia vários grupos formados de diferentes tipos: clubes de debate, livro, esportes. A universidade oferecia algumas aulas livres em algum esporte e academia. Além de estarem sempre promovendo

			eventos para que os estudantes internacionais se sentissem acolhidos.
E78	Q	CAT5	As aulas de Empreendedorismo continham questionários a serem respondidos com clickers, além de um trabalho final que envolvia trabalho em grupo durante todo o semestre. Foi uma maneira de deixar os alunos envolvidos tanto com a disciplina, quanto com o projeto a ser elaborado e colocado em prática.
E79	Q	CAT5	A universidade era um ambiente diferente do mundo, onde a ciência era aplicada em todos os sentidos, desde a manutenção de jardins, até a colocação de fios de eletricidade, aproveitamento de água, tudo...
E80	Q	CAT5	Nada inovador.
E81	Q	CAT5	O ambiente era moderno e supria todas as necessidades dos cursos em questão, sem falar da qualidade dos professores e do cuidado extra que eles tinham com os estudantes de intercâmbio.
E1	Q	CAT6	Não havia nada íntimo ou transformador, eram pessoas aprendendo e estudando.
E3	Q	CAT6	Entre professor e aluno era mais vertical, fria e distante. Acredito que pelo grande número de alunos em cada turma, estabelecer um contato mais próximo era complicado. Entre colegas, era clara a existência de grupos antigos.
E5	Q	CAT6	Com os professores era uma relação respeitosa e acolhedora (à maneira portuguesa). Entre os colegas portugueses a relação não era tão acolhedora. Eles eram muito distantes e formais quando tentávamos puxar assunto ou fazer amizade. Mas eram sempre muito respeitosos. 17 Sim, a rispidez dos portugueses foi uma coisa que me afetou bastante. Os brasileiros tendem a "amaciar" as palavras para não serem grossos. Já os portugueses são extremamente diretos em suas palavras, o que pode ser encarado por nós como grosseria. Mesmo entendendo isso com o passar do tempo, em casos que era evidente que não havia discriminação, era difícil não levar essa forma de tratamento para o lado pessoal.
E8	Q	CAT6	Excelente. Somos amigos até hoje. A relação professor/aluno era excelente, com muito respeito de ambas as partes mas também com muita cumplicidade. Era muito comum procurar o professor fora de sala de aula para debater ou aprofundar o que fora visto em aula, e os professores pareciam sentir prazer ao ser questionados. Entre os colegas havia um misto de competição saudável (melhores notas podem te dar uma vaga ao doutorado ou a um grupo de pesquisa) e colaboração; como no começo eu não tinha um domínio perfeito da língua não foram poucas vezes que colegas me socorreram e ajudaram com temas de casa ou na montagem de uma apresentação. Chamava atenção também o grau de honestidade nas relações; quem não fez o <i>homework</i> (caso raríssimo) não fez o <i>homework</i> e admite sem criar desculpas. Mais de uma vez vi professores distribuírem prova em sala de aula, sair para tomar um café deixando a sala de aula sem qualquer cuidador e NINGUÉM colava.

E12	Q	CAT6	A relação era boa, porem faltava respeito quanto q autoridade do professor na sala. Utilizavam celular mesmo com o professor dizendo para não utilizarem. Os celulares estavam sempre no volume mais alto. Os colegas se respeitavam, e eram incentivados a respeitarem as dificuldades dos alunos e percebia o cuidado dos professores em relação a saúde mental dos alunos.
E13	Q	CAT6	Relações abertas com ambos. Fácil acesso e compartilhamento de informações. Sim, com os colegas um pouco de exclusão
E14	Q	CAT6	Relação distante entre alunos e professores. Entre colegas tinha bastante interação. Sim, me senti excluída por alguns colegas logo no inicio. Mas outros colegas me acolheram bem depois.
E16	Q	CAT6	Relação entre professor e aluno era a mínima possível, principalmente com os estrangeiros, porém, sempre que procurava um professor, éramos muito bem atendidos.
E17	Q	CAT6	Entre colegas era normal, como aqui no Brasil. Já a relação entre alunos/professor era bastante distante e extremamente profissional
E18	Q	CAT6	Geralmente a relação aluno-professor era distante, a maioria dava aula e ia embora. Entretanto, como eu era do intercâmbio eles se esforçavam pra ver se estava tudo ok. Só uma professora que foi minha supervisora de estágio que tinha uma visão péssima de brasileiros e sempre ficava subestimando e fazendo coisas bem desnecessárias.
E19	Q	CAT6	De forma respeitosa, mas um pouco distante.
E20	Q	CAT6	Sim, pela formalidade em um primeiro momento.
E21	Q	CAT6	a relação era maior com os professores das aulas de exercícios e laboratórios. Sim, houve dificuldade de acompanhar algumas palestras
E22	Q	CAT6	Problemas com a linguagem (estava na Catalunha e não falavam em espanhol).
E23	Q	CAT6	Problemas com a linguagem (estava na Catalunha e não falavam em espanhol).
E24	Q	CAT6	A relação era diferente em função do professor, mas em sua grande maioria eram disponíveis e atenciosos. Os colegas em sua grande maioria fechados e pouco prestativos. Cheguei no país de destino com um nível insuficiente da língua, sendo assim encontrei bastante dificuldade de integração, além da barreira cultural, uma vez que os franceses são mais resistentes e fechados ao primeiro contato, não tinham paciência para tentar me entender.
E25	Q	CAT6	Entre professores e alunos a relação era um pouco distante devido ao grande número de discentes em uma mesma disciplina. Entre colegas tive pouco contato com meus colegas de aula.
E27	Q	CAT6	Era produtiva e respeitosa, com troca de experiência inclusive extraclasse, tanto com os colegas quanto com os professores
E28	Q	CAT6	As relações eram boas! Os colegas geralmente se acompanhavam em todos os semestres, eu estava cursando disciplinas com turmas de semestres diferentes, então cada aula eu tinha um grupo de colegas diferentes.

E29	Q	CAT6	Era incrível, sempre com muito respeito e vontade recíproca de um ajudar ao outro.
E30	Q	CAT6	Sim. Pelo fato de ser mulher e brasileira, alguns colegas tiravam conclusões errôneas próprias acerca da origem. Sem maiores problemas com professores.
E32	Q	CAT6	Bastante boa, se notava muita vontade de se ter uma troca de experiências.
E33	Q	CAT6	Apesar da autoridade demarcada dos professores, eles eram bastante abertos às discussões provocadas em aula. A relação com os colegas era harmoniosa.
E34	Q	CAT6	20 Excelente, foram muito além do que eu esperava. Eram muito solícitos e constantemente entravam em contato para saber se estava tudo ok. O setor até organizava viagens com tudo pago para o interior do país para conhecermos melhor a cultura deles e viagens para países vizinhos também.
E36	Q	CAT6	Ótima relação. Os professores eram muito acessíveis assim como os colegas.
E37	Q	CAT6	Maior distanciamento entre professores e estudantes, enquanto os colegas, por uma questão cultural, são mais fechados em seus círculos de amizades pré-existentes. Não, me adaptei bem a cultura local e já estava acostumado com a estrutura de ensino visto lá, pois era relativamente similar a da unipampa. Porém outros colegas brasileiros, principalmente estudantes de universidades privadas, tiveram bastante dificuldade para se adaptar a algumas características, como ter colegas diferentes em cada disciplina (em vez de ser sempre a mesma turma), ter horários vagos entre as aulas, ter a possibilidade de escolher quais disciplinas vai cursar e em quais horários, e não existir "DP" e sim pré-requisitos a vencer. Tudo coisas comuns em universidades públicas no Brasil.
E38	Q	CAT6	Tínhamos a liberdade de questionar, propor ideias e interagir durante as aulas ou em horários específicos de atendimento.
E40	Q	CAT6	Havia disponibilidade de ajuda e colaboração de ambas as partes
E41	Q	CAT6	professores eram muito prestativos e tinham horários de atendimento aos alunos.
E43	Q	CAT6	Formal. Muito mais séria do que nas universidades brasileiras. Não existia a prática de "copiar respostas dos outros". Praticamente TODOS estudavam e não existia "cooperação" de passar respostas durante o exame teórico. Os alunos, mesmo não sendo obrigados, compareciam em todas as aulas teóricas e se preparavam para os testes. No Brasil, onde obrigam os alunos a comparecer nas aulas, quase ninguém levava o curso a sério. Ninguém estudava e a política de "tirar nota boa sem estudar/colando" era vista como sagaz. 17 Sim. No exterior as aulas eram levadas muito mais a sério. Não existiram piadinhas e brincadeiras ou desrespeito com o professor durante as aulas. O foco e a educação era total, afinal, ninguém era obrigado a estar ali. A quantidade de matérias era menor, mais a qualidade era infinitamente maior.

E45	Q	CAT6	Como as turmas são maiores é mais comum que as interações entre professor e aluno sejam fora do horário de aula, é muito mal visto os alunos que não procuram professores por fora. Mas quando os buscam sempre são muito atenciosos e fazem questão de garantir que todos estão acompanhando e entendendo os conteúdos. 17 Sim, a questão da pontualidade é muito forte e são controlados os minutos de atraso de cada aluno.
E46	Q	CAT6	Muito boa. Era uma questão de agendar um horário com o professor e esclarecer suas dúvidas. Muitos possuíam monitores, então primeiro você falava com o monitor, depois, caso necessário, o professor auxiliava. Esses monitores normalmente eram alunos de mestrado e de doutorado. Com os colegas sempre existiu uma colaboração para solução de exercícios, trabalhos e até mesmo entendimento do conteúdo. Mas não era algo universal, dependia de cada aluno mesmo. Alguns se sentiam melhores trabalhando sozinhos. PROF Um pouco conturbada pela troca de responsáveis. Mas a universidade sempre teve um quadro hierárquico de funcionários, em que a medida que um nível não sanava um problema, a gente partia pro próximo. Lembro de até participar de uma reunião com o 'Dean' da universidade logo no começo quando tudo estava meio conturbado.
E48	Q	CAT6	Boa, não havia uma relação próxima entre alunos e professores.
E49	Q	CAT6	A relação entre professor e aluno era mínima devido ao grande número de alunos por turma, muito embora eles dispusessem de horários de monitoria. A relação entre colegas ia se intensificando entre eles à medida com que os anos iam se passando, mas, de maneira geral, por eu ter cursado componentes curriculares consideradas básicas para várias "majors" (que são as áreas de formação nas universidades americanas), eu tinha muitos colegas em sala de aula e nenhum contato com qualquer um deles.
E52	Q	CAT6	Excelente. De ambos se tinha muito respeito e atenção.
E53	Q	CAT6	Muito boa.
E54	Q	CAT6	Alguns professores eram mais acessíveis que outros, porém a coordenação de cada curso se fazia acessível para conversar com os alunos, principalmente com os alunos de intercâmbio.
E55	Q	CAT6	O que observei era uma relação boa, bem profissional. 17 Com os professores não, com os colegas sim. Eu notava um distanciamento deles, um receio em se aproximar também e julgamentos.
E56	Q	CAT6	Todos os professores eram abertos durante as aulas para ajudar e responder qualquer dúvida e disponibilizavam um tempo extra, a ser agendado, para qualquer dificuldade.
E57	Q	CAT6	Sempre uma boa relação. Não tive professores muito distantes dos alunos. Mas tive professores muito mais exigentes que os da UNIPAMPA, isso reflete muito no meu histórico da UNIPAMPA. Antes de viajar minhas notas eram menores do que depois

			que retornei. Claramente meu aproveitamento melhorou muito depois do intercâmbio. Acho que amadureci com essa demanda maior. Entre os colegas, como eu disse acima, criei laços muito legais com Canadenses, mas no geral os alunos de universidade no Canadá são mais fechados e mais focados. Não via professor tendo que chamar atenção de aluno toda hora porque não param de falar.
E58	Q	CAT6	Boa, os professores eram abertos pra tirar dúvidas fora do horário da aula.
E59	Q	CAT6	Respeito, compreensão e apoio.
E60	Q	CAT6	Boa relação, alguns mais abertos outros nem tanto, mas boa parte interage bem e auxilia em todas as necessidades. Colegas abertos e participativos. 17 Aqui em Portugal não existe chamada e cada aluno deve passar o seu cartão para obter a presença. Diversas vezes esqueci de passar o mesmo ao entrar na sala de aula, pois era um hábito novo.
E61	Q	CAT6	Ótima, os professores sempre estavam dispostos a conversarem, até mesmo em ambiente fora de sala de aula, e os colegas também se mostraram abertos a ajudarem. 17Sim, com algumas diferenças comportamentais na aula.
E62	Q	CAT6	Mista, uma vez que numa disciplina, eram muitos alunos, portanto, a relação era quase impossível de existir. Em outra, com menos alunos, todos se davam muito bem e os trabalhos em grupo propiciaram a aproximação entre todos.
E63	Q	CAT6	Muito direta e clara. Relação de respeito muito forte entre aluno e professor
E65	Q	CAT6	Dificuldade não. Mas senti falta dos momentos de discussão que são sempre muito presentes em minhas aulas na Unipampa. Assim como também estranhei a centralização no professor e a falta de uso de ferramentas tecnológicas. No meu curso de origem é muito difícil haver alguma aula sem o uso de alguma ferramenta tecnológica ou até atividades práticas. Algumas vezes era difícil manter a atenção na aula onde somente o professor falava e utilizava o quadro.
E66	Q	CAT6	A relação não era de proximidade. Mas os professores sempre estavam disponíveis para dúvidas.
E67	Q	CAT6	Muito aberta
E69	Q	CAT6	Os colegas eram unidos sim e alguns professores tinham uma relação muito boa com os alunos
E70	Q	CAT6	Sem diferenciação frente aos demais estudantes. PROF Normal, não são muito receptivos EST 17 Não
E71	Q	CAT6	Ruim. Não houve um acompanhamento. Quem orientava era o profissional contrato do setor onde acontecia o estágio. 17 De modo geral, há uma dificuldade sempre quando a pessoa chega num local novo, tudo é novo e leva algum tempo para o laço de confiança ser construído. Mas o que mais chamava atenção era realmente que muitos professores demonstravam-se altivos e superiores.
E72	Q	CAT6	Boa relação, muito profissional, respeitosa e cordial.

E73	Q	CAT6	Próxima e profissional. PROF 17 Não, acredito que pelo fato do Brasil ter grande influência da cultura e ideais franceses.
E75	Q	CAT6	Professor aluno era uma relação bem distante sem muita conversa fora do ambiente da sala, entre os colegas era normal
E76	Q	CAT6	Extremamente profissional.
E77	Q	CAT6	A relação parecia fluir normal. Professores eram solícitos e abertos a dúvidas e questionamentos. Colegas estavam sempre auxiliando também.
E78	Q	CAT6	Eram boas, com bastante liberdade para questionamentos durante as aulas. O atendimento fora da classe ocorria com agendamento prévio.
E79	Q	CAT6	relação aberta, convites para churrascos e confraternizações, porém sempre com o respeito ao mestre. 17 Sim, a realização de <i>homework</i> .
E80	Q	CAT6	Ok, a hierarquia não era diferente do que é no Brasil.
E81	Q	CAT6	Excelente
E1	Q	CAT7	Eu tinha conhecimento do idioma e lá estudei inglês por 2 meses antes de começarem as aulas!
E2	Q	CAT7	Sim, tive dificuldade.
E3	Q	CAT7	Por ser o mesmo idioma, algumas dificuldades em relação a variação linguística, mas por existirem muitos brasileiros lá, em momento algum houveram ruídos na comunicação
E4	Q	CAT7	Sim, teve um curso oferecido antes de começar as aulas na universidade. é muito relativo, só indí viajar pra poder compreender. Não é bem assim pra dar uma opinião numa roda de conversa, mesmo dominando o idioma mais ou menos. Tem situações que a gente se sai bem, mas tem ocasiões que guardamos nossa ideia, por ser muito complexa pra explicar.
E5	Q	CAT7	Nas duas primeiras semanas era muito difícil entender o sotaque português, mas com o tempo foi ficando natural, ao ponto de eu até mesmo adotar algumas expressões e formas de falar deles. Conheci uma portuguesa, com a qual me relacionei, que foi muito importante em me ajudar a entender o significado de expressões e o "jeito" português. Consegui até mesmo treinar conversas em inglês com ela e com os clientes estrangeiros de um hostel que ela trabalhava.
E6	Q	CAT7	Não tive dificuldades, já dominava o idioma, teve algumas vezes que me corrigiram a pronuncia de certas palavras, mas de uma forma bem tranquila.
E7	Q	CAT7	bastante dificuldades, não dominava a língua do país, algumas aulas eram em inglês e as discussões em alemão, isso dificultava um pouco mais.
E8	Q	CAT7	Eu falava português, espanhol e esperanto; não dominava nada do inglês. No começo foi MUITO difícil, mas tivemos um curso intensivo de inglês nos primeiros meses, o que deu uma ótima ajuda; ao final do período do intensivo, entretanto, meu inglês ainda era sofrível (para ser generoso). Recebi muito auxílio o tempo todo tanto dos professores de inglês quanto de minha orientadora, dos professores das outras disciplinas e de meus colegas. Mais de uma vez, quando comecei uma apresentação

			desculpando-me pelo péssimo inglês, fui interrompido pelo professor para dizer que eu não deveria me desculpar mas que, ao contrário, deveria servir de exemplo, pois eu estava dominando um idioma diferente do meu idioma materno, enquanto ele, que tinha doutorado, falava apenas um idioma. Tais fatos foram construindo minha confiança e, ao término de minha estada lá, já conseguia me comunicar satisfatoriamente
E10	Q	CAT7	Sim, tive dificuldades. Apesar de dominar o inglês, o sotaque do país era bem forte. Eu escutava e falava em inglês, mas a escuta acontecia com dificuldade
E12	Q	CAT7	Sim, tive dificuldade. Não dominava a língua. Não tive o auxílio que esperava, pois tive previsto no edital que eu deveria ter aulas de espanhol e nunca tive, mesmo cobrando a instituição. Porém sempre tive facilidade em aprender novas línguas e minhas colegas de quarto foram muito gentis comigo, sempre me ajudava e eu perguntava sempre. Além da proximidade do espanhol com a língua portuguesa. Outra coisa foi porque eu só convivi com pessoas que falavam espanhol porque além de mim, havia apenas colombianos e um argentino no programa de intercâmbio.
E14	Q	CAT7	Sim. Fiz o curso de língua logo que cheguei na França. Meu conhecimento era bem limitado e com o curso fiquei mais preparada. Com o decorrer das aulas foi ficando melhor e já estava me desenvolvendo bem
E15	Q	CAT7	Tive dificuldades em me expressar oralmente e na escrita.
E16	Q	CAT7	Sim, tinha um conhecimento muito básico da língua, conversação básica e escrita e leitura também. Tive muito auxílio, de outros brasileiros que sabiam muito bem o idioma inglês, que é muito aceito por lá, e também da família onde morei. Em português, não era entendida por ninguém. O inglês sim, é a segunda língua mais falada por lá, porém, não domino este idioma!
E17	Q	CAT7	Entre colegas era normal, como aqui no Brasil. Já a relação entre alunos/professor era bastante distante e extremamente profissional
E18	Q	CAT7	No início sim, eu tinha o conhecimento de leitura e conseguia escutar um pouco, mas me expressava mal. Foi muito complicado, tinha que usar o google translate no início, mas fui acolhida pela associação de estudantes (NUSA) onde fazia trabalho voluntário e eles me ajudavam a aprender mais rápido. 24 No início atrapalhou um pouco, mas como tu vive 24h o inglês, uma hora sem perceber ele vira natural. Eu fiz 6 meses de inglês e foi muito importante para que eu me adaptasse a universidade, a língua, a cultura e lá eles ensinavam como seria as aulas na uf.
E19	Q	CAT7	Não tive dificuldades e a universidade ofereceu um curso intensivo de espanhol para alunos estrangeiros.
E20	Q	CAT7	Já falava bem o espanhol, mas tive aulas de espanhol uma vez por semana.
E21	Q	CAT7	Foi oferecido curso de inglês voltado para a graduação, preparando os alunos do exterior para os

			métodos de estudo e avaliação oferecidos pela universidade.
E22	Q	CAT7	Problemas com a linguagem (estava na Catalunha e não falavam em espanhol). Tenho o espanhol fluente mas onde eu estava a língua é catalão. Eles ofereceram curso básico logo que chegamos.
E23	Q	CAT7	Pouca dificuldade com o idioma, pois já tinha um espanhol avançado.
E24	Q	CAT7	Não dominava, mas acompanhava com facilidade as aulas. Entretanto, tinha dificuldade de falar, isso dificultou a integração com os colegas. O idioma não foi uma barreira para a compreensão dos conteúdos, uma vez que na engenharia muitas nomenclaturas são semelhantes.
E25	Q	CAT7	Não tive, já possuía um domínio do idioma antes de viajar.
E26	Q	CAT7	Usava inglês e não havia dificuldade na comunicação dentro da Universidade. Fora dela, um pouco, muitos não falavam inglês.
E27	Q	CAT7	Problemas não, mas não foi tão simples a adaptação porque o português europeu é bastante diferente do nosso. Foi um período de muito aprendizado sobre a nossa língua.
E28	Q	CAT7	Tinha uma boa percepção do idioma, mas o espanhol era bem diferente do que eu conhecia. Não tive dificuldade, mas precisei me dedicar muito para aprender os principais conceitos das disciplinas para que pudesse apresentar em frente a turma, bem como para contestar as questões em provas.
E29	Q	CAT7	Não tive, pq já sabia um pouco do idioma. Havia um aluno e um professor que estavam como tutores e todos me ajudavam bastante. 25 Muita diferença. A fluência no idioma, bem como a experiência de viver fora me abriram diversas portas no âmbito profissional, todos os cargos que ocupei foram graças a fluência no espanhol.
E30	Q	CAT7	Mesmo sendo Português, tive um pouco, no início, devido ao sotaque bastante carregado e expressões próprias. Com algumas semanas, isso não existiu mais.
E31	Q	CAT7	Foi disponibilizado um curso no país e depois a prática do dia a dia.
E32	Q	CAT7	Os primeiros 6 meses foram só de francês, consegui nesse tempo chegar em um nível bastante avançado. Me expressava e compreendia com muita facilidade
E33	Q	CAT7	Falava um pouco do idioma. Tive poucas dificuldades no início, mas desenvolvi bem a minha fala e compreensão, não precisando fala português.
E34	Q	CAT7	Muita dificuldade, zero domínio da língua, não compreendia nada. A universidade possuía um setor exclusivo para nos auxiliar com tudo o que era possível e tivemos aulas de língua intensivas até estarmos aptos para cursar as disciplinas da graduação. Meu intercâmbio envolveu quase um ano de dedicação exclusiva à aprendizagem do idioma mais um semestre de disciplinas da graduação

E36	Q	CAT7	Não tive dificuldade. No primeiro mês de intercâmbio, antes do início do semestre fizemos um intensivo em inglês.
E37	Q	CAT7	Meu inglês era intermediário antes de ir para o país. Conseguia entender, mas tinha dificuldades para me expressar. Tive aulas de inglês antes do início das aulas e a universidade disponibilizava profissionais para tirar dúvidas.
E38	Q	CAT7	Não tive praticamente nenhuma dificuldade, pois o idioma é o mesmo. Porém o sotaque é diferente. Somente nos primeiros contatos é que algumas palavras eu não compreendia muito bem. Ou quando falavam muito rápido, tinha de pedir para repetir. E em aulas, também no início era mais complicado perceber tudo, mas com o tempo fui me habituando.
E39	Q	CAT7	Alguma dificuldade, porém não me atrapalhou nos estudos.
E40	Q	CAT7	Já havia cursado 5 anos do idioma no Brasil, no entanto, a experiência promove um melhoramento extremamente superior. Além disso o programa disponibilizou 6 meses de aperfeiçoamento no Brasil estrangeiro, que foi de grande ajuda. Foi possível compreender e me comunicar tanto na área acadêmica quanto fora.
E41	Q	CAT7	não dominava o idioma, fui auxiliada por outros brasileiros que já estavam lá. aos poucos fui aprendendo.
E42	Q	CAT7	Aprendi inglês lá, então nos primeiros 3/4 meses tive dificuldade em participar ativamente de discussões.
E43	Q	CAT7	Nenhuma dificuldade. Já dominava o idioma. Parece absurdo cursar uma universidade sem saber a língua.
E44	Q	CAT7	Única dificuldade foi a fluência, mas já dominava o inglês.
E45	Q	CAT7	Eu já falava inglês então não tive muita dificuldade, mas conheci vários brasileiros que dependiam de outras pessoas para se comunicar.
E46	Q	CAT7	Eu já havia feito três anos do curso de Inglês, antes de ir para o exterior, era intermediário. Levou um tempo pra melhorar o inglês e a começar a 'pensar' em inglês. Mas no geral os colegas e professores eram compreensivos com relação a língua, novamente por existir uma quantidade significativa de alunos internacionais.
E47	Q	CAT7	Já dominava o idioma
E48	Q	CAT7	Entendia, fiz curso antes de começar as aulas na graduação
E49	Q	CAT7	Eu não dominava a língua e recebi curso de língua estrangeira no país de destino antes de começar a cursar as componentes da graduação. Ainda assim, tive dificuldades pois eu não era fluente na língua. Durante as dinâmicas de discussões, por exemplo, eu tinha dificuldade em me manifestar de maneira oral. Durante as avaliações escritas, também, um maior período de tempo para leitura e interpretação das questões se fazia necessário, muito embora eu não dispusesse desse tempo extra.

E50	Q	CAT7	Sim. Fui pra Irlanda sem saber inglês e ingressei na universidade após 4 meses do curso de idioma. Em alguns momentos a língua foi sim um empecilho.
E51	Q	CAT7	Tive 6 meses de inglês na Universidade de destino antes de iniciar as aulas. Entendia e expressava em inglês
E52	Q	CAT7	Eu já tinha uma certa bagagem de espanhol, e por incrível que pareça o vocabulário usado lá foi muito semelhante ao usado aqui. Praticamente havia a troca de sotaque.
E53	Q	CAT7	Algumas dificuldades, tinha feito aulas particulares de espanhol, mas era a primeira vez que ia para um país estrangeiro sozinha. Então, as primeiras semanas foram difíceis, mas ao longo do tempo e com a ajuda das pessoas, foi fácil me adaptar.
E54	Q	CAT7	Pouca dificuldade, já tinha conhecimento do idioma.
E55	Q	CAT7	sim, achava que por ser espanhol e eu vir de uma cidade fronteira com a Argentina, seria mais fácil compreender. Porém tive dificuldade no início pois todas pessoas que eu tinha convívio só falam em espanhol. No final, acabei aprendendo muito rápido, voltei fluente.
E56	Q	CAT7	Já dominava, mas tive dificuldades no início.
E57	Q	CAT7	Eu fui pro Canadá com inglês intermediário, conseguia me comunicar, entender instruções direções e etc. Não tive grandes dificuldades quanto a língua. Porém cursei dois semestres de inglês acadêmico antes de ser aceito pra cursar Biologia.
E58	Q	CAT7	sim, mesmo já sabendo a língua, ter aula foi uma experiência diferente. No inicio não entendia muito bem as coisas.
E59	Q	CAT7	Não. Tinha bom domínio do espanhol.
E60	Q	CAT7	Fui auxiliada nas palavras que não entendia ou tinha algum significado diferente, pelos professores e colegas.
E61	Q	CAT7	Sim. Mesmo sendo o português, há uma diferença na maneira como os portugueses falam e principalmente em palavras/expressões que tem significados diferentes se comparados com o português brasileiro.
E62	Q	CAT7	Não, nenhum. Sim, já dominava o suficiente para compreender e me comunicar nas diversas situações que vivenciei. Não usei a língua portuguesa lá, exceto quando alguém pedia para ouvir algo específico.
E63	Q	CAT7	Não tinha domínio do idioma. Fiz 8 meses de alemão (4 horas/dia) antes de iniciar a universidade.
E64	Q	CAT7	Aprendi lá no curso de inglês proporcionado pelo programa. Antes disso, a comunicação era precária, mas funcionava bem com gestos.
E65	Q	CAT7	Tive poucas dificuldades em relação a língua, mas por meu curso de origem ser Letras Línguas Adicionais (Inglês e Espanhol). Já dominava o idioma, consegui compreender e me expressar tranquilamente em espanhol.
E66	Q	CAT7	Tive dificuldade, mas tive 3 meses de inglês antes de entrar nas aulas da universidade.

E67	Q	CAT7	Nao falava espanhol quando cheguei e fui melhorando com o tempo, não fiz aula de espanhol lá só tentava acompanhar a matéria.
E69	Q	CAT7	Já dominava o idioma.
E71	Q	CAT7	Tive muita dificuldade no início para falar. Tive aulas com outros colegas também brasileiros por 2 semanas... mas depois precisei fazer aulas particulares, pois queria saber mais.
E72	Q	CAT7	Eu já tinha um bom domínio da língua, mas houveram alguns desafios habituais com o idioma, entretanto foram superados sem problemas nas primeiras semanas.
E73	Q	CAT7	Realizei o curso de francês na França, que foi inteiramente custeado pelo governo brasileiro.
E75	Q	CAT7	Aprendi no curso oferecido pelo programa, foi tranquilo para me expressar por lá
E76	Q	CAT7	Fui sem saber o idioma. Fiz 6 meses de inglês intensivo, o primeiro semestre com aulas de engenharia foi difícil, pois havia muito jargão da área.
E77	Q	CAT7	Eu compreendia e falava inglês, mas as vezes era um pouco complicado se tínhamos um professor o qual o sotaque eu não estava acostumada. Mas isso não impediu meu aprendizado. Colegas, especialmente monitores, eram sempre bem solícitos se eu precisasse de algum esclarecimento maior.
E78	Q	CAT7	Não tive tantas dificuldades com o idioma, pois já tinha uma boa base. Porém, tive dificuldades em uma matéria pois o professor era asiático e a compreensão em inglês se tornou complicada.
E79	Q	CAT7	Fiquei o primeiro semestre com aulas de inglês exclusivamente, foi o suficiente para aprender.
E80	Q	CAT7	Compreendia e conseguia me expressar, mas minha capacidade estava claramente aquém do esperado pra qualquer inteiração mais complexa do que puramente técnica em sala de aula.
E81	Q	CAT7	Sim, eu tinha pouco domínio da língua, facilidade em compreender, porém dificuldade em me expressar, mas desde o momento que cheguei ao aeroporto, fui auxiliada pela universidade com um guia, que me acompanhou durante todo o intercâmbio, os professores também entendiam a dificuldade e auxiliavam sempre, mas em menos de um mês, meus problemas de comunicação desapareceram, tive facilidade em aprender.
E3	Q	CAT8	Os primeiros dias serviram de adaptação ao fuso horário, a cidade, aos caminhos que percorreríamos durante o período e das pessoas. Os moradores foram sempre muito receptivos e educados. Não houve dificuldade de comunicação. Fácil adaptação.
E4	Q	CAT8	Dificuldade com comunicação sempre. Foram coerentes, souberam perceber que do outro lado tinha alguém com dúvidas, perdido,.... O interessante é que houve uma progressão. Comparando com o BR, vejo que lá é até mais fácil, pois tem tanto estandeiro. Mas o que acontece mais comum e de vários países da UE que conheço é que quando veem que tu tem dificuldade com o idioma a

			outra pessoa já começa a falar inglês. Ou uma outra língua que a pessoa saiba, espanhol.
E5	Q	CAT8	Eu morei em uma casa com mais seis brasileiros. O meu contato com portugueses se veio através de uma portuguesa que conheci no Tinder. Ficamos juntas do quinto quinto dia até o último dia do meu intercâmbio. Ela foi muito importante para me apresentar a cidade e a cultura portuguesa apropriadamente. Conheci os amigos e a família dela. Creio que a minha experiência teria sido muito menos enriquecedora e difícil se eu não a tivesse conhecido. Ao final do intercâmbio eu não estava me sentindo bem acolhida pelos portugueses, no geral. A forma ríspida de tratamento deles começou a me incomodar. Os brasileiros também não são muito bem vistos por lá. Então pude sentir várias vezes que alguns funcionários, de padaria, por exemplo, me tratavam de forma diferente de quando atendiam um português. Uma amiga da portuguesa que conheci lá, me considerava "burra" e não gostava de mim, apenas pelo fato de eu ser brasileira. No último mês de intercâmbio eu não via a hora de voltar para "o meu país de verdade", pois eu sentia que não pertencia àquele local e que não era bem vinda.
E8	Q	CAT8	Foi muito difícil por não falar inglês; entretanto os moradores locais foram muito solidários. A adaptação foi muito difícil na parte alimentar, que era muito distinta da nossa. De resto, busquei seguir o velho ditado: "em Roma faça como os romanos" e não tentei impôr minha própria cultura, mas aprender uma cultura diferente o que, acredito, acabou facilitando as coisas.
E9	Q	CAT8	Foram difíceis porém como tenho origem italiana logo me adaptei!
E10	Q	CAT8	Este país se caracteriza por ser muito acolhedor e isto não foi diferente nos primeiros dias. A dificuldade de comunicação aconteceu, pois o sotaque deles era difícil de entender. Eu não conseguir pedir uma sopa adequada no primeiro dia que cheguei lá. Tive que comer uma sopa aleatória, pois não havia entendido os ingredientes das diferentes opções. Uma outra dificuldade foi relacionada à alimentação, pois eles não costumam almoçar como um típico brasileiro. Eles comem mais fast food. O clima também é bem diferente
E12	Q	CAT8	Os locais foram muito receptivos. Tive dificuldade quanto a língua, mas após 2 semanas já conseguia me virar. O mais difícil foi quanto a comida, pois nos alimentávamos apenas na cafeteria e não estava acostumada com comida muito apimentada. Mesmo o cardápio sendo diferenciado, ainda havia muita pimenta para nós. Mas a dona da cafeteria era muito querida e sempre nos oferecia ajuda e podíamos solicitar outra coisa que comer
E13	Q	CAT8	Culturalmente foi difícil nos primeiros 3 meses após esse período cria-se uma rotina e integrador ao meio.
E14	Q	CAT8	O início foi a melhor parte, uma aluna da universidade me buscou no aeroporto e me levou para a residência estudantil. Me ofereceu suporte. A

			equipe que recebe alunos internacionais estava muito bem preparada. Tinham muitos estudantes brasileiros chegando e também os que estavam finalizando seu período lá, o que facilitou muito o período inicial, pois nos ensinaram muitas coisas, nos ajudaram com as compras iniciais, onde ir e como fazer as coisas mais básicas.
E16	Q	CAT8	Foi tudo maravilhoso, fomos muito bem recebidos. Quanto à comunicação, como eu já tinha um conhecimento prévio e básico do idioma, não tive dificuldades. A adaptação foi fácil e maravilhosa, pois lá se tem uma qualidade de vida muito superior à nossa daqui.
E17	Q	CAT8	Sempre fui muito bem recebido e tratado pelo povo irlandês. Eles são muito receptivos com estrangeiros em geral. A adaptação foi rápida e sem dificuldades, exceto pelo clima mais frio e chuvoso.
E18	Q	CAT8	No início foi bem difícil, não conseguia conversar muito bem e não tinha amigos mas conforme o tempo foi passando fiz amizades e participei de voluntariado e projetos culturais que me ajudaram a inserir na comunidade.
E20	Q	CAT8	Minha adaptação foi muito fácil em todos os aspectos. Convivi com outras cinco meninas, do Peru, México, França, EUA e Brasil. Fomos bem recebidas e nos ajudávamos muito.
E21	Q	CAT8	Foi mais difícil a comunicação inicial, por mais que soubesse o idioma, estar vivendo todo dia naquele mundo foi puxado.
E22	Q	CAT8	Fácil adaptação. Pessoa muito educadas e receptivas.
E23	Q	CAT8	O povo mexicano é bastante receptivo. Tive um pouco de dificuldade de relacionamento com a dona da casa onde fiquei.
E24	Q	CAT8	Cheguei no país de destino com um nível insuficiente da língua, sendo assim encontrei bastante dificuldade de integração, além da barreira cultural, uma vez que os franceses são mais resistentes e fechados ao primeiro contato, não tinham paciência para tentar me entender.
E25	Q	CAT8	Os moradores locais foram bem receptivos, já havia uma grande quantidade de brasileiros na cidade onde residi
E26	Q	CAT8	Foi bom, apesar do país escolhido não ter inglês como segunda língua, todos estavam dispostos a ajudar na comunicação
E27	Q	CAT8	Pessoalmente, a mobilidade foi uma experiência enriquecedora. Não tive dificuldades no contato com as pessoas de lá. O país é fantástico, a universidade é maravilhosa e foi a melhor experiência que pude viver. Aprendi e cresci muito.
E28	Q	CAT8	Foram receptivos! Morei com uma família incrível, então aprendi rápido sobre os costumes e gírias usadas no idioma, que antes dificultavam muito meu entendimento.
E29	Q	CAT8	Foi muito bom, todos me receberam muito bem. A minha dificuldade era de acordar cedo para duas aulas, que iniciavam as 6h da manhã e um pouco

			com o calor da cidade, conhecida como a cidade do eterno verão da Colômbia.
E30	Q	CAT8	Alguns moradores locais são preconceituosos, mas não tive grandes problemas. Houve dificuldade de comunicação nas semanas iniciais devido ao sotaque e expressões do local. A adaptação foi difícil principalmente na questão acadêmica devido à "rejeição/não contato" com colegas do país. As pessoas com as quais mais tinha contato eram outros brasileiros que também foram para mobilidade acadêmica.
E31	Q	CAT8	Sempre no início você tem uma dificuldade de adaptação e depois com o tempo entende como as coisas funcionam e como é a cultura do país.
E32	Q	CAT8	Foi bastante comunicativo, às vezes tinha podia ter uma pessoa menos aberta porém no geral as pessoas eram bastante comunicativas e receptivas.
E33	Q	CAT8	No tempo que estive lá, morei com uma senhora mexicana. No começo tive algumas dificuldades no idioma e para localização. Mas logo me adaptei. E o processo de integração com os jovens foi muito tranquilo, pois a universidade tinha grupos que organizavam passeios e viagens, o que permitiu uma integração fácil e divertida.
E34	Q	CAT8	Apesar das dificuldades de comunicação, a Irlanda recebe muitos estrangeiros e os moradores locais são muito acostumados a lidar com essas situações. Eles são bastante receptivos
E36	Q	CAT8	Foi ótimo. Morei em uma cidade pequena o que ajuda muito, pois a comunidade é sempre mais receptiva nessas situações. Não houve dificuldade de comunicação ou adaptação. Fui muito bem recebida pelos colegas e o setor de relações internacionais do local de destino nos deram excelente tratamento. Foi ótimo conhecer de perto a cultura americana. Tive contato com pessoas muito bacanas e das maiores qualidades deles com certeza estão a bondade e generosidade. Mais uma vez afirmo que o fato de ser uma cidade pequena ajuda muito. Hoje moro em Nova Iorque e o ambiente é muito mais hostil.
E37	Q	CAT8	Houve bastante dificuldade inicial na comunicação, mas os locais foram bastante receptivos e prestativos. Quanto a adaptação cultural, não tive nenhum problema, pois eu estava bem aberto a nova cultura e sempre buscava informações por conta própria.
E38	Q	CAT8	Os moradores foram acolhedores e me auxiliaram a conseguir uma boa estadia. Quanto a adaptação, tive maior dificuldade no que diz respeito a alimentação que é um tanto diferenciada da do Brasil, porém com o tempo adaptei os pratos. O frio também foi um fator de difícil adaptação. Quanto ao dia-a-dia, era tranquilo, quanto a meios de transporte e deslocamento até a faculdade, por exemplo. Também pude presenciar vários festejos e tradições realizadas em Coimbra, por parte dos moradores e estudantes no geral, o que me aproximou bastante da cultura local.

E39	Q	CAT8	Como pessoal, o intercâmbio me ajudou a ter mais empatia pelos colegas, pois todos estão em um estado diferente de aprendizado e em determinado ponto devemos nos ajudar, o "caminhar" juntos contribui bastante para o aprendizado. Diferenças culturais, observei bastante. Durante a adaptação tive bastante contato com estudantes internacionais, o que facilitou bastante na adaptação pois estávamos todos "no mesmo barco", após os primeiros meses consegui levar
E40	Q	CAT8	É sempre inovador estar em contato com outras culturas. Haviam pessoas tanto receptivas quanto menos acolhedoras, assim como no Brasil. Havia certo preconceito em relação aos estudantes estrangeiros.
E41	Q	CAT8	houveram diversas dificuldades de comunicação, por ser outra cultura e outro idioma. aos poucos fui me adaptando, mas tive muita ajuda das pessoas de onde morei com relação a dicas do que era certo ou errado para a cultura americana.
E43	Q	CAT8	Essa pergunta varia muito de acordo com o país. A Austrália é um país muito receptivo, então não tive nenhum problema. Fiz vários amigos da universidade, porque morava ali dentro. Não conheci moradores locais. A adaptação foi muito fácil, afinal, não existe nenhuma dificuldade de quem vem de país emergente em se adaptar ao primeiro mundo.
E44	Q	CAT8	Morei inicialmente com 3 americanos que foram extremamente amigáveis e a amizade permanece até hoje. Não houve qualquer dificuldade em adaptação e até surgiu por parte deles interesse em aspectos culturais do Brasil.
E45	Q	CAT8	Minha maior dificuldade no início foi com alimentação e locomoção por não compreender muito a cultura. Eu já falava e compreendia bem o idioma então facilmente fiz amizades com estudantes internacionais italianos, árabes, mexicanos, indianos e afins, os americanos são mais fechados e menos receptivos, mas após os 4 primeiros meses do intercâmbio já compreendia melhor a cultura e consegui uma aproximação maior com os americanos também.
E46	Q	CAT8	No começo foi estranho, recebemos bastante suporte, mas você ainda encontra pessoas um pouco mais ignorantes. A adaptação levou um tempo, era tudo bastante novo, cultura, comida. Aliás, alimentação no começo é interessante, mas depois você acaba sentindo falta da comida de casa. O importante é compreender as novidades e se necessário alterar alguns hábitos durante o período. E eu acho que essa necessidade de se adaptar e se possibilitar viver algo novo que eu achei super interessante. Você muda sua rotina, muda seu jeito de pensar e aceitar coisas novas! Achei tudo isso fantástico!!
E47	Q	CAT8	Adaptação cultural foi o mais difícil.
E48	Q	CAT8	Foram ótimos! Pessoas receptivas, ajudavam muito na comunicação, muito compreensivas com a situação

E49	Q	CAT8	Os primeiros dias foram desafiantes frente à dificuldade de comunicação por minha parte, uma vez que eu não era fluente na língua estrangeira. De maneira geral, os servidores da universidade foram receptivos e ajudaram no processo de mudança
E51	Q	CAT8	Foi tudo perfeito.
E52	Q	CAT8	Eles todos foram muito receptivos e dispostos a me ajudar em tudo o que eu precisasse, e assim seguiram até o dia que voltei ao Brasil. Não tive muita dificuldade de me adaptar aos costumes locais, os assimilei bem.
E53	Q	CAT8	Alguns desafios sempre aparecem, mas aí está o motivo de fazer o intercâmbio, aprender e crescer com essas dificuldades. Dizem que no período de intercâmbio passamos por quatro fases: (1) exaltação, achar tudo demais e se sentir eufórica por ter chegado no destino; (2) adaptação, onde se dá conta da nova realidade e que deve se adaptar a ela; (3) tristeza, quando percebe que está longe da sua cultura, família e amigos; (4) saudade do intercâmbio, do país, da cultura, das pessoas que vai deixar no país por ter que voltar para o Brasil, sem saber quando/ou se voltará a viver/ver aquilo novamente. Eu vivi todos esses momentos, foi sensacional.
E54	Q	CAT8	Não houve dificuldade. Os colombianos adoram os brasileiros, sendo assim, sempre estavam dispostos a ajudar. Assim como no Brasil, cada canto do país possui suas peculiaridades culturais, mas pode-se dizer que tudo foi válido para aprendizagem.
E55	Q	CAT8	Foram bem receptivos, me receberam muito bem, me acolhendo no país. Inclusive foi uma das coisas que mais me chamaram atenção, o povo, num geral, todos muito solícitos, simpáticos e amigáveis, no começo até estranhei, porque pessoas que NUNCA tinham me visto na vida ou ouvido falar me convidavam para conhecer suas casas, abriam suas portas e me ofereciam café.
E56	Q	CAT8	Foram bastantes receptivos. Foi ótimo aprender novas culturas e maneiras de ver as coisas, trocar experiências e criar novas amizades.
E57	Q	CAT8	Sempre muito receptivos, obviamente que como eu tinha inglês intermediário, apesar de me comunicar bem tinha minhas limitações, e eles respeitavam, tentavam entender e ajudar sempre. Quanto a cultura, eu sempre gostei da cultura norte-americana, não tive problema nenhum me adaptando, foram meses incríveis.
E58	Q	CAT8	o pessoal local sim, os alunos na universidade nem tanto.
E59	Q	CAT8	Os mexicanos são bem similares aos brasileiros, assim que foram todos muito receptivos, tanto na Universidade quanto em outras atividades na cidade em geral. Cultura semelhante e de fácil adaptação.
E60	Q	CAT8	Grande parte foram receptivos, sempre buscando a interação da comunidade que vem do exterior, com eventos como caminhadas por aldeias próximas a cidade com almoços e festas. Acredito que a câmara da cidade valoriza bastante as pessoas que não são naturais do país.

E61	Q	CAT8	Foram bons. Houve receptividade da maior parte das pessoas com quem me deparei nos primeiros momentos. E houve sim alguma dificuldade de comunicação pela maneira como eles falam, as palavras e a rapidez com que se expressam, então demorou um tempo para conseguir compreender com normalidade o que eles dizem. A adaptação não foi difícil, pois eu já estava preparada para enfrentar uma realidade cultural completamente distinta da brasileira, e principalmente porque há muitos brasileiros na cidade de Bragança, então mesmo longe do Brasil é possível estar conectada com a cultura brasileira.
E62	Q	CAT8	Decidi morar em uma república feminina e para minha alegria, fui muito bem acolhida, fiz muitas amizades desde o primeiro dia, as quais algumas conservo até hoje. Não tive problemas de comunicação, ao contrário! Eu tenho facilidade para adaptar-me a qualquer contexto e a qualquer situação, seja ela positiva ou não, então o processo foi super tranquilo.
E64	Q	CAT8	Canadenses são pouco receptivos.
E65	Q	CAT8	Foram um pouco difíceis pelo processo de adaptação em si, mas avalio tudo como normal e positivo. Em todos os ambientes que frequentei fui muito bem recebida, as pessoas eram receptivas mas também tive a impressão de que alguns já tinham seus grupos e muitas vezes o contato era um tanto superficial (especialmente na universidade). Vivi em uma residência estudantil onde morava somente com uruguaios, convivia diariamente com constante troca cultural e não tive nenhuma dificuldade com relação a isso. Sempre cozinhávamos e fazíamos nossas refeições juntos então essa era uma das partes mais interessantes, perceber a diferença nas refeições, poder compartilhar com eles, etc.
E66	Q	CAT8	Foi bem complicado, pois a não fluência na língua dificulta muito a interação. Como a cultura brasileira e norte americana são bem diferentes tive alguns choques culturais interessante
E67	Q	CAT8	Super receptivos, não tive nenhuma má experiência. Todos me acolheram e me ajudaram como foi possível
E69	Q	CAT8	Nunca tive dificuldade alguma, cheguei e já fiz amizades, a cultura me adaptei a ela sem dificuldades nenhuma
E70	Q	CAT8	Inicialmente tive mais contato com brasileiros
E71	Q	CAT8	Os primeiros dias era de adaptação. Mas houve muito preconceito, principalmente da parte comercial da cidade, entrava nas lojas e não me atendiam, por ser estrangeira e não falar bem a língua. Essa falta de suporte emocional marcou muito... tanto é que lembro até hoje disso. Esse tipo de maltrato marca muito. As pessoas precisam aprender melhor a língua antes de viajar, com certeza!
E72	Q	CAT8	Toda a minha estadia no país foi excelente, tive a oportunidade de contar com a ajuda de alguns brasileiros que já estavam no país, nas primeiras semanas. Essa ajuda foi fundamental para a minha

			rápida inserção naquela realidade. Não tive problemas com a comunicação e os aspectos culturais foram rapidamente absorvidos.
E73	Q	CAT8	Sim, no geral o brasileiro é bem recebido. As semelhanças culturais facilitam a integração.
E75	Q	CAT8	No início foi um pouco difícil, comprar no mercado e entender as pessoas depois com o tempo fui me adaptando e a vida parecia normal
E76	Q	CAT8	Todos foram muito receptivos. Por conta da minha fácil adaptação, eu não tive problema nenhum quanto a cultura e costumes locais. A comunicação foi difícil de princípio, mas as pessoas eram pacientes.
E77	Q	CAT8	Os primeiros dias foram um pouco complicados. O idioma foi evoluindo aos poucos, mas os moradores locais eram sempre muito educados e pacientes. Isso ajudava muito na comunicação. A adaptação foi ocorrendo aos poucos, mas ocorreu muito bem.
E78	Q	CAT8	Foram muito fáceis no quesito comunicação e recepção. As únicas dificuldades de adaptação se deram em questão de deslocamento na cidade onde morei (Houston, Texas), pois era muito maior do que eu estava acostumado.
E79	Q	CAT8	Foi bom
E80	Q	CAT8	Foi ok, a diferença cultural é pequena. Todo mundo foi moderadamente receptivo e a universidade estava preparada para receber os intercambistas. A maior dificuldade foi a língua, pois infelizmente o processo seletivo enviava pessoas bem despreparadas nesse sentido, tais como eu na época.
E81	Q	CAT8	Todos desde o início foram muito receptivos, preocupados e me auxiliaram da melhor maneira possível. Me adaptei facilmente a tudo, sou uma pessoa muito comunicativa e isso me favoreceu, pois fui fazendo amizades naturalmente e todos me ajudaram de alguma maneira e tudo isso foi me transformando na pessoa que eu sou hoje.
E1	Q	CAT9	Não era muito distinta em relação a avaliação, mas em relação a postura em sala de aula e humildade, sim. A maioria dos professores na Unipampa são egocêntricos e ranzinzas.
E3	Q	CAT9	Metodologia bastante semelhante. Com seus pontos positivos e negativos. Chamou-me mais atenção a realização das provas em computador, com divulgação de resultados, correção e revisão imediatamente após a finalização da avaliação pelo último aluno.
E4	Q	CAT9	A ausência de IC voluntários ou com bolsa. Quando é estudante se estuda, depois se vai pro estágio, durante os 3 a 6 meses. Não tem PET, PIBID, et outros IC, tipo ir pro laboratório no segundo sementes. Ter isso é positivo para nós. Foi muito válido. pois vi outro método de ensino, principalmente em relação as avaliações, em serem orais. Ainda é somente uma avaliação no semestre. Então tem todo o conteúdo. Ninguém não tá neme aí se tu não vai pra aula. O que vale é tu fazer o exame. Então matricula e exame são dias coisas distintas. Tu pode estar matriculado e não fazer o

			exame no fim do semestre. Pode ter ido assistir as aulas e fazer o exame 1 ano depois. Ainda, se tu acha que tua nota é baixa (para os italianos o bom é 30 e lode.) tu pode refazer. Na real, tu estuda pra caramba, e chega na frente do professor fala tudo. Claro, ele te faz as perguntas, mas geralmente quem faz o exame sabe o que está respondendo.
E5	Q	CAT9	A disciplina de Mestrado que cursei, "Recuperação de Ecosistemas", foi toda ministrada em inglês. Essa parte não foi difícil para mim. Entretanto, tivemos que apresentar um trabalho e descobri apenas alguns minutos antes da aula que a apresentação teria que ser em inglês também. Como fui pega de surpresa e fiquei nervosa, apresentei muito mal. Essa foi uma das experiências mais difíceis e desafiadoras que já tive que passar, pois a maioria dos alunos falavam inglês muito bem. Tive um pouco de dificuldade em me acostumar com o "faça você mesmo". Como as aulas são poucas, você tem muita liberdade para gerenciar seu tempo e suas tarefas acadêmicas. Soma-se isso ao fato de você estar num país novo e cheio de novidade, é muito difícil não deixar os estudos de lado. O nível de cobrança deles é maior também. Os trabalhos são mais elaborados e trabalhosos. Ademais, a metodologia de ensino era muito parecida. Me surpreendi que muito do conteúdo que vi em Portugal, também tinha visto em igual qualidade na Unipampa.
E7	Q	CAT9	a metodologia é totalmente diferente, como já relatei anteriormente, o aluno precisa estudar por conta própria, utilizar a biblioteca, os laboratórios de informática. obviamente foi válido estudar em outra instituição, academicamente falando não foi tão proveitoso como poderia ter sido, se o curso de destino fosse o mesmo de origem
E8	Q	CAT9	A metodologia era bastante distinta de Ciências da Natureza, e um dos aspectos que me chamaram atenção foi o real foco dado às cadeiras cursadas. Se você está fazendo uma cadeira de biológicas, por exemplo, em momento nenhum há discussão de cunho sociológico (o que é amplamente feito na universidade, mas não em cadeiras que não se destinam a tal). Me chamou muita atenção o livre choque de ideias dentro das cadeiras específicas sem que, contudo, qualquer das partes saíssem melindradas do debate. O idioma apenas atrapalhou nos primeiros meses, pois muito do que era aprendido o era em casa através de livros. Outra coisa que chamou minha atenção foi o interesse prático nas cadeiras. Mesmo os professores que cursaram licenciaturas, por exemplo, não estudaram pedagogos, mas sim técnicas de aula, técnicas de debate, técnicas de apresentação, de montagem de slides, de envolver o aluno, etc. Quando questionei a uma professora (de inglês) com quais pedagogos havia trabalhado em seu curso, ela me disse que nenhum: "sou professora, não pedagoga", salientou, me explicando que apenas quem vai cursar pedagogia estuda tais temas.

E9	Q	CAT9	Prova Oral, todo conteúdo em 3 perguntas ! Força a estudar tudo é estar preparado para o que der e vier
E11	Q	CAT9	Eles eram mais justos. A faculdade federal tem a Cultura de punir o aluno q não aprende. Os americanos tinham a cultura de ensinar
E12	Q	CAT9	A metodologia em si não era distinta, pois utilizavam os métodos aplicados na Unipampa também, como o professor explica matéria, passa coisas no quadro e faz debates em círculo. Porém a formação e a qualidade da aula dos professores era muito inferior em relação ao que eu estava acostumada. Além disso, as aulas não tinham embasamento bibliográfico e tínhamos que sempre "acreditar no que o professor estava falando", não estimulavam o senso crítico dos alunos nem produções científicas. Eu obtive sim dificuldade quanto compreensão de algumas coisas, porém os professores e alunos se mostravam disponíveis em ajudar. Alguns falavam até um pouco mais devagar para que fosse melhor para mim. Embora tenha havido dificuldade, não foi nada que me impedisse de aprender. Após o primeiro mês tudo estava se tornando natural e as dificuldades foram cessando
E13	Q	CAT9	Metodologias semelhantes, viagem para projeto final em grupo para desenvolvimento de projeto em campo. 100% válido recomendo a todos. Sempre haverá um certo nível de dificuldade ou com a língua ou com a disciplina ou mesmo com o método e ou professor
E14	Q	CAT9	Lembro que tínhamos uma disciplina que era semana sim semana não, e toda semana vinha um profissional diferente de uma área diferente, RH, Qualidade, Produção, Custos, etc. E o projeto final era criar um sistema integrado de uma empresa fictícia que abrangesse todas as áreas que estudamos. Foi lá que aprendi a ter uma visão ampla e gerencial do mercado de trabalho, foi muito válido, lembro com clareza do quanto aquilo agregou. O idioma dificultou sim, mas não foi um empecilho.
E15	Q	CAT9	O sistema de avaliação é mais simples, basicamente composto só por duas avaliações escritas. Foi muito válido realizar os estudos no exterior para entender que a qualidade do nosso ensino é mais forte em alguns aspectos.
E16	Q	CAT9	Metodologia muito parecida, a não ser pelas provas serem orais. A dificuldade maior foi em relação às provas, como eram orais, acabavam se tornando uma tortura psicológica para nós, os estrangeiros.
E17	Q	CAT9	As aulas eram inteiramente expositivas e sem muita discussão com os alunos. Sentia um distanciamento maior entre alunos e professor. A experiência foi extremamente válida, sim.
E18	Q	CAT9	A metodologia já falei antes, da gravação das aulas, também tinha muita aula prática e mais dinheiro pra fazê-las. No início atrapalhou um pouco, mas como tu vive 24h o inglês, uma hora sem perceber ele vira natural. Eu fiz 6 meses de inglês e foi muito importante para que eu me adaptar a universidade, a língua, a cultura e lá eles ensinavam como seria as aulas na uf.

E19	Q	CAT9	O intercâmbio foi muito válido, gostei das atividades práticas e muitas discussões de casos clínicos.
E20	Q	CAT9	As avaliações orais me chamaram muito a atenção porque não havia um clima de tensão. As perguntas eram feitas e qualquer aluno podia responder, se acertasse ganhava pontos. A exigência por artigos me impressionou, já que os professores incentivavam muito o método de pesquisa e a escrita.
E21	Q	CAT9	Achei a metodologia deles muito melhor, a carga horária é muito maior
E22	Q	CAT9	Foi muito válido academicamente, mas mais profundo no âmbito pessoal.
E23	Q	CAT9	Foi válido realizar os estudos no exterior. Sem grandes dificuldades durante as aulas. Um pouco de dificuldade em termos técnicos econômicos na língua espanhola.
E24	Q	CAT9	A metodologia era diferente mas melhor, uma vez que era completa e aliava teoria e prática e ligava isso tudo ao mercado de trabalho, a dificuldade estava ligada ao conteúdo, que apresentava um nível de exigência superior ao encontrado no Brasil, o que me exigiu muita dedicação para tentar me nivelar aos meus colegas. O idioma não foi uma barreira para a compreensão dos conteúdos, uma vez que na engenharia muitas nomenclaturas são semelhantes.
E25	Q	CAT9	As metodologias foram muito semelhantes. Acredito que o período de graduação poderia ter sido melhor aproveitado se houvesse uma oportunidade de Iniciação Científica durante o período do intercâmbio.
E27	Q	CAT9	Academicamente, foi, também, muito enriquecedor. As metodologias não eram diferentes daqui, só gostei do sistema de envio dos materiais (slides a serem apresentados, resumos, textos) antes das aulas. O idioma não foi uma barreira, já que era o português. Sim, foi muito válido, tenho certeza de que contribuiu muito com minha vida acadêmica
E28	Q	CAT9	A metodologia era distinta, mas não acredito que seja a melhor para programas de graduação, pois esses trabalhos expositivos devem ser muito bem orientados, e não tínhamos tanto tempo para suporte, pois as aulas eram diárias e duravam apenas 1h.
E29	Q	CAT9	Tudo foi muito tranquilo, eu achei bem parecido, só que com mais atividades práticas.
E30	Q	CAT9	Sim. Provas orais bastante rigorosas eram o diferencial em relação à Unipampa. Houve dificuldade interpessoal com grande parte dos colegas. Mesmo assim, foi muito válido. O idioma dificultou apenas no início da mobilidade.
E31	Q	CAT9	O idioma sempre é uma dificuldade. Com certeza é válido um estudo no exterior, você tem uma experiência muito diferente além de conhecer novas culturas
E32	Q	CAT9	A maior diferença que posso destacar é o tipo de preparo: na Unipampa se formava um perfil bastante

			técnico, na ISA se formavam um perfil mais para um administrador ou gerenciador.
E33	Q	CAT9	Assim como na UNIPAMPA, as aulas eram interativas. Porém, notei que outras abordagens teóricas eram utilizadas pelos professores de lá, outras alternativas de avaliação são de aprendizagem. Foi muito positivo ampliar a percepção da educação para além do formato tradicional.
E34	Q	CAT9	Eram metodologias muito distintas. Por exemplo, se o foco do trabalho era desenvolver um elemento X dentro de uma ferramenta Y, o professor te dava a ferramenta Y pronta e o aluno focava em desenvolver o elemento X dentro dessa ferramenta. Na Unipampa, o comum seria o aluno desenvolver tanto a ferramenta Y, quanto o elemento X. Isso não é uma crítica aos métodos da Unipampa, pois isso torna os alunos muito mais resilientes. Não creio que o idioma tenha atrapalhado os estudos, pois a universidade fez um nivelamento antes.
E35	Q	CAT9	Sim, muito distinta. Nada inovador, mas o método era muito mais preciso e prático que o realizado na Unipampa, entretanto, senti falta do aspecto crítico, muito importante nos estudos das RI, que é muito presente na Unipampa.
E36	Q	CAT9	A metodologia não difere muito do Brasil. A maior diferença está na estrutura. Por exemplo, todos os alunos tinham livros para todas as disciplinas e os utilizavam nas aulas. A prática que me chamou mais atenção foi a aula de entrevista motivacional. Tivemos que realizar uma entrevista gravar em vídeo. Esse método é utilizado antes de iniciar o tratamento nutricional para facilitar a aderência do paciente ao tratamento.
E37	Q	CAT9	A metodologia era bastante similar a da Unipampa. Então, não tive muita dificuldade em me adaptar. A única coisa inovadora que acho extremamente necessário na Unipampa é que eles tinham um enfoque muito grande em pesquisas voltadas a patentes. Por exemplo, na Unipampa o incentivo é no máximo publicar os projetos em congressos. Enquanto lá, os estudantes eram incentivados a desenvolver projetos que gerassem patentes.
E38	Q	CAT9	A metodologia era um tanto similar a da Unipampa, com exceção de atividades externas, como por exemplo, visitas frequentes a outras cidades e a espaços culturais guiadas por professores. Sem dúvida foi um enriquecimento cultural e acadêmico muitíssimo válido. Durante as aulas, a dificuldade maior foi no início devido a adaptação com o sotaque português de Portugal e a rapidez com que falavam os professores. Mas em geral, costumavam disponibilizar os conteúdos online, o que acabava por contribuir com os estudos. Tive a oportunidade de realizar aulas-extras com a cantora Adriana Calcanhoto que naquele ano realizou uma parceria com a Universidade de Coimbra e ministrou aulas de encontro com sua carreira pessoal. Para além disso, pude participar de diversos seminários, palestras, eventos extracurriculares de temáticas diversas, os

			quais contribuíram muito com minhas experiências acadêmicas. Também pude realizar um estágio voluntário no Museu Machado de Castro no período de um mês. Este museu possui parceria com a Universidade e permite que alunos portugueses e internacionais possam vivenciar um período de colaboração e aprendizado na instituição
E39	Q	CAT9	o ensino foi muito avançado, de uma forma técnica. Aulas normais, mas no início me senti bastante surpreso com os conteúdos e com o conhecimento dos colegas. Foi extremamente válido o intercâmbio, se pudesse, aconselharia a todos. As dificuldades que houveram foram no idioma, que eram superadas com as leituras dos livros.
E40	Q	CAT9	A carga horária era menor, o que tornava o estudo menos cansativo. Muitas atividades eram aprendidas pela própria busca de conhecimento por parte dos alunos. A carga horária de ensino no Brasil é muito exaustiva, o que faz com que o aluno em certo ponto já não absorva bem todas as informações. Essa foi a maior diferença notada
E41	Q	CAT9	Foi muito válido realizar essa experiência, recomendaria para todos que pudessem. As metodologias mais inovadoras foram com relação a disponibilização de material previamente às aulas, o que deixava os alunos já preparados para o tema que iria ser discutido mais a fundo. Ainda, tinham muitas atividades em casa diariamente, não apenas trabalhos pontuais. Exigia mais dos alunos não apenas num período determinado (como nas provas), o que tornava o estudo para as provas em si mais fácil pois já havia estudado durante todo o restante do ano
E43	Q	CAT9	a diferença foi gritante com relação as atividades práticas, quase ausentes na Unipampa, que se baseava em aulas teóricas e seminários apresentados pelos alunos. Como o curso era de ciências, era obrigado memorizar gráficos e valores, o que na Unipama nunca foi cobrado. Muito foco no professor era observado na Unipampa e zero atividade prática. Não aprendemos a mexer em softwares importante e jamais tivemos matérias voltadas apenas para componentes práticas, fundamental no nosso curso de Geologia. Carga horária elevada e qualidade baixa. No exterior a carga horária era reduzida, mas a qualidade das aulas era maior. Maior foco dos alunos no aprendizado. Tudo isso é resultado da diferença cultural. É injusto comparar uma universidade jovem em um país emergente e a melhor universidade Australiana.
E44	Q	CAT9	A metodologia é semelhante a dos meus professores da Unipampa. O intercâmbio foi válido, todos mereciam a oportunidade desse amadurecimento pessoal, acadêmico e profissional. O idioma não atrapalhou de forma alguma, mas sim o limitado conhecimento na flora do país.
E45	Q	CAT9	Como citei anteriormente o sistema de Lectures e Recitation class é bem. No início há uma dificuldade de compreensão por conta dos diferentes sotaques

			dos professores mas foi uma questão de adaptação. Outra dificuldade é que diferente de nós, na biblioteca não tem disponíveis os livros utilizados nas disciplinas logo todos são obrigados a comprar os livros.
E46	Q	CAT9	No geral sim, as aulas são mais curtas, o que eu achava super bom. Na Unipampa tem o costume de ofertarem aulas germinadas em torno de duas horas. Eu acho muito cansativo. Lá as aulas duravam no máximo 1 hora. O que suficiente para o professor e alunos discutirem um capítulo ou algumas seções em um livro. Aliás, seguir um livro texto na disciplina foi muito melhor que pegar conteúdos espalhados de diversos livros, principalmente em disciplinas mais básicas.
E48	Q	CAT9	Muito diferente! Muita pesquisa, a busca era muito mais feita pelos alunos, exigia muito mais estudo, dedicação e demanda de tempo do que a educação aqui. Foi muito válido estar lá, na minha opinião agregaria muito trazer a metodologia deles para o nosso ensino
E49	Q	CAT9	A metodologia era de um estudo mais independente por parte dos alunos e isso foi algo que deu muito trabalho.
E51	Q	CAT9	Não houveram dificuldades e também não notei nenhuma metodologia diferente. A diferença foi na quantidade de conteúdo, em que lá era humanamente possível de levar de forma saudável.
E52	Q	CAT9	As práticas do muito parecidas, os métodos também. Não tive problema algum em relação ao idioma, ele não foi uma barreira para mim. Foi super válido ter estudado fora. Eu pude melhorar meu conhecimento no idioma, eu pude trabalhar mais em grupo porque os estudantes lá eram mais ativos até mesmo fora da sala de aula.
E53	Q	CAT9	Tudo é questão de adaptação, no fim, já estava muito enturmada, organizada e indo bem com o método de ensino. Me chamou atenção, a importância dada à prática e a convivência dos conteúdos, uma metodologia mais humana e pessoal.
E54	Q	CAT9	A metodologia utilizada era parecida com a usada na Unipampa, cada professor maneja do seu jeito o período de aula. É válido realizar estudos no exterior por que você analisa fatores que já conhece através de outras perspectivas, através de outros olhos e de outra realidade. O idioma atrapalha um pouco se você não tiver domínio total, como no meu caso. Eu tenho conhecimento do idioma, porém, alguns professores e colegas acabavam falando rápido demais, o q dificultava a interpretação.
E55	Q	CAT9	Não achei nada muito distinto, avaliações, trabalhos em grupo, alguns orais, outros escritos, artigos, postagens, tudo muito parecido. O idioma me assustou um pouco no inicio por causa das questões gramaticais, mas os professores se mostraram dispostos a me ajudar. Como eu convivia com mais 3 intercambistas ESPANHÓIS e 3 MEXICANOS, aprendi muito mais rapido a língua, quase uma questão de sobrevivência para conseguir

			acompanhar meus amigos. Os espanhóis têm um acento diferenciado e falam muito mais rápido que os Colombianos, o que também percebi ser um benefício para mim.
E56	Q	CAT9	Uma das aulas que tive era virtual por vídeo conferência com um professor de outro país e idioma, foi uma posição interessante. Os idiomas não atrapalharam durante o curso, os professores falavam bem claramente e de modo fácil para que alunos de diversos países pudessem entender; já o contato com os alunos nativos foi mais complicado, considerando uso de gírias locais ou de outros estados ou até países.
E57	Q	CAT9	Metodologia bem diferente quanto a tempo de permanência em sala de aula e metodologia mais socioconstrutivista. Além de sempre focarem no desenvolvimento de pensamento crítico. Foi muito válido. A primeira semana de aula foi sim muito difícil entender 100% das aulas pois o inglês da minha professora era bem carregado, mas depois da primeira semana ficou mais fácil. Não tive dificuldades com relação ao idioma.
E58	Q	CAT9	nao, nada inovador.
E59	Q	CAT9	Tudo foi muito semelhante ao que é praticado no Brasil quanto a metodologia. Contudo, foi de grande valia a realização da mobilidade no exterior frente ao fato em que as perspectivas são pouco distintas e enriquecem nossa formação. Não houve nenhuma dificuldade durante as aulas e tampouco com o idioma.
E60	Q	CAT9	A metodologia não era muito distinta, apenas de algumas cadeiras. A prática que mais me chamou a atenção foi de aulas de campo com visitas e passeios. Com certeza uma experiência valiosa. Mesmo sendo o mesmo idioma do país de origem, muitas palavras têm o significado diferente ou são novos no nosso dicionário, como também o sotaque de cada pessoa pode dificultar a compreensão, mas todos foram pacientes e compreensivos.
E61	Q	CAT9	Não é distinta, é somente mais desafiadora pela forma como são realizadas as avaliações. A metodologia inovadora que observei foi haver um semestre todo com práticas hospitalares de segunda à quinta, havendo uma divisão em semanas para cada local de especialidade (cirurgia homens, medicina mulheres, ortopedia..) e isso foi o que mais me chamou a atenção, pois é algo que te coloca na rotina hospitalar da unidade de saúde local. Foi válido sim.
E62	Q	CAT9	Apesar de ter sido muito tradicional, a disciplina que mais tive dificuldades foi a que mais me ajudou a crescer. Não havia inovação, mas foi extremamente válido. O idioma não foi um problema pra mim, mas sim a complexidade do conteúdo. Ao dialogar com colegas uruguaios, descobri que o nível da disciplina era muito alto e que vários colegas já haviam reprovado nela, por mais de duas ou três vezes. OU SEJA, não era uma dificuldade minha por ser estrangeira, mas porque realmente era complexa é difícil, por se tratar da gramática da língua

			espanhola. Minha nota ficou na média do semestre, porém ao receber a lista de aprovados (com nome e sobrenome, o que considero muito antiético), de 105 alunos, só em torno de 30 haviam sido aprovados.
E63	Q	CAT9	Em aspectos técnicos a qualidade é muito próxima. Com relação a capacitação ao mercado de trabalho é melhor, pois a proximidade academia/empresas é enorme.
E64	Q	CAT9	A principal diferença é que no exterior as aulas são feitas pensando no bem dos alunos, ou seja, para garantir que os alunos aprendam. No Brasil, o aluno é um mero figurante.
E65	Q	CAT9	Como já mencionei, a metodologia era muito distinta da utilizada na Unipampa, especialmente com relação ao meu curso. Na Unipampa o foco estava no aluno e o processo de avaliação era construído ao longo do semestre, dividido em diversas avaliações (teóricas e práticas), e lá era justamente o contrário. Foi muito válido realizar os estudos no exterior pois me aprendi a ter muita autonomia, já que em sala de aula era esperado que já tivéssemos lido todo o material previamente e não tínhamos tanto contato com o professor. Também destaco que a presença em sala de aula não era obrigatória em nenhuma das disciplinas que cursei no exterior, um diferencial que considero extremamente positivo). Não acredito que tenha sido uma dificuldade mas teria sido mais interessante ter materiais tecnológicos aliados ao processo de aprendizagem. O idioma de nenhuma forma atrapalhou minha compreensão dos conteúdos, era inclusive um atrativo.
E66	Q	CAT9	A metodologia não é inovadora, apenas com menos tempo de aula em sala de aula e muito estudo sozinho (o que achei muito bom, como estamos na faculdade é de se esperar que busquemos o conhecimento sozinhos). Tive dificuldade em entender e acompanhar as aulas por conta da língua, mas nesse caso minhas horas de estudo em casa foram estendidas.
E67	Q	CAT9	As aulas eram mais dinâmicas, os exames mais fáceis, os professores mais acessíveis e quando tinha dificuldade com o idioma eles paravam pra me ajudar
E69	Q	CAT9	Eles tem vários tipos de avaliações e atividades super interessantes, como práticas culturais ontem todos os intercambistas mostram o seu país para toda a universidade, e o país que ganhar mais like na foro do Facebook ganhava janta, e outras atividades, o idioma nunca atrapalhou o único que no começo tu tem um pequena dificuldade é a moeda, que é bem diferente, como fazia matérias de finanças... era um pouco complicado
E70	Q	CAT9	Aulas similares porém com maior tecnologia. Algo bacana que auxiliava os estudantes era que: todas as aulas eram gravadas em vídeos e disponibilizadas no 'moodle'
E71	Q	CAT9	Sim, como eu já relatei em perguntas anteriores... Foi válido sim! Cresci muito pessoal e profissionalmente. Mas poderia ter estudo mais a língua e ter tido apoio de algum professor no Brasil.

E72	Q	CAT9	A metodologia de ensino era muito semelhante a da Unipampa. Uma metodologia inovadora observada foram as aulas de discussão entre professores e alunos, bastante proveitosas. Não houveram dificuldades com o idioma. Um importante ponto é que de fato a Unipampa estava muito a frente no quesito aprendizado baseado em problemas, metodologia essa largamente utilizada pelo curso de Engenharia de Software da Unipampa, e que sem dúvidas é o maior diferencial do curso, a nível nacional ou internacional.
E73	Q	CAT9	O método de avaliação onde a média (para ser aprovado) não é fixa e varia de acordo com o aprendizado da turma.
E74	Q	CAT9	O que mais me chamou atenção foi como os cursos são mais otimizados. Os semestres não tinham mais que 15 -18 créditos, mas por conta dos trabalhos extraclasse a carga horária parecia enorme. De início o idioma atrapalhou muito. Provavelmente se eu fosse fluente desde início, eu teria tido mais sucesso no início.
E75	Q	CAT9	Foi muito válido realizar algumas disciplinas fora pois isso me mostrou como não estávamos tão atrás na educação quanto eu pensava antes de ir, o ensino não é realizado muito diferente do que temos na Unipampa e assim como temos bons professores e ruins lá também é igual, e com relação a espaços como laboratórios temos que ser muito gratos por ter laboratórios praticamente novos na Unipampa, o que era bem diferente de alguns laboratórios que frequentei na Itália.
E77	Q	CAT9	No geral, o ensino era muito parecido com o da Unipampa. Algumas matérias mais avançadas que cursei não foram tão difíceis pois eu tinha uma base acadêmica muito parecida com a dos estudantes locais. A diferença é que a universidade estrangeira possuía uma universidade com mais estrutura e algumas disciplinas contavam com aulas muito mais práticas que na Unipampa.
E78	Q	CAT9	Conforme dito anteriormente, houveram metodologias diferentes (clicker) e obtive dificuldades com o sotaque de um professor asiático. A experiência foi muito válida, mas também demonstrou que nossos professores são extremamente competentes.
E79	Q	CAT9	A ampla utilização de Computadores em todas as salas foi um diferencial.
E80	Q	CAT9	Muito mais baseado em atividades opcionais pelos alunos/extraclasses sem avaliação. Achei positivo, poucas coisas eram expostas em aula mas muitas eram cobradas em uma avaliação final, então o aluno precisava estar mais interessado. O idioma não atrapalhou na compreensão dos conteúdos, pois linguagem técnica era suficiente, mas definitivamente atrapalhou no sentido de dificultar outras aproximações.
E81	Q	CAT9	A metodologia era um pouco diferente sim, os professores focavam muito em exercícios específicos, toda aula sobre cada conteúdo aprendido. Faziam muito a utilização de softwares e

			as aulas continham sempre muita conversação e discussão de ideias. Os professores procuraram falar um pouco mais devagar nas primeiras semanas, para que eu pudesse ter uma melhor compreensão, qualquer dúvida que surgisse eu falava e eles me explicavam da melhor maneira, portanto o idioma acabou não sendo um empecilho.
E1	Q	CAT10	Sim, ter aprimorado o inglês e ter contato com novas práticas de desenvolvimento de software foi muito positivo
E3	Q	CAT10	A mobilidade apenas confirmou para mim a certeza da minha escolha como profissional, deixando-me seguro para atuar em situações diferentes, com estruturas e sistemas diferentes.
E4	Q	CAT10	Com certeza. Foi muito bem valorizados pelos empregadores. Já não vi o mesmo na Unipampa, na época deveria ter sido feito ao mínimo uma troca de experiência para compartilhar as experiências, isso é enriquecedor, mas não teve. Se tivesse, teria feito com prazer. é relevante, pois não poucos que tem a oportunidade. Ainda porque aprendemos a ser mais empáticos. isso é necessário. A também saber como temas de abrangência mundial são tratados em outros países.
E5	Q	CAT10	No processo de seleção do Mestrado foi um ponto que chamou a atenção da banca, pois geralmente os programas de pós-graduação valorizam a internacionalização e querem que você faça intercâmbio posteriormente.
E7	Q	CAT10	Não fez diferença
E8	Q	CAT10	Sim, no âmbito profissional fez muita diferença, pois hoje sou professor de inglês focado em preparar estudantes para provas de proficiência ou para estudar no exterior.
E9	Q	CAT10	Sim, me coloca a frente do tempo ! Me fez ver além do normal
E10	Q	CAT10	Ter um intercâmbio é um grande diferencial, pois apresenta vivência exterior e contato com diferentes culturas. Ele me possibilitou vários diferenciais, como o idioma, cultura, conteúdos diversificados da área
E11	Q	CAT10	Faz diferença pois o inglês é muito importante
E12	Q	CAT10	A mobilidade fez muita diferença pois foi meu primeiro contato com um país do exterior. Para mim foi um fator decisivo porque tive contato com o lado "privado" das relações internacionais, diferente do meu currículo na UNIPAMPA que possui mais matérias relacionadas ao "público". Porém, ainda achei que não pude aproveitar muito bem as matérias por serem muito introdutórias e não voltadas para as RI, mas eu tentava fazer as conexões necessárias. Para o currículo acrescentou pontos para vagas que posso disputar futuramente de bolsa de iniciação científica, o que é muito bom para mim que pretendo seguir na área acadêmica e não possua renda alta.
E13	Q	CAT10	Sim. Aprendi técnicas e processos aplicados na indústria não levados em conta na Unipampa. Foi relevante abriu muitas portas até hoje.

E14	Q	CAT10	Fez diferenca pra mim, pessoalmente, o que aprendi e vivi mudou muitos conceitos meus. Nao foi decisivo pra minha carreira, foi um plus. Era relevante na epoca, hoje em dia e quase obrigacao ter experiencia no exterior. Mas na regioao de Bage onde morava nunca foi valorizado. Hoje moro na Inglaterra e falar frances e um diferencial. Mas no Brasil nao tem muita oportunidade pra quem fala frances, so pra quem fala ingles. Entao de certo modo me ajudou muito.
E16	Q	CAT10	É um fator muito relevante em entrevistas de emprego, principalmente por características como: persistência, coragem, capacidade de se moldar e encarar novos desafios, etc.
E17	Q	CAT10	Certamente o que mais contribuiu foi a oportunidade de desenvolver o domínio da língua inglesa. Esta abriu muitas oportunidades.
E18	Q	CAT10	Faz bastante diferença, internacionalização no currículo pesa bastante, seja em concurso público ou iniciatica privada.
E19	Q	CAT10	Foi relevante, certamente é um diferencial no currículo.
E20	Q	CAT10	Minha experiência foi útil para poder praticar não somente o espanhol, como também o inglês e o francês com minhas colegas de intercâmbio me tornou uma pessoa muito mais confiante com o uso dos idiomas. Além da experiência acadêmica e a troca cultural.
E21	Q	CAT10	Sim, conta muito no currículo
E24	Q	CAT10	Sem dúvidas foi o aspecto mais importante, tive uma formação em gestão de empresas e também um preparatório com indicações de como se comportar em entrevistas e reuniões, como coordenar uma equipe. Para finalizar pude realizar dois estágios na indústria, no setor de engenharia.
E25	Q	CAT10	Ainda é relevante citar este período em meu currículo. O período internacional geralmente é visto com bons olhos para recrutadores e programas de pós-graduação.
E27	Q	CAT10	Sim, é sempre um impulso a mais quando comento ter realizado mobilidade internacional. Fez muito diferença no sentido do conhecimento que adquiri lá e como posso utilizá-lo aqui.
E28	Q	CAT10	Sim, foi relevante, pois já trabalhei em empresas nas quais precisei usar principalmente meu conhecimento em espanhol
E29	Q	CAT10	Muita diferença. A fluência no idioma, bem como a experiência de viver fora me abriram diversas portas no âmbito profissional, todos os cargos que ocupei foram graças a fluência no espanhol.
E30	Q	CAT10	Muita! O crescimento, principalmente pessoal, é enorme. Também, a oportunidade de conhecer outras metodologias em instituições de ensino reconhecidas é um grande diferencial. Para a parte profissional, realizar mobilidade é um item valorizado porque demonstra interesse, esforço e resiliência do aluno.
E31	Q	CAT10	Sim, foi relevante para meu currículo

E32	Q	CAT10	Sim me tornei uma pessoa muitos mais aberta e centrada em questões mais importantes, tenho uma grande facilidade em trabalhar com grupos multidisciplinares.
E33	Q	CAT10	Com certeza foi. Não apenas pela fluência adquirida no idioma e requerida no mercado de trabalho, mas também em função da facilidade de adaptação e de comunicação com outras culturas.
E34	Q	CAT10	Acho que a maior vantagem para o âmbito profissional foi eu ter conseguido minha proficiência em inglês. Mas continuei na academia depois de formado e não tive experiências profissionais, então não sou capaz de avaliar esse ponto.
E35	Q	CAT10	Com certeza, pude realizar contatos importantes para o futuro profissional.
E36	Q	CAT10	Sim, acredito que sem essa experiência não teria conseguido uma vaga de pós graduação no exterior. Apesar de não estar trabalhando ainda, tenho certeza que essa experiência abriu e abrirá muitas portas para minha carteira profissional.
E37	Q	CAT10	Por conta do intercâmbio fui contratado por uma multinacional estrangeira para atuar em projeto com pessoas de diversos países
E38	Q	CAT10	Sim, faz muito diferença. Devido ao fator de vivência e contato com outro país e outra realidade, da qual não seria possível experienciar sem a mobilidade.
E39	Q	CAT10	Acredito que no Brasil, nas empresas que busquei me empregar existia muito o QI - quem indicou, sendo assim não me auxiliou (em minha área). Após um tempo procurando emprego passei num concurso, sendo assim, não me ajudou na conquista do emprego.
E40	Q	CAT10	Não senti diferença durante processos seletivos. Era como se não fosse de grande importância. A experiência profissional parece ter um peso muito superior ao período de intercâmbio.
E41	Q	CAT10	Sim, foi muito relevante, em todas as entrevistas que fiz sempre fizeram várias perguntas sobre isso e falaram da importância de ter tido essa experiência.
E43	Q	CAT10	Com certeza foi fator decisivo. Todos os entrevistadores perguntam sobre essa experiência no exterior.
E44	Q	CAT10	Sim, agregou valor ao meu currículo e minha carreira. A vivência internacional tanto na seleção para estágios curriculares e emprego em empresas, como na seleção para pós graduação é fator decisivo e contribui positivamente.
E45	Q	CAT10	Sim, o mercado tem cobrado experiências internacionais como pré-requisito e não mais como diferencial.
E46	Q	CAT10	Para trainee fez muita diferença, algumas vagas exigem experiência internacional. No âmbito profissional eu ainda não sei dizer, pois continuo seguindo uma carreira acadêmica, atualmente adquirindo meu doutorado. Mas eu acho que sim, isso pode te dar uma vantagem.
E47	Q	CAT10	Sim, mudou minhas perspectivas. Permitiu conhecer novas ferramentas.
E48	Q	CAT10	Sim, muito! Agregou experiência e currículo

E49	Q	CAT10	Ter experiência de estudo e moradia no exterior chama a atenção de empregadores e foi decisivo na hora de arrumar um emprego, muito embora este emprego não estivesse relacionado à minha área de formação imediata.
E50	Q	CAT10	Sim. Talvez dominar a língua inglesa tenha sido o maior benefício, mas a experiência de intercambista também é muito agregadora.
E51	Q	CAT10	Com certeza foi decisivo porque o mercado cobra outras experiências.
E52	Q	CAT10	Foi importante ter essa vivência no exterior quanto a minha graduação. Profissionalmente pode ter um impacto importante, porém não estou trabalhando ainda e não há como dizer sobre esse impacto na minha carreira.
E53	Q	CAT10	Com certeza é relevante para o currículo, servindo, inclusive, como fator de desempate em concursos e/ou vagas. Não só por ter estudado em outro país; universidade, ter aprendido sobre outra cultura, etc. Mas também, por falar e escrever fluentemente outro idioma.
E54	Q	CAT10	A mobilidade acadêmica foi positiva em todos os âmbitos, acadêmico, profissional e principalmente pessoal. Penso que é uma oportunidade para crescimento do estudante, pois se depara com diversas realidades diferentes.
E55	Q	CAT10	com certeza ajudou, pessoal e profissional. Todas entrevistas de trabalho que tive, me perguntavam sobre minha fluência no espanhol. perguntavam sobre a vivência de um intercambio. Acredito que as pessoas que vivem outras culturas e aprendem 'a se virar' conseguem resolver problemas de uma forma diferente na vida, e o mercado de trabalho busca exatamente pessoas que consigam resolver qualquer tipo de problema, independente da situação.
E56	Q	CAT10	É relevante sim para o currículo mas não ajuda no modo como as empresas brasileiras fazem suas seleções atualmente.
E57	Q	CAT10	Não. Na verdade eu sou meio frustrado com isso, porque deveria fazer diferença mas não faz. A área da Biologia no mercado de trabalho aqui no Brasil é escassa.
E58	Q	CAT10	sim, percebo que ter feito mobilidade me ajudou a passar no mestrado e em bolsas de pesquisa
E59	Q	CAT10	Certamente enriquece o currículo, contudo segui carreira pública e, assim, a realização da mobilidade não foi decisiva em minha carreira.
E60	Q	CAT10	Acredito que é um fator que em determinada vaga ou ocasião possa ser decisivo sim, pois pode ajudar a aperfeiçoar um segundo idioma por exemplo.
E61	Q	CAT10	Com toda certeza fez diferença, a experiência no exterior ela me moldou a muitas outras realidades da carreira que eu sequer imaginava, além de me proporcionar uma visão nova sobre muitos aspectos da minha profissão. É relevante constar no currículo pois é uma mudança que me trouxe contato com muitas outras culturas, já que a universidade abre as portas para mais de 80 países.

E62	Q	CAT10	Sem dúvidas! É um “plus” no currículo fazer intercâmbio, além de nos tornar “diferenciados” dos colegas que não tiveram oportunidade de mobilidade acadêmica.
E63	Q	CAT10	Julgo importante para empresas multinacionais que buscam profissionais com capacidade de adaptação e experiências.
E64	Q	CAT10	Talvez seja útil um dia. Por enquanto só resta o desemprego e torcer para conseguir um emprego que não exige nem ensino fundamental.
E65	Q	CAT10	Acredito que tenha feito muita diferença sim. Destaco o fato de poder ter estado em contato direto com a língua que irei ensinar a meus alunos. Acredito que terei como dimensionar a importância do intercâmbio no âmbito profissional no momento em que me dirigir para o mercado de trabalho de fato.
E66	Q	CAT10	Sempre é válido e contabilizado profissionalmente experiências internacionais.
E67	Q	CAT10	Eu sempre relato o intercâmbio no meu currículo, talvez tenha algum impacto
E69	Q	CAT10	Eu realmente acho que é importante profissionalmente, onde tu ué conhecemos toda a economia de um país, toda a cultura, e sempre aprende coisas novas tanto pessoal, profissional e acadêmico
E70	Q	CAT10	Sim, experiências de liderança, cultural, inteligência emocional.
E71	Q	CAT10	Fez muita !! É um Plus do meu currículo!! Mostra que tenho uma visão ampla, consigo analisar melhor as situações com base nessas experiências.
E72	Q	CAT10	Sim, extremamente importante na minha carreira profissional, foi e é ponto chave durante os processo seletivos, visto como um diferencial muito atraente pelo mercado de trabalho.
E73	Q	CAT10	Sim, acredito que o intercâmbio reforça características consideradas positivas pelos avaliadores.
E74	Q	CAT10	Não julgo como muito relevante atualmente. Apesar de trabalhar nos Estados Unidos, não trabalho na engenharia.
E75	Q	CAT10	Acredito que no meu caso foi bem relevante a contribuição, ter o idioma no currículo é um a mais mas também pelo fato de ter feito estágio em uma indústria durante o período que foi uma das minhas maiores realizações.
E77	Q	CAT10	Além do curso da universidade, tive a oportunidade de fazer um estágio de pesquisa em outra universidade por lá. A mobilidade acadêmica em si não foi fator decisivo para eu conseguir um emprego, mas agora que estou inserida no mercado, isso está trazendo um peso bom para o currículo.
E78	Q	CAT10	Totalmente. Foi lá que pude realizar as primeiras experiências em fertilização in vitro, área na qual atuo desde então. É muito relevante constar esta experiência no currículo.
E79	Q	CAT10	A fluência em inglês é o mais relevante.

E80	Q	CAT10	Com toda certeza. Mudei radicalmente a minha área de atuação, segui na academia e expandi meus horizontes pro exterior. Realizei um segundo intercâmbio recentemente e estou indo morar em outro país pra realizar meu doutorado integralmente lá, sem essa primeira mobilidade nada disso teria acontecido, sem dúvidas.
E81	Q	CAT10	É muito relevante constar no meu currículo, o tempo do intercâmbio acadêmico, pois isso me diferencia das demais pessoas que infelizmente não tiveram a mesma oportunidade, de aprender outra língua de uma forma nativa, de ver congressos que não veria no Brasil, de ter conhecimento sobre normas/leis de outro país. Ainda não sou formada, mas sim, espero que o intercâmbio faça diferença.
E1	Q	CAT11	É uma oportunidade única e extremamente relevante
E3	Q	CAT11	Não realizaria ainda na graduação, mas em um período posterior, durante uma especialização ou pósgraduação, para ter vivência diferente daquela que tive durante a mobilidade na graduação.
E4	Q	CAT11	Necessitamos aprender novas linguas, novas culturas e fazer novas parcerias. Se tivesse tido a oportunidade realizaria também uma mobilidade acadêmica à nível nacional. A integração da país se faz assim
E5	Q	CAT11	Entrei na graduação já pensando em realizar um intercâmbio. Foi a realização de um sonho. Quero conhecer ao máximo a cultura de outros locais do mundo e o aprendizado que se tem do local morando é muito diferente de ir apenas visitar. Agora quero realizar outro intercâmbio no Doutorado, e espero que seja de maior duração
E6	Q	CAT11	Conhecer outra cultura e aprofundar os conhecimentos acadêmicos e profissionais é uma das formas mais rápidas de evolução que eu experimentei, mas claro em uma nova oportunidade daria mais foco para o lado acadêmico e profissional.
E7	Q	CAT11	o crescimento pessoal foi imenso, aprimorei as relações interpessoais, além de adquirir uma nova língua
E8	Q	CAT11	A riqueza pessoal e cultural adquirida supera até mesmo a riqueza acadêmica e profissional.
E9	Q	CAT11	Pois sempre agrega conhecimento e novas metodologias e pesquisas
E10	Q	CAT11	Com certeza! Assim eu aprenderia mais e traria para o Brasil mais do que é feito lá fora
E12	Q	CAT11	Eu realizaria porque é uma experiência sempre de grande aprendizado, porém seria mais criteriosa quanto ao aproveitamento acadêmico. Eu escolheria um programa que tenha mais a ver com meu curso e aspirações futuras.
E14	Q	CAT11	Um intercambio abre a mente das pessoas. A dificuldade inicial te deixa mais aberto a conhecer pessoas novas, a ajudar o proximo e te mostra o quanto somos vulneraveis e nao somos mais os melhores da turma. Te posiciona no mundo, que tem milhares de pessoas e voce e mais um apenas. No meu caso eu diria que mais ainda. Sou do interior,

			estudei em colegio pequeno e de repente eu era apenas mais uma pessoa no meio de desconhecidos.
E15	Q	CAT11	A experiência foi muito boa mas não acho que agregaria muito mais na minha vida realizar novamente um intercâmbio.
E16	Q	CAT11	Porque é muito válido, desafiador e uma experiência sem comparações!
E17	Q	CAT11	O período de atraso foi compensado pela grande experiência pessoal e profissional que tive.
E19	Q	CAT11	É uma experiência única, te muda como pessoa, passa a enxergar o mundo de forma diferente.
E20	Q	CAT11	Acredito que uma experiência internacional envolve um crescimento em diferentes aspectos e isso é muito enriquecedor
E21	Q	CAT11	Roda experiência que nos faz sair da nossa zona de conforto vale a pena.
E23	Q	CAT11	Agrega em nossa vida em todos os aspectos
E24	Q	CAT11	O setor que mais me interessa é o de pesquisa e desenvolvimento industrial, sinto que no Brasil não existe incentivo à este setor e a pesquisa é majoritariamente acadêmica, sendo assim gostaria de realizar um novo período de formação no exterior.
E25	Q	CAT11	Estou no doutorado e pretendo expandir minha vivência acadêmica.
E27	Q	CAT11	Foi uma experiência maravilhosa! Certamente eu iria novamente para poder cursar disciplinas que não teria oportunidade de fazer aqui e poder ter aula com professores renomados.
E29	Q	CAT11	O intercâmbio me agregou valores e me ajudou a crescer como cidadão e profissional, uma experiência que todos deveriam ter.
E32	Q	CAT11	Acredito que toda as experiências de certa forma agregam sempre experiências e conhecimentos.
E33	Q	CAT11	Certamente foi uma experiência muito positiva! Tanto pela formação acadêmica complementada, como pela vivência em outra realidade, tão longe e distinta, mas muito prazerosa. Pude amadurecer muito minhas habilidades de comunicação e cooperação.
E35	Q	CAT11	Penso que outros alunos devem ter a oportunidade que tive, logo penso que realizar o processo na graduação novamente seria egoísmo. No mestrado penso em realizá-lo em outro País
E36	Q	CAT11	Morar no exterior não somente nos permite crescimento pessoal e profissional mas também nos da uma visão muito diferente em relação ao nosso país.
E38	Q	CAT11	Pelo fato de ter me proporcionado um crescimento enorme. Ampliou minha visão de mundo, me proporcionou contato com outras culturas, costumes e hábitos diversos. Além de que, foi uma experiência única, um deslocar entre continentes que me distanciou por um período de amigos e familiares, porém foi uma possibilidade de conhecer a outros os quais mantenho contato até os dias de hoje
E39	Q	CAT11	Com certeza realizaria outro intercâmbio. O contato com pessoas de diferentes nacionalidades contribui muito em nossa formação como ser humano e

			amplia nossa visão de mundo, facilitando também no aprendizado. (minha opinião)
E40	Q	CAT11	O intercâmbio promoveu grande conhecimento de outra cultura, além do aperfeiçoamento do idioma inglês e aprendizado em outros cursos que não somente o escolhido na graduação, como outros idiomas (alemão), disciplinas de outras áreas acadêmicas também puderam ser cursadas
E41	Q	CAT11	foi uma experiência única e muito importante para minha carreira.
E43	Q	CAT11	Crescimento pessoal, amadurecimento, conhecimento de outra cultura, desenvolvimento de flexibilidade frente as diferenças culturais
E44	Q	CAT11	O conhecimento repassado e vivido no exterior, além do aprendizado de novas técnicas permitem que o conhecimento seja passado para nossas instituições, elevando o nível da instituição e valorizando os estudantes.
E45	Q	CAT11	A experiência como um tanto proporciona muitos aprendizados pessoais e profissionais, desde aprender e aprimorar novos idiomas, conhecer novas tecnologias e culturas.
E46	Q	CAT11	Eu acho experiência internacional muito legal, principalmente se forem em países diferentes. Atualmente curso doutorado no Canadá.
E48	Q	CAT11	Foi uma experiência incrível, para conhecimento, cultura, experiência. Só tem a agregar
E49	Q	CAT11	É uma oportunidade de crescimento profissional e pessoal. O domínio de uma língua estrangeira traz muitos benefícios e poder contar com a ajuda financeira de algum órgão público é um fator relevante.
E50	Q	CAT11	É uma experiência única.
E51	Q	CAT11	Porque meu crescimento foi superior a todas as dificuldades.
E52	Q	CAT11	Estar inserido num ambiente totalmente diferente do meu é incrível, eu amaria ter essa vivência sempre!
E53	Q	CAT11	Sem dúvida alguma realizaria mais um intercâmbio, me tornei outra pessoa/profissional tendo essa experiência. Está entre meus planos, voltar ao exterior, fazer um mestrado ou trabalhar por algum período. É imensurável a quantidade de conhecimento advindo desse processo de vivência.
E54	Q	CAT11	Adquirir novas experiências sempre é bom.
E55	Q	CAT11	Foi a experiência mais importante da minha vida até agora e a melhor decisão que tomei. De tudo o mais incrível foi a competência, coragem e capacidade de resiliência que quem sai da zona de conforto aprende a ter, sem falar dos LAÇOS, acredito que nada na vida valia a pena se não tivermos laços com pessoas que amamos.
E56	Q	CAT11	Considero a experiência adquirida em um intercâmbio algo único e de extrema importância para todo e qualquer cidadão - aprender novas culturas, idiomas e a trocar experiências com pessoas de outro país traz um grande amadurecimento e responsabilidade difíceis de conseguir sem a mesma experiência

E57	Q	CAT11	Sim, porém não através da CAPES. Muita burocracia de documentos na chegada tanto no país de destino quando no retorno ao Brasil, cobranças de documentos depois de muitos anos passados. No período que estive lá a CAPES atrasou um mês de pagamento das bolsas, foi bem humilhante ver os colegas tendo que pedir ajuda a universidade de destino pra comer, pegando cesta básica...
E58	Q	CAT11	Sim, pois foi uma ótima experiência acadêmica e pessoal. Tenho certeza que se fizesse de novo ia aproveitar mais ainda.
E59	Q	CAT11	o estudo no exterior é sempre válido para mim. A cultura e as perspectivas mudam e assim você muda e, ao meu ver, muda sempre para melhor.
E60	Q	CAT11	Quando saímos da nossa zona de conforto conseguimos ter uma visão muito diferente do mundo, e nós sentimos capaz para realizar o que quisermos. Acredito que o mundo possui diversas culturas a serem descobertas que podem ajudar de maneira profissional como pessoal.
E61	Q	CAT11	A experiência vivida no intercâmbio me abriu o horizonte para muitas possibilidades, para novas buscas e novos sonhos. Ela me proporcionou novos conhecimentos para a carreira e também sobre como funciona o mundo fora do local onde eu vivia, e eu gostei disso. A experiência de poder aprender, seja na questão cultural, humana ou profissional, é extremamente significativa para o ser humano, e eu a desejaria tê-la quantas vezes me for possível.
E62	Q	CAT11	Eu gostaria muito de fazer uma pós-graduação sanduíche. Também tenho pensado em fazer intercâmbio em algum país de língua inglesa. Porém, quando tem que sair do nosso bolso, não é tão simples, não é tão fácil. Ainda assim, tenho buscado bolsas de mobilidade a nível de pós-graduação, pois creio essas experiências nos tornam muito melhores, não só no âmbito profissional, mas pessoal também.
E63	Q	CAT11	Sim, pois é uma experiência de vida sensacional
E64	Q	CAT11	Talvez valha a pena apenas se for para arrumar um emprego e ficar por lá. Se for só pra estudar, provavelmente não valha a pena, pois tudo no Brasil exige validação do MEC...
E65	Q	CAT11	Foi uma experiência extremamente valiosa e transformadora. Sinto muita saudade de todos os amigos que fiz, sou grata por tudo o que vim a conhecer e aprender na universidade e espero poder dividir o que aprendi sobre o país com meus alunos.
E66	Q	CAT11	Período de grande enriquecimento que sempre é válido repetir. Vivemos em realidades totalmente diferente da nossa, que nos prepara para a vida pessoal e profissional.
E67	Q	CAT11	Realizaria pois é o momento da minha vida que mais aprendi
E69	Q	CAT11	Com certeza faria muito mais vezes experiências como essa, o que tu aprende em um intercâmbio em 6 meses e o que tu obtém de experiências é inexplicável

E70	Q	CAT11	Foi uma experiência maravilhosa! Aconselho todos a fazerem. Cresci muito pessoal, academica e profissionalmente.
E71	Q	CAT11	Nesse momento, mais madura, tenho olhos para outras coisas. Como por exemplo a gestão de enfermagem e a auditoria seriam o meu foco atual!
E72	Q	CAT11	Sem dúvidas o intercâmbio foi um momento singular na minha vida, tenho total interesse em realizar outros no futuro.
E73	Q	CAT11	Sim, durante o doutorado.
E74	Q	CAT11	Realizaria pelo crescimento pessoal. Apesar que dependo da área o sucesso profissional seria certamente mais marcante já que engenharia de energias era ainda um curso muito novo e não muito definido. Se fosse por exemplo engenharia mecânica, os resultados teriam sido outro em meu ponto de vista.
E75	Q	CAT11	É uma oportunidade maravilhosa poder conhecer e entender um pouco da cultura de outro país, faz a gente perceber que o nosso país também tem seus pontos fortes.
E77	Q	CAT11	Minha experiência internacional foi muito boa, mas acho que esse período aconteceu e foi muito bem aproveitado. Gostaria de voltar ao exterior para outro tipo de experiência.
E78	Q	CAT11	A possibilidade de aprender e trazer coisas novas para o Brasil, se justifica por si só.
E79	Q	CAT11	As experiencias adquiridas em outro pais são únicas, tornando quem as vive pessoas mais preparadas para a vida
E80	Q	CAT11	Já realizei. A mobilidade é importantíssima num mercado altamente globalizado como o de hoje em dia
E81	Q	CAT11	Foi a melhor experiência da minha vida, conhecer tantas pessoas incríveis, criar tantos contatos para o futuro, conhecer outra cultura, idioma, aprender a ter mais responsabilidade e aproveitar todas as oportunidades que a vida dá.
E3	Q	CAT12	Recomendo pelo contexto da experiência, pela oportunidade única de conhecer locais diferentes, pessoas diferentes e conhecer a realidade da área de atuação em um contexto socioeconômico e cultural diferente do que conhecemos no Brasil.
E5	Q	CAT12	É uma experiência muito enriquecedora, em todos os sentidos. Para além dos benefícios profissionais e acadêmicos, conhecer outras formas de ver e pensar o mundo te transforma e te amadurece.
E6	Q	CAT12	É uma ótima experiência para expandir os horizontes da mente, reforçar o que se sabe e aprender mais além de consolidar o conhecimento de outro idioma.
E8	Q	CAT12	A riqueza pessoal e cultural adquirida supera até mesmo a riqueza acadêmica e profissional.
E9	Q	CAT12	Agrega muito conhecimento pessoal, profissional e acadêmico ao aluno
E12	Q	CAT12	É uma experiencia única e sempre ha aprendizado de alguma forma. Todos deveriam ter a chance de fazer

E13	Q	CAT12	Experiência adquirida em todos os níveis, pessoal, acadêmico e profissional é incalculável.
E14	Q	CAT12	Recomendo pois acho que todos deveriam ter esta experiência, algo que na época eu diria ser impossível pra mim. O conhecimento agregado vai muito além do que vemos em sala de aula. E uma cultura diferente, pessoas diferentes, lugares e oportunidades diferentes. As relações pessoais que fazemos, conhecemos pessoas do mundo inteiro. Além da universidade tive a oportunidade de fazer um estágio em uma das maiores empresas da França, SNCF, onde aprendi muito e melhorei muito o meu francês.
E15	Q	CAT12	Muito importante para o crescimento profissional e pessoal.
E16	Q	CAT12	É um momento único, seu, onde você viverá experiências e passará por situações que serão imprescindíveis na moldagem do seu caráter e serão muito importantes para o seu futuro.
E17	Q	CAT12	É uma oportunidade única de conhecer novas culturas e agregar conhecimento pessoal e profissional
E18	Q	CAT12	Se a pessoa fizer valer a pena para aprender coisas novas e contatos, vale muito à pena.
E19	Q	CAT12	O enriquecimento acadêmico, pessoal e cultural é único, sempre vale a pena esse tipo de mobilidade.
E20	Q	CAT12	Recomendo fortemente a mobilidade acadêmica no exterior, porém destaco a importância pelo auxílio financeiro que foi fundamental para minha estadia. Não recebi ajuda com os custos de documentos, passagens ou seguro e somente consegui realizar essa viagem porque recebi o apoio de toda a minha família. Entretanto, afirmo que não serão todos os alunos que terão essa ajuda, por isso destaco a importância de bolsas de estudo.
E21	Q	CAT12	Todo mundo deveria ter a oportunidade de conhecer novas culturas, hábitos e metodologias, isso faz com que a gente expanda nossa mente, conceitos e ideais.
E23	Q	CAT12	Enriquecimento de nosso repertório cultural e acadêmico
E24	Q	CAT12	A mobilidade acadêmica nos torna adaptável e nos oportuniza uma visão de mundo indispensável para a carreira profissional.
E25	Q	CAT12	O contato com uma nova cultura e a possibilidade de criar independência emocional e profissional são os maiores ganhos do intercâmbio.
E26	Q	CAT12	Todos deveriam ter uma visão diferente da Universidade e da vida, é essa a melhor forma
E27	Q	CAT12	É uma experiência muito diferente de vivência universitária. Estar fora do país, em uma cultura diferente, é muito desafiante e enriquecedor.
E28	Q	CAT12	Recomendo para o crescimento pessoal e profissional de quem for! Aprender em um lugar longe de sua zona de conforto pode fazer as pessoas crescerem muito!
E29	Q	CAT12	Pela oportunidade de agregar novas habilidades ao seu currículo e vida pessoal. Te torna mais maduro e mais compreensivo.

E30	Q	CAT12	Experiência ímpar, que agrega muito para a parte pessoal e, se for realizada em um local de qualidade, agrega enormemente para a parte acadêmica
E31	Q	CAT12	É uma ótima experiência
E32	Q	CAT12	Sim qualquer fonte de novos conhecimentos e experiências engrandecem as pessoas tanto do ponto de vista acadêmico/profissional como do ponto de vista vivência
E33	Q	CAT12	Acredito que toda experiência que nos tira da zona de conforto merece ser vivenciada, pois nos apresenta muitas outras visões e possibilidades. O intercâmbio foi, sem dúvidas, um momento marcante para meu desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional.
E34	Q	CAT12	É bom em vários aspectos, se a pessoa não tem nada que a prenda aqui no Brasil, qual o motivo de não aproveitar para conhecer coisas novas, outras culturas e se aprofundar em uma outra língua.
E35	Q	CAT12	A Mobilidade ajuda muito no processo de desenvolvimento do Estudante.
E36	Q	CAT12	Acredito que é uma experiência muito válida em todos os aspectos da vida de uma pessoa. Através do intercâmbio pude aprender sobre os problemas sociais de um país desenvolvido. Além disso, tive contato direto com as estratégias utilizadas para amenizar tais problemas o que me inspirou muito.
E38	Q	CAT12	Penso que todos os alunos, ou ao menos os que tem interesse deveriam realizar a Mobilidade Acadêmica. É uma oportunidade que proporciona muitos benefícios em todos os âmbitos, pessoais, acadêmicos e profissionais
E40	Q	CAT12	Experiência cultural, pessoal e acadêmica.
E41	Q	CAT12	importante no quesito pessoal, profissional e acadêmico.
E44	Q	CAT12	A oportunidade de amadurecimento somada ao crescimento pessoal, profissional e acadêmico, valoriza o estudante e seu conhecimento na área escolhida e o torna um profissional mais apto e diferenciado para o caminho na ciência ou em empresas.
E45	Q	CAT12	Dentro da engenharia as vagas de emprego tem cobrado muito forte o segundo e terceiro idioma e experiência internacional
E46	Q	CAT12	Vai ampliar e muito seu conhecimento, compreensão, sua cultura e capacidade intelectual.
E47	Q	CAT12	Excelente oportunidade de networking e experiências.
E48	Q	CAT12	Vale a pena para todos! Só agrega
E50	Q	CAT12	Agrega muito.
E51	Q	CAT12	Recomendo para trabalhar a resiliência, independência e o crescimento pessoal e profissional.
E52	Q	CAT12	É uma experiência enriquecedora, seja acadêmica e pessoalmente. Pois tu te sente tão aberto a todas as novidades que as novas culturas podem te oferecer e complementar na tua própria personalidade e visão do mundo.
E53	Q	CAT12	"O mundo é grande, e a vida é muito curta".

E54	Q	CAT12	A mobilidade acadêmica proporciona a possibilidade de aprendizagem a partir de outro foco, de um mundo que você ainda não viveu.
E55	Q	CAT12	Foi a experiência mais importante da minha vida até agora e a melhor decisão que tomei. De tudo o mais incrível foi a competência, coragem e capacidade de resiliência que quem sai da zona de conforto aprende a ter, sem falar dos LAÇOS, acredito que nada na vida valia a pena se não tivermos laços com pessoas que amamos.
E56	Q	CAT12	Recomendo e ficaria feliz caso fosse algo mais simples de acontecer com o fomento dos órgãos públicos. Uma experiência deste tipo sairia bastante cara para a maior parte da população custear do próprio bolso.
E57	Q	CAT12	Recomendo muito pela experiência. Por um lado é muito difícil o retorno, e muitas vezes frustrante como no meu caso pois tive a oportunidade de ficar e tive que recusar pois tinha um contrato com o governo Brasileiro que retornaria, um governo que nunca me garantiu emprego aqui no Brasil. Mas tirando isso, acho que a experiência é muito válida, tanto pro crescimento pessoal quanto profissional e pra muita gente até emocional, porque ficar longe de família e amigos é um desafio.
E58	Q	CAT12	é uma ótima experiência acadêmica e pessoal
E59	Q	CAT12	Todos que desejam realizar a mobilidade deveriam ter oportunidade de fazê-la, pois como dito em outras respostas, ainda que haja os mesmos componentes curriculares e o mesmo curso, sempre haverá perspectivas e abordagens diferenciadas e a diversidade de perspectivas propiciam sermos pessoas melhores, profissionais melhores e acadêmicos melhores.
E60	Q	CAT12	A mobilidade acadêmica nos dá a oportunidade de conhecer diversas culturas em um só lugar, uma vez que a universidade de escolha receba alunos de todos os países do mundo, ajudando então a ter uma nova visão do que conhecíamos ou até mesmo novas descobertas, como também aperfeiçoar um segundo idioma
E61	Q	CAT12	A experiência é importante para sermos pessoas que compreendam o mundo como algo além da realidade que vivemos, para sermos profissionais mais humanos.
E62	Q	CAT12	Intercâmbios, de modo geral, sempre representam “ganhos” na vida de qualquer pessoa/ acadêmico/ profissional, principalmente quando somos oriundos de família pobre, sem condições de sequer pagar um curso de idiomas ou até mesmo de graduação. Com bolsa de estudos, aquele que realmente quer melhorar de vida, enquanto pessoa e profissional, sem dúvidas, tem a chance de devolver pra sociedade com muita dedicação tudo que foi investido nele. Eu não seria a profissional que sou hoje, se não houvesse ENEM e, mais especificamente, a professora de língua espanhola que sou, se não houvessem BOLSAS de pesquisa, extensão, ensino e SOBRETUDO de intercâmbio. Eu recomendo e muito que, quem tiver a

			oportunidade, faça intercâmbio, viva essa experiência, pois no futuro, estará à frente no mercado de trabalho, na vida, em tudo. Além de, é claro, sentir vontade de querer sempre mais, mais conhecimento, mais oportunidades iguais pra todos, mais investimentos em educação, etc.
E63	Q	CAT12	Todos tem que conhecer novas culturas
E64	Q	CAT12	Enriquecimento pessoal.
E65	Q	CAT12	Essa foi a experiência mais gratificante que tive até agora, e acredito que tenha sido assim pois alcançou todos os âmbitos de minha vida (pessoal, profissional, acadêmico e humano). Recomendo a experiência a todos e desejo poder repeti-la em outro país.
E66	Q	CAT12	Período de grande enriquecimento. Vivemos em realidades totalmente diferente da nossa, que nos prepara para a vida pessoal e profissional.
E67	Q	CAT12	Uma experiência pessoal que te evolui muito e faz você viver coisas que nunca imaginou ao mesmo tempo que gera um impacto positivo na sua vida acadêmica e profissional
E69	Q	CAT12	Experiência única e inesquecível
E70	Q	CAT12	Foi uma experiência maravilhosa! Aconselho todos a fazerem. Cresci muito pessoal, acadêmica e profissionalmente
E71	Q	CAT12	O jovem tem a possibilidade de fazer novas amizades, novos conhecimentos, conheço lugares. Amizades que cultivo até hoje, contatos profissionais.
E72	Q	CAT12	A experiência de mobilidade acadêmica é um diferencial indiscutível na carreira de qualquer pessoa. É um fato muito valorizado pelo mercado de trabalho. Além disso, o crescimento pessoal durante esse período vale todo o esforço.
E73	Q	CAT12	Sim, pois é um processo de enriquecimento pessoal, cultural e profissional. Apesar das dificuldades no processo de aproveitamento de estudos ainda vale a pena.
E75	Q	CAT12	Nos ensina a valorizar o que temos no nosso país e enxergar a realidade dos outros países
E76	Q	CAT12	Crescimento pessoal, profissional além de ter uma segunda língua, que é muito importante atualmente.
E77	Q	CAT12	É uma chance de entender como o mundo acadêmico funciona para outros países, entender as diferenças e dar valor para o nosso próprio ensino também.
E78	Q	CAT12	É importante que todo estudante tenha a possibilidade de ampliar seus horizontes, e principalmente de ver que algumas coisas não são tão diferentes lá fora, valorizando mais o que a Unipampa tem a oferecer (por mais que sim, tenha muito o que melhorar)
E80	Q	CAT12	Recomendo, pois todas as relações, trocas de conhecimento e transferências de tecnologia que envolvem o mercado, principalmente em relação a pesquisa e tecnologia, requerem conhecimento íntimo de outras línguas, culturas e contatos pessoais em outros países do mundo. Não dá pra

			fazer nada disso vivendo toda a vida em um único país.
E81	Q	CAT12	Acredito que todos deveriam passar por isso, porque quando você se der conta de que esta sozinho, em um país que não conhece ninguém, com outra cultura, idioma... Te da outra perspectiva de vida, outra visão sobre suas atitudes, abre sua mente sobre suas oportunidades, e faz você acreditar que sim, é capaz de tudo que se dispõem a fazer!
E5	Q	CAT13	Não houve resistência na validação, mas sim falta de entendimento de como realizar a conversão dos créditos em horas. Consta no meu histórico que as disciplinas de "Avaliação de Risco", "Impacto Ambiental" e "Recuperação de Ecossistemas" totalizaram 16 horas apenas, quando na verdade era 16 créditos, os quais eram equivalentes por volta de 432h.
E13	Q	CAT13	Auxiliei porém alguns professores se recusaram a aceitar as disciplinas.
E21	Q	CAT13	Sim, precisei traduzir todos os componentes e praticamente implorar para aceitarem.
E24	Q	CAT13	Ainda estou tentando a validação de alguns componentes, mas a coordenação do curso se mostrou bastante resistente na validação das disciplinas, assim como exigem que eu apresente o estágio na UNIPAMPA, para a sua validação. Além disso, fui responsável pela criação do acordo de dupla diplomação e encontrei uma certa resistência por parte de alguns professores que não aprovavam e não julgavam pertinente à formação a obtenção do duplo diploma.
E26	Q	CAT13	Muita resistência. Praticamente 1 ano desperdiçado. Cursei 12 disciplinas e apenas 3 foram validadas e 1 aceita como dcg
E32	Q	CAT13	Não covalidaram como matérias obrigatórias apenas covalidaram como DCG ou ACG.
E36	Q	CAT13	Os componentes contaram apenas como disciplinas extracurriculares
E37	Q	CAT13	Como as disciplinas eram diferentes, não havia o que validar. Entretanto o coordenador se recusou a validar o estágio obrigatório executado no exterior
E40	Q	CAT13	Houve dificuldade já que a carga horária exigida no país estrangeiro era inferior à exigida no Brasil. Algumas disciplinas que poderiam ser substituídas em teoria só puderam ser utilizadas como atividades extracurriculares e/ou como atividades de ensino.
E42	Q	CAT13	Documentei tudo sobre as cadeiras que cursei e queria revalidar, isso ficou mais fácil pros professores analisarem e validarem. Também verifiquei a possibilidade de revalidar as cadeiras antes de me registrar nelas.
E46	Q	CAT13	Algumas disciplinas foram validadas facilmente. Outras não foram validadas porque o coordenador considerou que a quantidade aprovada já era 'suficiente'.
E49	Q	CAT13	Foi um processo rápido e claro. Na época, havia um documento, que falava sobre o aproveitamento de disciplinas cursadas fora da UNIPAMPA, do qual eu e a coordenação tínhamos conhecimento. Com base

			no documento foi fácil validar as componentes. Uma delas foi negada, mas, após entrar em contato com o professor responsável pela negativa, entramos em um consenso de que, com base no documento supracitado, não teria porquê não validar a disciplina.
E51	Q	CAT13	Depende muito mais da boa vontade do professor.
E56	Q	CAT13	Foram utilizados como horas complementares de graduação.
E57	Q	CAT13	Não consegui validar as disciplinas todas dada a burocracia imposta (o aluno tinha que traduzir as ementas antes de entregar) e eu desisti porque as ementas eram longas e eu estava desenvolvendo minha pesquisa no trabalho de conclusão de curso, achei melhor focar nisso.
E60	Q	CAT13	Quando iniciei meu processo de intercâmbio, desde a parte de documentações e formulação de contrato, meu professor coordenador de curso me auxiliou na escolha das cadeiras oferecidas pela faculdade do exterior, avaliando quais poderiam ser aproveitadas na instituição de origem e quais seriam melhores para o meu aprendizado
E62	Q	CAT13	Quanto à montagem da grade de disciplinas que eu iria cursar durante a mobilidade, tive problemas sim. A coordenadora, em vigência, não aprovou meu plano de estudos, com isso eu iria fazer muitas horas, obter muitos créditos, porém não aproveitaria tudo. Mesmo com novo plano de estudos, eu cursaria muito mais do que seria aproveitado em horas. Para minha sorte, a coordenação mudou, quando voltei à Unipampa. Então, foi feito um novo plano de validação e eu aproveitei todas minhas horas cursadas fora e fiquei com carga horária de “obrigatório-eletivas” de sobra ao término da graduação
E63	Q	CAT13	Não busquei validação pela dificuldade do processo.
E64	Q	CAT13	Nem solicitei pois realmente as disciplinas não tinham como serem validadas.
E68	Q	CAT13	Apresentou muita resistência, além de muita falta de conhecimento sobre a relação entre crédito de disciplinas com carga horária. Fez tudo o que podia para não haver aproveitamento algum de meu intercâmbio.
E69	Q	CAT13	Algumas disciplinas apresentavam carga horária diferente, mas conseguimos aproveitar alguns componentes
E72	Q	CAT13	Apenas um dos componentes curriculares foi aceito e aproveitado pela coordenação do curso, na Unipampa. O principal motivo, segundo a coordenação, foi que eu tinha poucas disciplinas disponíveis, pois estava avançado no curso. Visão que discordo, pois todos os componentes poderiam ter sido aproveitados como disciplinas extra curriculares.
E73	Q	CAT13	Sim, houve resistência por parte da coordenação de curso e o plano de atividades somente foi reconhecido pela Coordenação Acadêmica, em 2018, por meio de um processo interno e um parecer conjunto da Daeinter/Prograd.

E78	Q	CAT13	No meu caso, não houve resistência, pois todas as disciplinas eram optativas e preenchiam a carga horária necessária
E79	Q	CAT13	Não tornou possível a validação de componentes.
E80	Q	CAT13	Houve tentativa tímida da minha parte com professores específicos, mas após respostas negativas por e-mail nenhuma tentativa oficial foi conduzida pela minha parte, pois julguei perda de tempo, afinal nem o curso era o mesmo.
E3	Q	CAT14	Saliento a importância da mobilidade na formação acadêmica, mas complemento para dizer que mesmo estando em uma universidade conceituada, com estrutura impecável e professores do mais alto gabarito, a UNIPAMPA desenvolve suas atividades de modo exemplar, possibilitando colocar-me no mesmo nível dos estudantes da instituição em Portugal.
E12	Q	CAT14	Minha experiência foi muito boa e mobilizou toda minha vida na época para que eu conseguisse. A universidade foi capaz de me proporcionar algo que eu nunca imaginaria conseguir sozinha
E13	Q	CAT14	Permitam outros alunos da Unipampa a ter essa experiência internacional. Use dessas respostas para convencer e construir pontes para um projeto de intercâmbio contínuo para todos os cursos e países. Façam parcerias com universidades.
E14	Q	CAT14	Eu acho quem tem a oportunidade, deve fazer. E deve tirar o melhor proveito do que a universidade tem a oferecer e também viaje para conhecer lugares que talvez não tenha oportunidade em outros momentos. Foque no aprendizado do idioma, e muito importante e é o melhor lugar pra aprender, estando em outro país. Faça contatos, com professores, chefes, colegas, amigos. Quando você voltar com certeza será outra pessoa.
E16	Q	CAT14	Senti uma ausência muito grande por parte da Unipampa em relação à apoio dos alunos durante o período de intercâmbio e após também, é como se fôssemos invisíveis e nunca tivéssemos passado por esta situação
E18	Q	CAT14	Gostaria que houvesse mais rigor nas análises depois do retorno. Muitas pessoas estragaram o nome do CSF e só viajaram, rodaram em todas as disciplinas ou desistiram no meio e não aconteceu nada e hoje em dia não há mais bolsas para graduação e eu acredito que isso tenha sido um fator muito importante na minha formação e gostaria que mais pessoas pudessem ter essa oportunidade.
E30	Q	CAT14	A "readaptação" no retorno ao Brasil também deve ser considerada, uma vez que os alunos normalmente retornam em outras turmas da graduação, fazendo com que ele tenha que se "enturmar" novamente no grupo
E38	Q	CAT14	Sim, estive a estudar em um dos edifícios mais antigos da Universidade de Coimbra, e isso foi muito interessante, pois era como fazer parte de um cenário conservador e ao mesmo tempo preenchido de história. Um patrimônio da Unesco que a cada nova aula me transportava para um outro tempo. Tanto internamente como em seu externo, o prédio

			possui uma arquitetura muito bela, a qual também serviu como espaço de discussão para uma disciplina de Patrimônio e Museologia, a qual fiz na altura.
E40	Q	CAT14	Não houve muita sincronicidade por parte da universidade no Brasil em me auxiliar na escolha das disciplinas que eu deveria me matricular, sendo assim, acabei fazendo matrícula em disciplinas as quais não tinha o conhecimento prévio necessário, obtendo então conceitos muito abaixo da média e até mesmo reprovações. Alguém responsável na instituição deve auxiliar melhor os alunos na escolha das disciplinas
E41	Q	CAT14	Vi muitos colegas que foram no mesmo edital que o meu, que não aproveitaram em nada a oportunidade fora. Mas de todos os que fizeram estágios em laboratórios na universidade, a maioria teve a oportunidade de voltar para realizar mestrado/doutorado/residência. A valorização lá é muito maior que aqui.
E43	Q	CAT14	A diferença gritante entre a cultura de estudos no exterior e no Brasil. Os alunos brasileiros raramente levam a sério os estudos na universidade. No exterior, é totalmente o contrário. Ambiente e pessoas respeitadas e com vontade de aprender. Nos meus anos na Unipampa, raramente via meus colegas de curso estudarem. Além disso, a falta de atividades práticas e falta de inserção de componentes de informáticas me trouxe grandes prejuízos na vida profissional.
E45	Q	CAT14	Eu conheci algumas pessoas que tiveram muita dificuldade de se adaptar lá fora e acredito que é muito importante que tenha apoio maior da Universidade de origem
E53	Q	CAT14	Agradeço muito à UNIPAMPA e aos envolvidos, por ter a oportunidade de realizar um intercâmbio. Acredito que isso deve ser mais valorizado: os alunos vindos de outro país, os processos de seleção e os alunos da UNIPAMPA que já realizaram um intercâmbio.
E54	Q	CAT14	Todo aluno deveria ter esta oportunidade, principalmente quando se trata da área das Relações Internacionais.
E56	Q	CAT14	Que os próximos governos voltem a valorizar mais nossa educação e a qualidade do ensino.
E57	Q	CAT14	Eu acho que o que mais me admirou e me fez repensar minha carreira aqui foi a união entre os pesquisadores e departamentos na universidade lá fora, coisa que na UNIPAMPA eu não via sempre. Aliás, raros os encontros de departamentos na UNIPAMPA. Parece que sempre tem rixa de professor, departamento, laboratórios, campus... Lá tem menos guerra de egos entre professores e menos insatisfação transmitida aos alunos também, parecem mais motivados a trabalhar.
E59	Q	CAT14	Deixo apenas como reflexão conclusiva do questionário que a mobilidade acadêmica internacional certamente apresenta baixo ônus frente ao elevado bônus que proporciona nos diversos aspectos de nossas vidas.

E60	Q	CAT14	As instituições do exterior possuem sim suas peculiaridades, mas o ensino no Brasil ainda está a frente em vários quesitos, por isso acredito que seja de extrema importância a universidade estimular os alunos a realizar um intercâmbio, financeiramente como qualquer outro fator, levando seus alunos a fora para terem a visão que nosso ensino sim é de qualidade e dar a oportunidade de compartilhar os conhecimentos que adquirimos na instituição de origem em instituições do exterior.
E62	Q	CAT14	Eterna gratidão à Unipampa, às políticas públicas em educação, aos docentes federais, aos responsáveis pelas relações internacionais das universidades federais e a Deus por tudo que eu vivi, como acadêmica da Unipampa. Graças a tudo isso, hoje sou uma professora particular - sim, eu criei minha oportunidade laboral - feliz e bem resolvida com minha profissão, querendo sempre mais e ser melhor para meus alunos. E, em breve, com a mesma intensidade, no ensino público. 😊😊
E69	Q	CAT14	Estou disposta de ajudar a universidade a inovar na área de receber e dar atenção aos intercambistas que chegam na nossa cidade
E71	Q	CAT14	Eu fui a primeira a ir para o Programa ciências sem fronteiras da Unipampa Uruguaiana. Por tudo ser mais difícil quando há pioneirismo, entendo a dificuldade. Hoje, mais madura, visualizo a carência do apoio de alguma pessoa que pudesse ter sido um padrinho ou madrinha. Aquela pessoa que daria todo o suporte tanto administrativo quanto pessoal... Eu era uma jovem que nunca havia saído da sua cidade... nunca havia visto um avião e muito menos feito alguma viagem longa. Morava com meus pais e nunca tinha feito nada sozinha, apesar de sempre ser muito ativa. Esse tipo de apoio durante o processo seletivo faltou mesmo! Muitos eram descrentes do meu potencial e não levaram a sério esse momento meu.... que pra mim foi uma das maiores experiências da minha vida. Hoje não sei como está o processo seletivo, mas creio que pode sempre melhorar. Apoiar melhor os alunos, até a família do aluno, pois se a pessoa nunca teve experiência fora, gera uma ansiedade, uma preocupação. Esse tipo de suporte que espero que tenha melhorado. Além disso, a Universidade precisa valorizar esse aluno. Creio que é isso. No momento não lembro de mais nada. Mas pode entrar em contato se quiser.
E72	Q	CAT14	Durante a mobilidade acadêmica, ficou claro como nações sérias valorizam essa prática, como um acelerador do processo de desenvolvimento científico e tecnológico. Países como Alemanha, Estados Unidos, Reino Unido e China, investem pesado e levam muito a sério a prática da mobilidade acadêmica por seus estudantes. Espero que um dia o Brasil volte a pensar em seu desenvolvimento científico e tecnológico, como nação soberana e séria.
E78	Q	CAT14	Gostaria de dizer que há a necessidade de um preparo psicológico prévio. Conheci pessoas que

			nunca haviam saído de casa ou morado sozinhas antes do intercâmbio, e sentiram dificuldades em se adaptar. Então, é bom ter em mente o tamanho do desafio e se sentir seguro de si, antes de buscar um intercâmbio. Por outro lado, conheço pessoas que tiveram a oportunidade de retornar ao exterior logo após concluírem a graduação no Brasil, demonstrando que esta é uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional, que precisa ser aproveitada ao máximo.
E81	Q	CAT14	Sou muito grata pela oportunidade que tive e acredito que sim, foi algo decisivo em minha vida em vários âmbitos diferentes.

APÊNDICE D – Matriz de análise entrevista

Estudante	Instrumento de coleta de dados	Categoria	Olhar discente
E1	ENT	CAT1	Eu estava em São Borja, e eu tava feliz fazendo faculdade e tudo mais, só que a cidade é pequena e muito limitada. E como eu fazia um curso de publicidade eu não tinha nem a possibilidade de fazer um estágio, de trabalhar na área que eu estava fazendo, estudando. Então eu tava bem cansada, assim, no sentido de não ver muita perspectiva sabe, de tá ansiosa pra que terminasse logo a faculdade.
E1	ENT	CAT1	Se eu posso mais, eu não tenho que me limitar. Tem uma frase que eu sempre falo: se der medo, vai com medo mesmo. E eu fiquei apavorada.
E1	ENT	CAT1	Em nenhum momento, depois do processo seletivo, eu pensei em não ir. Eu tinha essa vontade muito grande de viver esta experiência fora do país.
E1	ENT	CAT1	Eu tive esses meus amigos [espanhóis], que eram a Carmen, que morava comigo, ela era professora de Letras, ela era tradutora, ela era professora de inglês, espanhol, ela fazia um curso de tradução, catalão e mais ela falava, não sei se era italiano. Tinha o Pablo que tava fazendo o mestrado dele em arquitetura e o Henrique que também era professor, professor de história, sociologia e letras [...] e aí eles iam me falando, me ensinando muita coisa, aprendi muito com eles, isso foi muito incrível.
E1	ENT	CAT1	Foi bem difícil voltar à realidade [...] eu tive uma pequena depressão pós-intercâmbio, não precisei de um acompanhamento psicológico, não chegou a este ponto, mas foi um baque assim, bah, tudo de novo. Tô aqui, eu mudei, evolui, voltei pra São Borja e tá todo mundo igual, tá tudo igual, as mesmas coisas, os mesmos assuntos, as mesmas pessoas, os mesmos problemas, então foi um baque neste sentido.
E1	ENT	CAT7	É muito engraçado, porque se tu vai fazer uma brincadeira, uma piada, mas se tu não fala o idioma não tem o mesmo sentido. Aí eu falava alguma coisa e eles ficavam me olhando e eu ficava rindo sozinha, aí as vezes eles riam de mim.
E1	ENT	CAT7	No início foi difícil essa questão de me fazer entender com conversa social assim, mas na faculdade era mais tranquilo porque o professor tava escrevendo, ele tava com material auxiliando, né, impresso, ele tava com mais paciência, com mais calma, quando ele falava alguma coisa que eu não entendia ele repetia um sinônimo.
E1	ENT	CAT7	No meu cotidiano eram gírias mexicanas, colombianas e espanholas (devido aos companheiros de casa).
E2	ENT	CAT1	Desde sempre, desde pequeno eu sempre tive o sonho de viajar para fora do país. Aí logo que entrei

			na universidade eu vi que existiam estas possibilidades, na época o CsF, aquele da França que eu não lembro o nome, então eu comecei a me preparar para aprender um pouquinho do inglês, porque eu não sabia nada, eu era zero. E aí eu comecei a treinar para aprender o inglês e pra fazer exame do Toefl, quando eu consegui, depois de uns três exames, consegui atingir um nível razoável de proficiência o programa acabou. Aí eu comecei a me preparar para o Brafitec, aprender um pouquinho de francês, daí acabou que eu não consegui passar nessa vaga. Quando eu estava perdendo as esperanças, surgiu o Bramex.
E1	ENT	CAT1	Logo que eu passei na seleção eu entendi o que de fato me motivava a fazer isso, porque foi ver todas as pessoas lá de Livramento [Santana de Livramento], uma cidade pequenininha, no interior do interior, e ver que todo mundo tava feliz com essa conquista, com isso que tava acontecendo comigo, que não era só eu que tava indo pra fora do brasil, que não era só a Unipampa que tava indo ser representada lá, era toda a minha cidade, todo meu bairro, minha mãe, eram alguns tios meus, era meu pai, sabe, eram essas pessoas que estavam sendo representadas nesse sonho.
E2	ENT	CAT1	Então principalmente o que me motivou foi isso, viver essa experiência que ninguém tinha vivido antes na minha família, ninguém tinha cursado uma graduação antes também na minha família. Então tudo sempre foi muito novo na minha família, então é aquilo, eu queria ir além das fronteiras... eu já tava alcançando o que era impossível, entre aspas, para a minha família, então eu queria um pouco mais.
E2	ENT	CAT1	Quando eu cheguei [no Brasil] foi um pouco turbulento pra mim, porque todos os períodos de mudança são turbulentos pra mim, principalmente por não ter uma base financeira muito forte na minha família, então eu lembro que na época, foi em 2018, quando eu voltei minha mãe tava desempregada, e aí logo que eu cheguei tava terminando o seguro desemprego dela e ela não conseguia trabalho. Então eu cheguei assim, arregaçando a manga, já não tinha muito tempo pra curtir e pra fazer nada. Eu cheguei em Bagé e procurei um lugar pra ficar e daí consegui alugar uma garagenzinha, e lógico meu padrão de vida mudou de 100 pra 1, assim, da noite para o dia. [...] na universidade o pessoal foi bem receptivo, queria saber como foi a experiência e aí a gente volta com o olhinho brilhando para contar tudo, só que eu já não tinha muito tempo para encontrar as pessoas, então eu chegava direto pra aula, do trabalho.
E2	ENT	CAT1	Eu acredito que a universidade poderia ter explorado um pouquinho mais a minha experiência, esse foi um ponto que me deixou assim... que eu realmente, eu não sabia quando eu cheguei de volta, eu não sabia se eu iria contar para alguém esta experiência ou não, e eu acho que a Universidade poderia estar pronta para ter um

			espaço um pouquinho maior pra essa mostra da experiência.
E2	ENT	CAT7	O espanhol eu admito que era um idioma que eu deixava um pouco de lado, porque eu já vim de Santana do Livramento, de onde eu sou natural. Então eu já tinha um pouco do conhecimento, mais aí eu descobri quando eu cheguei no México que eu conhecia bem pouco do espanhol. Eu já tinha o conhecimento, então eu imaginava assim, eu quero algo que me desafie mais, que me faça... que me desafie mais, nesse sentido, de outro idioma. Daí quando surgiu o Bramex eu pensei, bom, agora é minha última opção, já estou quase lá nos 80% da graduação, e aí depois tu não consegue fazer mais nada né, e falei: aí vou tentar. A questão de que tinha que pagar as passagens e o seguro foi o que me prendia um pouquinho, mas ainda assim eu fui me motivando pra tentar fazer a seleção.
E2	ENT	CAT7	Eu percebi que meu espanhol era bem fraco quando eu realmente não conseguia entender no dia-a-dia coisas que eles falavam.
E2	ENT	CAT10	Com certeza foi algo que me ajudou em muitos outros processos que participei. Desde trabalho, qualquer trabalho que eu procurava em Bagé quando as pessoas sabiam que eu já morei um tempo no México isso brilhava o olho deles e eles perguntavam o porquê que eu estava procurando aquela experiência ali se eu já vivi fora do Brasil.
E3	ENT	CAT1	Minha motivação? Eu sempre quis, sempre quis fazer intercâmbio, eu me formei no ensino médio e eu queria fazer um intercâmbio, só que era muito caro, sempre foi muito caro, então meus pais queriam me ajudar mas não tinham condições. Isso veio desde criança, sempre quis conhecer culturas novas. Eu fazia inglês eu já gostava de espanhol, então veio desde criança assim. [...] fica até difícil de dizer um ponto específico, porque é um conjunto de várias coisas, de conhecer, de viajar, eu sempre gostei de viajar, e também de ter experiência. Sempre estou em busca de sair da minha zona de conforto, isso é uma coisa minha.
E3	ENT	CAT1	Foi incrível voltar! [...] Eu queria voltar pra compartilhar tudo o que eu tinha vivido lá.
E3	ENT	CAT7	Eu dei aula de português e cultura brasileira, lá tinha um instituto de línguas, e eu falei, bom eu tô aqui, vou compartilhar o máximo de experiência que eu puder [...] aí eu dei aula por uns seis meses de português e cultura brasileira. Porque a gente fez uma parceria do setor de relações internacionais com o Instituto de Línguas da Universidad Sur Colombiana, então duas vezes na semana eu dava uma aula de gramática e uma aula de cultura brasileira. Foi incrível! [...] foi nesse projeto que eu melhorei muito o meu espanhol, porque era muita interação, muita troca de informação.